

Para domar um highland

Karen Marie Moning
Hilhländer 2



PRÓLOGO

A própria morte é melhor que uma vida de vergonha.

Beowulf

Castelo Maldebann

Highlands de Escócia

1499

Os gritos teriam que parar.

Não poderia suportá-los outro minuto, mesmo sabendo que não teria poder para salvá-los. Sua família, seu clã, seu melhor amigo Arron, com quem havia montado nos campos de Brezos sozinhos no dia anterior, e sua mãe... Oh, porém sua mãe era outra história; seu assassinato havia predito essa ... essa barbárie.

Ele voltou atrás e se maldisse por ser um covarde. Se não poderia salvá-los e não poderia morrer com eles, pelo menos lhes devia a honra de guardar os momentos em sua memória. Para vingar suas mortes.

Um a um se fosse necessário.

A vingança não devolveria seus mortos. Quantas vezes seu pai havia dito isso? Uma vez, Gavrael havia acreditado nele, porém tinha sido antes de ver seu amado pai inclinado sobre o corpo de sua mãe nessa manhã, sua camisa ensangüentada e uma adaga gotejante em sua mão.

Gavrael McIlloch, único filho de Lord de Maldebann, permaneceu imóvel no Acantilado de Wotan, olhando firmemente para baixo, para o precipício sobre o povo de Tuluth, e o vale a centenas de metros abaixo de seus pés.

Se perguntou como poderia esse dia haver terminado tão mal. O dia anterior havia sido estupendo, cheio de prazeres simples de um rapaz que um dia governaria essas verdes Highlands. Então, essa manhã cruel, tudo havia desmoronado, inclusive seu coração. Depois de descobrir seu pai inclinado sobre o corpo selvajemente agredido de Jolyn McIlloch, Gavrael havia fugido até seu santuário, nos densos bosques das Highlands, onde havia passado a maior parte do dia correndo ferozmente, dividido entre o frenesi e o pesar.

Eventualmente ambas emoções haviam retrocedido e o tinha deixado extremamente insensível.

Após o crepúsculo, havia voltado em seu caminho até o Castelo Maldebann para confrontar seu senhor com suas acusações de assassinato, e também num esforço final para encontrar um sentido para o que havia presenciado, se é que havia algum sentido para isso.

Porém agora, de pé no alto do precipício sobre Tuluth, o filho de catorze anos de Ronin McIlloch compreendeu que seu pesadelo só havia começado.

O Castelo Maldebann estava abaixo, o povoado envolto em chamas, e sua gente valente correndo entre as colunas de chamas e as montanhas de mortos.

Gavrael olhou inerte para um garoto pequeno que corria com raiva sentida, diretamente para a espada de um McKane, que o esperava. Deus um tempo atrás eram só crianças, porém as crianças poderiam crescer para buscar vingança, e um fanático McKane nunca deixava sementes de ódio para que enraizassem e dessem frutos venenosos.

Graças à luz do fogo que envolvia as cabanas, podia ver que os McKane inexoravelmente passavam em número a sua gente. Os distintivos Kilts verdes e cinzas do odiado inimigo os superavam em uma dezena para cada McIlloch.

O modo como nos superaram hoje nos deixou vulneráveis, pensou Gavrael. Mesmo porque a metade dos McIlloch estavam longe, assistindo uma boda no norte.

Gavrael lamentou ter somente catorze anos. Ainda que fosse alto e forte para sua idade, com ombros que indicavam que possuía uma força excepcional, sabia que não era nenhum rival para um corpulento McKane. Eles eram guerreiros poderosamente desenvolvidos, com corpos maduros, conduzidos pelo ódio obsessivo. Treinavam incessantemente e só existiam para saquear e matar. Gavrael se sentia tão insignificante como um cachorro tenaz que ladra por um osso. Ele poderia mergulhar na batalha abaixo, porém morreria tão rapidamente quanto o menino de momentos antes.

Se tivesse que morrer esta noite, jurou que seria por algo significativo.

Berserker, o vento parecia sussurrar. Gavrael ergueu sua cabeça e escutou. Não era só seu mundo que estava destruindo-se: agora ouvi vozes.

Será que sua intuição lhe falaria, antes que esse dia terrível terminasse? Sabia que a lenda dos *Berserkers* era simplesmente isto: uma lenda.

Peça aos deuses, sussuraram as ramas dos pinhos.

-Esta bem - murmurou Gavrael.

Não estava fazendo isso desde que ouvira o temível conto pela primeira vez aos nove anos? Não existia nada parecido com um *Berserker*. Era um conto bobo destinado a assustar os meninos travessos para que se comportassem bem.

Ber... serk... er. Desta vez o som foi mais claro, muito forte para ser sua imaginação.

Gavrael voltou-se e contemplou as pedras sólidas atrás dele.

O Acantilado de Wotan era um lugar de cantos arredondados e pedras singulares que lançavam sombras sobrenaturais sob a lua cheia. Os rumores diziam que era um lugar sagrado, onde os chefes antepassados haviam se encontrado para planejar

guerras e determinar destinos. Era um lugar que quase poderia fazer um rapaz crer no demônio. Ele escutou intensamente, porém o vento só trazia os gritos de sua gente.

Era uma pena que os contos pagãos não fossem verdadeiros. A lenda contava que os *Berserkers* podiam mover-se com tal velocidade que pareciam invisíveis aos olhos humanos até o momento em que atacavam. Possuíam sentidos sobrenaturais: a agudeza olfativa de um lobo, a sensibilidade auditiva de um morcego, a força de vinte homens, a visão penetrante de uma águia.

Os *Berserkers* haviam sido, por quase seiscentos anos, os mais intrépidos e temidos guerreiros que pisaram alguma vez na Escócia. Havia sido a elite de Odín no exército Viking. A lenda contava que podiam assumir a forma de um lobo ou um osso tão facilmente como a forma de um homem. E estavam marcados por um ponto em comum: olhos azuis impíos que brilhavam como carbonos acesos.

Berserker, o vento suspirou.

-Não existe nada parecido a um *Berserker* - falou Gavrael severamente para a noite. Não era mais um rapaz bobo que havia estado impressionado com a perspectiva de uma força insuperável; não era mais o jovem que uma vez desejou oferecer sua alma imortal pelo poder absoluto e pela supremacia. Além do mais, seus próprios olhos eram profundamente castanhos, e sempre haviam sido. A história nunca tinha falado de um *Berserker* de olhos castanhos.

Chama-me.

Gavrael retrocedeu. Essa última invenção de sua mente traumatizada tinha sido uma orden, inegável e irresistível. O cabelo de sua nuca se arrepiou e sua pele formigou. Nem uma vez em todos seus anos de invocação a um *Berserker*, havia sentido algo tão peculiar. Seu sangue correu através de suas veias e sentiu como se balançasse na borda de um abismo que uma vez o atraía e repelira.

Os gritos encheram o vale. Meninos após meninos caíam enquanto ele permanecia de pé sobre a batalha, sem ter como alterar o curso dos eventos. Ele faria qualquer coisa para salvá-los: trocar, comerciar, roubar, assassinar... *qualquer coisa*.

As lágrimas correram por seu rosto. O sangue manchou o avental de uma menina à sua frente e ele a olhou fixamente, magnetizado. Seu universo se estreitou em um túnel e a visão fluorescente do sangue no peito da menina se transformou num imenso vórtice carmesim que o puxava para baixo...mais abaixo...

Algo dentro dele se rompeu.

Ele jogou sua cabeça para trás e gritou, suas palavras reverberando além das pedras do Acantilado de Wotan:

- Ouça-me Odín, convoco o *Berserker*! Eu, Gavrael Roderick Icarus McIlloch, ofereço minha vida... não, minha alma para a vingança. Eu convoco o *Berserker*!

A brisa moderada se tornou repentinamente violenta e levantou as folhas do chão para o ar.

Gavrael levantou seus braços para proteger seu rosto dos pedregulhos que voavam. Os galhos das árvores, competindo com a ventania em ferocidade, se romperam e golpearam seu corpo como lanças torpes expulsas das árvores. Nuvens negras se formaram no céu noturno e ocultaram a lua momentaneamente. O vento sobrenatural se lamentava através dos calços de pedra no Acantilado de Wotan, encobrendo brevemente os gritos no vale abaixo. De repente a noite expôs um luar de deslumbrante azul e Gavrael sentiu em seu corpo... a mudança.

Grunhiu e rilhou seus dentes quando sentiu algo irrevogável deformar-se profundamente dentro de si.

Podia perceber dezenas de odores da batalha de abaixo: o odor acre, metálico do sangue, da espada e do ódio.

Podia escutar os cochichos dos McKane acampando no horizonte remoto.

Viu pela primeira vez que os guerreiros pareciam se mover lentamente. Como não havia notado antes? Seria absurdamente fácil deslizar entre eles e destruir a todos enquanto estavam movendo-se como se caminhassem através da arena úmida.

Tão fácil de destruir. Tão fácil...

Gavrael sorveu inspirações rápidas de ar e encheu seu peito antes de correr até o vale abaixo.

Quando imergiu na matança, o som de sua risada ecoou nas formações rochosas do vale. Ele só compreendeu que aquilo estava saindo de seus lábios quando os McKane começaram a cair sob sua espada.

Horas depois, Gavrael cambaleou através dos restos ardentes de Tuluth. Os McKane haviam ido: tinham sido mortos ou tinham conseguido escapar. Os campesinos sobreviventes estavam cuidando dos feridos e caminhavam em círculos largos, cautelosos, ao redor do jovem filho de McIlloch.

-Te vi matar três ao mesmo tempo, rapaz - susurrou um ancião com olhos luminosos quando Gavrael passou a seu lado - Inclusive seu pai na sua primeira vez não poderia fazer semelhante coisa. É o melhor *Berserk*¹.

Gavrael o olhou, sobressaltado. Antes que pudesse perguntar o que queria dizer com esse comentário, o ancião desapareceu numa bruma ondulante.

-Derrubou três com um balanço de tua espada, rapaz - disse outro homem.

Um menino abraçou as pernas de Gavrael.

-Me salvou a vida! - o menino gaguejou - Por sua causa um McKane não me matou. Obrigado! E minha mãe te agradece também.

Gavrael sorriu para o menino, depois se voltou para a mãe que cruzou os braços e não pareceu muito segura. Seu sorriso murchou.

-Eu não sou um monstro.

¹ Berserk: seguindo uma tradução literal, enloquecido, frenético. Uma antiga lenda celta contava que o maior herói de sua mitologia, Cuchulainn, teria os poderes de um Berserker, aqui descritos. (Nota da tradutora).

-Eu sei o que você é rapaz - Seu olhar não deixou o seu. Para os ouvidos de Gavrael, suas palavras eram ásperas e condenatórias – Eu sei exatamente o que é, e no que está pensando. Agora vá! Teu pai está com problemas.

Ela apontou com tremor a última fila de choças de madeira.

Gavrael estreitou seus olhos contra a fumaça e caminhou adiante.

Nunca havia se sentido tão esgotado em toda sua vida. Movendo-se torpemente, rodeou uma das poucas choças que se mantinham de pé e se deteve bruscamente.

Seu pai jazia na terra, coberto de sangue, sua espada abandonada a seu lado.

O pesar e a cólera se rivalizaram pela supremacia no coração de Gavrael e o deixaram estranhamente entorpecido.

Quando olhou fixamente seu pai, a imagem do corpo de sua mãe surgiu em sua mente e a última de suas lembranças juvenis se estilhaçou; essa noite havia nascido um guerreiro extraordinário e um homem de carne e osso muito vulnerável.

-Por que, pai? Por quê? - Sua voz se interrompeu bruscamente. Não veria sua mãe sorrir de novo, não a ouviria cantar, não assistiria a seu enterro porque deixaria Maldebann uma vez que seu pai pedira que não voltasse a ira que lhe restava para seu próprio pai. Então o que seria dele? Não seria melhor que seu pai.

Ronin McIlloch gemeu. Depois, abriu seus olhos rodeados de sangue e olhou fixamente seu filho.

Um filete escarlate gotejou de seus lábios quando se esforçou para falar.

-Nós... nascemos - se interrompeu, consumido por uma tosse profunda, terrível.

Gavrael agarrou seu pai pela camisa e, sem se preocupar com a expressão dolorida de Ronin, o agitou bruscamente. Ele teria sua resposta antes que morresse; descobriria que loucura havia conduzido seu pai para que matasse sua mãe ou se torturaria toda sua vida com perguntas sem respostas.

-Por que papai? Diga-me! Diga-me por quê?

O olhar nublado de Ronin buscou Gavrael. Seu peito subiu e desceu quando sorveu o ar com um esgar, pouco profundo, dolorido. Com uma voz baixa e estranha, quase cheia de lástima, ele disse:

-Filho, nós não podemos evitar... os homens McIlloch... sempre nascemos... desta maneira.

Gavrael olhou firmemente seu pai, horrorizado.

-Que está tentando dizer-me? Pensa que pode convencer-me de que estou louco como você? Não sou como você! Não acredito. Mente. Você mente! - Ele se levantou e se afastou.

Ronin McIlloch se forçou para se apoiar sobre seus cotovelos e acenou com sua cabeça a evidência da selvageria de Gavrael, os restos dos guerreiros McKane que haviam sido destroçados, literalmente em pedaços.

-Fizeste isso filho.

-Eu não sou um assassino cruel! - Gavrael examinou os corpos mutilados, sem estar realmente convencido de suas próprias palavras.

-É parte de... ser um McIlloch. Não pode evitar, filho.

-Não me chame de filho! Nunca serei de novo teu filho. E não sou parte de tua enfermidade. Não sou como você. Eu nunca serei como você!

Ronin se deitou de novo na terra e murmurou incoerentemente. Gavrael deliberadamente cerrou seus olhos ao som. Não escutaria muito mais tempo as mentiras de seu pai. Ele se voltou e inspecionou o que restava de Tuluth. O camposeneses sobreviventes se agruparam em grupos pequenos e estavam de pé em silêncio absoluto, olhando-o. Desviaram seus rostos, o que ele sempre recordaria como uma reprovadora contemplação, seu olhar resvalou até as pedras escuras do Castelo de Maldebann.

Construído ao lado da montanha, sobressaía sobre o povo. Uma vez, ele não havia desejado nada mais que crescer e governar Maldebann ao lado de seu pai, eventualmente tomando o comando. Ele havia desejado sempre ouvir o ritmo encantador da risada de sua mãe enchendo os vestibulos espaçosos, ouvir seu pai contestando com alegria as pilhérias que faziam. Ele havia sonhado em como resolver as preocupações de sua gente sabiamente; casar-se um dia e ter filhos. Sim, uma vez ele havia acreditado que todas essas coisas seriam possíveis. Porém em menos tempo do que a lua levava para aparecer no céu sobre Tuluth, todos seus sonhos, e essa última parte dele que havia sido humano, destruíra-se.

Gavrael gastou a maior parte do dia para arrastar seu corpo golpeado para o santuário de densos bosques das Highlands. Nunca poderia regressar para casa. Sua mãe estava morta, o castelo saqueado, e os campesinos o haviam contemplado com medo. As palavras de seu pai o assediavam: *nós nascemos desta maneira... assassinos*, capazes de matar inclusive àqueles que devíamos amar. Era uma doença da mente; Gavrael pensou no que seu pai disse, que ele também o levava em seu sangue.

Mais sedento do que alguma vez havia se sentido, ele se arrastou até um lago escondido em um vale pequeno longe do Acantilado de Wotan. Se deitou durante um momento na tundra, e quando não se sentiu mais mareado e débil, se esforçou para beber inclinando-se até a água sobre seus cotovelos. Quando juntou suas mãos na água cristalina, sobre o claro estanque, ficou magnetizado pelo seu reflexo ondeando na água.

Olhos azuis, frios o observavam fixamente.

CAPÍTULO 1

Grimm fez uma pausa diante das portas abertas do estúdio e olhou firmemente a noite. O reflexo das estrelas manchava o oceano inquieto, como diminutos pontos de luz que coraavam as ondas. Normalmente, encontrava conforto no som do mar se que chocava contra as pedras, porém ultimamente parecia incitar nele uma inquietude estranha.

Quando retomou seu passo impaciente, meditou sobre as possíveis razões para sua inquietude e não pôde descobrir nada. Havia optado por permanecer em Dalkeith como capitão de guarda de Douglas quando, há dois anos, ele e seu melhor amigo, Hawk Douglas, deixaram Edimburgo e o serviço do Rei James. Grimm adorava a esposa de Hawk, Adrienne, pelo menos enquanto ela não estava tentando casá-lo, e quando brincava com seu filho, Carthian. Estava, se não precisamente feliz, contente. Pelo menos até há pouco.

Então o que o afligia?

-Está enchendo de buracos minha grama favorita com seu ir e vir, Grimm. E o pintor nunca poderá terminar esse retrato se não se sentar - desabafou Adrienne, saindo de seus pensamentos melancólicos.

Grimm expeliu a respiração e passou a mão pelos cabelos espessos enquanto continuava contemplando o mar.

-Não está buscando uma estrela fugaz para fazer um pedido não é Grimm?- os olhos negros de Hawk Douglas brilharam com alegria.

-Claro que não. E em qualquer ocasião que tua querida esposa se preocupe em dizer-me, que maldição impulsionou sobre mim com seu desejo descuidado, estarei contente em ouvi-la.

Há algum tempo, Adrienne Douglas havia feito um pedido a uma estrela fugaz, e tinha se negado firmemente a dizer o pedido feito até que estivesse completamente segura de que seu desejo tinha sido concedido. A única coisa que admitira era que seu desejo tinha sido para Grimm, o que o enervava consideravelmente. Mesmo que não se considerasse um homem supersticioso, tinha visto acontecimentos bastante singulares no mundo, para saber que meramente porque algo que parecia improvável certamente não era impossível.

-Eu falaria se soubesse Grimm - dijo Hawk secamente - Porém ela não me dirá nada.

Adrienne riu.

-Vamos, vocês dois. Não me digam que tamanhos guerreiros intrépidos sofrem sequer um instante de preocupação por um desejo inofensivo de uma mulher a uma estrela.

-Não considero que haja sido inofensivo, Adrienne - respondeu Hawk com a boca retorcida - O universo não se comporta de um modo normal no que se refere a você.

Grimm sorriu levemente. Com certeza não. Adrienne tinha retrocedido no tempo desde o século XX, vítima de um malvado complô para destruir Hawk, preparado por um Fado vingativo. As coisas impossíveis aconteciam ao redor de Adrienne, por isso queria saber qual era o maldito desejo pedido. Ele gostaria de estar preparado para quando todo o inferno viesse sobre ele.

-Sente-se, Grimm - falou Adrienne - Quero este retrato terminado o mais tardar no Natal, e Alberto leva meses para pintar seus quadros.

-Só porque meu trabalho é pura perfeição - disse o pintor, ofendido.

Grimm se voltou na noite e reclamou seu assento junto a Hawk diante do fogo.

-Todavía não entendo a razão disto - murmurou Grimm - Os retratos são para meninas e meninos.

Adrienne respondeu.

-Quis que um pintor imortalizasse os dois homens mais magníficos que eu já vi alguma vez... - ela lhes dedicou um sorriso deslumbrante, e Grimm revirou seus olhos, sabendo que faria qualquer coisa pela encantadora Adrienne quando sorria assim - ...e tudo o que eles fazem é reclamar. Saibam que um dia me agradecerão por ter feito isso.

Grimm e Hawk se entreolharam divertidos, e reassumiram a pose que ela insistia que fizessem, para mostrar seus físicos musculosos e suas aparências morenas em seu melhor efeito.

-Pinta os olhos de Grimm tão brilhantemente azuis como são - instruiu a Alberto.

-Como se eu não soubesse pintar - murmurou ele - Eu sou o artista aqui. A menos que, suponho, gostasse a senhora mesmo de pintar.

-Eu pensei que você gostasse dos meus olhos - Hawk estreitou seus olhos negros para Adrienne.

-E eu gosto. Me casei contigo, não é verdade? - o provocou Adrienne, e sorriu - Porém que posso fazer se as pessoas de Dalkeith, da serva mais jovem até a mais velha, desmaiam diante dos olhos de seu melhor amigo? Quando exponho minhas safiras a luz do sol, parecem exatamente ter a mesma cor. Brilham debilmente como fogo azul incandescente.

-E o que são os meus? Débeis pedrinhas negras?

Adrienne riu.

-Homem tonto, tanto quanto descrevi seu coração quando te vi pela primera vez. E deixe de ficar tenso, Grimm - ela repreendeu - Há alguma razão pela qual queira sua espada e seu escudo neste retrato?

Grimm gelou; então, lentamente, tocou seus cabelos com ceticismo.

Hawk o olhou atentamente.

-Em que está pensando, Grimm?- ele perguntou, desconfiado.

Grimm engoliu em seco. Nem sequer havia percebido que tinha a espada na mão. Um homem levava a espada de guerra durante as horas mais negras de sua vida: enquanto lamentava um companheiro ou se preparava para a guerra. Até este dia ele só a tinha pego duas.

Em que estava pensando? Grimm olhou o chão inexpressivamente, desconcertado, incapaz de articular seus pensamentos. Ultimamente estava obsecado com os fantasmas do passado, recordações que havia enterrado selvajemente em um poço profundo há muito tempo. Porém em seus sonhos, os cadáveres sombrios caminhavam de novo e deixavam nele um resíduo de intranquilidade que se estendia ao longo do dia.

Grimm todavia estava esforçando-se para responder quando um guarda atravessou rapidamente as portas do estúdio.

-Milord. Milady – O guarda inclinou com deferência para Hawk e Adrienne quando entrou apressadamente. Se acercou de Grimm com uma expressão obscura em seu rosto - Isto chegou precisamente para o senhor, Capitão - Ele entregou um pedaço de pergaminho de aparência oficial nas mãos de Grimm - O mensageiro insistiu em que era urgente, e que devia ser entregue somente em suas mãos.

Grimm observou a mensagem em suas mãos. O elegante selo de Gibraltar St. Clair estava impresso em cera vermelha. As recordações suprimidas estalaram em sua cabeça: Jillian. Ela era uma promessa de beleza e alegria que ele nunca poderia possuir, uma recordação que havia depositado na mesma tumba profunda que agora parecia determinada a regurgitar seus mortos.

-Bem, abra Grimm - insistiu Adrienne.

Lentamente, como se enfrentasse um animal ferido que pudesse morde-lo com dentes afiados, Grimm rompeu o selo e abriu a missiva. Tensamente, leu a concisa ordem de três palavras. Sua mão se apertou reflexivamente, amassando o pergaminho grosso.

Levantando-se, voltou para o guarda.

-Prepare meu cavalo. Saio em uma hora - O guarda assentiu e deixou o estúdio.

-Bem? - exigiu Hawk - Que diz a carta?

-Nada que necessite saber, Hawk, não se preocupe. Não se envolva.

-Qualquer coisa que preocupe o meu melhor amigo me envolve - disse Hawk - Desta maneira, diga-nos o que vai mal?

-Não digo nada. Deixe, homem - A voz de Grimm continha uma nota de advertência que deteria homens menos valente. Porém Hawk, nunca foi e nunca seria, um covarde, e se moveu tão inesperadamente que Grimm não raciocinou rápido o bastante quando seu amigo pegou o pergaminho de sua mão. Sorrindo aberta e travessamente, Hawk desenrolou o pergaminho. Seu sorriso brincalhão agradou sua mulher e ele ganhou uma piscadela de Adrienne.

-Diz: '*Venha por Jillian*'. Uma mulher, verdade? A história se complica. Pensei que tinha jurado renunciar às mulheres, meu inconstante amigo. Então quem é Jillian?

-Uma mulher? - exclamou deleitada Adrienne - Uma mulher jovem, casadoura?

-Detenham-se os dois. Não é nada disso.

-Então por que está tentando guardar segredo, Grimm? - pressionou Hawk.

-Porque há coisas que não sabe sobre mim, e levaria muito tempo para explicar tudo. Quando eu dispuser de tempo livre para conta a história completa, te enviarei uma mensagem, dentro de uns meses - se evadiu friamente.

-Não se esquivará tão facilmente, Grimm Roderick - Hawk coçou a sua barba por fazer pensativamente - Quem é Jillian, e como sabe de Gibraltar St. Clair? Pensei que houvesse chegado a corte diretamente da Inglaterra. Acreditava que não conhecia nada em toda Escócia, exceto aqueles com quem se encontrou na corte.

-Não te contei exatamente a história inteira, Hawk, e não tenho tempo agora para isto, porém te contarei quando tiver resolvido esse assunto.

-Me dirá agora, ou irei contigo - amenizou Hawk - O que significa que Adrienne e Carthian também irão, por isso você pode dizer-me agora ou pode preparar-se para ter companhia, e nunca se sabe o que pode acontecer se Adrienne está por perto.

Grimm franziu o cenho.

-Hawk, realmente você pode ser um estorvo...

-Implacável. Formidável - interrompeu Adrienne, mostrando que concordava docemente - Também pode ceder, Grimm. Meu marido nunca aceita um não por resposta. Creia-me, eu sei.

-Vamos, Grimm, se não pode confiar em mim, em quem pode confiar? - coagiu seu amigo - Aonde vai?

-Não é questão de confiança, Hawk.

Hawk simplesmente o olhou expectante, e Grimm supôs que não teria nenhuma intenção de ceder. Hawk o apertaria e pressionaria até dizer finalmente o que tinha escondido, a menos que Grimm lhe desse uma resposta satisfatória. Quem sabe não era tempo de admitir a verdade, embora por causa das coisas estranhas que fizera uma vez, talvez não voltasse a ser bem vindo a Dalkeith.

-Estou voltando para casa ou algo assim - concedeu Grimm finalmente.

-Caithness é tua casa?

-Tuluth - murmurou Grimm.

-O quê?

-Tuluth - disse Grimm rotundamente - Eu nasci em Tuluth.

-Disse que tinha nascido em Edimburgo!

-Menti.

-Por quê? Me disse que tua família inteira estava morta! Era uma mentira também?

-Não! Ela está. Eu não menti sobre isso. Bem... basicamente não menti - corrigiu apressadamente - Meu pai todavia está vivo, porém não falo com ele há mais de quinze anos.

Um músculo tremeu bruscamente na mandíbula de Hawk.

-Sente-se, Grimm. Não vai a nenhuma parte até que me diga tudo, e suspeito que é uma história muito tempo atrasada.

-Não tenho tempo, Hawk. Se St. Clair disse que era urgente, me esperam há muitas semanas em Caithness.

-Que relevância tem Caithness em algo disto, para você? Sente-se. Fale agora.

Dando-se conta de que não teria nenhuma possibilidade de trégua, Grimm foi de um lado a outro do quarto enquanto contava sua história.

Lhes disse como, que na idade de catorze anos, havia deixado Tuluth na noite da matança e em como vagara pelos bosques das Highlands durante dois anos, levando sua espada de guerra e odiando a humanidade, odiando seu pai, odiando-se.

Pulou as partes mais brutais: o assassinato de sua mãe, a inanição que havia suportado e os repetidos atentados contra sua vida. Disse-lhes que quando tinha dezesseis anos ele tinha encontrado abrigo com Gibraltar St. Clair; que tinha mudado seu nome para Grimm para proteger-se e proteger àqueles que o haviam ajudado. Lhes disse como os McKane o encontraram de novo em Caithness e como atacaram sua família adotiva. E finalmente, em um lúgubre tom de confissão, lhes disse qual havia sido seu nome real.

-E qual é? - perguntou Hawk sobressaltado.

Grimm inspirou profundamente, enchendo seus pulmões, e expeliu irritadamente.

-Gavrael. Meu nome real é Gavrael.

Houve só um Gavrael em toda Escócia; nenhum outro homem possuía de boa vontade esse nome e essa maldição. Se preparou para a explosão de Hawk. Não teve que esperar muito tempo.

-McIlloch? - os olhos de Hawk se estreitaram incrédulos.

-McIlloch - confirmou Grimm.

-E Grimm?

-Grimm significa Gavrael Roderick Icarus McIlloch - o acento escocês de Grimm rodou tão densamente ao redor do nome, que foi um zumbido quase ininteligível de erres, eles e kas com um *sotaque* afilado – Pegue a primeira letra de cada nome, e terá: G-R-I-M.

-Gavrael McIlloch era um *Berserker*! - rugiu Hawk.

-Te disse que não era muito o que sabia de mim - disse Grimm osbcuramente.

Cruzando o estúdio em três passos largos e velozes, Hawk se deteve a poucos centímetros do rosto de Grimm e o estudou, como se pudesse descobrir algum rastro do animal selvagem que devia estar trancado há anos num lugar secreto dentro de Grimm.

-Como pude não saber? - murmurou Hawk - Durante anos perguntava-me sobre algumas de tuas peculiaridades... talentos. Por todos os santos, devia saber somente olhando para seus olhos.

-Muitas pessoas têm olhos azuis, Hawk - disse Grimm secamente.

-Não como os teus, Grimm - comentou Adrienne.

-Isso explica tudo - disse Hawk lentamente – Não é humano.

Grimm retrocedeu.

Adrienne dirigiu um olhar obscuro a seu marido e passou seu braço ao redor de Grimm.

-Claro que é humano, Hawk. Ele simplesmente é humano... mais que alguns.

-Um *Berserker* - Hawk balançou sua cabeça - Um condenado *Berserker*. Sabe, dizem que William Wallace era um *Berserker*.

-E que vida encantadora ele tinha não é? - dijsse Grimm amargamente.

Grimm cavalgou para longe pouco depois disso, não respondendo a mais nenhuma pergunta e deixando Hawk imensamente descontente. Se foi rapidamente, porque as recordações estavam voltando por sua própria vontade, e com fúria. Grimm sabia que teria que estar só quando a plenitude deles o reclamasse finalmente. Não pensava voluntariamente sobre Tuluth nunca.

Inferno, ele não pensava voluntariamente em nada daquilo. Não, se podia evitar.

Tuluth: em sua memória era um vale brumoso, nuvens negras tão grandes que seus olhos ardiam com o odor acre das casas ardentes e carnes ardentes. Meninos gritando. Oh, Cristo!

Grimm respirou fundo quando estimulou *Occam* em um galope pela trilha. Permanecia impassível ante a bela noite das Highlands, perdido em outro tempo, rodeado pelo color do sangue e pela escuridão desolada de uma alma deformada, com uma estrela brilhando debilmente, sob o color do ouro.

Jillian.

É uma animal, pai? Posso cuidar dele? Por favor? É uma fera realmente gloriosa!

Em sua mente ele tinha de novo dezesseis anos e olhava para baixo para a pequena menina dourada. A recordação se derramou sobre ele e o encheu de vergonha. Ela o encontrou nos bosques, rugindo largado como uma fera.

-Ele seria mais feroz que meu Savanna Tea Garden, pai!

Savanna Tea Garden era seu cachorro, seu animal de estimação irlandês.

-Ele me protegeria bem, pai, eu sei que o faria!

No momento que ela havia dito estas palavras, ele havia feito um silencioso juramento de protegê-la sempre, sem nunca sonhar que chegaria o dia em que deveria protegê-la de si mesmo.

Grimm retesou sua mandíbula recém barbeada e levantou sua cabeça ao vento. Por um momento breve, sentiu o cabelo emaranhado de novo, o mortífero suor de sua arma de guerra, seus olhos ferozes que transbordavam de ódio. E a pura, doce menina que confiara nele, olhando-o.

Oh, porém ele a tinha dissuadido rapidamente.

CAPÍTULO 2

Gibraltar e Elizabeth St. Clair tinham estado cavalgando até a casa de seu filho, nas Highlands, durante uma semana antes que Gibraltar finalmente confessasse seu plano. Ele não havia dito nada a ela em absoluto, mas não podia permanecer imperturbável vendo sua esposa alterada.

-Falou o quê? - perguntou Elizabeth acusadoramente a seu marido enquanto pegava as rédeas de seu cavalo e ia a meio galope para o lado do marido – Que fizeste?

-O que disse? Não pude ouvir nada. Estava muito longe – aborrece-se ele.

-Isso é longe, Gibraltar, longe. Eu sei!

Gibraltar levantou uma sobrancelha, curioso.

-O que é, amor?

Ela enervou-se por ele a estar enganando, sua esposa estava inclusive mais tentadora do que quando estava calma. Ele não era contra a provocá-la gentilmente para desfrutar dessa imagem.

Elizabeth sacudiu sua cabeça vivamente.

-Estou doente por ouvir os homens falar sobre nossa tão perfeita, tão pura, tão solteira que quase é uma solterona, filha, Gibraltar.

-Tem escutado atrás das portas de novo, não é verdade, Elizabeth? – perguntou ele com ligeza.

-Escutar atrás das portas, não escuto atrás das portas. Se minha filha é motivo de discussão, ainda que seja somente dos guardas - ela gesticulou irritantemente em direção a eles - tenho o direito de escutar. Nossos temíveis protetores, quem poderia apontar, são homens maduros absolutamente saldáveis, têm estado rendendo tributo às suas virtudes. E por virtudes não queriam dizer seus seios ou qualquer uma das suas curvas encantadoras, e sim seu temperamento doce, sua paciência... sua propensão ao claustro, pelo amor de Deus. Ela te sussurrou alguma palavra sobre esta súbita inclinação a consagrar-se ao convento? - Sem esperar uma resposta, Elizabeth guiou sua montaria até ele e o observou – Falam sem para de quão perfeita ela é, e nenhum deles disse uma palavra sobre o que fazer com ela.

Gibraltar riu quando conduziu seu garanhão para que trocasse ao lado da égua de sua mulher.

-Como se atreve a pensar que isto é engraçado?

Gibraltar agitou sua cabeça, seus olhos brilhantes. Somente Elizabeth tomaria como uma ofensa o fato dos homens não terem falado em seduzir sua única filha.

-Gibraltar, devo pedir-te que fique sério por um momento. Jillian tem vinte e um anos e nenhum homem tem tentado cortejá-la. Juro que é a moça mais refinada de toda Escócia, e os homens caminham em círculos calados, adoradores, ao redor dela. Faça algo, Gibraltar. Estou preocupada.

Seu sorriso murchou. Elizabeth tinha razão. Não era coisa para rir. Gibraltar havia chegado a esta concusão por si mesmo. Não permitiria que Elizabeth continuasse preocupando-se quando ele tinha tomado uma atitude que poderia deixá-los descansados quanto a isto.

-Eu já me ocupei disso, Elizabeth.

-Que quer dizer? O que fez desta vez?

Gibraltar a estudou intensamente. Nesse momento não estava completamente seguro de que não perturbaria ainda mais Elizabeth: continuar preocupando-se sobre a solteirice de sua filha, os detalhes do que tinha feito sem consultá-la. Um singular momento masculino de reflexão o convenceu de que ela estaria deslumbrada por sua engenhosidade.

-Eu desequinei três homens para cuidar de Caithness em nossa ausência, Elizabeth. Quando voltarmos, Jillian terá escolhido a um deles, ou um deles a terá escolhido. Não são o tipo de homens que se redam ante um pouco de resistência. Nem são o tipo de homens para crer em suas '*histórias de convento*'.

A expressão horrorizada de Elizabeth desfez sua arrogante pose.

-*Um deles a escolherá* ? Está dizendo que um desses homens que selecionou poderia comprometê-la se ela não o escolher?

-Seduzi-la, Elizabeth, não comprometê-la - protestou Gibraltar - Eles não a arruinariam. São todos *loirds* honrrados, respeitáveis - Sua voz se tornou persuasiva – Selecionei os três baseado em parte no fato de que também são todos muitos... é - ele buscou uma palavra bastante inócua para que não alarmasse sua esposa, porque os homens escolhidos podiam ser patentemente alarmantes -... masculinos - Se pensava que seu intento de ser sutil aliviara suas preocupações, falhou - Exatamente o que Jillian necessita- assegurou ele.

-Masculinos! Quer dizer sem-vergonhas inveterados e libertinos! Provavelmente dominantes, cruéis e arrogantes. Não me engane com palavras, Gibraltar!

Gibraltar suspirou ruidosamente, qualquer esperança de persuasão sutil desandara.

-Tem uma idéia melhor, Elizabeth? Francamente, penso que o problema é que Jillian nunca se encontrou com um homem que não estivesse intimidado diante dela. Te garanto que nenhum dos homens que convidei se intimidarão, nem remotamente.

Cativo? Sim. Intrigado? Sim. Cruelmente persistente? Sim. Precisamente é isto o que uma mulher Sacheron necessita. Um homem que seja bastante homem para fazer algo a respeito.

Elizabeth St. Clair, antes Sacheron, mordiscou o lábio inferior em silêncio.

-Sabe o quanto tenho esperado ver nosso novo neto - ele recorrou a ela - Simplemente seguiremos com a nossa visita e veremos o que acontece. Te prometo que nenhum dos homens que escolhi não fará nada a nenhum fio de cabelo da nossa preciosa filha. Pode ser que a incomodem um pouco, mas isso pode ser bom para ela. Nossa impecável Jillian demorou muito tempo para ser incomodada.

-Espera que simplesmente eu me vá e a deixe com três homens? *Esse tipo de homens?*

-Elizabeth, *este tipo de homens* é o único tipo que não lhe renderam homenagem. Além do mais, eu fui uma vez este tipo de homem, lembra? Deverá ser um homem singular para nossa singular filha, Elizabeth – insistiu ele mais suavemente - Me proponho que encontre esse homem especial.

Elizabeth suspirou e retirou uma mecha de cabelo do seu rosto.

-Suponho que tem razão sobre isso – murmurou - Ela realmente não encontrou até agora nenhum homem que não tenha se jogado a seus pés. Me pergunto, como reagirá quando encontrar um?

-Suspeito que não saberia o que fazer no começo. Poderia desequilibrá-la. Mas aposto que um dos homens que selecionei a ajudará a aprender - disse Gibraltar simplesmente.

O alarme venceu o desalento de Elizabeth por um instante.

-É mesmo? Apenas teríamos que cortar caminho para regressar. Não posso estar em nenhuma outra parte quando minha filha está experimentando pela primeira vez essas coisas tão femininas. Só Deus sabe o que algum homem tentará ensinar a minha filha ou como tentará se deleitar, para não mencionar quão assustada seguramente estará ela. Não posso estar visitando ninguém enquanto minha filha se sente intimidada e enganada para perder sua virtude... o que simplesmente não acontecerá! Teremos que voltar para casa - Ela olhou com expectativa seu marido, esperando um gesto de concordância.

- Elizabeth - Gibraltar disse seu nome cuidadosamente.

-Gibraltar? - Seu tom era cáustico.

-Não vamos regressar. Vamos visitar nosso filho e assistir ao batismo de nosso neto e desfrutar uns meses, como planejamos.

-Jillian sabe o que você fez? - perguntou Elizabeth friamente.

Gibraltar agitou sua cabeça.

-Não tem nenhuma suspeita em sua bonita cabeça.

-E sobre esse homens? Não pensa no que eles diriam?

Gibraltar sorriu perversamente.

-Não lhes disse. Simplesmente lhes ordenei que fossem. Mas Hatchard sabe e está preparado para informá-los no momento conveniente.

Elizabeth estava assustada.

-Não disse nada a ninguém, somente ao nosso chefe de armas?

-Hatchard é um homem sábio. E ela necessita disto, Elizabeth. Necessita encontrar seu próprio caminho. Além do mais - ele provocou - que homem se atreveria a roubar a virtude de uma moça com sua mãe amparando-a?

-Ah, sei! Minha mãe, meu pai, meus sete irmãos e meus avós, que em paz descansen, não te detiveram quando roubou a minha. Ou de raptar-me.

Gibraltar riu entre dentes.

-Lamenta que o tenha feito?

Elizabeth lhe dirigiu um olhar ardente por baixo de suas pestanas que lhe asseguraram o contrário.

-Viu, para vocês um homem sabe o que é melhor, não acredita em mim querida?

Ela não respondeu por um momento, mas Gibraltar não se importou. Sabia que Elizabeth confiava sua vida a ele. Ela simplesmente necessitava de algum tempo para acostumar-se a seu plano e aceitar totalmente que sua filha precisava de um terno empurrão para fora do ninho.

Quando Elizabeth finalmente falou, havia um tom de resignação em suas palavras.

-E exatamente como são os três homens que escolheu sem meu consentimento e minha visão discernida?

-Bem, um deles é Quinn de Moncreiffe – o olhar de Gibraltar não se desviou de seu rosto.

Quinn era ruivo, jovem e valente. Havia navegado sob a bandeira negra do Rei antes que herdasse seus títulos, e desde então dirigia uma frota de navios mercantes com os quais triplicara a fortuna considerável de seu clã. Gibraltar criara Quinn quando era um jovenzinho, e Elizabeth sempre o havia favorecido.

-Um bom homem – O alçar de uma dourada sobranceira perfeita traiu uma tardia admiração pela sabedoria de seu marido - E?

-Ramsay Logan.

-Oh! - os olhos de Elizabeth se arregalaram - Quando o vi na corte estava vestido de negro da cabeça aos pés. Parecia tão perigosamente atraente como um homem pudesse ser. Como é que alguma mulher não o agarrou ainda? Continue, Gibraltar. Isto está se mostrando realmente promissor. Quem é o terceiro?

-Estamos nos atrasando demais e ficando longe dos guardas, Elizabeth - evadiu Gibraltar apressadamente - As Highlands tem sido ultimamente pacíficas, mas não podemos deixar de ter muito cuidado. Devemos alcançá-los – ele mudou de posição em sua sela de montaria, segurou as rédeas e instou o cavalo a ir mais depressa.

Elizabeth franziu o cenho quando tirou as rédeas de suas mãos.

-Os alcançaremos depois. Quem é o terceiro?

Gibraltar bocejou e olhou fixamente os guardas que estavam desaparecendo em uma curva.

-Elizabeth, não devemos ficar para trás. Não tem nenhuma idéia do peri...

-O terceiro, Gibraltar – repitiu sua esposa.

-Parece especialmente encantadora hoje, Elizabeth - disse Gibraltar roucamente - Já te disse? - Quando suas palavras não provocaram nenhuma contestação, a não ser um olhar frio, indiferente, ele se lançou para frente.

-Disse os três?

A expressão de Elizabeth se tornou mais fria.

Gibraltar expeliu um suspiro de frustração. Praguejou e estimulou sua montaria para continuar adiante.

-O que disse exatamente? – replicou sua esposa, instando sua égua a alcançá-lo.

-Oh, infernos, Elizabeth! Deixa-me! Simplemente montemos.

-Repita, por favor, Gibraltar.

Murmurou outra resposta ininteligível.

-Não posso entender nem uma palavra quando murmura - disse Elizabeth docemente.

Doce, como a canção das sirenes, ele pensou, e igualmente letal.

-Eu disse... Gavrael McIlloch. Bem, agora deixa-me, de acordo? – ele continuou trotando e saboreou o feito de que pelo ao menos por um momento, havia visto Elizabeth St. Clair tão muda como nunca vira na vida.

Elizabeth olhou fixamente seu marido, com incredulidade.

-Estimado Deus do céu, você chamou um *Berserker*!

No jardim em declive de Caithness, Jillian St. Clair estremeceu apesar do calor do brilhante sol. Nem uma nuvem ponteava o céu, e o bosque sombrio que rodeava o extremo sul estava a uma dezena de metros, não o bastante perto para ter sido responsável pelo súbito frio.

Um inexplicável pressentimento arrepiou sua nuca. Ela não levou à sério, rindo de sua imaginação por demais ativa. Sua vida estava livre de nuvens como o imenso céu azul; estava sendo muito imaginativa, nada mais.

-Jillian! Faça com que Jemmie deixe de puxar meu cabelo! - chorou Mallory, sentando-se ao lado de Jillian em busca de proteção.

O frondoso jardim estava salpicado com uma dezena ou mais de crianças, que vinham todas as tardes para serem seduzidos com histórias e doces de Jillian.

Com Mallory em seus braços, Jillian contemplou o menino reprovadoramente.

-Ha maneiras melhores de mostrar a uma menina que gosta dela do que puxar seu cabelo, Jemmie MacBean. E segundo minha experiência, as meninas cujo cabelo puxa agora serão as que estará cortejando depois.

-Eu não puxei o cabelo porque gosto dela! - o rosto de Jemmie ficou vermelho e suas mãos se apertaram em punhos desafiantes - Ela é uma menina.

-Sim, ela é. E encantadora, por certo - Jillian alisou o exuberante cabelo castanho avermelhado de Mallory. A menina já mostrava a promessa de ser a bonita mulher que seria - Agora diga-me, por que puxou seu cabelo, Jemmie? - perguntou Jillian com ligeza.

Jemmie deu pontapés no canteiro com os dedos dos pés.

-Porque se eu desse socos da mesma maneira que nos meninos, provavelmente choraria – falou ele entre dentes.

-Por que acha que deve fazer qualquer uma dessas coisas? Por que não fala com ela simplesmente?

-O que poderia ter para dizer a uma menina? – ele revirou seus olhos e franziu o cenho para os outros meninos, pedindo apoio sem palavra, somente com seu olhar feroz.

Só Zeke não pareceu afetado por sua intimidação.

-Jillian tem coisas interessantes para dizer, Jemmie - argumentou Zeke - Vem aqui todas as tardes para escutá-la, e é uma menina.

-Isso é diferente. Ela não é uma menina. Ela é... bem, ela é quase como uma mãe para nós, exceto que é muito mais bonita.

Jillian jogou para trás uma mecha de seu cabelo avermelhado para afastá-lo do seu rosto com uma careta de dor interior. Que havia de mais bonito na vida do que isso para ela? Desejava muito ter filhos, mas para isso precisava de um marido, e isso não parecia estar no horizonte para ela, bonito ou não. *Bem, poderia deixar de ser tão exigente*, aconselhou sua consciência secamente.

-Conto uma história? - Ela mudou rapidamente de tema.

-Sim, conte uma história, Jillian!

-Uma romântica! – pediu uma menina maior.

-Uma sangrenta - exigiu Jemmie.

Mallory torceu seu nariz para ele.

-Conte uma fábula. Gosto das fábulas. Nos ensinam coisas boas, e alguns de nós - ela olhou para Jemmie - necessitam aprender coisas boas.

-As fábulas são bobas.

-Não são!

-Uma fábula! Uma fábula! – pediram as crianças.

-Então será uma fábula. Lhes contarei a discussão entre o Vento e o Sol - disse Jillian – É a minha favorita entre todas as fábulas – Os meninos se sentaram ao redor dela para ouvir o conto. Zeke, que era o menor deles, foi empurrado para atrás do grupo.

-Não entorte seus olhos, Zeke - repreendeu Jillian amavelmente - Aqui, chegue mais perto - Atraiu o menino para seu colo e tirou seus cabelos dos olhos.

Zeke era filho de sua criada favorita, Kaley Twillow. Havia nascido com a vista tão ruim que dificilmente poderia ver sua própria mão. Sempre entortava os olhos, como se pudesse um dia acontecer um milagre e enfocar de repente o mundo. Jillian não podia imaginar a dor de não poder ver a paisagem encantadora da Escócia claramente, e seu coração chorava pelo impedimento de Zeke.

O impedia de jogar os jogos que os outros meninos adoravam. Provavelmente era muito mais fácil que a bola de couro lhe machucasse do que aos outros meninos, porém para compensar, Jillian lhe ensinara a ler. Tinha que enterrar seu nariz no livro, mas neles ele encontraria mundos para explorar que nunca poderia ver com seus próprios olhos.

Quando Zeke se aninhou em seus braços, ela começou.

-Um dia o Vento e o Sol tiveram uma discussão sobre quem era mais forte, quando de repente veio um viajante pelo caminho.

O Sol disse: *'Permita-nos decidir nossa disputa agora. Qualquer um de nós que puder fazer com que o viajante retire a capa será considerado o mais forte'*. O Vento aceitou o desafio. *'Começou'*, disse o Sol, e se retirou para detrás de uma nuvem para não interferir. O Vento começou a soprar tão forte como pôde sobre o viajero, mas enquanto mais soprava, mais firmemente o viajero enrolava sua capa sobre seu corpo.

Isso não deteve o Vento de soprar com todas as suas forças; mesmo assim o viajante se negava a tirar a capa. Finalmente, o Vento se rendeu com desânimo.

Então o Sol saiu e ardeu em toda sua glória sobre o viajante, deixando-o com muito calor para andar com sua capa. Tirando-a, ele a jogou sobre seus ombros e continuou seu caminho assobiando animadamente.

-Aha! - as crianças alegraram-se - O Sol ganhou ! Nos gostamos que o Sol seja o melhor!

-É uma história para crianças bobas - Jemmie franziu o cenho.

-Eu gostei - protestou Zeke.

-Pudera, Zeke. É muito cego para ver guerreiros, dragões e espadas. Eu gosto das histórias com aventuras.

-Este conto tem uma mensagem, Jemmie. A mesma que estava te dizendo sobre puxar o cabelo de Mallory - disse Jillian suavemente.

Jemmie parecia desconcertado.

-É mesmo? O que tem haver o Sol com o cabelo de Mai?

Zeke balançou a cabeça, aborrecido com a incompreensão de Jemmie.

-Ela estava dizendo-nos que o Vento tentou fazer o viajante sentir-se mal, para que ele, o viajero, necessitasse defender-se. O Sol fez com que o viajero se sentisse bem o bastante para caminhar livremente. - Mallory olhou adoradamente para Zeke, como se ele fosse o menino mais inteligente do mundo. Zeke continuou seriamente -: Deve ser bom com Mallory e ela será boa contigo.

-De onde tira essas tuas idéias, meio cego? - perguntou Jemmie, irritado.

-Ele escuta, Jemmie - disse Jillian – A moral de uma fábula é que a bondade afeta mais do que a crueldade. Zeke entende que não ha nada mal em ser bom com as meninas. Um dia sentirá por não ter sido melhor - *Quando Zeke terminar com metade das meninas do povoado desesperadamente enamoradas dele apesar de sua visão débil*, pensou Jillian, divertida. Zeke era um menino bonito e um dia haveria de ser um homem atraente que possuiria uma sensibilidade singular que os que nascem com um impedimento tendiam desenvolver.

-Ela tem razão garoto - Uma voz profunda se uniu à sua conversação quando um homem guiou seu cavalo para fora do resguardo das árvores das cercanias - Eu lamento, porém, não ter sido melhor com as meninas.

O sangue de Jillian congelou nas veias, e sua vida sem nuvens repentinamente ensombrecceu com nuvens escuras de tormenta. Certamente esse homem nunca seria tolo o bastante para regressar a Caithness! Ela pressionou sua bochecha contra o cabelo de Zeke e escondeu seu rosto, desejando poder fundir-se na terra e desaparecer, e desejando ter posto um vestido mais elegante essa manhã, desejando coisas impossíveis no que concernia a esse homem. Ainda que não houvesse ouvido sua voz em anos, ela sabia que era ele.

-E me lembro de uma menina com quem era mau quando eu era um menino, e agora, sabendo o que sei, daria o que fosse para voltar atrás.

Grimm Roderick. Jillian se sentia como se seus músculos houvessem se fundido de baixo de sua pele, derretida pelo calor de sua voz. Tinha um tom mais baixo do que qualquer outra voz que ela ouvira em toda vida, tão precisamente modulada que indicava intimidante autodisciplina, era a voz de um homem controlado.

Ela levantou sua cabeça e o olhou profundamente, seus olhos muito abertos de surpresa e horror. Sua respiração se prendeu em sua garganta. Não importava como os anos o mudara, ela sempre o reconheceria.

Ele desmontou e se aproximou dela, movendo-se com a arrogância e graça de um conquistador, exudando confiança tão facilmente como se respirasse. Grimm Roderick sempre havia sido uma arma ambulante, seu corpo bem feito e forte com instintiva perfeição. Mesmo que corresse como uma flecha, Jillian sabia que ele chegaria antes dela. Mesmo que retrocedesse, ele estaria atrás dela. Mesmo que gritasse, ele poderia cobrir sua boca antes que terminasse de aspirar o ar para preparar-se. Só

uma vez antes havia visto uma criatura mover-se com essa velocidade e poder reprimido: um dos gatos montanheseiros, cujos músculos se juntavam com movimentos elásticos enquanto caminhava sobre suas patas suaves e letais.

Ela ficou com a respiração insegura. Ele estava ainda mais magnífico do que havia sido há anos. Seu cabelo negro estava preso em uma tira de couro. O ângulo de sua mandíbula era ainda mais arrogante do que recordava, se isso era possível; ao projetar-se para frente, fazia com que seu lábio inferior se moldasse num sorriso sensual sem que desse conta disso.

O ar ficava diferente quando Grimm Roderick estava perto; tudo ao seu redor desaparecia até que nada existia exceto ele. E ela nunca poderia confundir esses olhos! De um misterioso azul-gelo, seu olhar a manteve cativa sobre as cabeças dos curiosos meninos, por ela esquecidos. Ele estava olhando-a com uma expressão insondável.

Ela se levantou de um salto, derrubando um Zeke sobressaltado na terra. Quando Jillian olhou Grimm, fixamente, sem palavras, as recordações apareceram e quase se afogou na bilis amarga da humilhação. Recordava muito claramente o dia em que havia jurado nunca falar de novo com Grimm Roderick. Havia jurado não permitir nunca que se aproximasse de Caithness ou de seu coração vulnerável de novo enquanto vivesse. E agora se atrevia a aparecer? Como se nada houvesse mudado? A possibilidade de reconciliação foi esmagada pelas pisadas pesadas de seu orgulho. Ela não dignificaria sua presença com palavras. Ela não seria boa. Não lhe concederia um grama de cortesia.

Grimm passou uma mão através de seu cabelo e respirou profundamente.

-Está... crescida, menina.

Jillian se esforçou para falar. Quando encontrou sua língua finalmente, suas palavras foram geladas.

-Como se atreve a regressar aqui? Não é bem vindo. Deixe minha casa!

-Não posso fazê-lo, Jillian - Sua voz suave a enervou.

Com o coração galopando, ela respirou lenta e profundamente.

-Se não sair por tua própria vontade, chamarei os guardas para retirá-lo.

-Eles não o farão, Jillian.

Ela bateu as mãos.

-Guardas! - gritou.

Grimm não se moveu um milímetro.

-Não te ajudarão, Jillian.

-E pare de falar meu nome assim!

-Assim como, Jillian? - Ele parecia genuinamente curioso.

-Como... como... se suplicasse algo.

-Como desejar - Ele fez uma pausa entre as batidas de seu coração, durante a qual ela se surpreendeu que ele houvesse capitulado ante sua ordem, porque certamente nunca, até então, ele o havia feito, até que aquele som rouco reverberou dentro de seu coração sem seu consentimento - Jillian.

Mas que disparate!

-Guardas. Guardas!

Seus guardas chegaram correndo; então se detiveram abruptamente e estudaram o homem que estava de pé ante sua senhora.

-Milady, nos chamou? - inquiriu Hatchard.

-Retire esse sem vergonha de Caithness antes de que ele inicie... traga - ela se corrigiu apressadamente - sua depravação e insolência a minha casa - espetou até terminar.

Os guardas a olharam, depois a Grimm, e não se moveram.

-Agora. Tirem-no rapidamente desta propriedade!

Quando os guardas continuaram sem se mover, seu temperamento cresceu como uma onda.

-Hatchard, disse que o retirasse daqui. Por todos os santos, mande-o para fora de minha vida. Expulse-o do país. Oh! Simplesmente retire-o deste mundo, entende agora?

Os guardas olharam Jillian com assombro.

-Se sente bem, milady? - perguntou Hatchard - Devemos chamar Kaley para ver se tem um pouco de febre?

-Não tenho um pouco de nada. Tem algo estragado em minha propriedade e o quero fora dela - disse Jillian através dos dentes serrados.

-Gruniste? - falou desanimadamente Hatchard.

-Perdão?

-Gruniste. Quis dizer que você falou entre dentes.

-Vou gritar entre dentes se vocês, desgraçados desobedientes, não retirarem este degenerado, viril...- Jillian clareou a garganta - vil, tolo de Caithness.

-Gritar? - repetiu Hatchard debilmente - Jillian St. Clair não grita, não grunhe, e certamente não tem ataques de temperamento. Que demônios está sucedendo aqui?

-Ele é o demônio - Jillian se enervou, apontando Grimm.

-Chame-o como queira, milady. Ainda assim não podemos mandá-lo embora - disse Hatchard pesadamente.

A cabeça de Jillian se moveu como se tivesse sido golpeada.

-Me desobedece?

-Ele não te desobedece, Jillian - disse Grimm cuidadosamente - Ele obedece a teu pai.

-Que? - Ela voltou seu rosto para o desafeto a seu lado. Grimm pegou um amassado e sujo pedaço de pergaminho.

-Que é isto? - perguntou ela friamente, negando-se inclusive a se aproximar dele um centímetro.

-Venha lê-lo, Jillian - ele ofereceu. Seus olhos brilharam estranhamente.

-Hatchard, receba isso dele.

Hatchard não se moveu.

-Sei o que diz.

-Bem, então o que diz? - perguntou bruscamente Hatchard - E como é que sabe?

Foi Grimm quem respondeu.

-Disse '*Venha por Jillian*'... Jillian.

Ele havia feito de novo, dizer seu nome depois de uma pausa suspirada, com um tom rouco que a deixou estranhamente ofegante e assustada. Havia uma advertência na maneira em que ele estava dizendo seu nome, algo que ela devia entender mas realmente não podia captar. Algo mudara desde a última vez que tinham discutido tão amargamente... algo nele, mas não podia definir o que.

-*Venha por Jillian*? - repetiu ela inexpresivamente - Meu pai te enviou isso?

Quando ele concordou, Jillian ofegou e quase se desfez em lágrimas. Pela primeira vez ela se descontrolou em público. A mudança foi algo inesperada e ela fez algo que jamais havia feito: resmungar e maldizer. Jillian se voltou sobre seus calcanhares e correu até o castelo como se todas as *banshees* da Escócia estivessem pisando nos calcanhares, quando na verdade era só Grimm Roderick quem o fazia.

Lançando furtivamente uma olhada sobre seu ombro, ela lembrou das crianças tardiamente. Haviam permanecido de pé num círculo, olhando-a com expectativa. Ela entrou, absolutamente mortificada, no castelo. Fechar com força a porta era um pouco difícil, já que era quatro vezes mais alta que ela, mas com seu humor atual, ela conseguiu.

CAPÍTULO 3

-Inconcebível! - preguejava Jillian enquanto ia de um lado a outro em sua câmara. Tentou tranquilizar-se, mas resolutamente concluiu que até que não se livrasse dele, encontrar calma não seria possível.

Então começou a andar de novo de um lado a outro e considerou quebrar algumas coisas, só que ela gostava de tudo o que tinha em seu quarto e realmente não queria destruir nenhum de seus próprio pertences. Mas se ela pudesse por suas mãos sobre ele, oh... então seria capaz de quebrar uma ou duas coisas!

Droga, praguejou enquanto se desfazia rapidamente de seu vestido. Se negou a ponderar seu impulso de substituir o simples vestido e a camisa que haviam sido absolutamente convenientes uma hora antes. Despidia, se aproximou furtivamente de seu armário junto a janela, onde se distraiu momentaneamente com a visão de um cavaleiro no pátio.

Se escondeu atrás da alta janela. Dois cavaleiros estavam cavalgando no pátio. Os estudou com curiosidade e se apoiou na janela. Como se fossem um, os homens levantaram suas cabeças, e ela abriu a boca. Um sorriso cruzou o rosto do homem ruivo e lhe deu a impressão de que ele a havia vislumbrado escondendo-se atrás da janela, vestida nada mais que com sua pele marfim. Instintivamente, ela se agachou atrás do armário e agarrou um vestido de um verde brilhante, assegurando-se de que simplesmente porque ela pudera vê-los claramente, não significava que eles pudessem vê-la também. Certamente, a janela refletia o sol e permitia uma pequena visão do interior.

Quem estava chegando a Caithness? Se perguntou. Isso era bastante mau. Como se atrevia *ele* regressar ali, e também, como se atrevia seu *pai* convocá-lo?

Venha por Jillian. Simplesmente o que seu pai estava pensando para enviar semelhante nota? Uma fria sensação resvalou por sua coluna quando meditou no som possessivo das palavras. Por que responderia Grimm Roderick a semelhante missiva? Ele a havia torturado incessantemente quando era uma menina e a tinha rechaçado quando era uma mulher jovem. Era um grosso dominador, e uma vez havia sido o herói de cada uma de suas fantasias.

Agora regressava a Caithness, e isso era absolutamente inaceitável. Sem levar em conta as razões de seu pai para convocá-lo, ele teria que ir, simplesmente. Se seus guardas não o fizesse, ela mesma o faria, ainda que significasse fazê-lo na ponta da espada, e sabia onde encontrar uma espada. Uma maçissa *claymore* enfeitava ociosa o Gran Hall; seria fácil consegui-la.

Resolução tomada, terminou de abotoar seu vestido, Jillian saiu de sua câmara. Estava pronta para confrontá-lo; seu corpo estava ereto de indignação. Ele não tinha nenhum direito de estar ali, e ela era a pessoa mais indicada para explicar-lhe. Ele tinha ido embora uma vez, mesmo ela pedindo para ficar, e não podia decidir regressar agora arbitrariamente. Prendeu seu cabelo atrás com uma fita de veludo, ela se dirigiu resolutamente para o Gran Hall através do largo corredor.

Se deteve subitamente na balaustrada, fora do solar, alarmada pelo retumbar de vozes masculinas abaixo.

-Que dizia tua mensagem, Ramsay? - ouviu Grimm perguntar.

Suas vozes elevavam-se, olvindo-se claramente no Gran Hall aberto. Os tapetes haviam sido retirados há alguns dias para uma limpeza, por isso que as palavras reverberavam nas paredes de pedra.

-Dizia que o lord e sua senhora deixariam Caithness e me chamariam para pagar uma velha dívida que tenho com ele. Desejava que vigiasse sua *princesa* enquanto ele não estivesse aqui para fazê-lo por si mesmo.

Jillian olhou sorrateiramente sobre a balaustrada e viu Grimm sentado com dois homens perto do lugar principal. Por um momento eterno, ela, simplesmente, não pôde evitar de olhá-lo. Irritada, desviou seu olhar e estudou os recém chegados. Um dos homens se recostou na cadeira, como se possuísse tudo ao redor. Em um escrutínio mais detalhado, Jillian decidiu que provavelmente agia como se possuísse qualquer lugar que jugasse digno possuir. Era um cavaleiro de negro da cabeça aos pés:

cabelo negro, pele morena, vestido com um comprido traje de lã negra que não se rasgava. Sangue das Highlands definitivamente tosco, concluiu ela. Uma cicatriz delgada se estendia desde sua mandíbula até abaixo de seu olho.

Seus olhos volveram-se para o segundo homem.

-Quinn - susurrou ela. Não havia visto Quinn de Moncreiffe desde que se criara com Grimm sob a tutela de seu pai, anos atrás. Alto, loiro e impressionantemente bonito, Quinn de Moncreiffe a havia confortado nas muitas ocasiões em que Grimm a havia tirado do sério. Nos anos que tinham passado desde que ela o vira pela última vez, tinha amadurecido para um homem soberbo, com ombros largos, cintura esbelta, e o longo cabelo loiro atado atrás com uma tira de couro.

-Parece que cada homem na Escócia e a metade da Inglaterra está endividado com Gibraltar St. Clair de uma maneira ou outra - observou Quinn.

Ramsay Logan cruzou suas mãos atrás de sua cabeça, e se apoiou de novo em sua cadeira e assentiu.

-Sim. Ele me ajudou em mais de um problema quando eu era mais jovem e mais propenso a pensar com a cabeça pequena.

-Oh, por que pensa que mudou, Logan?- o provocou Quinn.

-Não tanto que não possa te golpear até te deixar sem sentido, de Moncreiffe - replicou Ramsay por sua vez.

Ramsay Logan, meditou Jillian, ela tinha razão sobre sua linhagem. Os Logan eram perfeitos Highlanders. Ramsay parecia um desses selvagens montanheseiros cuja notoriedade só era excedida por seus vários títulos. Eram um clã rico em terras e possuíam grande parte das Highlands do sul.

Seus olhos se arrastaram de novo Grimm, apesar de suas melhores intenções. Ele relaxou suntuosamente em seu lugar, composto como um rei e atuando como se tivesse todo direito do mundo para estar ali. Seus olhos se estreitaram.

Os cantos da boca de Grimm se estiraram brusca e debilmente.

-É como nos velhos tempos, com os dois atissando-se um ao outro, mas salvando-me de seus desacordos. Há um enigma aqui. Por que Gibraltar St. Clair convocaria os três a Caithness? Não o tenho ouvido falar de nenhum problema aqui em anos. Quinn, que dizia sua mensagem? Que viesse para Caithness em sua ausência?

Acima deles, Jillian franziu as sobrancelhas. Era uma boa pergunta. Por que seus pais chamariam esses homens a Caithness enquanto eles iam ao batismo de seu neto? Hatchard, o chefe das armas de Caithness, comandava uma força poderosa de guardas, e não havia tido nenhum problema nessas partes das Lowlands durante anos.

-Dizia que desejava que cuidasse de Caithness em sua ausência, e se não podia deixar por uns tempos meus navios para vir, que eu devia vir por Jillian. Achei sua mensagem bastante singular, mas tive a impressão de que ele estava angustiado sobre Jillian, e a verdade seja dita, tenho estranhado a moça - respondeu Quinn.

Jillian se agitou. A qual deles havia enganado seu pai?

-Jillian A Deusa-Imperatriz em pessoa - Ramsay encedeu uma careta de lobo.

As narinas de Jillian se dilatam e sua coluna tencionou.

-Que? - Grimm parecia confuso.

-Ele está referindo-se a sua reputação tão alabada. Não se deteve nos estábulos quando chegou? - Quando Grimm negou com a cabeça, Quinn bufou - Você perdeu uma boa piada. Os rapazes gracejavam sem parar sobre ela antes que nós tivéssemos a oportunidade inclusive de apelar e nos advertiram para não manchar o seu semblante de *'santidade'*. A *'Deusa-Imperatriz Jillian'*, a chamou um dos rapazes, dizendo que chamá-la simplesmente *'Rainha'* era por demais trivial.

-Jillian? - Grimm parecia duvidoso.

Jillian olhou furiosamente acima de sua cabeça.

-Exatamente - afirmou Ramsay - Todos eles. Um rapaz me disse que é a segunda Madonna, e acredita que se ela aparecer grávida, será certamente o produto de uma intervenção divina.

-Devo dizer, qualquer intervenção com Jillian seria divina - disse Quinn e sorriu abertamente.

-Sim, precisamente entre seus divinos quadris. Já viu na sua vida uma mulher melhor feita para o prazer de um homem? - Ramsay baixou seus pés para o calor do fogo e se ajeitou no assento, deixando cair suas mãos no colo.

As sobrancelhas de Jillian subiram até a linha do cabelo, e pôs uma mão sobre sua boca.

Grimm endereçou um profundo olhar para Ramsay e Quinn.

-Espera um minuto. Que quer dizer com *'seus divinos quadris'*? Nunca se encontrou com Jillian, não é verdade? Não sabe sequer como é. E Quinn, não a vê desde que era pequena.

Quinn pareceu um pouco incômodo.

-Ela tem o cabelo dourado? - replicou Ramsay - Longo o suficiente para passar as curvas de suas cadeiras? Rosto perfeito e mais ou menos assim, alta? - Ele susteve sua mão um pouco acima de sua cabeça, ainda sentado, para demonstrar - O seu quarto está localizado no segundo andar, voltado para o leste?

Grimm assentiu cautelosamente.

-Então como se vê. Quinn e eu a vimos em uma janela quando chegamos - o informou Ramsay.

Jillian gemeu suavemente, esperando que ele não continuasse.

Mas Ramsay continuou.

-Se ela é a mulher que estava mudando de vestido, com uns seios que um homem poderia...

As mãos de Jillian moveram-se protetoramente sobre corpo. Era um pouco tarde para isso, se lamentou.

-Não a viu vestindo-se - grunhiu Grimm, olhando friamente a Quinn para confirmar.

-Não - Ramsay proporcionou servicialmente - a vimos sem vestir. Encoberta pela janela, com o sol derramando-se sobre ela e vestindo maravilhosamente a pele mais esplêndida que já vi alguma vez. O rosto de um anjo, quadris marfins e todo dourado entre eles.

A mortificação havia levado às bochechas de Jillian um rubor furioso quando soubera que eles tinham visto seus seios. Agora parecia incendiar-se. Eles a haviam visto; toda ela.

-Isso é verdade, Quinn? - perguntou Grimm.

Quinn assentiu e pareceu tímido.

-Infernos, Grimm, que esperava que eu fizesse? Olhar para o outro lado? Ela é deslumbrante. Suspeitava que essa pequena se transformaria em uma mulher encantadora, mas nunca imaginei encantos tão maravilhosos. Apesar de Jillian sempre me parecer uma irmã caçula, depois do que vi hoje...-. Ele balançou sua cabeça e assoviou admiravelmente - Bem, os sentimentos podem mudar.

-Não sabia que Gibraltar tinha semelhante filha - se apressou em acrescentar Ramsay - ou eu já estaria rondando-a há anos.

-Ela não é do tipo que se pode *rondar*. É do tipo que se casa - retrucou Grimm.

-Sim, ela é do tipo que se casa, do tipo que tem-se que cuidar, e do tipo para se levar para a cama - disse Ramsay friamente - Os tolos de Caithness podem estar intimidados por sua beleza, mas eu não estou. Uma mulher como essa necessita de um homem de carne e osso.

Quinn lançou a Ramsay um olhar irritado e se levantou.

-Exatamente o que está dizendo, Logan? Se um homem vai estar conversando com ela, será eu. Eu conheço Jillian desde que era uma criança. Minha mensagem mencionava que viesse por Jillian especificamente, e depois de vê-la, penso em fazer precisamente isso.

Ramsay se levantou rápido e estendeu sua maciça constituição até que ficou uns seis centímetros mais alto que Quinn.

-Quem sabe a única razão pela qual a minha mensagem não ter sido formulada da mesma maneira que a sua, é porque St. Clair sabia que eu nunca a tinha visto. Indiferente a isso, esta é a última vez que tomarei uma esposa, e penso dar à encantadora moça outra opção do que a habitual, se ela alguma vez tiver a escolha, mesmo porque certamente não me encaixaria no papel de um ordinário granjeiro das Lowlands.

-A quem está chamando de granjeiro aqui? Valho muito mais do que todos teus bois de traseiro magros e vacas gordas juntos.

-Bah! Minhas vacas de traseiro magros não são de onde consigo minhas riquezas, *skiwy* das Lowlands.

-Sei, fazendo uma incursão entre os inocentes Lowlanders, mais provavelmente! - o cortou Quinn - E que infernos é um *skiwy*?

-Não é uma palavra que um tolo Lowlander conhecesse - gozou Ramsay.

-Senhores, por favor - Hatchard entrou no Gran Hall com uma expressão de preocupação em seu rosto. Tendo servido como chefe de armas principal durante vinte anos, podia prever uma batalha florescendo à distância no condado, e esta estava conzinando fogo lento debaixo de seu nariz - Não há nenhuma necessidade de entrar numa disputa sobre isto. Sosseguem suas línguas e esperem um pouco, porque tenho uma mensagem para vocês de Gibraltar St. Clair. Sentem-se - Ele gesticulou para suas cadeiras ao redor - Por experiência é que os homens adversários raramente escutam bem.

Ramsay e Quinn continuaram olhando-se friamente.

Jillian ficou tensa e quase colocou a cabeça através dos balcões da balaustrada. O que seu pai tinha tramado dessa vez? O sutil e vivo Hatchard era o conselheiro mais antigo e amigo de seu pai. Sua peculiar astúcia era um reflexo exato de sua destreza; era sagaz e rápido como um lince. Seus dedos longos, delgados, tocaram a empunhadura de sua espada enquanto esperava com impaciência que os homens obedecessem sua orden.

-Sentem-se - repitiu Hatchard energeticamente.

Ramsay e Quinn sentaram-se relutantemente em seus assentos de novo.

-Fico satisfeito em ver que todos chegaram rapidamente - disse Hatchard em um tom mais calmo - Porém, responda-me Grimm, por que seu cavalo esta vagando na muralha?

Grimm falou suavemente.

-Ele não gosta de ficar confinado. Há algum problema com isso?

Como o homem, era o cavalo. Jillian rodou seus olhos.

-Não, nenhum problema comigo. Mas se ele começar a comer as flores de Jillian, pode ter uma pequena escaramuça em tuas mãos - Hatchard se sentou em um lugar livre, divertido - Realmente, suspeito que vá ter um aborrecimento em tuas mãos não importa o que faça com teu cavalo, Grimm Roderick - Ele riu entre dentes - É bom vê-lo de novo. Faz muito tempo. Quem sabe poderia treinar com meus homens enquanto estiver aqui.

Grimm asentiu lacônicamente.

-Para que nos convocou Gibraltar aqui, Hatchard?

-Tinha planejado permitir a todos estabelecerem-se antes de passar a mensagem, mas já que todos estão aqui. St. Clair os trouxe aqui por causa da sua filha - admitiu Hatchard, cofiando sua curta barba pensativamente.

-Eu sabia - disse Ramsay.

Jillian gemeu suavemente. Como ele se atrevia? Mais pretendentes, e entre eles, o mesmo homem que ela jurara odiar até a morte. Grimm Roderick. Quantos homens traria seu pai, até aceitar finalmente que ela não se casaria a menos que encontrasse o tipo de amor que eles compartilhavam?

Hatchard se apoiou no espaldar de sua cadeira e contemplou os homens desapaixonadamente.

-Ele espera que ela escolha alguns de vocês antes que voltem de sua visita, o que lhes dá tempo até o outono para cortejá-la.

-E se ela não o fizer? - perguntou Grimm.

-O fará - Ramsay cruzou seus braços sobre o peito, um retrato da arrogância.

-Jillian sabe sobre isto? - inquiriu Grimm desconfiado.

-Sim, ela é cúmplice ou inocente? - ironizou Quinn.

-E se ela é inocente, até onde? - perguntou Ramsay perversamente - Eu, por exemplo, penso averiguar na primeira oportunidade.

-Sobre meu cadáver, Logan - grunhiu Quinn.

-Se é o que quer - Ramsay encolheu os ombros.

-Bem, de todas as maneiras, não creio que sua intenção haja sido que os três estejam se matando por ela - Hatchard sorriu debilmente - Ele simplesmente pensa vê-la casada antes que passe outro aniversário, e um de vocês será o homem. E não, Grimm, Jillian não sabe nada sobre isto. Provavelmente sairia imediatamente de Caithness se tivesse a mais vaga idéia do que seu pai pretendia. Gibraltar já trouxe dezenas de pretendentes para Jillian durante o último ano, e ela afugentou todos com uma travesura ou outra. Ela e seu pai desfrutavam burlando-se um ao outro; quanto mais rara a tática, mais inventiva é sua reação. Ainda assim, devo dizer, ela sempre manejou as coisas com uma certa delicadeza e sutileza que só uma mulher Sacheron pode ter. A maior parte dos homens não teve nenhuma idéia do que havia acontecido... é... na falta de uma palavra melhor... *enganados*. Como seu pai, Jillian pode ser mesma imagem da propriedade enquanto planeja uma rebelião atrás de seu rosto recatado. Um de vocês deve cortejá-la e ganhá-la, porque os três são a última esperança de Gibraltar.

Impossível, Jillian considerou o caso silenciosamente com a convicção abalada. Seu pai não faria isso com ela... não é verdade? Enquanto ela negava, os longos, contemplativos olhares que seu pai lhe dirigira antes de viajar apareceram em sua mente. De repente, sua expressão algo culpada, seus abraços de último minuto, antes de ir, adquiriram outra perspectiva para Jillian. Por todos os Santos, tão facilmente como cruzava suas éguas, seu pai a tinha encerrado com chave nos estábulos com três ardentes garanhões e fora embora para sua visita.

Melhor dizendo, dios ardentes garanhões e um pagão frio, arrogante, impossível, emendou silenciosamente. Porque tão certo como o sol nascia e se punha, Grimm Roderick não se dignaria a tocá-la inclusive através das mãos de alguém. Os ombros de Jillian caíram.

Como ele lesse sua mente de algum modo, as palavras de Grimm Roderick flutuaram até ela e incitaram ainda mais a fúria estúpida que ela sofria em sua presença.

-Bem, não terão que se preocupar comigo, rapazes, porque eu não me casaria com essa mulher mesmo que fosse a última em toda Escócia. Por isso depende de vocês encontrar um marido para Jillian.

Jillian endureceu sua mandíbula e saiu pelo corredor antes que pudesse sucumbir a um louco impulso de jogar-se sobre a balastrada, zunindo como uma catapulta feminina de dentes e unhas.

CAPÍTULO 4

Castillo Maldebann.

As Highlands, sobre Tuluth.

-Milord, seu filho está perto.

Ronin McIlloch se levantou de um salto, seus olhos azuis ardendo.

-Está vindo para aqui? Agora?

-Não, milord. Perdoe-me, não quis alarmá-lo - corrigiu-se Gilles apressadamente - Ele está em Caithness.

-Caithness - repitiu Ronin. Trocou olhares com seus homens. Seus olhares refletiam preocupação, alarme, e inequívoca esperança - Tem alguma idéia de por que está lá? - perguntou Ronin.

-Não. O averiguamos?

-Despacha Elliott, ele se mistura bem com as pessoas. Discretamente, sabe - disse Ronin. Suavemente, acrescentou -: Meu filho está mais perto do que tem estado em anos.

-Sim, milord. Pensa que pode vir para casa?

Ronin McIlloch sorriu, mas o sorriso não alcançou seus olhos.

-O momento, no entanto, não é adequado para seu retorno. Portanto teremos trabalho para fazer. Envie com Elliott um jovem que desenhe. Quero retratos, com grandes detalhes.

-Sim, milord.

-E Gilles?

Gilles fez uma pausa na porta.

-Tem algo... mudado?

Gilles suspirou e agitou sua cabeça.

-Ele ainda chama a si mesmo de Grimm. E como nossos homens puderam descobrir, nunca se preocupou em perguntar se por caso milord está vivo. Nem tentou nem uma vez voltar a Maldebann.

Ronin inclinou sua cabeça.
-Obrigado. Isso é tudo, Gilles.

Jillian encontrou Kaley descascando batatas na cozinha. Kaley Twillow era uma mulher maternal em seus tardios trinta anos; seu corpo curvilíneo guardava um coração igualmente espasoso. Originalmente da Inglaterra, havia chegado a Caithness por referência de um dos amigos de Gibraltar, quando seu marido morreria. Criada, ajudante de cozinheira, confidente, mãe; Kaley fazia de tudo. Jillian se encostou no espaldar da cadeira, e disse sem preâmbulos:

-Kaley, tem uma coisa que tenho estado me perguntando.

-E o que poderia ser, querida? - perguntou Kaley com um sorriso terno. Ela pôs sua travessa de lado - Como regra, tuas perguntas são bastante peculiares, mas sempre interessantes.

Jillian puxou sua cadeira para mais perto de onde Kaley estava de pé, para que os outros servos, na ocupada cozinha, no ouvissem casualmente.

-Que significa quando um homem '*vem por uma mulher*'? - ela susurrou conspiradoramente.

Kaley pestanejou rapidamente.

-Vem? - ela fez eco.

-Vir - afirmou Jillian.

Kaley recuperou sua travessa, gesticulando como uma faca pequena.

-Em que exato contexto ouviu o uso dessa frase? - perguntou ela tensamente - Foi em referência a você? Foi um dos guardas? Quem era o homem?

Jillian encolheu os ombros.

-Ouvi por acaso um homem contar que lhe haviam dito que '*viesse por Jillian*' e ele planejava simplesmente fazer isso, ao pé da letra. Não entendo. Ele já o fez vindo aqui.

Kaley pensou um momento, então riu com graça, relaxando-se visivelmente.

-Não teria sido o poderoso e dourado Quinn, não é verdade, Jillian?

O rubor de Jillian foi suficiente resposta para Kaley.

Ela serenamente retomou seu afazer na tábua de cortar.

-Significa, querida menina - Kaley inclinou sua cabeça para perto de Jillian - que ele planeja ir para a cama contigo.

-Oh! - Jillian retrocedeu, seus olhos abertos e redondos como pratos - Obrigada, Kaley - se desculpou asperamente.

Os olhos de Kaley brilharam quando Jillian fez uma retirada apressada da cozinha.

-Um bom homem. Menina afortunada.

Enquanto corria até seu quarto, Jillian fervia de fúria. Mesmo que pudesse apreciar o desejo de seus pais de vê-la casada, era sua falta tanto como a deles que ela não estivesse pronta já. Não começaram a animá-la neste sentido até o ano anterior, e pouco depois disso, haviam disparado um tropel de candidatos sem prévio aviso.

Um por um, Jillian os desencorajava, convencendo-os de que eram impróprios, que não era para ser considerada em um sentido carnal, mundano, e sim como uma mulher que se satisfaria melhor no claustro que na cama de matrimônio. Uma declaração de tais intenções tinha refrescado o ardor de alguns de seus pretendentes.

Se a fria cortesia e a reserva frígida falhavam, ela indicava uma disposição familiar para a loucura que fazia os homens correrem. Tivera que fazer isso só numa ocasião; ao que parece seu ato devoto era bastante convincente. E por que não deveria ser, refletiu. Nunca tinha feito algo particularmente atrevido ou impróprio em sua vida inteira: adquirira uma reputação como pessoa verdadeiramente boa.

-Jaz - ela informou para sua sombra na parede - Que gravem isso em minha lápide: '*Era uma pessoa verdadeiramente boa, mas agora está morta*' - Ainda que seus esforços por dissuadir seus pretendentes houvesse tido êxito, ao que parece não havia detido seus pais de fazer planos para casá-la de todas as maneiras; convocaram três pretendentes a Caithness e a abandonaram a seus próprios fins. Horrível o resultado, porque Jillian sabia que esses homens não eram do tipo para ser desprezados com umas palavras frias e uma conduta recatada. Nem aceitariam, provavelmente, suas encenações de loucura herdada. Esses homens eram muito seguros, muito atrevidos... oh, pelos campos do inferno, pensou, desenterrando outra maldição de sua infância, eram muito masculinos para a paz mental de qualquer mulher. E se não tivesse cuidado, esses três homens podiam ser a causa do resgate de todos os epítetos de sua infância, que havia aprendido enquanto saltitava pelos campos com Quinn e Grimm.

Jillian estava acostumada aos homens mansos, modestos, homens castrados por suas próprias inseguranças, não fanfarrões sentimentais que pensavam que "inseguro" significava uma fortaleza instável ou uma madeira débil em um cimento.

Dos três homens que invadiam sua casa atualmente, o único que podia esperar persuadir para considerar sua condição com simpatia era Quinn, e isso estava longe de ser uma certeza. O rapaz que ela havia conhecido há anos era bastante diferente do homem formidável que era agora. Inclusive nos remotos limites de Caithness, tinha ouvido falar de sua reputação ao longo da Escócia como conquistador implacável, no comércio e com as mulheres. Em consequência, se a interpretação de Kaley era confiável e Quinn houvesse dado mesmo uma indireta sobre levá-la para cama, sua proteção juvenil teria se transformado em possessividade varonil.

Logo depois estava o intrépido Ramsay Logan. Nada poderia convencê-la de que Ramsay, vestido de negro, não era perigoso. Ele exalava perigo em cada poro.

Grimm Roderick era outra questão. Ele não lutaria certamente por sua mão, mas sua simples presença era bastante mau. Era uma recordação constante dos dias mais dolorosos e humilhantes de sua vida.

Três bárbaros que haviam sido selecionados pela mão de seu próprio pai, para seduzi-la e casar-se com ela, observavam sua casa.

Que iria fazer? Mesmo que a atraísse imensamente a idéia, fugir não teria muito sentido. Eles só vieram por ela, e duvidava poder chegar às casas de alguns de seus irmãos antes que os homens de Hatchard a pegassem.

Além do mais, refletiu, não deixaria sua casa só para ficar longe deles.

Como os seus pais puderam fazer isso? Pior, como poderiam regressar, depois do que fizeram? Não somente estavam os homens que a vira sem uma peça de roupa, mas esses mesmos homens estavam planejando obviamente deitá-la em suas camas, o que seus pais haviam permitido sem solicitar sua opinião, leiloaram sua virginidade. Jillian pressionou seus punhos nos joelhos, deixou pender para trás sua cabeça, e decidiu que as coisas não podiam estar pior.

Não foi fácil para Jillian esconder-se todo o dia em seu quarto. Ela não era do tipo que fugia. Nem, com certeza, era do tipo tolo, e sabia que devia ter um plano antes de sujeitar-se aos perigos do esquema nefasto de seus pais. Quando a tarde se foi e ela ainda não tinha tido nem um golpe de inspiração, a sua irritação aumentou. Odiava enjaular-se em seu quarto. Queria bancar a virgem, queria dar pontapés na primeira pessoa que visse, queria visitar Zeke, queria comer.

Pensara que alguém apareceria na hora do almoço, estivera certa que a fiel Kaley iria averiguar o que tinha acontecido a ela já que não aparecera, mas as criadas não apareceram para limpar seu quarto, nem para acender ao fogo sequer. Enquanto as horas solitárias passavam, a ira de Jillian aumentava. Enquanto mais enfadada ficava, menos objetivamente contemplava sua condição, concluindo por fim que simplesmente ignoraria aos três homens e levaria sua vida como se nada estivesse indo mal.

A comida era agora sua prioridade. Estremecendo-se no gelado ar da tarde, pôs uma brilhante mas volumosa capa e apertou o gorro ao redor de seu rosto. Quem sabe se ao encontrar com alguns desses brutos no corredor, a combinação de escuridão e roupas pesadas que a cobria lhe concederiam o anonimato. Não enganaria a Grimm provavelmente, mas os outros dois não a viram vestida.

Jillian fechou a porta silenciosamente e deslizou pela galeria. Optou pela escada dos criados e cuidadosamente escolheu passar sob a luz tênue nos tortuosos degraus. Caithness era grande, mas Jillian tinha brincado em cada rincão e greta e conhecia bem o castelo; nove portas abaixo e a esquerda estava a cozinha, passando pela despensa. Adiantou-se pelo longo corredor. Iluminado com flutuantes lâmpadas de azeite, parecia abandonado, e silencioso. Onde estavam todos?

Quando avançou, uma voz surgiu, fora da escuridão e atrás dela.

-Perdão moça, mas poderia dizer-me onde está a despensa? Não temos whisky suficiente e não há uma criada que...

Jillian gelou na metade do passo, momentaneamente perdeu o equilíbrio. Como poderia desaparecer todas as criadas e justo esse homem aparecer no mesmo momento que ela decidia sair furtivamente de seu quarto?

-Te pedi que fosse embora, Grimm Roderick. Que está fazendo ainda aqui? - disse ela friamente.

-É você, Jillian? - Ele foi para mais perto e surgiu através das sombras.

-Há tantas mulheres exigindo coisas de você desde que abandonou Caithness que está sofrendo alguma confusão sobre minha identidade? - perguntou ela docemente e emergiu suas mãos trêmulas das pregas de sua capa.

-Não te reconheci debaixo deste capuz até que te ouvi falar, e sobre as mulheres, sabe o que as mulheres daqui sentem por mim. Suponho que nada mudou.

Jillian quase engasgou. Era tão arrogante como sempre. Ela empurrou seu capuz para trás, irritada. As mulheres haviam desfalecido por ele quando se criara ali, atraídas por seu ar misterioso, seus olhares perigosos, seu corpo musculoso, e a indiferença absoluta. As criadas se atiravam a seus pés, as visitantes lhe ofereciam jóias e estadia. Estava ardendo só de olhá-lo.

-Bem, é mais velho - argumentou ela - E sabe que quando um homem envelhece sua boa aparência pode sofrer.

A boca de Grimm se elevou um pouco nos cantos quando caminhou para debaixo da luz flutuante de uma tocha na parede. As linhas diminutas dos cantos de seus olhos eram mais brancas que seu rosto moreno de Highlander. Em todo caso, o deixava mais bonito.

-Também é mais velha - Ela o estudou através dos olhos entrecerrados.

-Não é elegante repreender uma mulher com sua idade. Não sou uma solteirona.

-Não disse que era - disse ele rápido - Os anos te fizeram uma mulher encantadora.

-E? - exigiu Jillian.

-E o quê?

-Bem, prossiga. Não me deixe congelando e esperando pelas coisa horríveis que vai dizer. Simplesmente diga e termine logo com isso.

-Que coisa horrível?

-Grimm Roderick, nunca me disse uma só coisa boa em toda minha vida. Por isso não comece a mentir agora.

A boca de Grimm se torceu, e Jillian compreendeu que ele, todavia, odiava sorrir. Lutava contra isso, lhe doía, e raramente dava um descanso nos confins de seu autodomínio eterno. Era uma lástima, porque ele ficava ainda mais lindo quando sorria, se isso fosse possível.

Ele se moveu mais para perto.

-Pare aí mesmo!

Grimm ignorou sua ordem e continuou se aproximando.

-Disse que parasse.

-O que há, Jillian? - Sua voz era vaga e divertida. Ele ergueu sua cabeça num ângulo preguiçoso e cruzou os braços sobre o peito.

-Porque eu... - Ela reconheceu tardiamente que não havia muito que pudesse fazer para impedi-lo de ir a qualquer parte que desejasse ir, de qualquer maneira ele desejara estar ali. Era o dobro de seu tamanho, e ela nunca seria páreo para ele. A única arma que tinha contra ele era sua língua afiada, afiada como o fio de uma navalha, que o enfrentava com anos de prática defensiva contra esse homem.

Ele encolheu os ombros com impaciência.

-Diga-me, moça, o que fará?

Jillian não respondeu, magnetizada pela interseção de seus braços, pela pele com músculos dourados que se encurvavam ante seu menor movimento. Ela teve uma visão súbita de seu corpo duro estirado em toda sua longitude, seus lábios encurvados, não com a condescendência exasperante de costume, mas com paixão.

Ele se aproximou mais, até que esteve a poucos passos dela. Ela engoliu em seco e entrelaçou suas mãos dentro da sua capa.

Ele baixou sua cabeça até a dela.

Jillian não podia mover-se mesmo que as paredes de pedra do corredor tivessem começado a desmoronar ao redor dela. Se o chão houvesse faltado debaixo dos seus pés, ela estaria suspensa pelas nuvens sonhadoras de suas fantasias. Magnetizada, olhou firmemente seus olhos brilhantes, fascinada pelas sedosas pestanas escuras, a pele lisa de seu rosto, o nariz aquilino, arrogante, os lábios encurvados sensualmente, a sombra de sua barba.

Ele se apoiou mais perto, sua respiração batendo em suas bochechas. Ia beijá-la? Poderia ser que Grimm Roderick pudesse beijá-la realmente? Ele teria respondido de verdade à citação de seu pai para vir por ela? Seus joelhos ficaram bambos. Ele aclarou sua garganta, e ela esperou com antecipação. O que ele lhe diria? Pediria permissão?

-Então onde, milady, disse que estava a despensa? - Seus lábios acariciaram sua orelha - Creio que esta conversa ridícula começou com a minha observação de que nós ficamos sem whisky e não há uma só criada. Whisky, menina - ele repetiu estranhamente em uma voz áspera - Nós homens necessitamos de uma bebida. Dez minutos se passaram e não estou mais perto de encontrá-lo.

Beijá-la, como não. Jillian o olhou com irritação.

-Uma coisa não mudou, Grimm Roderick, e não se esqueça nunca disso. Eu te odeio.

Jillian o empurrou para passar e se retirou uma vez mais para a segurança de seu quarto.

CAPÍTULO 5

No momento em que Jillian abriu seus olhos na manhã seguinte, sentiu pânico. Será que ele foi embora por causa do seu comportamento odioso?

Se supõe que deveria ir, recordou severamente. Ela queria que ele se fosse. Não era verdade? Sua fronte se enrugou quando ponderou sobre a dualidade ilógica de seus sentimentos. Tanto quanto podia recordar, sempre sofrera essa vacilação no que a Grimm concernia: odiando-o um momento, adorando-o no seguinte, mas sempre querendo-o perto. Se ele não tivesse sido tão duro com ela, o teria adorado de forma constante, mas ele havia deixado bem claro que sua adoração era a última coisa que desejava. E isso obviamente não mudara. Desde o primeiro momento que vira Grimm Roderick, se sentira desesperadamente atraída por ele. Mas depois de ser afastada por anos, ignorada, e finalmente abandonada, deixara de lado suas fantasias juvenis.

Ou não? Quem sabe esse era precisamente seu medo: agora que ele tinha regressado, cometeria os mesmos erros de novo e se comportaria como uma adolescente tonta pelo guerreiro magnífico em que ele se transformara.

Vistendo-se rapidamente, calçou suas sapatilhas e se apressou até o Gran Hall. Quando entrou no salão, se deteve abruptamente.

-Oh, caramba - murmurou. De algum modo havia conseguido esquecer-se que havia três homens em sua casa, consumida como estava com pensamentos sobre Grimm. Eles permaneciam perto do fogo, enquanto várias criadas deixavam dezenas de jarros e pratos sobre a mesa macissa centrada no Gran Hall. No dia anterior, escondida atrás da balustrada, Jillian se espantara com a altura dos três homens. Agora, permanecendo só alguns passos deles, se sentia como um arbusto anão num bosque de carvalhos poderosos. Cada homem era pelo ao menos uns dez centímetros mais alto que ela. Estavam intimidando francamente uma mulher que não se intimidava facilmente. Seu olhar se dirigiu ao homem seguinte.

Ramsay Logan estava a um passo de provocar medo. Quinn era muito mais que o filho de um chefe das Lowlands, era um *laird* poderoso por direito próprio. E Grimm era o único homem que não a olhava; estava de pé observando intensamente o fogo. Ela aproveitou sua distração e estudou seu perfil com olhos ávidos.

-Jillian - Quinn avançou para saudá-la.

Ela se obrigou a arrastar seu olhar para longe de Grimm e concentrar-se no que Quinn estava dizendo.

-Te dou boas-vindas, Quinn - Ela colocou um sorriso em seus lábios.

-É tão bom vê-la de novo - Quinn tomou suas mãos nas dele e sorriu - Se passaram anos e... oh, mas os anos foram generosos contigo. Está impressionante!

Jillian se ruborizou e lançou um olhar para Grimm, que não estava prestando atenção na conversa. Ela teve o impulso de dar-lhe um pontapé e fazê-lo notar que alguém pensava que ela era encantadora.

-Você mudou, Quinn - disse ela radiante - Não me admira ter ouvido que seu nome era unido com uma bonita mulher depois da outra.

-Sinceramente, onde ouviu isso, menina? - perguntou Quinn suavemente.

-Caithness não é exatamente o extremo da terra, Quinn. Temos visitantes ocasionais aqui.

-E lhes perguntou por mim? - Quinn sondou, interessado.

Atrás dele, Ramsay aclarou sua garganta com impaciência.

Jillian dirigiu furtivamente outro olhar para Grimm.

-Mas é claro que sim. Papai gosta sempre de ouvir falar dos rapazes que o serviram como pajem e que ele criou - agregou ela.

-Bem, ainda que não tenha me criado aqui, teu pai me pediu que viesse. E isso deve contar para algo - retrucou Ramsay e tentou empurrar Quinn para o lado - E se este nécio recordar seus modos, quem sabe poderia apresentar-me à mulher mais adorável de toda Escócia.

Jillian pensou ter ouvido Grimm fazer um som exasperado. Seu olhar voltou em sua direção, mas ele não mexeu um só músculo e parecia ter esquecido da conversa e de onde estava.

Quinn respirou com ruído

-Não é que não estou de acordo com o seu valor, Jillian, mas tenha cuidado com esta língua de Highlander. Ele tem uma reputação nada séria com as mulheres - Relutantemente se voltou para Ramsay - Jillian, gostaria de apresentá-la a...

-Ramsay Logan- interrompeu Ramsay adiantando-se - O maior dono de terras das Highlands e...

-Que besteira - replicou Quinn - Os Logan escassamente têm uma ninharia de m...- ele se interrompeu e clareou a garganta- ... de terras.

Ramsay o empurrou para o lado e ficou em seu lugar.

-Deixe-a, de Moncreiffe, ela não está interessada em um fazendeiro.

-Eu sou uma fazendeira - recordou Jillian.

-Somente por nascimento, não por opção, e o matrimônio poderia corrigir isso - Ramsay se moveu para mais perto Jillian, tanto que ela poderia pisar-lhe nos pés.

-Os fazendeiros Lowlanders são a parte civilizada dos escoceses, Logan. E deixa de acozá-la, senão a fará retroceder diretamente para o vestibulo.

Jillian sorriu agradecida a Quinn, então se voltou finalmente quando Grimm a olhou de lado.

-Jillian - disse secamente e cabeceou em sua direção antes de voltar-se para o fogo.

Como podia afetá-la tão intensamente? Tudo o que o homem tinha que fazer era dizer seu nome, uma palavra, e Jillian era incapaz de formar uma frase coerente. E tinha tantas perguntas que queria fazer-lhe: anos e anos de por quês: *Por que me deixou? Por que me odiou? Por que não podia adorar-me como eu te adorava?*

-Por quê? - exclamou Jillian antes de saber sequer que tinha aberto a boca.

Ramsay e Quinn a olharam fixamente, confusos, mas ela só tinha olhos para Grimm.

Ela caminhou até o fogo e atçou Grimm no ombro.

-Por quê? Me diga simplesmente isso? De uma vez por todas, por quê?

-Por quê o que, Jillian? - Grimm não se voltou.

Ela o atçou mais duramente.

-Sabe *'por quê o que'*.

Grimm a olhou relutantemente por cima de seu ombro.

-Realmente, Jillian, não tenho a menor idéia sobre o que demônios está falando - os olhos azuis gelo se encontraram com os seus, e por um momento ela pensou haver vislumbrado um óbvio desafio neles. A surpreendeu em todos os sentidos.

-Não é ridículo, Grimm. É uma pergunta simples. Por que vieram os três a Caithness? - Jillian salvou o resto do seu orgulho rapidamente. Eles não sabiam que ouvira, por casualidade, o desprezível plano de seu pai, e descobriria agora se algum deles seria honesto a respeito.

Os olhos de Grimm flutuaram extranhamente; em outro homem Jillian poderia chamar de desilusão, mas não nos deles. Ele a examinou da cabeça aos pés, notando as sapatilhas em suas mãos. Quando olhou os desnudos dedos dos pés, ela os ocultou sob seu vestido e se sentiu extranhamente vulnerável, como se tivesse de novo seis anos.

-Ponha suas sapatilhas, querida. Acabará se resfriando - Jillian o olhou firme.

Quinn se moveu para seu lado e ofereceu seu braço para que ela se apoiasse enquanto punha as sapatilhas.

-Ele tem razão. As pedras estão frias, bela. Sobre a outra questão, teu pai nos convocou para cuidar de Caithness em sua ausência, Jillian.

-Realmente? - disse Jillian docemente e acrescentou *"mentiroso"* na lista de nomes sujos que estava chamando aos homens no refúgio de seus pensamentos. Meteu um pé em uma sapatilha, depois na outra. Duvidou que Grimm se preocupasse se ela moresse de frio. *Ponha suas sapatilhas*, pediu, como se ela fosse uma criança desobediente que não poderia completar essa simples tarefa por si mesma - Há algum problema iminente nestas partes das Lowlands?

-É melhor estar seguro que lamentar, querida - Ramsay falou o óbvio com seu sorriso mai encantador.

Haja paciência,, ela pensou enfadada. Certamente não era isso, estar rodeada de guerreiros que se inflamavam simplesmente com o perfume de uma mulher.

-Teu pai não desejava que houvesse qualquer oportunidade para ter problemas em Caithness em sua ausência, e vendo-te agora, minha linda, entendo sua preocupação - disse Ramsay manhosamente - Eu selecionaria só o melhor para proteger-te também.

-Eu sou toda a proteção que ela necessita, Logan - disse Quinn secamente. Ele a tomou pela mão e a levou para a mesa - Traga o desjejum para a senhora - ordenou a uma criada.

-Proteção de quê? - perguntou Jillian.

-De si mesma, provavelmente - a voz de Grimm era baixa mas ainda assim se ouvia claramente na galeria de pedra.

-Que disse? - Jillian se voltou em seu assento. Qualquer desculpa para uma discussão com ele era bem-vinda.

-Disse proteger-te de si mesma, sua atrevida - Grimm encontrou seu olhar com uma acalorada expressão de repreensão - Está caminhando sempre para o perigo. Como quando se perdeu com os ciganos. Não pudemos te encontrar durante dois dias.

Quinn riu.

-Pela lança de Odín, tinha esquecido disso. Estivemos quase enlouquecidos de preocupação. Finalmente te encontramos ao norte de Dunrieffe.

-Eu a teria encontrado antes se não houvesse insistido que ela fora para o sul, Quinn. Te disse que eles tinha ido até o norte - lhe recordou Grimm.

Quinn lançou um olhar indireto para Grimm.

-Será possível homem, que ainda insista nisso? Ela foi encontrada, e isso é tudo o que importa.

-Eu não estava perdida para começar - os informou Jillian - Sabia exatamente onde estava.

Os homens riram.

-E não estava sempre em perigo. Simplesmente quis sentir a liberdade dos ciganos. Já era bastante grande.

-Tinha treze anos! - espetou Grimm.

-Estava totalmente segura!

-Estava portando-se mal como de costume - a provocou Quinn.

-Jillian nunca se porta mal - murmurou Kaley ao entrar no salão e ouvir a última frase da conversa. Pôs uma fumegante bandeja com salchichas e batatas diante de Jillian.

-Uma vergonha, essa é a verdade - retrucou Ramsay.

-E a vez em que ela caiu toda atrapalhada na pocilga? Recorda isso, Grimm? - Quinn riu, e Grimm não pôde evitar um sorriso - Lembra como... ela vinha... fugindo, correndo pelo caminho e tentando espantar a leitoa enfurecida? - Quinn riu entre tosidas - Juro que Jillian estava gritando mais ruidosamente que a porca.

Jillian se levantou de um salto.

-Realmente é suficiente. E deixe de sorrir, Kaley.

-Havia esquecido disso, Jillian - Kaley riu entre dentes - Era uma sapeca...

Jillian fez uma careta.

-Já não sou uma criança. Tenho vinte e um anos.

-E por que ainda não se casou, menina? - Ramsay perguntou em voz alta.

O silêncio desceu sobre todos, incluindo as várias serventas curiosas, e todos enfocaram Jillian. Ela se pôs tensa, a mortificação deixandando suas faces com um rubor rosa. Por todos os Santos, esses homens não se detinham ante nada. Nenhum de seus pretendentes passados haviam se atrevido a fazer semelhante ataque direto, mas esses homens, recordou severamente, não eram como nenhum dos homens que alguma vez tivesse conhecido. Inclusive Grimm e Quinn eram variáveis desconhecidas; se transformaram em perigos imprevisíveis.

-Bem, por que não o fez ainda? - disse Quinn suavemente - É bonita, ingênua, inteligente. Onde estão todos os teus pretendentes, querida?

Onde, o que faço agora? Jillian meditou.

Grimm se voltou lentamente da contemplação do fogo.

-Sim, Jillian, diga-nos. Por que não se casou?

Os olhos de Jillian voltaram para os dele. Por um longo momento foi incapaz de livrar-se da armadilha de seu olhar e das emoções estranhas que incitavam nela. Com um imenso esforço, ela desviou seu olhar.

-Porque vou me retirar para o claustro. Papai não lhes disse? - disse ela alegremente - Por isso, provavelmente, que ele chamou todos vocês aqui, para escoltar-me com segurança até as Irmãs de Gethsemane neste outono - Ignorou o olhar de reprovação de Kaley e se deixou cair estudadamente em seu assento, atacando seu desjejum com deleite, recentemente descoberto. Os deixaria matutando isso. Se eles não admitiam a verdade, por que devia ela admitir?

-O claustro? - disse Quinn depois de um silêncio aturdido.

-O convento - esclareceu ela.

-Aquilo de casar-se com Cristo e nenhum outro? - gemeu Ramsay.

-Isso mesmo - confirmou Jillian no meio de uma mordida na salchicha.

Grimm não disse uma palavra quando deixou o Gran Hall.

Uma hora mais tarde, Jillian estava vagando pela muralha exterior, realmente distraída, certamente não perguntando-se onde poderia ter ido um homem específico, quando Kaley se agachou fora da entrada traseira do castelo no momento que ela passava.

-O claustro, verdade? Realmente, Jillian...- a repreendeu Kaley.

-Por todos os santos, Kaley, eles estavam contando histórias sobre mim!

-Histórias encantadoras.

-Histórias humilhantes - as bochechas de Jillian se coloriram.

-Histórias carinhosas. Verdadeiras histórias, não mentirinhas ultrajantes como você disse.

-Kaley, eles são homens - disse Jillian, como se isso explicasse tudo.

-Bons e poderosos homens, menina. Teu pai trouxe os melhores partidos para cá para que escolha um marido, e vai você e lhes diz que está destinada a um convento.

-Sabia que meu pai os trouxe aqui para isso?

Kaley vacilou.

-Como suspeitou?

Kaley parecia envergonhada.

-Eu estava escutando atrás da porta do solar quando você estava espiando sobre a balastrada. Realmente deve deixar de aparecer sem roupa diante da janela, Jillian - a repreendeu.

-Não fiz de propósito, Kaley - Jillian franziu os lábios e o cenho - Por um momento pensei que mamãe e papai te haviam dito, a pesar de não me terem dito nada.

-Não, querida. Não me disseram nada. Mas você pode lidar com isso de duas maneiras: pode ficar enfadada e rencorosa e estragar suas oportunidades, ou pode agradecer à Providência e a teu pai que te haja trazido o melhor do melhor, Jillian.

Jillian revirou seus olhos.

-Se esses homens são o melhor, então com toda certeza prefiro o claustro.

-Jillian, vamos, menina. Não lute contra o que é melhor para você. Escolha um homem e deixa de ser difícil.

-Não quero um homem - reclamou Jillian.

Kaley a mediu por um longo momento.

-O que você está fazendo perambulando aqui fora, de qualquer maneira?

-Desfrutando das flores - Jillian encolheu os ombros indiferentemente.

-Você não monta todas as manhãs, e depois, vai ao povoado?

-Não me sentia com ânimo esta manhã. É algum crime? - disse Jillian obstinadamente.

Os lábios de Kaley exibiram um sorriso.

-Falando de passeios à cavalo, creio que vi esse bonito Highlander Ramsay pelos estábulos.

-Bem. Espero que algum cavalo o pisoteie. Ainda mais que não estou certa de que haja um cavalo bastante alto. Quem sabe poderia cair no chão e fazer tudo ficar mais fácil.

Kaley examinou intensamente a expressão de Jillian.

-Quinn me disse que ia ao povoado para comprar um pouco do whisky de MacBean.

-Espero que se afogue nele - disse Jillian, e então olhou Kaley esperançosamente.

-Bem - pronunciou Kaley com lentidão - suponho que regressarei à cozinha. Há muita comida que cozinhar para estes homens - A voluptuosa criada deu-lhe as costas e foi andando em direção à cozinha.

-Kaley!

-Que? - Kaley pestanejou inocentemente por cima de seu ombro.

Os olhos de Jillian se estreitaram.

-A inocência não te assenta, Kaley.

-E o mal humor não te assenta, Jillian.

Jillian vacilou.

-Sinto muito. Então? - a animou.

Kaley agitou sua cabeça e riu entre dentes suavemente.

-Sei que efetivamente que não te importa, mas Grimm foi ao lago. Me pareceu que planejava dar um mergulho.

No momento em que Kaley se foi, Jillian deu uma olhada ao redor para assegurar-se de que ninguém estava observando, então tirou suas sapatilhas e correu até o lago.

Jillian se agachou atrás da pedra e o olhou.

Grimm se inclinou na beirada do lago e esfregou sua camisa com duas pedras lisas. Com um castelo cheio de criados e criadas para lavar roupas, costurá-las, a cada ordem sua, inclusive para arrumar camas e qualquer coisa que necessita-se, Grimm Roderick tinha ido ao lago, selecionado pedras, e agora lavava sua própria camisa.

Que orgulho. Que independência. Que... solidão.

Ela queria lavar a camisa para ele. Não, queria lavar o peito musculoso que o linho suave havia acariciado. Queria passar suas mãos sobre os músculos que se estiravam em seu abdomen e seguir esse sedoso caminho de pelos escuros que sumia por baixo do seu *kilt*. Queria ser bem vinda em seu refúgio solitário e soltar o homem que ele, estava convencida, havia condenado deliberadamente atrás de uma fachada de fria indiferença.

Com joelho na grama, sua perna dobrada por baixo, o homem esfregava a camisa suavemente. Jillian olhou os músculos de seus ombros encurvar-se. Ele era muito mais bonito do que qualquer homem tinha o direito de ser, com sua grande altura e seu corpo absolutamente condicionado, seu cabelo negro preso por uma correia de couro, seus olhos envolventes.

Te adoro, Grimm Roderick. Quantas vezes havia dito essas palavras nas câmaras privadas de sua cabeça? *Tenho te amado desde o dia em que te vi pela primeira vez. Estou esperando que me note desde então.* Jillian se deixou cair sobre o musgo detrás da rocha, cruzou seus braços e descansou a testa neles, olhando-o famintamente. Suas costas estavam douradas pelo sol,

e seus ombros largos se estreitavam até a cintura, onde seu *kilt* abraçava seus quadris. Ele passou uma mão pelo grosso cabelo escuro e o empurrou retirando-o de seu rosto, e Jillian expeliu um suspiro quando seus músculos ondearam.

Ele se voltou e a olhou diretamente. Jillian gelou. Condenado ouvido agudo! Sempre tinha os sentidos sobrenaturais. Como poderia ter esquecido?

-Vá embora, boba real - Ele voltou sua atenção para a camisa que estava lavando.

Jillian cerrou os olhos e deixou cair a cabeça em suas mãos, derrotada. Nunca poderia alcançar o ponto onde reuniria valor para tentar falar com ele, abrir-se. No momento em que começava a ter pensamentos ternos, o bastardo dizia algo remoto e repulsivo e desinflava as velas de sua resolução antes que pudesse alcançar a âncora. Ela suspirou mais ruidosamente e se encheu com uma dose generosa de auto comiseração.

Ele se voltou e a olhou de novo.

-Então? - exigiu.

Jillian levantou sua cabeça, irritada.

-Que quer dizer com "*então*"? Não disse nada.

-Está sentada suspirando aí atrás como se o mundo estivesse por acabar. Está fazendo tanto ruído que nem sequer posso lavar minha camisa em paz, e então tem a ousadia de ficar melindrada comigo quando eu inquiri educadamente acerca do que te aborrece.

-Inquire educadamente? – ela fez eco - Chama um grunhido e um completamente antipático "*então*" de uma pergunta cortês? Um "*então*" que significa "*como se atreve a invadir meu espaço com teus suspiros lastimosos*"? Um "*então*" que significa "*Poderia ir, por favor, morrer em algum outro lugar, boba real*"? Grimm Roderick, não sabe a mínima coisa sobre cortesia.

-Não há nenhuma necessidade de ficar maldizendo, boba real – disse ele ligeiramente.

-Não sou uma boba real.

Ele a olhou por cima dos ombros.

-Sim, o é. Sempre está incomodando alguém.

-Incomodando? - Jillian se levantou, saltou a pedra, e enfrentou Grimm – Eu te mostrarei o que é "*incomodar*". - Rápida como uma gata, pegou a camisa de suas mãos, retorceu o tecido, e a rasgou desde o centro. Achou o som do tecido que se rasgava perversamente satisfatório - Isto é o que realmente quero fazer. Isso é o que chama de invadir teu espaço? E por que está lavando tua própria estúpida camisa em primeiro lugar? - Ela o olhou furiosamente e balançou a gola de sua camisa para pontuar suas palavras.

Grimm se sentou sobre seus tornozelos, contemplando-a cautelosamente.

-Sente-se bem?

-Não, não estou sentindo-me bem. Não tenho estado sentindo-me bem toda manhã. E deixa de tentar mudar de assunto e voltá-lo para mim, como sempre faz. Responda minha pergunta. Por que está lavando tua própria camisa?

-Porque estava suja – respondeu ele com condescendência calculada.

Ela o ignorou com uma calma admirável.

-Há criadas para lavar...

-Não desejava incomodar...

-...as camisas dos homens que...

-...a nenhuma criada pedindo-lhe que lavasse...

-E eu teria lavado essa cosa porcaria para você de qualquer maneira!

A boca de Grimm se fechou de um golpe.

-Quero dizer, isso é... bem, eu o faria se... se todas as serventes estivessem mortas ou gravemente enfermas e não houvesse nada mais que pudesse... -ela encolheu os ombros - e fosse a única camisa que possuísse... e fizesse muito frio... e estivesse enfermo ou algo - Ela fechou a boca abruptamente, compreendendo que não tinha nenhuma maneira de sair da contenda verbal em que se havia se metido.

Grimm estava olhando-a fixamente, com fascinação.

Se levantou com um movimento elegante e veloz. Só alguns passos os separavam.

Jillian notou que devia inclinar sua cabeça para trás para olhá-lo, mas seu ressentimento foi substituído rapidamente por uma percepção aguda do homem. Estava magnetizada por sua proximidade, clavada pela intensa maneira que a observava. Ele tinha se aproximado mais? Ou ela que tinha se aproximado dele?

-Teria lavado minha camisa? - Seus olhos indagaram os dela intensamente.

Jillian o olhou em silêncio, sem confiar em sua própria voz. Se abrisse sua boca, só Deus sabia o que poderia dizer. *Beijame, enorme guerreiro bonito.*

Quando ele acariciou a tensa mandíbula feminina com a parte de trás de seus dedos, ela quase desmaiou. Sua pele ardia onde seus dedos haviam passado. Seus lábios estavam a um suspiro de distância dos seus, seus olhos estavam entrecerrados e insondáveis.

Ele queria beijá-la. Jillian estava certa disso.

Ela inclinou sua cabeça para receber seu beijo. Suas pálpebras fecharam, e se entregou totalmente a fantasia. A respiração de Grimm acariciou sua face, e ela esperou, com medo de mover um músculo.

-Bem, é muito tarde agora.

Os olhos de Jillian se abriram de um golpe.

Não, não é, quase disse. *Beija-me.*

-Para lavá-la, quero dizer – o olhar do homem se deixou cair sobre a camisa rota que ela ainda segurava – Além do mais – acrescentou - não necessito que nenhuma tonta boba real se preocupe com ninharias por minha cuasa. Pelo menos as criadas não rasgam minhas camisas, a menos que, suponho, tenham pressa de retirá-las do meu corpo, mas essa é uma discussão completamente diferente, e estou certo de que não está interessada em ter comigo...

-Grimm? - disse Jillian asperamente.

Ele olhava a superfície do lago.

-Hum?

-Te odeio.

-Eu sei, querida - disse ele suavemente – Já me disse ontem à noite. Parece que todas as nossas pequenas discussões acabam nessas palavras. Poderia ser um pouco mais criativa, está bem?

Ele não moveu um músculo quando os restos de sua camisa úmida o golpearam no rosto e Jillian foi embora.

Grimm chegou ao jantar usando um tartán limpo. Seu cabelo estava úmido, jogado para trás por causa do banho recente, e sua camisa rasgada no centro de sua costas. Os extremos soltos caíam sobre seu tartán, e podia se ver totalmente sua musculosa costas para incômodo de Jillian.

-O que aconteceu com a sua camisa, Grimm? - perguntou Quinn com curiosidade.

Grimm olhou fixamente através da mesa para Jillian.

Jillian levantou a cabeça e pensou em franzir o cenho, mas falhou. Ele estava olhando para ela com essa expressão estranha que ela não podia interpretar, essa que havia visto quando havia chegado primeiro e seguira dizendo seu nome, e engoliu as palavras enfadadas junto com um pedaço de pão que derrepente ficara incrivelmente seco. O rosto dele era inteiramente simétrico. Uma sombra de barba acentuava as linhas esbeltas de seu rosto e definia sua mandíbula arrogante. Seu cabelo úmido, preso por uma correia, brilhava como ébano na luz flutuante. Seus olhos azuis resplandeciam contra a tela de sua pele morena, e seus dentes brancos se destacavam quando falava. Seus lábios eram firmes, sensuais, e nesse momento encurvados em uma expressão brincalhona.

-Tive que correr de um esquilo felino - disse Grimm sustentando seu olhar.

-Bem, por que não muda de camisa? - perguntou Ramsay.

-Só trouxe esta - Grimm disse a Jillian.

-Trouxe só uma camisa? - Ramsay replicou incrédulamente -. Pela lança de Odín, Grimm, pode permitir-se o luxo de mil camisas. Está ficando avaro, não?

-Não é a camisa que faz o homem, Logan.

-Algo malditamente afortunado para você - Ramsay alisou as pregas do seu puro linho cuidadosamente – Você considerou que pode ser um reflexo disso?

-Estou certo que uma criada pode remendar para você - disse Quinn – Ou eu posso emprestar-lhe uma.

-Não me incomoda usá-la desta maneira. E quanto aos reflexos, quem os vê?

-Parece um vilão, Roderick - Ramsay sorriu com desprezo.

Jillian fez um som resignado.

-Eu a remendarei - murmurou ela, deixando o olhar cair em seu prato para não ter que ver suas expressões aturdidadas.

-Pode costurar, minha linda? - perguntou Ramsay duvidosamente.

-Mas é claro que posso costurar. Não sou um fracasso completo como mulher só porque sou velha e solteira - espicaçou Jillian.

-Mas por que não o fazem as criadas?

-Às vezes o fazem e às vezes não o fazem - respondeu Jillian misteriosamente.

-Está sentindo-se bem, Jillian? - perguntou Quinn.

-Oh, poderiam simplesmente calar-se?

CAPÍTULO 6

A enfurecia. Cada vez que vislumbra a linha de pontas desiguais que enrugavam o centro da camisa de Grimm, ela se sentia convertida num porco espinho irascível, parecido a um alfineteiro. Era tão humilhante como se ele houvesse costurado as palavras "*Jillian perdeu o controle e nunca vou permitir que esqueça disso*". Ela não podia crer que a havia rasgado, mas anos sofrendo os tormentos de Grimm desde pequena haviam testado seu controle, e simplesmente explodira.

Ele regressara a Caithness, era desesperadamente atraente, e todavia a tratava exatamente igual quando era uma criança. Que teria que fazer para ver que já não o era? *Bem, deixar de atuar como uma, para começar*, riu de si mesma. Desde o momento em que remendara sua camisa ternamente, havia estado desejando pegá-lo desprevenido, mudar-lhe a recordação perniciosamente e alegremente queimá-la. Fazendo-o, no entanto, havia reforçado sua impressão de que tinha uma propensão para as ações bobas; nesta mudança tinha procurado três camisas do linho mais fino, completamente cosidas, e falara com as criadas que as pusessem em seu quarto. Será que ele as usava?

Nenhuma delas.

Cada dia que amanhecia, ele colocava a mesma camisa com o remendo ridículo nas costas. Ela queria perguntar por que não usava alguma das novas, mas isso seria tão mau quanto admitir que sua tática de fazê-la se sentir boba e culpada estava funcionando. Morreria antes de trair outra gama de emoção diante desse homem insensível que estava sabotando seus modos impecáveis.

Jillian afastou seus olhos da escuridão, do homem sedutor que caminhava na muralha, levando uma camisa mal remendada, e se obrigou a respirar profundamente, para se tranquilizar. *Jillian Alanna Roderick*; ela provou o nome entre dentes, exalou com um pequen suspiro a respiração. As sílabas deram voltas eufóricas na sua mente. *Eu somente desejo...*

-Então esse é o claustro para você, hem?

Jillian se emperdigou. O retumbar gutural de Ramsay Logan não era o que necessitava ouvir nesse momento.

-Um-hmm- balbuciou ela na direção da janela.

-Não durará uma quinzena – disse ele seriamente.

-Como se atreve? - Jillian se voltou para enfrentá-lo - Não sabe nada de mim!

Ramsay sorriu nitidamente.

Jillian se calou quando recordou que ele a vira nua na janela no dia que havia chegado.

-Quero que saiba que sinto o chamado.

-Estou certo de que é assim, moça - ronronou Ramsay - Só que penso que suas orelhas estão tapadas e estás ouvindo mal. Uma mulher gosta do chamado de um homem de carne e osso, não de um Deus que nunca a fará sentir a alegria de ser mulher.

-Há coisas melhores na vida do que ser a égua reprodutora de um homem, Logan.

-Nenhum mulher minha seria uma égua reprodutora. Não me entenda mal: eu não desmereço a quem se entrega a Igreja e a Cristo, mas simplesmente não te vejo tentada por semelhante sonho. É muito apaixonada.

-Sou tranqüila e composta - insistiu ela.

-Não perto de Grimm - disse Ramsay significativamente.

-Isso porque ele me irrita - devolveu Jillian.

Ramsay ergueu uma sobrancelha e sorriu abertamente.

-O que te parece tão engraçado, Logan?

-*'Irrita'* é uma palavra interessante para ele. Mas não é a que eu teria escolhido. Mas bem, vejamos... *'Excita'*? *'Deleita'*? Teus olhos queimam como âmbar na luz do sol quando ele entra em algum recinto.

-Bem - Jillian retrocedeu da janela - Agora que já debatemos nossa opção de verbos apropriados, e você selecionou todos os errados, obviamente não sabe nada de mulheres, assim pode continuar adiante com teu dia. Vá...vá - Ela sinalizou com a mão para ele ir embora.

A careta de Ramsay aumentou.

-Não te intimido nem um pouco, não é verdade, moça?

-Fora sua atitude dominante, e o fato de que usa tua grande altura e compleição para fazer uma mulher sentir-se encurralada, suspeito que é mais um galinho do que um touro - murmurou ela.

-A maioria das mulheres gosta do meu *touro* -. Ele se acercou mais. Jillian disparou um olhar sobre seu ombro.

-Eu não sou a maioria das mulheres. E não pise nos meus pés, Logan, há bastante espaço nesta sala. Pode regressar à sua casa, à terra dos poderosos Logan, onde os homens são homens e as mulheres os pertencem. Não sou o tipo de mulher que está acostumado a tratar.

Ramsay riu.

Jillian se voltou lentamente, sua mandíbula tensa.

-Você gostaria um pouco de ajuda com Roderick? – Ele olhou por cima de seu ombro, para fora da janela.

-Creio que como estabelecemos que não é um assassino à sangue frio, me seria inútil.

-Creio que necessita de ajuda. Esse homem pode ser denso como o mar.

Quando a porta do Gran Hall se abriu um momento escasso depois, Ramsay se moveu tão rapidamente que Jillian não teve tempo para protestar. Seu beijo suave, que havia começado como sendo deliberado e rápido, se prolongou. A levantou nas pontas de seus pés e a deixou estranhamente ofegante quando a soltou.

Jillian o olhou aturdida. A verdade fosse dita, havia tido alguma experiência com beijos, mas a haviam deixado desarmada para o beijo hábil de um homem maduro e amante experiente. Ela pestanejou.

O golpe da porta fez com que as madeiras se estremecessem, e Jillian entendeu.

-Era Grimm? - suspirou.

Ramsay assentiu e sorriu abertamente. Quando começou a baixar sua cabeça de novo, Jillian tapou com a mão a boca, rapidamente.

-Vamos, querida – ele a instou, tomando sua mão na dele – Conceda-me um beijo para agradecer-me por demonstrar a Grimm que se ele é muito idiota para não te reclamar, alguém mais quer.

-De onde tirou a idéia de que me importa com o que esse homem pensa? - Ela se enervou - A ele certamente não importa se me beija.

-Está se recuperando do meu beijo muito rápido para meu gosto, menina. E quanto a Grimm, te vi olhá-lo através dessa janela. Se não te fala ao coração...

-Ele não tem nenhum coração para falar.

-Pelo que vi na corte, apostaria que é verdade, mas nunca o saberá com toda segurança até que tente - continuou Ramsay – E quanto mais rápido tentar, mais rápido falhará, e conseguirei que possa começar a me olhar com mais amabilidade.

-Obrigada por teu conselho tão inteligente, Logan. Posso ver por teu próprio estado de homem feliz, casado, que deve saber muito sobre o que está falando no que concerne aos relacionamentos.

-A única razão pela qual não estou felizmente casado é porque estou esperando por uma mulher de bom coração. Veja que isso é um artigo raro.

-Se requer um homem de bom coração para atrair uma mulher igual, e provavelmente tem estado buscando nos lugares equivocados. Não encontrará o coração de uma mulher entre suas...- Jillian se interrompeu abruptamente, mortificada pelo que quase havia dito.

Ramsay rugiu numa risada.

-Diga-me se eu poderei te fazer esquecer de Grimm Roderick, e te mostrarei um homem de bom coração. Te trataria como uma rainha. Roderick não te merece.

Jillian suspirou mal humoradamente.

-Ele não me quer. E se ousar dizer a ele uma palavra sequer sobre o que pensa que eu sinto, te asseguro que encontrarei uma maneira de te fazer sofrer miseravelmente.

-Só não rasgue minhas camisas - Ramsay levantou as mãos num gesto de derrota – Vou para o povoado, minha querida - Ele se inclinou e rapidamente saiu pela porta.

Jillian franziu o cenho para a porta fechada por um longo momento, depois que o cavaleiro tinha ido. Por todos os Santos, esses homens a estavam fazendo se sentir como se de novo tivesse treze anos, e seus treze anos não tinha sido bom. Um ano horrível, se pensasse nele. O ano em que ela vira Grimm nos estábulos com uma criada, e depois permanecera de pé tristemente em seu quarto olhando seu próprio corpo. Os seus treze havia sido uma idade miserável de dualidade impossível, de sentimentos femininos no corpo de uma menina. Agora estava exibindo sentimentos infantis no corpo de uma mulher. Conseguiria ela alguma vez manter o equilíbrio ao redor desse homem?

Caithness. Uma vez Grimm tinha considerado esse nome o intercâmbio com o *paraíso*. Quando chegara pela primeira vez à Caithness na idade de dezesseis anos, vira a menina dourada que o tinha "*adotado*" e lhe faltara somente as asas transparentes para completar a ilusão de que podia oferecer-lhe absolvição angélica. Caithness tinha sido um lugar de paz e alegria, mas a alegria havia sido corrompida por um poço sem fundo de desejo por coisas que ele sabia, nunca poderiam ser suas. Ainda que Gibraltar e Elizabeth tivessem aberto sua porta e seus corações para ele, houvera uma barreira invisível que tinha sido incapaz de vencer.

Jantando no Gran Hall, escutara como os St. Clair, seus cinco filhos, e sua única filha tinham falado entre si brincando e rindo. Tomavam com tal deleite óbvio, cada passo ao longo do caminho da vida, saboreando cada fase do crescimento de seus filhos... Grimm tinha sido agudamente consciente do fato de que Caithness não era sua casa, e sim de outra família, e ele estava ali meramente protegido por sua generosidade, não por direito de nascimento.

Grimm expeliu um suspiro de frustração. Por que, queria gritar e agitar suas mãos para o céu. Por que tinha que ser Ramsay? Ramsay Logan era um mulherengo incorrigível e sem a ternura e a sinceridade que uma mulher como Jillian necessitava. Conhecera Ramsay na corte, há anos, e havia sido testemunha de mais de um coração machucado e abandonado pelo encanto selvagem do Highlander.

Por que Ramsay? E nos meandros desse pensamento um grito silencioso: *Por que não eu?* Mas ele sabia que nunca poderia ser. *Nós não podemos evitar, filho... nós nascemos desta maneira.* Assassinos insensatos e o pior, ele era um completo *Berserker*. Inclusive sem convocar um *Berserker*, seu pai havia matado a sua própria esposa. O que poderia a loucura herdada da sua família, junto ao fato de ser um *Berserker*, ser capaz de forçá-lo a fazer? A única coisa que sabia com alguma certeza era que nunca quereria testar.

Grimm enterrou ambas as mãos em seu cabelo e parou de caminhar. Passou os dedos através deles, soltou a correia e se tranquilizou ao sentir seu cabelo limpo, não mais sujo como antes, quando vivia nos bosques. Não tinha nenhuma arma de guerra em suas mãos, não estava moreno como um mouro por ter passado meses no sol e com banhos pouco frequentes, já não parecia tão bárbaro como estava no dia em que Jillian o encontrara nos bosques.

Mas de algum modo, sentia-se como se nunca pudesse se livrar de todas as manchas desses anos que havia vivido nos bosques das Highlands. Havia descarregado seu mau gênio contra os rapazes mais ferozes, recolhendo os restos de comida para permanecer vivo.

Quem sabe essa recordação fosse por causa do frio passado nos invernos gelados, quando havia agradecido a capa de sujeira em sua pele, porque era uma capa a mais entre seu corpo e as temperaturas geladas. Quem sabe havia sido o sangue em suas mãos e o conhecimento de que se ele fosse alguma vez bastante estúpido para permitir-se sentir algo por alguém, poderia repetir a terrível cena de ter um machado em sua mão e ver seu próprio filho observando-o.

Nunca. Ele nunca feriria Jillian.

Ela era ainda mais linda do que recordava. Jillian era uma mulher completamente adulta agora, e não tinha nenhuma defesa contra ela exceto sua vontade. Havia sido exclusivamente sua vontade formidável o que o levava tão longe. Tinha treinado, se disciplinado, aprendido a controlar o *Berserker*... a maior parte das vezes.

Quando havia chegado há uns dias no pátio, e visto a mulher dourada, risonha, rodeada por crianças encantadoras, recordar sua própria infância perdida, quase o tinha sufocado. Havia querido entrar naquele quadro, no jardim, suavemente, sentindo-se como uma criança e como um homem. Com sorte, teria se sentado a seus pés e escutado, e igualmente a teria tomado em seus braços e dado a ela suas próprias crianças.

Sentiu-se frustrado por sua incapacidade para fazer qualquer dessas coisas. Então a moça levantara sua cabeça e Grimm sentira seu coração bater como um louco. Havia sido mais fácil para ele recordar dela com um rosto mais jovem, inocente. Agora o nariz atrevidamente inclinado e os olhos brilhantes eram parte da personalidade de uma mulher ardente, sensual. E seus olhos, ainda que inocentes, continham maturidade e um toque de silenciosa dor. Desejava saber quem havia introduzido isso em seu olhar, para poder caçar e matar o bastardo.

Pretendentes? Ela teria milhares provavelmente. Teria amado algum? Sacudiu sua cabeça. Não gostava dessa idéia. Então, por que Gibraltar o tinha convocado para vir ali? Não acreditava nem por um minuto que tivesse algo a ver com vê-lo como um pretendente a mão de Jillian. Mas provavelmente Gibraltar tinha recordado o voto que Grimm fizera de proteger Jillian se alguma vez necessitasse. E Gibraltar seguramente necessitava de um guerreiro bastante forte, para prevenir qualquer possibilidade de problema entre Jillian e seus dois reais pretendentes: Ramsay e Quinn. Sim, isso tinha sentido. Ele estava ali para proteger Jillian de comprometer-se de alguma forma e evitar qualquer disputa potencial entre seus pretendentes.

Jillian: essência de madressilvas e uma sedosa mecha de cabelo dourado, olhos de rico castanho com manchas douradas, a mesma cor do âmbar que os vikings tanto apreciavam. Pareciam dourados a luz do sol, mas se escureciam para um brilhante castanho, quase da cor do ouro, quando estava enfadada, o que acontecia todo o tempo quando estava junto dele. Ela era seu sonho em cada despertar, sua fantasia noturna. E ele era perigoso por natureza. Uma fera.

-Milord, está passando bem?

Grimm deixou cair as mãos de seu rosto. O menino que estivera no colo de Jillian quando chegara ali, estava puxando-o pela manga da camisa e estreitando os olhos ao vê-lo tão angustiado.

-Está bem?- perguntou o menino.

Grimm assentiu.

-Estou bem, menino. Mas não sou um lord. Pode chamar-me de Grimm.

-A mim me parece um lord.

-Bem, não sou.

-Por que Jillian não gosta de você?- perguntou Zeke.

Grimm agitou sua cabeça, fazendo uma careta lamentável com seus lábios.

-Suspeito, Zeke... é Zeke, seu nome?

-Sabe meu nome – exclamou a criança.

-O ouvi por casualidade quando estava com Jillian.

-Mas se lembrou!

-Por que não haveria de lembrá-lo?

Zeke caminhou até ficar perto e olhou fixamente para Grimm com adoração verdadeira.

-Porque é um guerreiro poderoso, e eu sou, bem... eu. Eu sou só Zeke. Ninguém me nota. Exceto Jillian.

Grimm olhou o menino e notou a pose meio desafiante, meio envergonhada de Zeke. Pôs sua mão no ombro dele.

-Enquanto eu estiver aqui em Caithness, você gostaria de servir como meu escudeiro, menino?

-Escudeiro? - Zeke se ficou boquiaberto - Não posso ser escudeiro! Eu não posso ver bem.

-Por que não me permite ser o juiz disso? Minhas necessidades são bastante simples. Preciso de alguém para cuidar de meu cavalo. Ele não gosta de ficar preso, mas deve levar-lhe comida e água onde quer que esteja. Precisa ser escovado e cuidado, e montado de vez em quando.

Com suas últimas palavras, a expressão esperançosa de Zeke desapareceu.

-Bem, não precisa ser montado durante algum tempo todavía, porque teve um passeio duro no caminho até aqui - emendou Grimm apressadamente - E eu poderia dar-te provavelmente umas lições.

-Mas eu não posso ver claramente. Possivelmente não poderei montar.

-Um cavalo tem muitas outras necessidades, menino, e pode treinar para fazer muitas coisas para seu jinete. Nós o faremos lentamente. Primeiro, cuidará do meu garanhão?

-Sim - Zeke respirou - O farei! Juro que o farei!

-Então vamos ao seu encontro. Ele pode fugir dos estranhos a menos que eu os traga primeiro para perto dele para que os conheça - Grimm pegou a mão do menino na sua; estava assombrado por ver como a mão diminuta parecia ser tragada em seu aperto. Tão frágil, tão preciosa. Uma onda brutal de recordações caiu sobre ele, de um menino, não muito maior que Zeke, caindo ante uma espada McKane. Selvajemente expulsou esta recordação de sua mente e cerrou seus dedos firmemente ao redor dos de Zeke.

-Espera um minuto - Zeke se deteve - Ainda não me respondeu. Por que não gosta de Jillian?

Grimm buscou intensamente uma resposta que pudesse ter sentido para Zeke.

-Suponho que é porque eu implicava e a atormentava quando era uma menina.

-A aborrecia?

-Implacavelmente - assentiu Grimm.

-Jillian disse que os meninos só aborreciam as meninas que eles gostavam secretamente. Você também puxou o cabelo dela?

Grimm franziu o cenho e se perguntou se isso tinha haver com algo.

-Suponho que o fiz, uma vez ou duas - admitiu depois de pensar.

-Oh, bom! - exclamou Zeke, seu alívio evidente - Por isso está cortejando-a agora. Ela precisa de um marido - disse ele seriamente.

Grimm sacudiu sua cabeça; o leve assomo de uma careta irônica encurvava seus lábios. Devia ter adivinhado que tinha algo.

CAPÍTULO 7

Grimm pressionou suas mãos sobre suas orelhas, mas não ajudou. Arrastou uma almofada sobre sua cabeça, sem nenhum resultado. Considerou levantar-se e fechar de um golpe as janelas, mas uma olhada rápida revelou que seria privado inclusive desse pequeno prazer: já estavam fechadas. Uma das muitas “*regalias*”, de ser um *Berserker*, era ouvir tudo absurdamente mais alto; isto o havia permitido sobreviver em ocasiões nas quais um homem normal não podia ouvir o inimigo acercar-se furtivamente. Agora estava demonstrando ser uma grave desvantagem.

Ele podia ouvi-la. *Jillian*.

Tudo o que queria fazer era dormir, por Cristo, e nem sequer podia fazer isso! A moça nunca descansava? O trinar de sua flauta solitária flutuava, escalando as paredes de pedra do castelo e arrastando-se através das dobradiças das janelas e da brisa fria da manhã. Podia sentir as notas melancólicas acessando as janelas de seu coração. *Jillian* estava por todas partes em *Caithness*: florescendo nos arranjos de flores sobre as mesas, brilhando nos sorrisos das crianças e nas finas tapeçarias brilhantemente tecidas. Era inebriante. Agora se atrevia a invadir seu sonho com a melodia persistente de uma antiga canção gaélica de amor, elevando-se em um alto lamento, caindo depois em um gemido baixo com tal angústia convincente que ele suspirou. Como se ela soubesse a dor de um amor não correspondido! Era linda, perfeita, protegida por seus pais, casa, família, um lugar ao qual pertencer. Ela nunca havia necessitado de amor, e ele não poderia imaginar nenhum homem negando-lhe algo. Onde havia aprendido a tocar uma canção de amor dolorosa com tal empatia lúgubre?

Deixou a cama, caminhou até a janela e abriu-a tão bruscamente que chocaram-se contra as paredes.

-Ainda toca essa coisa boba, não é verdade? - gritou. Deus, ela era linda. E Deus o perdoasse, ele a desejava tão desesperadamente como há anos. E desde então ele vinha dizendo a si mesmo que ela era muito jovem. Agora que era uma mulher adulta, já não podia esconder-se atrás dessa útil desculpa.

Ela estava logo abaixo, em uma abertura rochosa que subia para o lago. O sol estava brilhante como ouro e se abria no horizonte deixando o lago prateado. Ela estava de costas.

Ela ficou tensa; a canção agri-doce tartamudeou e morreu.

-Creio que estava na ala oriental - disse *Jillian* sem voltar-se. Sua voz chegava tão claramente a seus ouvidos como sua melodia, apesar de estar vinte metros abaixo dele.

-Eu escolho meu próprio domínio, boba real. Como sempre - Ele se apoiou com leveza na janela e absorveu cada detalhe dela: o cabelo que ondeava na brisa, os orgulhosos ombros, o ângulo soberbo em que se erguia sua cabeça, enquanto olhava o lago como se nem sequer se incomodasse em reconhecer sua existência.

-Vá para longe, Grimm - disse ela friamente.

-Não é por você que fico, e sim por teu pai - mentiu ele.

-Lhe deve tal obediência, então? Você, que não obedece a nada? - ironizou ela.

Ele fez uma careta de dor.

-A obediência não está além de mim. Simplesmente, é que há poucos que a mereçam.

-Eu não te quero aqui - falou ela sobre seu ombro.

O irritou que não se voltasse e o olhasse; era o mínimo que podia fazer enquanto dissesse coisas irritantes.

-Não me importa o que quiera - se obrigou a dizer-lhe - Teu pai me convocou aqui, e aqui permanecerei até que me libere.

-Eu te libero!

Grimm suspirou. Como se ela pudesse liberá-lo; o que quer que o ligava a *Jillian* era indestrutível. Ele devia saber; havia tentado durante anos destruir a ligação, para não se preocupar onde estava, se estava longe, aí sim era feliz.

-Os desejos de uma mulher são insignificantes contra os de um homem - disse ele, seguro de que insultando o gênero feminino tão grosseiramente a faria se voltar para enfrentá-lo, para que pudesse saborear a paixão de sua explosão, no lugar da paixão sensual que desejava provocar nela desesperadamente. *Berserker*, sua mente repreendeu. *Deixe-a em paz: não tem nenhum direito*.

-É... um bastardo! - *Jillian* atendeu seus desejos inconscientemente, voltando-se tão rapidamente que tropeçou. Seu tropeço breve lhe presenteou com uma visão impressionante de seus seios fartos. Pálidos, se inclinavam em um vale suave que desapareciam em baixo do corpete de seu vestido. Sua pele era tão translúcida que podia ver um traçado débil de veias azuis. Ele se pressionou contra o balcão da janela para esconder o levantamento súbito de seu *kilt*.

-Às vezes, juro que você faz de tudo para provocar-me - Ela franziu o cenho e se apoiou no chão com uma mão, enquanto se punha de pé e lhe roubava a imagem do vale entre seus seios.

-Agora, por que me incomodaria em fazer isso, sua atrevida? - ele lhe perguntou friamente; tão friamente que repreendê-la e insultá-la lhe fez levantar a voz.

-Porque poderia ter medo de que se alguma vez deixar de torturar-me, eu poderia gostar de você realmente - especulou ela.

-Nunca se engane com isso, *Jillian* - Ele estendeu sua mão e a passou através de seu cabelo e fez um trejeito de dor ao se conscientizar disso. Nunca poderia dizer uma mentira sem fazer esse gesto. Afortunadamente, ela não o sabia.

-Me parece que desenvolveu uma irritação grave na sua cabeça, Grimm Roderick. Não havia notado tuas pequenas vaidades antes. Provavelmente porque não podia ver tanto de você por baixo de todo o verniz social.

As palavras passaram em um furor momentâneo. Com suas palavras, ele estava de novo sujo, manchado de barro, empapado de sangue e esfomeado muito longe da redenção. Nenhum banho, nenhum sabão poderia limpá-lo, nunca. Só as palavras de Jillian poderiam limpá-lo de novo, mas sabia que ele não inspirava absolvição.

-Algumas pessoas crescem e amadurecem, menina. Despertei um dia, me arrumei, e descobri que era um homem muito bonito - Quando seus olhos se estreitaram, ele não pôde resistir a pressioná-la um pouco mais - Algumas mulheres tem dito que sou bonito demais para possuir-me. Quem sabe temiam que não pudessem manter-me ante tanta competição.

-Enoja-me tanta presunção.

Grimm sorriu interiormente. Ela era tão encantadora, temperamental e soberba, e tão facilmente suscetível a provocação. Em inumeráveis ocasiões havia se perguntado que tipo de paixão liberaria com um homem. *Com um homem como ele*. Seus pensamentos tomaram um caminho perigoso, até proibido.

-Tenho ouvido os homens dizerem que você é muito bonita para ser tocada. Estou certo? Está intacta? – Ele mordeu a língua no momento em que as palavras escaparam.

A boca de Jillian caiu com ceticismo e espanto.

-O que me perguntou?

Grimm respirou fundo. Havia um tempo, quando precisamente ele soubera por experiência de primeira mão o quão intacta era, e essa era uma recordação que faria bem em enterrar.

-Quando uma moça permite que um verdadeiro estranho a beije, há que se perguntar até que ponto ela o permitiria chegar - a amargura pressionou seus lábios e impregnou suas palavras.

Jillian retrocedeu como se ele houvesse atirado algo mais substancial que um insulto em sua direção. Estreitou seus olhos e o estudou suspeitosamente.

-Como curiosidade, até parece que se importa.

-Nem por curiosidade. Sinceramente não desejo ter que forçá-la a se casar com Ramsay antes que teu pai regresse. Suspeito que Gibraltar poderia gostar de estar presente para entregar a donzela - Jillian estava olhando-o intensamente, intensamente demais para seu gosto. Ele se perguntou desesperadamente o que estava se passando dentro de sua cabeça. Sempre havia sido muito imprevisível, e ele estava perigosamente perto de atuar como um pretendente zeloso.

Quando Jillian era mais joven, necessitara de cada força de vontade para continuar com uma fachada convincente de aversão. Agora que era uma mulher cabalmente crescida, era necessário medidas mais drásticas. Encolheu os ombros arrogantemente.

- Parece, boba real, que tudo o que quero de você é que leve tua maldita flauta a alguma outra parte para que eu possa dormir um pouco. Não gostava quando era um criança, e não gosto agora, mas estou em dívida com teu pai e honrarei seu pedido. A única coisa que me recordo de Caithness é que a comida era boa e teu pai era amável - a mentira praticamente queimou sua língua.

-Não recordada nada de mim? - perguntou ela cuidadosamente.

-Algumas coisas, nada importante - os dedos inquietos se retorceram através de seu cabelo e se arrastaram até soltar seu cabelo da correia de couro.

Ela o olhou com os olhos brilhando.

-Nem, inclusive, o dia que se foi?

-Quer dizer o dia do ataque dos McKane? - ele perguntou brandamente.

-Não - Ela franziu as sobrancelhas - Quero dizer esse dia, mas mais tarde, quando te encontrei nos estábulos.

-De que está falando, menina? Não recordo de ter te encontrado nos estábulos antes de ir-me - Ele deteve sua mão traidora em meio ao movimento até seu cabelo, e a flexionou no cinturão de seu *kilt*.

-Não se recorda nada de mim? - repitiu ela impenetravelmente.

-Recordo uma coisa: que me seguia constantemente até conseguir irritar-me com sua fala incessante - respondeu Grimm, parecendo tão chateado e resignado como se fosse possível.

Jillian se voltou de costas e não proferiu outra palavra.

Ele a olhou por uns momentos, seus olhos escurecidos com as recordações, antes de se afastar da janela para fechá-la. Quando um momento depois as persistentes notas pranteadas de sua flauta choraram, ele apertou suas mãos tão apertadas sobre seus ouvidos que se lastimou. Como poderia esperar permanecer ali e continuar resistindo, quando cada palmo de seu ser exigia que a fizesse sua mulher?

Não recordo ter te encontrado nos estábulos antes de ir-me.

Nunca havia proferido uma mentira maior. Recordava essa noite nos estábulos. Estava gravada em sua memória com a durabilidade insuportável de uma marca. Havia sido a noite em que o Grimm Roderick de vinte e dois anos roubara o sabor inolvidável do céu.

Depois que os McKane se foram e a batalha terminara, ele esfregara desesperadamente o sangue de seu corpo, havia empacado, guardando roupa e recordações sem preocupar-se de onde eram ou de onde caíam. Quase levava a destruição a casa que o recebera generosamente, e nunca os exporia de novo a esse perigo. O irmão de Jillian, Edmund, havia sido ferido na batalha, e ainda parecia certo que se recuperaria, teria cicatrizes pelo resto de sua vida. Ir embora era a única coisa honrrável que Grimm podia fazer.

Havia encontrado a nota de Jillian quando seus dedos se fecharam sobre o livro de fábulas de Esopo que ela o dera no seu primeiro Natal em Caithness. Ela escrevera a nota com suas grandes, inclinadas letras entre as páginas, para que se destacassem sobre a encadernação.

Estarei no terraço ao anoitecer. Tenho que te falar esta noite, Grimm!

Amassando a nota furiosamente, caminhou para fora dos estábulos.

Não tinha se atrevido, nem se arriscado a vê-la antes de ir. Cheio de aborrecimento por si mesmo, por atrair os McKane a esse sagrado lugar, não cometeria outra transgressão. Desde que Jillian começara a amadurecer, ele foi incapaz de tirá-la de sua mente. Sabia que estava mal. Ele tinha vinte e dois anos e ela apenas dezesseis. Ainda que fosse certamente bastante grande para casar-se... inferno, muitas moças se casavam inclusive aos treze... ele nunca poderia oferecer-lhe matrimônio.

Não tinha casa, nenhum clã, e era um animal perigosamente imprevisível. Os fatos eram simples: não importava quanto pudesse querer Jillian St. Clair, nunca poderia tê-la.

Aos dezesseis ele perdera seu coração para a pequena menina dourada; aos vinte e dois, estava começando a perder a cabeça pela mulher. Grimm concluiu que em até um mês teria que ir embora logo, antes que fizesse algo tolo como beijá-la, ou como encontrar razões que justificassem deitar-se com ela e fazê-la sua mulher. Jillian merecia o melhor: um marido digno, uma família própria, e um lugar ao qual pertencer.

Ele não podia oferecer-lhe nada disso.

Atando suas coisas na garupa do cavalo, suspirou e passou uma mão através de seu cabelo. Quando começava a tirar seu cavalo do estábulo, Jillian passou através das portas.

Seus olhos dançaram cautelosamente entre ele e seu cavalo e não perderam um só detalhe.

-Que está fazendo, Grimm?

-Que inferno parece que estou fazendo? - grunhiu ele, mais que exasperado de não ter podido escapar sem encontrá-la. Quanta tentação esperavam que resistisse?

As lágrimas nublaram seus olhos dourados, e ele se maldisse. Jillian havia visto tanto horror nesse dia; era o pior dos bastardos por aumentar-lhe a dor. Ela o havia buscado com a necessidade de um consolo, mas desafortunadamente ele não estava em condições de consolá-la. Uma das consequências que deixava seu *Berserker*, sua conversão em um *Berserker*, era despojá-lo da capacidade de tomar alternativas claras e decisões sensatas. A experiência o havia ensinado que se sentia mais vulnerável depois do frenesi que provocava a fúria do *Berserker*; sua mente e seu corpo eram mais sensíveis. Necessitava escapar e encontrar um lugar seguro desesperadamente, um lugar escuro para dormir durante dias. Tinha que obrigá-la a deixá-lo nesse momento, antes que fizesse algo imperdoavelmente tolo.

-Vá ficar com seu pai, Jillian. Deixe-me só.

-Por que está fazendo isso? Por que vai embora, Grimm? - perguntou ela pateticamente.

-Porque devo fazê-lo. Nunca devia ter vindo aqui para começar!

-É um idiota, Grimm - gritou ela - Lutou gloriosamente hoje! Papai me prendeu em meu quarto, mas no entanto vi o que estava acontecendo! Se não houvesse estado aqui, não teríamos tido uma só oportunidade contra os McKane - Sua voz se rompeu, e ele pôde ver o horror da sangrenta batalha, fresco em seus olhos.

Cristo, ela acabava de admitir que o havia visto quando se convertera em um *Berserker*!

-Se eu não houvesse estado aqui... - começou amargamente, então se deteve antes de admitir que ele era a única razão pela qual os McKane vieram.

-Se não houvesse estado aqui, o que? - Seus olhos eram grandes lagos confusos.

-Nada - ele murmurou e olhou fixamente o chão.

Jillian tentou de novo.

-Te vi ganhar...

-E devia ter se escondido, menina! - Grimm a cortou antes que ela pudesse enaltecer resplandecentemente sobre sua "valentia" na batalha, uma valentia que se desatava o animal dentro de si mesmo -. Não tem nenhuma idéia do que viu? Não sabe o que os McKane te teriam feito se houvessem te encontrado? - Sua voz rasgou as palavras.

Havia sido o medo do que os McKane pudessem fazer a sua amada que o transformara ainda mais profundamente no *Berserker* durante a luta, convertendo-o em um grande animal assassino.

Jillian prendeu o lábio inferior nervosamente entre seus dentes. O gesto simples disparou uma seta de pura luxúria através dele, e se espalhou por ele. Se manteve mais firme que um arco; a adrenalina residual da batalha todavia inundava seu corpo. A excitação elevada que lograva com o *Berserker* tinha um efeito infortunado de demorar-se e fazê-lo uma fera, estimulando-o a ganhar, a conquistar. Grimm balançou sua cabeça e se voltou de costas. No podia continuar olhando-a. Não confiava em si mesmo.

-Afasto-me de mim. Não sabe como que se arrisca por ficar aqui comigo.

Uma brisa susurrou contra a dobra de seu vestido quando ela se moveu.

-Eu confio em você completamente, Grimm Roderick.

A inocência doce em sua voz jovem quase o destruiu. Fez uma careta.

-Esse é seu primeiro erro. Seu segundo, é estar aqui comigo. Vá embora.

Ela se aproximou mais e pôs uma mão em seu ombro.

-Mas eu confio em você, Grimm - disse ela.

-Não pode confiar em mim. Não me conhece sequer - grunhiu ele, seu corpo rígido de tensão.

-Sim, eu posso - ela se defendeu -. Te conheço há muitos anos. Tem vivido aqui desde que era uma criança. Era meu herói, Grimm.

-Pare, menina! - rugiu ele, volvendo-se e agitando tão bruscamente sua mão que ela retrocedeu uns passos. Seus glaciais olhos azuis se estreitaram - Assim pensa que me conhece, não é verdade? – Ele se aproximou dela.

-Sim - insistiu a moça obstinadamente.

Ele sorriu com desprezo.

-Não sabe uma maldita coisa sobre mim. Não sabe a quem matei e a quem odiei e nem a quem enterrei e como. Não sabe o que me passa porque não sabe o que realmente sou!

-Grimm, está me assustando - ela sussurrou. Seus olhos eram grandes e dourados a luz da lanterna.

-Então corra para teu querido pai! Ele te confortará!

-Ele está com Edmund.

-Como deveria estar você!

-Preciso de você, Grimm! Simplesmente ponha teus braços ao redor de mim! Abraça-me! Não me deixe!

Os membros de Grimm se endureceram, gelando-lhe até a medula. *Abraça-me*. Suas palavras se mantiveram no ar. Oh, como desejava fazê-lo. Cristo, quando era menino, sonhara com isso. Seus profundos olhos ambarinos se encheram de medo e vulnerabilidade, e ele se aproximou dela apesar de sua resolução.

Deteve suas mãos na metade do caminho. Seus ombros se inclinaram, repentinamente exaustos pelo peso do debate interior que empreendia. Ele não podia oferecer-lhe seu consolo: ele era razão pela qual ela necessitava que a confortassem. Se nunca tivesse ido a Caithness, nunca teria levado a destruição com ele. Jamais poderia perdoar-se pelo que havia levado às pessoas que tinham aberto seus corações quando ninguém mais tinha se preocupado tinha vivido ou morrido.

-Não sabe o que está dizendo, Jillian - disse ele, de pronto, imensamente cansado.

-Não me deixe! - ela chorou e jogou em seus braços.

Quando se estreitou contra seu peito, seus braços se fecharam instintivamente ao redor dela. Ele a susteve silenciosamente e ofereceu seu corpo estremecido para resguardá-la de seu, condenadamente, monstro invisível.

A manteve em seus braços enquanto soluçava, sofrendo uma terrível sensação de união com ela. Muito claramente, recordou a perda de sua própria inocência. Oito anos antes, ele havia estado de pé, olhando sua própria luta contra o clã McKane. Ao ver tal brutalidade, havia quase enlouquecido de pesar e de ira, e agora sua joven Jillian sabia dos mesmos terrores. Como poderia ter feito isso com ela?

Teria pesadelos? Voltaria a revivê-lo, como acontecia com ele, mil vezes pelo ao menos?

-Silêncio, doçura – murmurou ele, acariciando seu rosto - Te prometo que os McKane nunca regressarão aqui. Te prometo que de algum modo, eu sempre cuidarei de você, não importa onde esteja. Nunca permitirei que nada te fira.

Ela aspirou pelo nariz, seu rosto enterrado na cavidade entre seu ombro e seu pescoço.

-Não pode proteger-me se não estiver aqui!

-Falei com teu pai e lhe disse que vou emobrar. Mas também lhe disse que se alguma vez necessitar de mim, ele só teria que convocar-me.

Gibraltar também tinha se irritado com ele porque ia emobrar, mas pareceu mais calmo por saber onde encontrar Grimm se a necessidade se apresentava.

Jillian voltou sua boca cheia de lágrimas até a sua, seus olhos muito abertos.

Ele prendeu a respiração e a olhou profundamente. Suas faces estavam ruborizadas e seus olhos, brilhantes de lágrimas. Seus lábios estavam inchados de chorar e seu cabelo dava voltas como uma língua de fogo de ouro sobre seu rosto.

Ele não tinha nenhuma intenção de beijá-la, absolutamente. Mas em um momento estavam olhando-se nos olhos e no seguinte ele havia inclinado sua cabeça até a dela para estreitá-la numa promessa contra seus lábios: um luminoso, doce juramento de proteção.

No momento em que seus lábios se encontraram, seu corpo estremeceu violentamente.

Ele se retirou para trás e a olhou fixa e inexpressivamente.

-Você sentiu isso? - ela tartamudeou, a confusão escurecendo seus olhos.

Não é possível, ele se assegurou. *O mundo não se agita em seu eixo quando beija uma mulher*. Para convencer-se, ele a beijou de novo. O terremoto simplesmente começou em baixo dos dedos de seus pés.

Seu inocente juramento tomou vida própria, voltando num apaixonado, ardente beijo entre um homem e sua companheira. Seus lábios de donzela se abriram docemente em baixo dos seus e ela se fundiu no calor de seu corpo.

Grimm manteve seus olhos firmemente fechados e recordou o longo beijo enquanto escutava o trinar da flauta de Jillian fora de sua janela.

Deus, como ele recordara vivamente. Não havia tocado em outra mulher desde então.

Quinn insistiu em que saíssem para cavalgar, e ainda que Jillian resistisse inicialmente, antes que passasse muito tempo se alegrou de ter ido. Tinha se esquecido do quão encantador era Quinn, que facilmente podia fazê-la rir. Quinn chegara a Caithness no verão seguinte a chegada de Grimm. Seu pai tinha criado os dois rapazes, o filho mais velho do chefe de um clã e um vagabundo, como iguais, ainda que aos olhos de Jillian nenhum desses rapazes poderia estar alguma vez a altura de Grimm.

Quinn era bem educado e querido, mas havia sido de Grimm de quem se enamorara desde o dia em que tinha encontrado um rapaz selvagem vivendo nos bosques no perímetro de Caithness. Tinha sido Grimm quem a perturbara tanto que chorou

lágrimas quentes de frustração. Tinha sido Quinn quem a confortara quando ele fora embora. Cômico, meditou enquanto observava o homem enérgico que montava ao seu lado; algumas coisas não mudaram.

Quinn interceptou seu olhar de soslaio e lhe sorriu afavelmente.

-Tenho te estranhado, Jillian. Por que é que não nos temos visto em tantos anos?

-Julgando os rumores sobre você, Quinn, estava muito ocupado conquistando mundos e mulheres para desperdiçar tempo com uma simples moça das Lowlands como eu - o provocou ela.

-Conquistando o mundo, talvez. Mas mulheres? Não creio. Uma mulher não pode ser conquistada, mas sim cortejada e conquistada. Amada.

-Foi o que eu disse a Grimm - Ela revirou seus olhos - Esse homem nada mais ama que seu próprio mal gênio. Por que me odeia?

Quinn a considerou por um momento, como debatendo o que dizer. Finalmente, encolheu os ombros.

-Eu pensava que era porque ele gostava de você em segredo e não podia permitir-se demonstrar porque sentia que era um Dom de nada, não era bom o bastante para a filha de Gibraltar St. Clair. Mas isso não tem sentido, porque Grimm é agora um homem muito rico, bastante rico para qualquer mulher, e Deus sabe que as mulheres o desejam. Francamente, Jillian, não tenho nenhuma idéia do por que, todavia é cruel contigo. Eu havia pensado que as coisas tivessem mudado, especialmente agora que é adulta o bastante para ser cortejada. Mas não posso dizer que sinto, no entanto, porque é menos competição no que me diz respeito - terminou ele com um olhar afiado.

Os olhos de Jillian se estreitaram.

-Quinn...- começou, mas ele abanou sua mão para impor silêncio ante qualquer protesto.

-Não, Jillian. Não me conteste agora. Não me faça sequer dizer as palavras. Simplesmente tente conhecer-me de novo, e então falaremos de coisas que podem ser possíveis. Mas seja o que for, sempre serei bom contigo, Jillian - agregou suavemente.

Jillian arrastou o lábio inferior entre seus dentes e estimulou sua montaria em um médio galope, roubando um olhar sobre seu ombro do bonito Quinn. *Jillian de Moncreiffe*, pensou com curiosidade.

Jillian Alanna Roderick, gritou seu coração insolentemente.

CAPÍTULO 8

Jillian estava de pé diante da estreita abertura da torre redonda a uns cem metros sobre o pátio, olhando Grimm. Havia subido as escadas tortuosas até a torre, dizendo a si mesma que estava tentando escapar desse homem, mas sabendo que não estava sendo completamente verdadeira consigo mesma.

A torre redonda lhe trazia lembranças, e essas eram as que tinha ido visitar. Lembranças esplêndidas do primeiro verão em que Grimm passara nesta residência, a época maravilhosa em que ela havia decidido dormir em sua torre de princesa. Seus pais haviam concordado; tinham enviado homens para selar as gretas nas pedras, colocado tapeçarias para que ficasse quente. Ali estavam todos seus livros favoritos, as poucas bonecas restantes que escaparam de Grimm e seus "*enterros no mar*" no lago, e outros remanescentes do que havia sido o melhor ano de sua vida. Esse primeiro verão ela encontrara o rapaz-selvagem, e tinham passado cada momento juntos. Ele a levava em suas caminhadas e ensinado a caçar trutas e salamandras. A havia sentado pela primeira vez em um potro; haviam construído juntos uma caverna de neve no pátio durante seu primeiro inverno. Ele havia sido quem a levantara nos braços se ela não era alta o bastante para ver algo, e havia sido quem a endireitava se caía. De noite, lhe contara histórias estranhas e mágicas até que ela passava a uma infantil letargia, exausta, sonhando com a próxima aventura que compartilhariam.

Até neste momento, Jillian ainda podia recordar o sentimento mágico que havia sentido sempre que estavam juntos. Parecera absolutamente possível que ele pudesse ser um anjo enviado para ajudá-la. Depois de tudo, ela o havia descoberto observando atentamente os bosques atrás de Caithness. Havia sido quem o tentara com um lanche gostoso e quem tratara pacientemente dia após dia com uma manta arruinada, seu querido cachorro, Sabana TeaGarden.

Durante meses, ele havia resistido sua ofrenda e se escondido entre os feixos e as sombras, olhando-a tão intensamente como ela o olhava. Mas num dia nublado, ele havia escapado da dele e tinha ido se enrodilhar em sua manta. A olhara com uma expressão que a fizera sentir-se bonita e protegida. Às vezes, nos anos seguintes, apesar de sua indiferença cruel, capturara esse mesmo olhar em seus olhos quando ele pensava que ela não estava olhando. Guardara sua esperança viva quando teria sido mais sábio permitir-se morrer. Havia crescido até ser uma jovem desesperadamente enamorada do selvagem rapaz que se fizera-se homem, que tinha uma maneira estranha de aparecer sempre que ela precisava dele e que a resgatava frequentemente.

Condescendente, ele nem sempre havia sido terno enquanto o fazia. Uma vez, a prendera no alto das ramas de uma grossa árvore, antes de correr através dos bosques para resgatar Sabana da fúria de cachorros selvagens, salvando Jillian antes. Presa na árvore, apreensiva por seu cachorro, ela havia gritado e se sacudido, mas fora incapaz de soltar-se de suas amarras. Ele a deixara ali durante horas. Mas tão certo como o sol nascia e se punha, regressara para ela acudindo o ferido, mas notavelmente vivo, cachorro lobo em seus braços.

Ele havia se negado a discutir como salvara seu cachorro da fúria raivosa, mas ela não tinha se preocupado o bastante. Ainda que Jillian ficasse espantada por que ele não se machucar, durante anos havia esperado que Grimm saísse sempre ileso. Grimm era seu herói. Ele podia fazer qualquer coisa.

Um ano depois que encontrara Grimm, Quinn de Moncreiffe chegara para ser criado em Caithness. Ele e Grimm se haviam dado tão bem que pareciam irmãos e compartilhavam um mundo de aventuras das quais ela fora excluída dolorosamente. Esse havia sido o princípio do fim de seus sonhos.

Jillian suspirou quando Grimm desapareceu no castelo. Suas costas se retesaram quando reapareceu uns momentos depois com Zeke. Estreitou seus olhos quando Zeke deslizou, confiadamente, sua mão na de Grimm. Ela, porém, podia recordar como fora fácil deslizar sua mão de menina em sua forte pressão. Ele era o tipo de homem que os meninos e as mulheres queriam manter por perto, ainda que por razões totalmente diferentes.

Certamente um mistério o envolvia. Era como se uma densa nuvem negra houvesse se formado no dia em que Grimm Roderick nascera, e nenhuma forma de interrogatório, nenhum escrutínio implacável pudesse iluminar seu passado obscuro. Ele era um homem profundo, extraordinariamente consciente dos matizes mais diminutos em uma conversação ou intercâmbio. Quando fora uma menina, ele sempre parecia saber exatamente como se sentia, antecipando-se a seus sentimentos antes que os houvesse entendido ela mesma.

Se fosse correta consigo mesma, a única coisa verdadeiramente cruel de que poderia acusá-lo, eram seus anos de indiferença. Ele nunca fez algo muito ruim por assim dizer. Mas na noite em que fora embora, seu rechaço absoluto a tinha feito endurecer seu coração contra ele.

O observou balançar Zeke em seus braços. Que será que estava fazendo? Pondo-o em um cavalo? Zeke não podia montar, não poderia encher bem. Abriu sua boca para chamá-lo, mas então fez uma pausa. Além de qualquer coisa que pudesse ser, Grimm não era um homem que cometesse erros. Jillian se resignou a observá-los por uns momentos. Zeke estava mareado de excitação, e fazia muito tempo que não o via tão feliz. Alguns dos meninos e seus pais se achegaram para olhar. Jillian conteve a respiração. Se as intenções de Grimm terminassem em uma humilhação dolorosa, pública, para Zeke, não viveria durante muito tempo.

Contemplou como Grimm inclinava sua cabeça escura para perto do cavalo; parecia como se estivesse sussurrando palavras na orelha do inquieto garanhão cinzento. Jillian sofreu a ilusão momentânea de que o cavalo havia cabeceado realmente em resposta. Quando Grimm deslizou Zeke em seu lombo, conteve a respiração. Zeke se sentou rigidamente a princípio, mas depois, lentamente, se relaxou quando Grimm levou o cavalo de guerra em círculos amplos, ao redor do pátio. Bem, isso era generoso e bom, pensou Jillian, mas agora que faria Zeke? Não poderia ser conduzido certamente em círculos todo o tempo. Qual era a vantagem de pôr o menino em um cavalo, quando nunca poderia montar o seu próprio?

Decidiu rapidamente que já vira o bastante. Obviamente Grimm não entendia; ele não devia estar ensinando ao menino a querer coisas impossíveis. Ele deveria estar animando Zeke a ler livros, desfrutar de coisas mais seguras, como Jillian havia feito. Quando uma criança estava impossibilitada, não tinha nenhum sentido animá-lo a provar esses limites de uma maneira que poderia causar-lhe dano. O melhor era ensinar-lhe a apreciar coisas diferentes e seguir sonhos acessíveis. Não importava que, como qualquer outro menino, Zeke pudesse desejar correr, jogar e montar quando sabia que não podia, porque era perigoso para ele fazer isso com sua visão prejudicada.

Ela queria que Grimm compreendesse imediatamente seu erro de juízo, antes que fizesse mais dano. Uma verdadeira multidão se reunira no pátio, e podia ver aos pais agitando suas cabeças e sussurrando entre eles. Se prometeu que manteria esse problema frio e racionalmente e não daria nenhuma chance aos espectadores de interferirem. Explicaria a Grimm a maneira apropriada de tratar um jovem como Zeke e demonstrar que nem sempre era uma idiota.

Desceu da torre redonda rapidamente, e seguiu caminho até o pátio.

Grimm levou o cavalo em um último círculo lento, certo de que a qualquer momento Jillian sairia como um raio do castelo. Ainda que soubesse que não devia passar tempo com ela, se viu concordando em dar a Zeke, deliberadamente, sua primeira lição de montar onde estava certo de que ela o veria. Só momentos antes, havia vislumbrado uma vibração de movimento e uma cascata de cabelo dourado na janela da torre. Suas entranhas se pressionaram de antecipação quando alçou Zeke sobre o cavalo.

-Suspeito que se sente confortável com seu passo agora, Zeke. Tivemos um bom começo.

-Ele é muito fácil de montar. Mas não poderei guiá-lo, não é esse o ponto? Nunca poderei montá-lo sozinho.

-Nunca diga nunca, Zeke - repreendeu Grimm suavemente- No momento em que diz '*nunca*', já escolheu não tentar. Em lugar de preocupar-se pelo que não pode fazer, ponha tua mente a pensar em de que maneiras que poderia fazê-lo. Poderá se surpreender.

Zeke pestanejou.

-Mas todos me dizem que eu não posso montar.

-Por que pensa que não pode montar? - perguntou Grimm, baixando o rapazinho ao chão.

-Porque não posso ver claramente. Posso fazer seu cavalo tropeçar em uma pedra! - exclamou Zeke.

-Meu cavalo tem olhos, rapaz. Pensa que ele te permitiria tropeçar em uma pedra? *Occam* não te permitiria tropeçar com nada. Confia em mim, e eu te mostrarei que um cavalo pode treinar-se para compensar tua visão.

-Realmente pensa que um dia poderei montar sem tua ajuda? - perguntou Zeke em voz baixa, para que os espectadores que tinham se aproximado não ouvissem a esperança em sua voz e não o ridicularizassem por isso.

-Sim, eu garanto. E eu demonstrarei, com o tempo.

-Que loucura está dizendo a Zeke? - exclamou Jillian, indo até eles.

Grimm se voltou para enfrentá-la e saboreou a visão de suas bochechas ruborizadas e dos olhos brilhantes.

-Vá, Zeke - Ele deu um empurrão terno no menino na direção do castelo - Trabalharemos de novo amanhã.

Zeke sorriu abertamente a Grimm, deu uma olhada rápida no rosto de Jillian, e saiu apressadamente.

-Estou ensinando Zeke a montar.

-Por quê? Ele não pode ver bem, Grimm. Ele nunca poderá montar por si mesmo. Só terminará ferindo-se.

-Isso não é verdade. O menino disse que não pode fazer muitas coisas que na realidade pode fazer. Há métodos diferentes para se treinar um cavalo. Ainda que Zeke possa ter uma vista pobre, *Occam*, aqui - Grimm gesticulou para seu garanhão respirando ruidosamente - tem bastante perspicácia para ambos.

-Que você disse? - a frente de Jillian se enrugou.

-Disse que meu cavalo pode ver bastante bem.

-Ouvi essa parte. Como chama seu cavalo? - exigiu ela, e sem premeditação sua voz se elevava, detendo a multidão que se dispersava coletivamente e que ouvia cada palavra.

Grimm engoliu em seco. Ele não achou que ela se recordaria!

-*Occam* - disse inescrutavelmente.

-*Occam*? Chamou seu cavalo de *Occam*?

Cada homem, mulher, e criança na muralha mais baixa abriram a boca ante o timbre desigual da voz de sua senhora.

Jillian se aproximou furtivamente até a frente e atisou um dedo acusador em seu peito.

-*Occam*? - repetiu, esperando.

Estava esperando que ele dissesse algo brilhante, compreendeu Grimm. Mulher abelhuda, devia conhecê-lo melhor do que isso. Ele era esperto só quando não estava ao redor de Jillian. Mas desta vez, todo sério e comedido não poderia deixar Jillian perceber nada. Dali a poucos minutos estariam digladiando-se no pátio de Caithness enquanto todo o maldito castelo os olhava com fascinação.

Grimm examinou intensamente seu rosto, buscando alguma falha que trairia uma debilidade de caráter, algo que pudesse usar e levantar em defesa contra seus encantos, mas bem poderia ter indagado aos mares buscando um *selkie* legendário. Ela era absolutamente perfeita. Sua mandíbula forte refletia seu espírito orgulhoso. Seus claros olhos dourados brilhavam com a verdade. Ela franziu seus lábios e esperou. Lábios polpudos, o inferior mais cheio e rosado. Lábios que se abriram docemente quando ele os tomara, lábios entre os quais ele deslizara sua língua, lábios que podiam encurvar-se ao redor do seu...

E esses lábios estavam se movendo, mas ele não tinha a menor idéia do que estavam falando, porque ele havia tomado um caminho perigoso em uma fantasia sensual que envolvia carnes inflamadas, insandecidas, os lábios de Jillian e a necessidade de um homem. Ele rugiu, o sangue golpeando seus olvidos deve tê-lo ensurdecido. Ele se esforçou para concentrar-se em suas palavras, a tempo para ouvi-la dizer:

-Mentiste! Disse que nunca pensou em mim.

Ele se retraiu, defensivamente. Ela estava satisfeita demais consigo mesma para sua paz mental.

-Que está inventando agora, pequena boba real? - disse ele com sua voz mais aborrecida.

-*Occam* - ela repetiu triunfantemente.

-Esse é meu cavalo - pronunciou ele com lentidão - e qual é o problema?

Jillian duvidou. Só por um momento, mas ele viu a oscilação de perturbação em seus olhos quando ela se perguntou se ele realmente não recordava o dia que ela havia descoberto como se usar a fruta de Navaja, *Occam*, para enfeitar e cortar e depois quisera enfeitar toda Caithness. Como podia ele não recordar o deleite dessa menina? Como podia ele esquecer a derrota dos lordes visitantes, versados em política e caça, a pesar de absolutamente aplacados por uma mulher com uma mente própria, inclusive uma menina na idade terna de onze anos? Oh, ele recordava; havia estado tão absurdamente orgulhoso dela que doía. Ele havia querido dar bofetadas nos sorrisos afetados nas caras dos presunçosos senhores por aconselhar aos pais de Jillian que queimassem seus livros, para que não estragassem uma garota absolutamente boa e fazê-la imprestável para o matrimônio. Ele recordava. E tinha dado esse nome a seu cavalo em sua homenagem.

A Navaja de enfeitar de *Occam*: a teoria mais simples que encaixava com os feitos correspondia estranhamente com a realidade. Pensou resignadamente em Jillian; por que te trato tão horrivelmente? Ele fez uma careta. A teoria mais simples que explicava a sua conduta de um asno que exibia junto a Jillian era que estava desesperadamente enamorado dela, e se não tivesse cuidado, ela deduziria. Tinha que ser frio, quem sabe cruel, já que Jillian era uma mulher brilhante e a menos que ele mantivesse uma fachada convincente, veria suas intenções.

Fez uma respiração profunda e endureceu a si mesmo.

-Estava dizendo? - Ele arqueou uma sobrancelha, sardônico. Homens poderosos tinham se convertido em idiotas charlatões sob o sarcasmo e o julgamento desse olhar mortal.

Mas não sua Jillian, e isso o encantou tanto como o preocupou. Ela manteve seu território, inclusive se aproximou mais e ignorou os olhares curiosos e as orelhas erguidas dos espectadores. Bastante perto para que sua respiração soprasse em seu pescoço e o fizesse querer selar seus lábios sobre os dela e absorver sua respiração tão profundamente em seus pulmões, que necessitaria que ele respirasse de novo nela. O olhava intensamente nos olhos; então um sorriso de deleite curvou sua boca.

-Recorda sim - susurrou furiosamente - Me pergunto em que mais me mente - murmurou, e ele teve a suspeita terrível de que ela estava a ponto de começar a aplicar uma análise científica a sua conduta idiota. Então ela sabia, e ele se exporia como o super apaixonado que era.

O homem esfregou suas mãos e seus dedos firmemente, até que entendeu que ele poderia parti-la em duas com um golpe de sua mão. Permitiu que seus olhos deliberadamente se incendiassem no ardente, impío olhar que fazia as pessoas se aborrecerem. Inclusive Jillian retrocedeu ligeiramente, e ele supôs que de algum modo ela havia interceptado a diminuta chama do *Berserker* em seus olhos. O ajudaria muito temê-lo. Ela devia ter medo dele, Cristo sabia, porque ele tinha medo de

si mesmo. Ainda que Jillian houvesse mudado e amadurecido, todavia não tinha nada que oferecer a ela. Nenhum clã, nenhuma família, nenhuma casa.

-Quando deixei Caithness, jurei não voltar nunca. Isso é o que eu recordo, Jillian – Ele fez um trejeito com a boca - E não regressei de boa vontade, sim por um voto feito há tempo. Se chamei meu cavalo com uma palavra com a que crê estar familiarizada, que arrogância a sua de pensar que teria algo que haver contigo.

-Oh! Eu não sou arrogante...

-Sabe por que teu pai realmente nos trouxe aqui, moça? - interrompeu Grimm friamente.

A boca de Jillian se fechou de um golpe. Sentiu que ele seria o único que poderia dizer-lhe a verdade.

-Você sabe? Sei que tinha o mal hábito de espiar, e duvido muito que isso tenha mudado.

Sua mandíbula se projetou para cima, sua coluna se tensionou, e ela jogou seus ombros para trás e o presenteou com uma visão clara de sua figura luxuriosa, das coisas que haviam mudado definitivamente nela. Ela mordeu os lábios para prevenir um sorriso altaneiro quando o olhar de Grimm se deixou cair ao longo dela, então deu um passo atrás.

Grimm a contemplou ásperamente.

-Teu pai nos convocou os três aqui, para conseguir-lhe um marido, bobinha. Ao que parece era tão impossível de persuadir, que teve que recorrer aos guerreiros mais poderosos de Escócia para acabar com tuas defesas - Ele estudou sua pose rígida e a expressão distante por um momento e respirou com forte ruído - Tinha razão: ainda escuta atrás das portas. Não está nada surpreendida por minha revelação. Vendo que conhece o plano, por que não tenta ser uma boa menina para variar? Vá ter com Quinn e tente persuadí-lo a se casar contigo para que eu possa ir embora e seguir com a minha vida - suas entranhas se retorceram quando se obrigou a dizer essas palavras.

-Isso é o que deseja que eu faça? - perguntou ela com voz fraca.

Ele a estudou por um longo momento.

-Sim - disse finalmente - Isso é o que desejo que faça - Ele passou as mãos através dos cabelos antes de agarrar *Occam* pelas rédeas e levá-lo.

Jillian o viu ir embora, sua garganta se fechando dolorosamente. Não choraria. Nunca desperdiçaria de novo suas lágrimas com ele. Com um suspiro, se voltou para o castelo, só para se chocar em cheio contra o peito amplo de Quinn. Ele estava contemplando-a com tal compaixão que a fez perder a calma. As lágrimas chegaram a seus olhos quando ele pôs seus braços ao redor dela.

-Quanto tempo está de pé aqui? - perguntou ela chorosamente.

-Tempo suficiente – respondeu ele suavemente - Não te custaria nada persuadir-me, Jillian - lhe assegurou Quinn - Te quis profundamente desde quando era menina e era como uma querida irmã caçula. Eu poderia te amar agora muito mais que como uma irmã.

-Que poderia amar em mim? Sou uma renomada idiota!

Quinn sorriu amargamente.

-Só para Grimm. Mas de todas as maneiras, sempre foi louca por ele. Agora, o que há para se amar em você: teu espírito irreprímível, teu gênio, tua curiosidade sobre tudo, a música que toca, teu amor pelas crianças. Tem um coração puro, Jillian, e isso é raro.

-Oh, Quinn, por que é sempre tão bom comigo? - Ela acariciou sua face afetuosamente, com as pontas dos dedos, antes de deslizar-se para longe dele e caminhar sozinha até o castelo.

CAPÍTULO 9

-Qual, inferno, é o teu problema? - exigiu Quinn, inrrompendo nos estábulos.

Grimm o olhou por sobre o ombro enquanto passava o cabestro pela cabeça de *Occam*.

-Do que está falando? Não tenho nenhum problema – respondeu e agradeceu ao ávido ajudante do estábulo – Eu mesmo cuidarei do meu cavalo, Chico. Eu não o mantereirei aqui. Simplesmente o trouxe para escová-lo. Nunca o prendo.

Cabeceando, o rapaz do estábulo recuou e saiu rapidamente.

-Creio, McIlloch, que não me importa o que te motiva a ser um bastardo com ela - disse Quinn, deixando para trás toda pretensão, usando o nome real de Grimm - Não desejo saber sequer. Só pare com isso. Não quero que a faça chorar. Já o fizeste muitas vezes quando éramos jovens. Não interferei então e me dizia que Gavrael McIlloch havia tido uma vida dura e quem sabe necessitava um pouco de calma, mas já não tem mais uma vida dura.

-Como sabia...?

Quinn o observou.

-Porque sei o que te fez voltar. É um dos mais respeitados homens da Escócia. Não é Gavrael McIlloch, e sim o renomado Grimm Roderick, uma lenda de disciplina e controle. Salvou a vida do Rei em uma dezena de ocasiões diferentes. Tem sido recompensado tão ricamente que vale mais que o vale de St. Clair e eu juntos. As mulheres se jogam a teus pés. Que mais poderia querer?

Só uma coisa que nunca poderei ter, refletiu ele. Jillian.

-Tem razão, Quinn. Como de costume. Sou um asno e tens razão. Assim, que se case com ela - Grimm lhe voltou as costas e acariciou a cela de montar de *Occame* verificou suas ferraduras. Se encolheu quando a mão de Quinn se apoiou em

seu ombro por um momento – Deixe-me só, Quinn. Seria um marido perfeito para Jillian, e desde que vi Ramsay beijá-la outro dia, seria melhor que se movimentasse mais rapidamente.

-Ramsay a beijou? - exclamou Quinn – O beijou ela também?

-Sim - disse Grimm amargamente - E esse homem já enganou a muitas moças inocentes, assim, faça-nos um favor e salve Jillian dele oferecendo-se a si mesmo.

-Já o fiz - disse Quinn baixinho.

Grimm se ergueu repentinamente.

-O que disse? Quando? Que disse ela?

Quinn mudou seu peso de um pé para outro.

-Bem, não fiz precisamente um pedido completo, mas deixei minhas intenções claras.

Grimm esperou, uma sobranceira escura arqueada inquisitivamente.

Quinn se sentou sobre um monte de feno e se apoiou para trás, descansando o peso sobre os cotovelos. Retirou uma mecha de cabelo ruivo, irritado, de seu rosto.

-Ela pensa que está apaixonada por você, Grimm. Sempre pensou que estava apaixonada por você, desde que era uma menina. Por que não lhe diz finalmente a verdade? Diga quem realmente é. Permita-lhe decidir se é bom o bastante para ela. É o herdeiro de um lord, se alguma vez voltar para sua casa e o exigir. Gibraltar sabe exatamente quem você é, e ele te convocou para ser um dos candidatos a sua mão. Obviamente, ele pensa que você é bom o bastante para sua filha. Quem sabe é o único que não o ache?

-Quem sabe ele me trouxe somente para fazer-te parecer bom em comparação. Sabe, algo assim como convidar ao rapaz-fera. Não é assim que Jillian me chamava? – Ele revirou seus olhos – Então, o lord belo parecerá mais atraente. Ela não pode estar interessada em mim. Até onde Jillian sabe, nem sequer tenho título. Sou um Dom de nada. E eu pensei que a queria, Quinn - Grimm se voltou até seu cavalo e escovou o lombo de *Occam* com uma larga e suave passada de escova.

-E eu quero. Estaria orgulhoso de fazer Jillian minha esposa. Qualquer homem estaria.

-A ama?

Quinn ergueu uma sobranceira e o olhou com curiosidade.

-Mas é claro que a amo.

-Não, a ama realmente? Ela te faz se sentir louco por dentro? - Grimm o olhou cuidadosamente.

Quinn pestanejou.

-Não sei o que quer dizer, Grimm.

Grimm suspirou.

-Não esperava que o fizesse – murmurou ele.

-Oh, infernos, este é um maldito enredo - exalou Quinn com impaciência e se deixou cair de costas no feno fragante. Tirou um talo de feno do monte e mastigou pensativamente – Eu a quero. Ela te quer. E você é meu melhor amigo. O único fator desconhecido nesta equação é o que quer você.

-Em primeiro lugar, duvido que ela me queira, Quinn. Se há algo, são os restos de uma lembrança da infância que, te asseguro, a farei esquecer. Segundo, não importa o que eu quero - Grimm pegou uma maçã de sua sacola e a ofereceu a *Occam*.

-Que quer dizer com não me importa? Mas é claro que importa - Quinn fraziu as sobranceiras.

-O que eu quero, é a parte mais irrelevante deste assunto, Quinn. Sou um *Berserker* - disse Grimm rotundamente.

-E daí? Você está enganado. A maior parte dos homens cederia sua alma para ser um *Berserker*.

-E isso seria um péssimo negócio. Há muitas coisas que não sabem, as partes que constituem a maldição.

-Está provado que é um dom real para você. É quase invencível. Porque recordo Killarnie...

-Não desejo falar sobre Killarnie.

-Matas-te a metade do condenado...

-*Haud your wheesht!* - a cabeça de Grimm girou - Não desejo falar sobre matar. Parece que é a única coisa para a qual sou bom. Por tudo o que sou, quando esta lenda ridícula toma o controle, há uma parte de mim que não posso controlar, de Moncreiffe. Não tenho nenhum controle sobre essa ira. Nunca o tive - admitiu bruscamente - Quando passa, perco a memória. Perco o sentido do tempo. Não tenho nenhuma idéia do que estou fazendo quando estou transformado, e quando termina, tem que contar-me o que eu fiz. Sabe o que é isso. Você mesmo teve que dizer-me uma vez ou duas.

-Que está querendo me dizer, Grimm?

-Que deve casar-se com ela, não importa o que eu possa sentir, porque nunca poderei ser alguém para Jillian St. Clair. O sabia então, e o sei agora. Nunca me casarei. Nada mudou... eu não posso mudar.

-Sente algo por ela - Quinn se sentou no monte de feno, escrutinando intensamente o rosto de Grimm - Profundamente. E é por isso que tenta fazê-la te odiar.

Grimm retrocedeu até seu cavalo.

-Nunca te disse como morreu minha mãe, não é verdade, de Moncreiffe?

Quinn se levantou e limpou a palha de seu *kilt*.

-Creio que morreu na matança de Tuluth.

Grimm apoiou seu rosto contra a cabeça inclinada de *Occam* e respirou profundamente o odor consolador de cavalo e couro.

-Não. Jolyn McIlloch morreu bem antes dessa manhã, antes dos McKane chegarem - Ele conferiu à suas palavras uma monotonia impassível - Meu pai a assassinou em um ataque de ira. Não só fiz a besteira de convocar ao *Berserker* nesse dia, como soube que sou de uma loucura hereditária.

-Não creio nisso, Grimm - disse Quinn rotundamente - Você é um dos homens mais lógicos e racionais que eu conheço. Grimm fez um gesto de impaciência.

-Meu pai me disse, na noite que deixei Tuluth. Mesmo que eu desse desculpas a mim mesmo, mesmo que tentasse me convencer de que não sou de uma loucura hereditária, ainda sou um *Berserker*. Não compreende, Quinn, que segundo a lei antiga nós somos os '*os adoradores pagãos de Odín*' e que seremos desterrados? Condenados ao ostracismo, proscritos e assassinados, se for possível. A metade do país sabe que os *Berserkers* existem e querem empregar-nos; a outra metade se nega a admitir que existimos enquanto tentam destruir-nos. Gibraltar deve ter estado fora de sua razão quando me convocou, porque não podia seriamente considerar-me para a mão de sua filha! Ainda que eu quisesse, com todo meu coração, tomar Jillian como esposa, que poderei oferecer-lhe? Uma vida como esta? Isso é claro, assumindo que não sou louco de nascimento.

-Não está louco. No sei de onde tirou a idéia ridícula, de que porque teu pai matou tua mãe, há algo errado contigo. E ninguém sabe quem realmente é salvo eu, Gibraltar e Elizabeth - protestou Quinn.

-E Hatchard - recordou Grimm. *E Hawk e Adrienne*, recordou.

-Somente nós quatro sabemos. Ninguém te trairia jamais. E no que concerne ao mundo, é Grimm Roderick, o legendário guarda pessoal do Rei. Deixando tudo isso de lado, não vejo como seria um problema para você admitir quem realmente é. Muitas coisas têm mudado desde a matança de Tuluth. E ainda que algumas pessoas temam aos *Berserkers*, a maior parte os venera. Você é um dos guerreiros *Alba* mais poderosos que já nasceu alguma vez, e sabe como nós os escoceses rendemos culto a nossas lendas. Os Superiores do Círculo dizem que só o mais puro, honorável sangue da Escócia pode chamar-se realmente *Berserker*.

-Os McKane todavia nos caçam - disse Grimm entre dentes.

-Os McKane sempre caçaram qualquer homem que suspeitem ser um *Berserker*. Têm zelo. Utilizam cada momento, desde que despertam para treinarem, para serem guerreiros e nunca puderam vencer um *Berserker*. Assim, por conseguinte, querem derrotá-los, e não os deixam descansar. Já não tem quatorze anos. Eu lhe vi em ação. Desperta um exército. Inferno, eu lutaria por você! Tome quantos homens necessitar. Vá a sua casa e exija tua primogenitura.

-Meu legado de loucura herdada?

-A posição de chefe, idiota!

-Poderia haver um problema pequeno com isso - disse Grimm amargamente - Meu louco, assassino pai tem planos terríveis para abandonar esta terra.

-O que? - Quinn ficou mudo. Agitou várias vezes a cabeça e fez uma careta - Cristo! Como posso ter estado todos estes anos pensando que te conheço, só para averiguar que não sei uma condenada coisa de você? Me disse que teu pai estava morto.

Parecia que todos seus amigos íntimos estavam dizendo a mesma coisa ultimamente, e ele não era um homem dado a mentir.

-Pensei que estivesse, durante muito tempo - Grimm passou uma mão impaciente através de seu cabelo - Nunca voltei para casa, Quinn, e há algumas coisas sobre ser *Berserker* que não entende. Não posso ter qualquer grau de intimidade com uma mulher sem que ela compreenda que não sou normal. Que se supõe que devo fazer? Dizer a mulher afortunada que sou uma destas bestas selvagens e assassinas que tem tido tão má reputação durante séculos? Dizer-lhe que não posso ver sangue sem perder o controle de mim mesmo? Dizer-lhe que se meus olhos alguma vez começarem a parecer incandescentes, deve fugir de mim como puder, porque já conheci um *Berserker* que pode prejudicar aos amigos e inimigos indiscriminadamente?

-Nunca me prejudicou em nenhum momento! - clamou Quinn - E eu estive ao seu lado quando se transformou, muitas vezes!

Grimm agitou sua cabeça.

-Case-se com ela, Quinn. Pelo amor de Cristo! Case-se com ela e libera-me! - Ele maldisse bruscamente e deixou cair sua cabeça contra seu ganhão.

-Pensa realmente que quer isso? - perguntou Quinn enojadamente - Pode ser livre como qualquer um de nós, Grimm?

Jillian passeou de parede a parede, na passagem escura detrás do parapeito, respirando profundamente o crepúsculo. O anoitecer era sua hora favorita, o momento em que o crepúsculo se rompia em uma escuridão absoluta, só iluminado pela rota da lua prateada e pelas estrelas brancas sobre Caithness. Fez uma pausa e descansou seus braços contra o parapeito. O odor de rosas e madressilvas ascendeu com a brisa. Inalou profundamente. Outro odor provocou seus sentidos, e ergueu sua cabeça. Escuro e picante; couro, sabão e homem.

Grimm.

Se voltou devagar e ele estava ali, de pé atrás dela no telhado, profundo nas sombras das paredes, observando-a, seu olhar insondável. Ela não ouvira nenhum som quando ele se aproximara, nenhum som de tecido, nem o eco de suas botas nas pedras. Era como tivesse se formado no ar da noite e navegado no vento até sua solitária contemplação.

-Se casará? - perguntou ele sem preâmbulos.

Jillian aspirou bruscamente. As sombras se estendiam sobre os ângulos de seu rosto, mas um raio de luz da lua iluminava seus intensos olhos. Quanto tempo estava ali? Havia um "*comigo*" tácito no final de sua frase?

-Que está perguntando? - disse ela susurrando.

Sua baixa voz era branda.

-Quinn seria um bom marido para você.

-Quinn? - repitiu ela.

-Sim. Ele é louro como você, moça. É amável, gentil e rico. Sua família gostaria.

-E o que me diz da tua? - Ela não podia crer que havia se atrevido a pergunta-lhe isso.

-Sobre minha o que?

-Me apreciaria tua família? Como é tua família?

Seu olhar ficou gelado.

-Eu não tenho família.

-Nenhuma? - Jillian franziu a sobrancelha. Certamente ele teria alguns parentes em alguma parte.

-Não sabe nada de mim, moça - o recordou ele em baixa.

-Bem, já que continua metendo teu nariz em minha vida, creio que tenho o direito de fazer umas perguntas - Jillian o observou intensamente, mas estava muito escuro para vê-lo com clareza. Como poderia parecer parte da noite?

-Deixarei meter meu nariz. E as únicas vezes em que meto meu nariz é quando parece que está a ponto de ter problemas.

-Não tenho problemas todo o tempo, Grimm.

-Então - ele gesticulou com impaciência - quando se casará com ele?

-Com quem? - desconversou ela, estirando as pregas de seu vestido. As nuvens passaram sobre a lua e o ocultara momentaneamente de sua vista.

Sua misteriosa voz incorporada a repreendeu com rapidez.

-Tente prestar atenção na conversa, moça. Quinn.

-Pela árvore de Odín...

-Pela lança - ele corrigiu com uma indireta de diversão em sua voz.

-Não me casarei com Quinn! - informou furiosamente ao seu vulto no escuro.

-Não será com Ramsay? - Seu tom de voz mudou perigosamente - Ele é tão bom beijando que já te persuadiu?

Jillian fez uma respiração profunda. A soltou e cerrou os olhos, orando por um pouco de prudência.

-Moça, tem que se casar com um deles. Teu pai o exige - disse ele baixo.

Ela abriu os olhos. Graças aos santos, as nuvens haviam se espalhado e podia discernir o contorno de sua figura uma vez mais. Havia um homem de carne e osso nessas sombras, não alguma entidade mística.

-Você é um dos homens que meu pai trouxe aqui para mim, pelo que suponho que isso significa que poderia te escolher, não é verdade?

Ele balançou sua cabeça, um borrão de movimento na escuridão.

-Nunca o fará, Jillian. Eu não tenho nada a te oferecer exceto uma vida de inferno.

-Pode ser que pense isso, mas pode ser que esteja equivocado. Quem sabe, se deixar de sentir compaixão por si mesmo, veria as coisas diferentes.

-Eu não sinto compaixão por mim mesmo.

-Sei! Está se afogando nela, Roderick. Só de vez em quando deixa que um sorriso se espalhe sobre teu rosto bonito, e quando se dá conta disso, o desfaz. Sabe qual é o teu problema?

-Não. Mas tenho o pressentimento de que vai dizer-me, boba real.

-Correto, Roderick. Supõe que isso me fará sentir bastante ofendida para calar? Bem, não funcionará, porque me sinto ofendida a teu lado todo o tempo, assim posso ser também ofensiva. Suspeito que teu problema é que tem medo.

Grimm apoiou indolentemente suas costas contra as pedras da parede, exibindo em cada palmo, um homem que nunca contemplava a palavra medo o tempo suficiente para incorporá-la em seu vocabulário.

-Sabe do que é que tem medo? - pressionou ela valorosamente.

-Considerando que não sabia que tinha medo, tenho medo de que me fará sentir atrapalhado em um momento de desvantagem - se mofou ele.

-Tem medo de ter sentimentos - ela anunciou triunfantemente.

-Oh, não tenho medo dos sentimentos, moça - disse ele, um conhecimento escuro, sensual, derramando-se de sua voz - Só depende do tipo de sentimento.

Jillian estremeceu.

-Não tente mudar de tema...

-E se o sentimento é abaixo da minha cintura...

-...para entrar em uma discussão sobre tuas corrompidas...

-Então estou absolutamente a vontade com ele.

-...e perversas necessidades de homem...

-Perversas necessidades de homem? - ele fez eco, o riso reprimido sobre saindo em suas palavras.

Jillian mordeu os lábios. Sempre terminava falando demais quando estava a seu lado, porque ele tinha o mal hábito de falar sobre ela, e ela perdia a noção de suas palavras por sua vez.

-O problema é confundir sentimentos com emoções - recordou ela tensamente.

-E pensa que são mutuamente exclusivos? - instigou Grimm.

Ela havia dito isso, se perguntou? Por todos os Santos, o homem convertia seu cérebro em geléia.

-Do que está falando?

-De sentimentos e *sentimentos*, Jillian. Pensa que se excluem mutuamente?

Jillian ponderou sua pergunta uns momentos.

-Não tenho tido muita experiência nessa área, mas poderia supor que eles se sucedem menos em um homem que em uma mulher – respondeu ela finalmente.

-Não todos os homens, Jillian – Ele fez uma pausa, então acrescentou simplesmente - Quanta experiência exatamente já teve?

-Que estava dizendo? - perguntou ela irritada, negando-se a reconhecer sua pergunta.

Ele riu. Por todos os Santos, ele riu! Uma genuína e desinibida risada, profundamente resonante, rica e veemente. Ela estremeceu, porque os dentes brancos em seu rosto sombrio o fez ficar tão lindo que quis chorar ante a injustiça de ser afastada de tal beleza.

-Estava esperando que me dissesse “*nenhuma*” agora, Jillian.

-Roderick, as conversações contigo nunca vão aonde creio que vão.

-Pelo menos nunca fica aborrecida. Isso deve contar em algo.

Jillian reprimiu um suspiro de frustração. Isso era verdade. Podia sentir-se exaltada, alegre, sensualmente alerta, mas nunca, nunca, aborrecida.

-Então, são mutuamente excludentes para você? - se atreveu ele a dizer.

-O que? - ele perguntou brandamente.

-Os sentimentos e *sentimentos*.

Grimm arrastou inquietamente seu cabelo escuro.

-Suponho que ainda não tenha encontrado a mulher que poderia fazer-me *sentir* enquanto estou sintendo-a.

Eu posso, eu sei que posso!, quase gritou ela.

-Mas muito frequentemente tem esses outros tipos de sentimentos, verdade? - insistiu ela.

-Tanto quanto posso.

-Lá está você mexendo no cabelo de novo. O que está acontecendo contigo e com teu cabelo? - Quando ele não respondeu, ela disse puerilmente - Te odeio, Roderick - Poderia dar-se pontapés no momento em que disse isso. Queria parecer uma mulher brilhante, mas, no entanto, quando estava junto de Grimm se transformava em uma menina. Ia ter que inventar algo mais eficaz do que o mesmo assunto infantil, se pensava em discutir algo com ele.

-Não o faça, menina - Ele proferiu uma maldição áspera e se adiantou, deixando as sombras com impaciência - É a terceira vez que me diz isso, e estou ficando doente de ouvi-lo-. Jillian conteve a respiração quando ele se moveu para mais perto e a olhou firmemente de cima, com uma expressão tirânica - Deseja poder odiar-me, Jillian St. Clair, e Cristo sabe que deve odiar-me, mas não pode obrigar-se realmente a me odiar tanto, não é verdade? Eu sei, porque já vi isto em seus olhos, Jillian, e onde deveria haver um enorme vazio se me odiasse, há uma coisa ardente que me observa com olhos curiosos.

Ele voltou-se em um giro para as sombras e desceu do terraço, movendo-se com uma graça sem igual. No final das escadas, fez uma pausa em um foco de luz da lua e inclinou sua cabeça. A lua pálida transformou sua expressão amarga em um suspiro severo.

-Nunca me diga de novo, Jillian, essas palavras. Estou te advertindo justamente. Nunca.

Os cascalhos estalaram sob suas botas quando desapareceu nos jardins, confortando-a com a segurança de que ele era, de fato, deste mundo.

Ela ponderou suas palavras durante muito tempo depois que ele se foi, permanecendo sozinha com o céu estrelado no parapeito. Por três vezes não a havia chamado pelo nome de *tolinha ou menina*, e sim como Jillian. E ainda que suas palavras finais tenham sido ditas em uma impassibilidade monótona, havia visto, a menos que a lua estivesse fazendo truques com a sua visão, um indício de angústia em seus olhos.

Quanto mais tempo refletia nisso, mais convencida estava. A lógica insistia em que o amor e o ódio podiam se confundir atrás da mesma fachada. Simplesmente, o problema era retirar essa máscara para descobrir o que estava embaixo dela e determinar que emoção realmente dominava o homem nas sombras. Um vislumbre de compreensão assomou-se na escuridão que a rodeava.

Segue teu coração, sua mãe tinha aconselhado centenas de vezes. O *coração fala claramente, inclusive quando a mente insiste em outra direção*.

-Mamãe, você tem razão - susurrou Jillian enquanto o último raio do crepúsculo púrpura se fundia em um horizonte negro como um corvo. Mas apesar da distância, a força de Elizabeth St. Clair estava dentro dela, em seu sangue.

Ela era uma Sacheron e uma St. Clair, uma combinação formidável.

Indiferente a ela, não é verdade?

Era tempo de comprová-lo.

CAPÍTULO 10

-Bem, é isso, então se foram - murmurou Hatchard vendo os homens partir. Cofiou sua curta barba com os dedos, pensativamente. Estava de pé, com Kaley nas escadas, diante de Caithness, observando os três cavalos desaparecerem nos caminhos tortuosos para o povoado.

-Por que tinham que escolher Durrkesh? - perguntou Kaley irritada - Se quiriam tanto conquistar algo, poderiam muito bem ter ficado no nosso povoado - Ela assinalou o pequeno povoado, aglomerado protetoramente, perto das paredes de Caithness, mais além do vale.

Hatchard lhe endereçou um olhar cáustico.

-Mesmo que isto possa ser uma grave surpresa para você... devo dizer-lhe... que por nossa natureza servicial, nem todos pensam nisso o tempo todo, Senhora Twillow.

-Não sou a 'Senhora Twillowing'², Remmy - alfinetou ela - Não crê que tenha vivido quase quarenta anos sem ter pelo ao menos algumas conquistas não é mesmo. Mas devo dizer, que acho espantoso irem buscar conquistas quando foram atraídos aqui para Jillian.

-Se escutasse, para variar, Kaley, poderia ouvir o que tenho te explicado até agora. Foram a Durrkesh porque Ramsay sugeriu, não foram para conquistar nada, e sim para adquirir mercadorias que só podem ser compradas na cidade. Disse-me que estamos com poucos grãos de pimenta e canela, e não encontrará essas mercadorias aqui - Ele gesticulou o povoado e permitiu uma pausa significativa antes de continuar - Também ouvi que poderiam encontrar açafrão na cidade este ano.

-Açafrão! Santos Benditos, não temos tido açafrão desde a primavera passada.

-Me manteve consciente permanentemente disto - disse Hatchard irônicamente.

-É a única maneira de ajudar a memória de um ancião - resumiu Kaley - E corrija-me se me equivoco, mas você não envia normalmente teus homens para comprar as mercadorias?

-Vendo que Quinn estava tão ávido para comprar um presente elegante para Jillian, certamente não quis detê-lo. Grimm, creio, simplesmente foi com eles para evitar ficar sozinho com a menina - acrescentou Hatchard secamente.

Os olhos de Kaley se iluminaram, e ela aplaudiu.

-Um presente para Jillian. Para ajudá-la a decidir-se a ser Jillian de Moncreiffe? Um bom nome para uma boa menina, devo dizer. E ele a manteria perto das Lowlands.

Hatchard voltou seu olhar pensativamente para o caminho que atravessava o vale. Viu o último cavaleiro desaparecer numa curva e estalou a língua.

-Eu não estaria tão seguro, Kaley - murmurou.

-Qualquer coisa que esse crítico comentário queira significar... fale logo - Kaley franziu o cenho.

-Só que segundo minhas estimativas, a menina não tem tido olhos para nada exceto Grimm.

-Grimm Roderick! Esse é o pior homem para ela! - exclamou Kaley.

Hatchard se voltou para lançar um olhar de curiosidade, na direção da voluptuosa criada.

-Bem, por que crê nisso?

A mão de Kaley se moveu para sua garganta, e se abanou.

-Há homens que as mulheres desejam e há homens com quem as mulheres se casam. Roderick não é o tipo de homem com que uma mulher se casa.

-Por que não? - Hatchard perguntou, desorientado.

-Ele é perigoso - suspirou Kaley - Seriamente perigoso para ela.

-Pensa que ele poderia feri-la de alguma maneira? - Hatchard ficou tenso, preparado para defendê-la se fosse esse o caso.

-Sim inclusive sem dar-se conta, Remmy - suspirou Kaley.

-Para onde eles foram? Por quanto tempo você falou? - a fronte de Jillian se enrugou de indignação.

-A cidade de Durrkesh, milady - respondeu Hatchard - E suponho que irão ficar apenas por uma noite.

Jillian alisou as pregas de seu vestido, irritada.

-Eu vesti um vestido esta manhã, Kaley, um bonito - se queixou - Ia montar até o povoado levando o *plaid* de papai inclusive, e você sabe como odeio montar com vestido.

-Parece encantadora, de fato - Kaley lhe assegurou.

-Pareço encantadora para quem? Todos meus pretendentes me abandonaram.

Hatchard clareou sua garganta ásperamente.

-Não há nenhum que estava esperando impressionar em particular, não é verdade?

Jillian o olhou acusadoramente.

-Meu pai te impôs que me espiasse, Hatchard? Está enviando-lhe provavelmente informes semanais! Bem, droga, não te direi nada.

Hatchard teve a graça de parecer desconcertado.

-Não estou enviando informações a eles. Simplesmente estava interessado em teu bem estar.

-Pois pode se preocupar com outra pessoa. Sou grande o suficiente e não me intrometo com nenhum de vocês dois.

-Jillian - repreendeu Kaley - não fique tão mal-humorada. Hatchard está expressando sua preocupação somente.

-Me sinto com vontade de ficar mal-humorada. Não posso mudar em nada? - a fronte de Jillian se enrugou quando refletiu por um momento - Espera um minuto - disse pensativamente - Durrkesh, verdade? Tem uma feira esplêndida uma vez ao ano... a última vez que fui com mamãe e papai, nós ficamos em uma pousada pequena absolutamente encantadora... em "*Black Boot*", não é verdade, Kaley?

² Jogo de palavras: Twill é um saco de arbusto para fazer cesto em inglês, que se usa para guardar grãos. Twillow é o verbo que significa o ato de empacotar, guardar. "Señora Twillowing" poderia significar então: "Senhora Empacotadora".

Kaley assentiu.

-Quando teu irmão Edmund estava vivo os dois iam às vezes à cidade.

Uma sombra se deslizou pelo rosto de Jillian.

Kaley fez uma careta de dor.

-Eu sinto, Jillian. Não quis lembrá-la disso.

-Eu sei - Jillian fez uma respiração profunda - Kaley, comece a empacotar as minhas coisas. Tenho um impulso súbito de ir à feira, E que momento melhor que agora? Hatchard, prepare os cavalos. Estou cansada de ficar sentada permitindo que a vida passe ao meu redor. É hora de fazer com que a vida passe comigo.

-Isto não pressageia nada de bom, Senhora Twillow - disse Hatchard a Kaley quando Jillian se foi energicamente.

-Uma mulher tem tanto direito a conquista como um homem. Pelo menos ela estará atrás de um marido. Agora nós simplesmente temos que reunir nossas cabeças e assegurarmos que ela escolha o adequado - o informou Kaley altivamente antes de sair depois de Jillian, meneando bruscamente suas voluptuosas cadeiras de uma maneira que fez Hatchard pensar em algo há muito tempo esquecido.

Conteve um suspiro e se dirigiu aos estábulos.

A placa "*Black Boot*" estava pendurada precariamente nos telhados, mas afortunadamente os quartos que Grimm havia procurado estavam no terceiro piso, o que significava que deviam estar bastante seguros do dilúvio que começara na metade do caminho de sua viagem.

Fazendo uma pausa do lado de fora da porta aberta da pousada, Grimm torceu com as duas mãos as fraldas de sua camisa. A água escorreu entre suas mãos e caiu ruidosamente no grande degrau de pedra, do lado de fora da porta.

Uma neblina espessa caía sobre o povoado. Em uma hora ou mais, a neblina densa seria impossível de transpassar; haviam chegado a tempo para evitar o pior. Grimm deixou seu cavalo no pequeno pátio, em forma de U, atrás da pousada, onde precariamente oscilava um velho telhado. *Occam* encontraria resguardo suficiente, contando que o dilúvio não caísse sobre ele.

Grimm sacudiu as gotas de água que encharcavam seu manto antes de entrar na pousada. Qualquer estalajeiro cuidava da cobertura de sua pousada com cuidado, e os de Dalkeith eram considerados os melhores. Desabotoou uma parte do tecido de lã e cubriu seu ombro. Quinn e Ramsay já estavam diante do fogo, aquecendo as mãos e secando suas botas.

-Faz um tempo horrível lá fora, não é mesmo rapazes? - Um taberneiro os chamou alegremente através da porta da taberna - Tenho um fogo muito cáldo aqui, e umas boas bebidas para apagar o frio que não diminuiu. Me chamo Mac - acrescentou com uma inclinação - Vamos, o que estão esperando?

Grimm olhou para Quinn, que encolheu os ombros. Sua expressão simplesmente dizia que não havia muito mais para fazer do que beber em uma tarde tão úmida como essa. Os três homens se agacharam através da porta baixa que dividia o refeitório do que era propriamente a taberna e pegaram alguns tamburetes de madeira em uma mesa perto do lugar.

-Vendo como isto aqui está solitário, podem retirar os assentos depois de trazer-lhes suas bebidas. Poucos se aventuram fora com um aguaceiro como este - O taberneiro foi para trás do balcão, voltou à mesa e trouxe uma garrafa de whisky e quatro copos limpos - Está um tempo péssimo lá fora, não é mesmo? de onde vêm? - perguntou, sentando-se pesadamente - Não me incomada esta perna, se a deixo sobre a madeira, suave - disse quando agarrou um segundo tamburete, alçou sua perna de madeira sobre o assento, e a deixou ali. Às vezes me dói quando o tempo é úmido. E neste maldito país ocorre todo o tempo, verdade? Lugar escuro, mas o amo. Alguma vez já saíram de Alba, rapazes?

Grimm observou Quinn, que estava olhando estáticamente o taberneiro, sua expressão era uma mescla de diversão e irritação. Grimm supôs que os dois estavam se perguntando se os solitários e pequenos taberneiros se calavam alguma vez na vida.

Ia ser uma longa noite.

Depois de umas horas, a chuva não havia amainado e Grimm usou a desculpa de inspecionar *Occam* para escapar da taberna ardente e do falatório incessante de Mac. Sentindo a mesma inquietação que o havia atazanado em Dalkeith, apenas podia sentar-se por algo mais de umas horas. Dirigiu-se até o pequeno pátio, no fundo da pousada, e se perguntou o que estaria fazendo Jillian nesse momento. Um sorriso ligeiro encurvou seus lábios quando a imaginou caminhando com suas mechas gloriosas de cabelo, ultrajada por ter ficado para trás. Jillian odiava ser excluída de algo que os *meninos* faziam. Mas assim era melhor, e ela o compreenderia quando Quinn voltasse com seu presente e fizesse seu pedido formal.

Grimm apenas podia observar Quinn, sem ser golpeado pela consciência, e ver o par perfeito que faziam, dando nascimento a perfeitos, dourados meninos com rasgos aristocráticos e não com um toque de loucura herdada. Quem sabe vendo os dois juntos, ele poderia redimir-se um pouco em alguma coisa, meditou, ainda que o pensamento de Jillian com Quinn fizesse seu estômago se apertar, dolorosamente.

-Saia fora de minha cozinha e não volte, seu menino vadio - uma porta, no lado mais distante do pátio, esguinchou, abrindo-se de repente. Um menino deu uma batida com a cabeça sobre os degraus, na noite, e aterrisou no barro.

Grimm estudou o homem, cuja ampla constituição quase bloqueava a porta. Era um homem grande, forte, muito alto, com uma coroa de fios castanhos sebosos. Seu rosto estava colorido com manchas roxas, produto da ira e do exercício, ou mais provavelmente ambos, decidiu Grimm. Trazia uma afiada faca de carnicero que brilhou embotadamente na luz.

O rapaz se aprumou sobre seus joelhos e resvalou na terra molhada. Esfregou uma réstia de barro em sua bochecha com dedos delgados e sujos.

-Mas Bannion sempre nos dá os restos. Por favor, senhor, nós necessitamos comer!

-Eu não sou Bannion, cachorro insolente! Bannion não trabalha mais aqui, e não me surpreende, se está dando as coisas. Eu sou o açogueiro agora - o homem deu um empurrão no menino com tal vigor que o garoto caiu de costas sobre o barro e balançou sua cabeça como que mareado - Pensa que nós salvamos pedaços dos cortes para gente como você? Pois pode apodrecer em um canal, Robbie MacAuley que está falando. Não espero que ninguém me alimente. Por isso é que ratos como você crescem para ser ladrões e assassinos dos homens honrrados que trabalham duro - O açogueiro saiu na chuva, arrastou o menino no barro pelo pescoço maltratado, e o sacudiu. Quando o menino começou a gemer, o açogueiro fez soar uma mão carnosa em seu rosto.

-Solte-o - disse Grimm perigosamente.

-O que? - O homem lançou um olhar ao redor, sobressaltado. Uma sorriso de desprezo cruzou seu rosto roxo quando seu olhar encontrou o de Grimm, parcialmente dissimulado pelas sombras. O açogueiro endireitou o menino, suspendendo-o com uma mão - E no que te diz respeito meus assuntos? Fique fora disto. Não perguntei tua opinião e não a quero. Encontrei este aqui roubando-me as vísceras...

-Não! Eu não no roubo! Bannion nos dá os restos.

A mão do carniceiro estalou contra a cara do pequeno, e o sangue jorrou do nariz dele.

Nas sombras, Grimm olhou fixamente, trasfigurado, o menino ensanguentado. As recordações começaram a girar em torno dele, uma chamejante lâmina cor de prata, uma mecha de cabelos ruivos e uma bata curta ensanguentada... os pilares de fumaça, através de um vento sobrenatural, começava a se formar e a subir, e sentia seu corpo retorcer-se por dentro e transformar-se até que se perdeu desesperadamente no frenesi dentro de si. Longe, muito além do pensamento consciente, Grimm arremeteu contra o carniceiro e o pressionou contra a parede de pedra.

-Filho da puta - Grimm cerrou suas mãos ao redor da tráqueia do homem - O menino necessita de comida. Quando te soltar, vai entrar na cozinha e encher uma cesta com a carne mais fina que tiver, e então vai ...

-Olha bem o que eu farei! - o carniceiro conseguiu soltar-se. Se retorceu em volta de Grimm e avançou cegamente para adiante com sua faca. Quando a bruma se desfez, a mão de Grimm relaxou sensivelmente, e o açogueiro fez uma respiração ofegante de ar - Toma, aí tem, bastardo - gritou roucamente - Nada abala Robbie MacAuley. Eu te ensinarei - Ele empurrou Grimm com ambas as mãos e retorceu a faca em sua barriga.

Quando Grimm oscilou para trás, o carniceiro adiantou-se, só para cair de novo contra suas costas; seus olhos se arregalaram incrédulamente, porque o louco no qual havia apunhalado com brutalidade e eficácia e que devia ter sofrido uma ferida mortal, estava sorrindo.

-Sorris. Isso, continua, sorria enquanto te mato - gritou - Morrerá sorrindo, isso você pode ter certeza.

O sorriso de Grimm continha tão sinistra promessa que o carniceiro se encolheu contra a parede da pousada, como um líquen que busca uma fenda profunda, sombria entre as pedras.

-Há uma faca em tua barriga, homem - sibilou o carniceiro, observando a destacada empunhadura da faca para tranquilizar-se de que, de fato, estava alojada no abdomen de seu atacante.

Respirando uniformemente, Grimm tocou a empunhadura com uma mão e a puxou, colocando-a serenamente em baixo das trêmulas mandíbulas do açogueiro.

-Vá preparar a comida pela qual o menino veio. Depois se desculpará - disse Grimm levemente, seus olhos refulgentes.

-Ao inferno contigo - o carniceiro salivou ao falar - A qualquer minuto estará caindo de cara no chão.

Grimm nivelou a lâmina de baixo da orelha do carniceiro, passando-a por sua jugular.

-Não conte com isso.

-Deveria estar morto, homem. Há um corte em sua barriga!

-Grimm - a voz de Quinn cortou através do ar noturno.

Apertando suavemente, com o cuidado de uma amante, Grimm cortou a pele do pescoço do açogueiro

-Grimm - Quinn repitiu suavemente.

-Deus, homem! Deixa-me ir! - o açogueiro gritou freneticamente - Oh, você está endemoniado! Seus malditos olhos são como...!

-Cale-se, imbecil! - Quinn disse em um modulado tom conciliatório.

Sabia por experiência que as palavras proferidas bruscamente poderiam realizar uma escalada ao estado de *Berserker*. Quinn rodeou os homens cautelosamente. Grimm estava com a lâmina na garganta do homem. O menino machucado voltou a levantar-se e os olhou fixamente com os olhos muito abertos.

-Ele é um *Berserker* - o garoto susurrou reverentemente - Por Odín, olhe seus olhos.

-Ele é um *Berserker* - choramingou o açogueiro, olhando para Quinn - Faça algo!

-Estou fazendo algo - disse Quinn impacientemente - Não faça nenhum ruído forte, e por Cristo, não se mova - Quinn caminhou para perto de Grimm, assegurando-se de que seu amigo pudesse vê-lo.

-O garoto simplesmente parece um vagabundo. Não é uma coisa para se estar matar um homem honrado - tartamudeou o açogueiro - Como poderia saber que ele é um maldito *Berserker*?

-Não devia ter representado nenhuma diferença se ele é ou não um *Berserker*. Um homem não deve comportar-se honrradamente só quando há alguém maior ou mais duro por perto para forçá-lo - disse Quinn, fastiado - Grimm, quer matar este homem ou alimentar o garoto? - argumentou suavemente, perto da orelha de seu amigo. Os olhos de Grimm eram incandescentes em sua luz, e Quinn supôs que estava corroendo-se profundamente na ânsia de sangue que acompanhava aos

*Berserker*gang - Só quer alimentar o menino, concorda? Tudo o que quer fazer é alimentar o menino e mantê-lo afastado do perigo, recorda? Grimm Gavrael, escuta. Olhe para mim!

-Odeio isto, Quinn - disse Grimm depois, enquanto desabotoava sua camisa com os dedos insensíveis.

Quinn lhe lançou um olhar curioso.

-Realmente? Que havia ali para odiar? A única diferença entre o que fez e o que eu teria feito, é que não sabe o que está fazendo quando está fazendo-o. Inclusive é honrrado quando não está totalmente consciente. É tão insuportavelmente honrrado, que não pode se comportar de nenhuma outra maneira.

-Eu o teria matado.

-Não me convencerá disso. Te vi fazer isto antes e vi você sair deste estado. Quanto maior a sua força, mais controle parece ganhar. E não sei se você compreendeu isto, mas não estava completamente indiferente desta vez. Me ouviu quando te chamei. Antes levava muito mais tempo para se orientar.

A testa de Grimm se enrugou.

-Isso é verdade - admitiu - Parece que posso reter um átimo de consciência. Não muito, mas é mais do que tinha.

-Permita-me ver essa ferida - Quinn se acercou com uma vela - E tem que considerar, que o açougueiro não teria se importado em deixar o garoto morrer no barro. E esta cidade considera os meninos vagabundos não muito melhor que os ratos de esgoto, e é de concordância geral que quanto mais rapidamente morrerem, melhor.

-Isso não está certo, Quinn - disse Grimm - Os meninos são inocentes. Não tiveram oportunidade de ser envenenados. Fariamos melhor se levássemos os garotinhos para alguma outra parte para educá-los apropriadamente. Com alguém como Jillian para ensinar-lhes fábulas - acrescentou.

Quinn sorriu levemente quando se agachou para tratar-lhe a ferida.

-Ela será uma mãe maravilhosa, não é verdade? Como Elizabeth - Pensativo, tocou com seus dedos a cicatriz já fechada nas costas de Grimm - Pela lança de Odín, homem, você se curou rapidamente.

Grimm fez uma careta ligeira.

-Bastante. Parece que acontece cada vez mais rápido, quanto mais adulto eu fico.

Quinn se deixou cair na cama e balançou a cabeça.

-Isso deve ser uma benção. Não tem nunca que preocupar-se com uma infecção, verdade? Como se mata um *Berserker*, então?

-Com grande dificuldade - respondeu Grimm secamente - Já tentei beber até a morte, e isso não funcionou. Então tentei trabalhar até a morte. Falando nisso, entrei em cada batalha que podia encontrar, e isso tampouco funcionou. A única coisa que não tentei foi fazer sex... - Ele se interrompeu, envergonhado - Bem, como pode ver, nada disso funcionou.

Quinn sorriu abertamente.

-Não teria nenhum mal em tentar, no entanto, concorda?

Grimm esboçou uma curva débil nos seus lábios.

-Durma um pouco, homem - Quinn o empurrou levemente no ombro - Tudo parecerá melhor pela manhã. Bem, quase tudo - falou com uma careta tímida - dependendo de quanto bebi na noite anterior. Então, às vezes, a juvenzinha parece pior. Assim penso eu desse assunto.

Grimm apenas agitou sua cabeça e se recostou na cama. Colocando os braços atrás de sua cabeça, em poucos segundos dormia.

CAPÍTULO 11

Tudo parecerá melhor pela manhã. Olhando para Jillian da janela de seu quarto, Grimm recordou as palavras de Quinn e esteve sinceramente de acordo. O que o fez acreditar que ela não os seguiria?

Era impressionante, reconheceu, enquanto a olhava amorosamente, seguro na solidão de seu quarto. Vestida com uma capa de lã de cor âmbar, era uma visão com as faces rosadas e olhos brilhantes. Seus cabelos loiro avermelhado caíam em cima de seus ombros e lançavam reflexos de sol de volta ao céu.

A chuva tinha parado, provavelmente só para ela, pensou ele: a jovem estava de pé em um charco de sol que inundava a ala leste, anunciando a hora perto do meio-dia. Ele tinha dormido como um morto, mas sempre o fazia depois de sucumbir ao frenesi de transformação em *Berserker*, não importava quão breve fosse sua duração.

Inclinando-se na janela de gretas estreitas, limpou o vidro até que permitisse uma vista clara. Enquanto Hatchard recolhia suas bolsas, Jillian passou seu braço através de Kaley e riu animadamente. Quando Quinn apareceu depois de uns momentos da rua de baixo, galantemente lhes ofereceu seus braços a ambas senhoras, e as escoltou até a pousada.

Grimm exalou desconsoladamente.

Ele era sempre galante, sempre o dourado Quinn.

Grimm murmurou uma maldição suave e foi verificar se *Occam* se alimentava bem antes de preocupar-se com seu próprio desjejum.

Jillian subiu a escada principal até seu quarto, olhando por sobre o ombro para saber se estava só; então se desviou furtivamente para baixo, retrocedendo, alisando as pregas de sua capa. Mordendo os lábios, terminou no pátio pequeno, atrás da pousada. Ele estava ali, como ela havia suspeitado, alimentando com um punhado de grãos *Occam* e falando baixinho.

Jillian fez uma pausa e desfrutou a vista dele. Era alto e magnífico, e seu cabelo escuro ondeva na brisa. Sua túnica caía muito abaixo para sua conveniência e envolvia seus quadris delgados com insolência sensual.

Ela podia ver a ponta de sua espalda onde sua camisa havia sido posta com óbvia pressa. Seus dedos sentiram desejo de começar a acariciar a lisa pele acetinada. Quando ele se inclinou para colher uns grãos, os músculos em suas pernas ondearam, e para não fazer nenhum som, ela exalou uma respiração de puro desejo.

Mas é claro, ele a ouviu. Ela imediatamente assumiu uma máscara de indiferença e lançou perguntas para dirigir a conversa para fora dos potenciais combates verbais.

-Por que nunca prende *Occam*? - perguntou luminosamente.

Grimm se permitiu uma olhada breve por sobre seu ombro, e depois começou a escovar o liso pelo do cavalo.

-Ficou apavorado uma vez em um incêndio dentro de um estábulo.

-Não parece ter sofrido por com isso - Jillian cruzou o pátio, observando o garanhão - Ele se machucou?

O cavalo era magnífico, um tanto mais alto que a maioria e de uma brilhante, imaculada cor prata.

Grimm deixou de escová-lo.

-Nunca pára com as tuas perguntas, não é verdade? E o que está fazendo aqui, de todas as maneiras? Não pode ser simplesmente uma boa moça e esperar em Caithness? Não, eu esqueci, Jillian odeia ficar para trás - disse ele ridicularizando-a.

-Então, quem o resgatou? - Jillian estava determinada a não morder o anzol.

Grimm voltou sua atenção para o cavalo.

-Eu o fiz - fez uma pausa. Só se ouvia o som da escova de cerdas contra a carne do cavalo. Quando ele falou de novo, soltou uma risada baixa e tensa.

-Já ouviu um cavalo gritar alguma vez na vida, Jillian? É uma das maiores agonias que já ouvi alguma vez. Corta tão cruelmente o som através de você, como o lamento de dor de uma criança inocente. Creio que sempre tem sido a inocência o que me farta a maioria das vezes.

Jillian se perguntou quando ele ouvira esses gritos e queria perguntar desesperadamente, mas vacilava em tocar em alguma ferida. Conteve sua língua e esperou que ele continuasse se ficasse silenciosa.

Ele não o fez. Calmamente, caminhou para trás do garanhão, fez um gesto afilado, acompanhado por um ruído de sua língua contra seus dentes. Jillian olhou com assombro como o cavalo girava seus joelhos, e depois se deixava cair pesadamente sobre um lado com um sussurro suave. Grimm se aproximou do cavalo, ficando bem perto, agachado.

Ela deslizou de joelhos para o lado de Grimm.

-Oh, pobre, doce *Occam* - ela susurrou. Toda a parte inferior do cavalo estava cheia de atrozes cicatrizes. Com leveza, ela passou seus dedos sobre a pele enrugada, e suas sobrancelhas se juntaram com compaixão.

-Estava tão queimado, que disseram que não viveria - disse Grimm - Planejavam matá-lo, mas eu o comprei. Não só estava ferido, mas como que enlouquecido durante meses. Pode imaginar o terror de estar preso em um celeiro ardente, impedido de sair? *Occam* podia correr mais rapidamente que o cavalo mais rápido, podia correr a milhas das chamas, mas estava encerrado em um inferno artificial, feito pelo homem. Nunca mais o prendi desde então.

Jillian engoliu em seco e olhou para Grimm. Sua expressão era amarga.

-Parece como se você também houvesse estado preso em um inferno artificial, Grimm Roderick - observou ela suavemente.

Seu olhar se voltou para ela.

-Que sabe sobre o inferno feito pelo homem?

-Uma mulher vive a maior parte de sua vida em um mundo feito pelo homem - respondeu Jillian - Primeiro o mundo de seu pai, depois de seu marido, finalmente o de seu filho, se por acaso ela sobreviver a morte de seu esposo. Na Escócia, os maridos parecem sempre morrer antes que as mulheres, em uma guerra ou outra. Às vezes, observar simplesmente o inferno que os homens desejam para os outros, é bastante horrível para qualquer mulher. Nós sentimos as coisas diferentes dos homens, de como vocês fazem - Ela pousou sua mão impulsivamente contra seus lábios para impor-lhe silêncio quando ele começou a falar - Não. Não diga nada. Sei que pensa que eu sei pouco sobre a dor, mas eu tenho tido minha parte também. Há coisas que não sabe de mim, Grimm Roderick. E não se esqueça da batalha que presenciei quando era jovem - Seus olhos se estreitaram com ceticismo quando Grimm beijou as pontas de seus dedos com leveza, onde pousavam seus lábios.

-*Touche*, Jillian - susurrou ele. Afastou sua mão e a pousou suavemente no regaço feminino. Jillian permaneceu imóvel quando ele curvou sua própria mão sobre a dela, protetoramente.

-Se eu fosse um homem que cresse nos desejos que se pedem as estrelas, desejaria a todas elas, que Jillian St. Clair nunca sofresse a menor visão de qualquer inferno. Deve haver só o céu para os olhos de Jillian.

Jillian todavia permanecia absolutamente quieta, disfarçando seu assombro, regozijando-se na sensação de estar rodeada pelo aperto forte, ardente da mão dele sobre a sua. Por todos os Santos, ela teria montado todo o caminho para a Inglaterra, através de uma salvagem batalha se soubesse que isso estava esperando-a no final do caminho. Imaginou que seu corpo havia criado raiz onde se encontrava; para continuar sendo tocada por ele, envelheceria de boa vontade nesse pátio pequeno, sofrendo o vento e a chuva, granizo e neve sem a mais ligeira preocupação. Magnetizada pelo vislumbre de vacilação em seu olhar, sua cabeça se inclinou até ele; a dele parecia avançar e baixar, como se tocada por uma brisa de verão.

Seus lábios estavam a um suspiro dos seus, e ela esperou, seu coração disparado.

-Jillian! Jillian, está aí fora?

Jillian cerrou seus olhos e enviou o dono da voz estridente ao inferno e mais longe. Sentiu a carícia suave dos lábios de Grimm sobre os seus quando ele, com rapidez, depositou um beijo, que não era exatamente como o que estava antecipando. Ela queria seus lábios colados aos seus, queria sua língua em sua boca e sua respiração em seus pulmões, queria tudo o que ele tinha para dar.

-É Ramsay - disse Grimm através de seus dentes - Está saindo. Levante-se, moça. Agora.

Jillian se levantou aos tropeções, apressadamente, voltou e tentou ver o rosto de Grimm desesperadamente, mas sua cabeça escura havia caído até o lugar que ela estivera ocupando um momento antes.

-Grimm - ela susurrou urgentemente. Queria que ele levantasse sua cabeça; necessitava ver seus olhos. Tinha que confirmar que havia visto desejo de verdade em seu olhar quando a contemplara.

-Moça - Ele gemeu a palavra, sua cabeça ainda inclinada.

-Sim? - ela susurrou ofegantemente.

As mãos dele estavam com os punhos fechados sobre as pregas de seu *kilt*, e ela esperou, tremendo.

A porta gemeu ao abrir-se e se fechou atrás deles.

-Jillian - chamou Ramsay quando saiu no pátio - Aí está você. Estou muito contente por ter se juntado a nós. Pensei que poderia gostar de acompanhar-me à feira. Que está fazendo teu cavalo na terra, Roderick?

Jillian soltou sua respiração em um sinal de frustração e permaneceu dando as costas a Ramsay.

-O que, Grimm? O quê? - rogou em um cochicho urgente.

Ele levantou sua cabeça. Havia um brilho desafiante em seus olhos azuis.

-Quinn está enamorado de você, moça. Creio que deveria saber - disse suavemente.

CAPÍTULO 12

Jillian enganou Ramsay, dizendo-lhe que necessitava comprar "*coisas de mulheres*", uma sugestão que parecia por a prova sua imaginação. Assim, ela pôde passar a tarde indo às compras com Kaley e Hatchard. No ourives, encomendou uma nova fivela para seu pai. Numa outra barraca, comprou três alvas almofadas de lã, confortáveis e suave como a pele do carneiro. Na barraca de jóias regateou astutamente umas diminutas estrelas de ouro para adornar um novo vestido.

Mas todo o tempo sua mente regressava ao pátio e se demorava no obscuro, sensual homem que abria a primeira greta nas paredes maciças que rodeavam seu coração. A havia aturdido, a havia desconcertado, e também havia fortificado sua resolução. Jillian não duvidava nem por um momento do que havia visto. Grimm Roderick se importava com ela. Enterrado de baixo de um monte de ruínas de um passado que, estava começando a suspeitar, havia sido mais brutal do que ela pudera compreender, havia um homem muito real, muito vulnerável.

Havia visto em seu olhar severo que ele a desejava, mas mais especificamente, que tinha sentimentos tão profundos que não podia expressá-los, e em consequência usava tudo o que estava a seu alcance para negá-los. Essa esperança era suficiente para ela trabalhar. Não ocorreu a Jillian, nem por um momento, perguntar-se se ele valia a pena o esforço: sabia que valia. Ele tinha para oferecer tudo o que alguma vez quis em um homem.

Jillian entendia que as pessoas não eram perfeitas; às vezes eram marcadas com cicatrizes tão atrozes que tinha-se que amá-las muito para ajudá-las a curar-se e permitir-lhes compreender seu potencial. E às vezes, os que tinham cicatrizes mais profundas eram os que tinham mais para oferecer, porque entendiam o valor infinito da ternura. Ela seria o sol que acariciaria a capa de indiferença que ele havia posto há tantos anos, incentivando-o a caminhar sem defesas.

Seu sentimento de antecipação era tão forte, que a fazia sentir-se insegura e fraca. O desejo havia brilhado sutilmente no olhar de Grimm quando a contemplara, e se ele o compreendia ou não, ela havia visto uma intensa, sensual promessa em seu rosto.

Agora tudo o que tinha que fazer era averiguar como soltá-lo. Estremeceu, sacudida pela certeza intuitiva de que quando Grimm Roderick liberasse sua paixão, valeria a pena, definitivamente.

-Tem frio, menina? - perguntou Hatchard, aflito.

-Frio? - Jillian fez eco inexpressivamente.

-Você estremeceu.

-Oh por favor, Hatchard! - retrucou Kaley - Esse era um calafrio de sonhar acordada. Não perceber a diferença?

Olhou de Jillian para Kaley, sobressaltado. Kaley sorriu limpidamente.

-Bem, era ele, ou não era, Jillian?

-Como suspeitou?

-Quinn parecia muito bonito esta manhã - disse Kaley significativamente.

-Foi por Grimm - esclareceu Hatchard imediatamente - Não pensava nele, menina? Sei que o viu lá pelos estábulos.

Jillian olhou boquiaberta para Hatchard, com uma expressão horrorizada.

-Estava espiando-me?

-Mas é claro que não - disse Hatchard na defensiva - Apenas dei uma olhada para fora de minha janela.

-Oh - disse Jillian em uma voz pequena, seu olhar dançando entre sua criada e o homem de armas - Por que estão olhando-me os dois assim? - exigiu.

-Assim como? - Kaley bateu suas pestanas inocentemente.

Jillian revirou seus olhos, enfasiada por seus óbvios esforços de casamenteiros.

-Voltemos a pousada? Prometi que voltaria para o jantar a tempo.

-Com Quinn? - disse Kaley esperançosamente.

Hatchard tocou com o cotovelo na criada.

-Com Grimm.

-Com *Occam* - retrucou Jillian secamente por sobre seu ombro.

Hatchard e Kaley trocaram olhares divertidos quando Jillian caminhou rua abaixo, seus braços cheios de pacotes.

-Pensei que havia nos trazido para ajudá-la - observou Hatchard com o levantar de uma cerrada sobrancelha ruiva e um gesto de suas mãos vazias.

Kaley sorriu.

-Remmy, suspeito que ela poderia carregar o mundo sobre seus ombros e não sentir nem um grama. A menina está apaixonada, com toda certeza. Minha única pergunta é: por quem?

-Quem, Jillian? - perguntou Kaley sem preâmbulos enquanto abotoava os botões diminutos nas costas do vestido de Jillian, uma criação de seda de cor lima que caía em uma onda sensual, com faixas artisticamente colocadas na saia do vestido.

-Quem o quê? - perguntou Jillian, indiferente. Passou seus dedos através de seu cabelo, derramando uma onda de ouro sobre seu ombro. Se sentou sobre uma pequena banquetta diante do espelho em seu quarto na pousada, impaciente por unir-se aos homens na sala de jantar.

O reflexo de Kaley se encontrou com o de Jillian, numa reprovação sem palavras. Penteou os cabelos de Jillian para trás e os juntou em um nó com mais força do que era necessário.

-Ai - Jillian franziu o cenho - Bem, sei o que quis dizer. Simplesmente não desejo responder ainda. Permita-me ver como vão ficar as coisas esta tarde.

Kaley relaxou sua expressão e sorriu.

-Pelo ao menos admite que pensa selecionar um marido entre alguns deles? Considerará os desejos de seu pai?

-Sim, Kaley... oh, absolutamente sim! - os olhos de Jillian brilharam quando se levantou.

-Suponho que quererá usar teu cabelo solto esta tarde - se lamentou Kaley - Ainda acho de deveria me deixar penteá-lo e prende-lo.

-Eu gosto de solto - respondeu Jillian - É bastante ondulado pela própria vontade, e não tenho tempo para preocupar-me com essas coisas.

-Oh, a moçinha que demorou uma hora para escolher um vestido não tem tempo para preocupar-se com essas coisas? - a provocou Kaley.

-Já está tarde, Kaley - disse Jillian com um rubor quando saiu do quarto.

-Está ficando tarde - disse Grimm, andando irritado. Haviam estado esperando algum tempo na pequena ante sala que separava a seção da pousada dos quartos privados e o restaurante público - Pela lança de Odín, por que não enviamos simplesmente uma bandeja a seu quarto?

-E abandonar o prazer de sua companhia? Nem em sonhos - disse Ramsay.

-Deixa de andar de um lado a outro, Grimm - disse Quinn com uma careta - Realmente necessita relaxar um pouco.

-Estou absolutamente relaxado - disse Grimm, continuando seu vai e vem.

-Não, não está - argumentou Quinn - Parece quase quebradiço de tão tenso. Se te tocar com minha espada, estalaria.

-Se me tocar com tua espada, eu ensanguentaria a minha contigo.

-Não há nenhuma necessidade de por-se na defensiva.

-Eu não estou na defensiva!

Quinn e Ramsay o olharam ao mesmo tempo e com a mesma expressão.

-Isso não é justo - Grimm franziu o cenho - É como se fosse uma armadilha. Se alguém diz "*não se coloque na defensiva*", que possível resposta pode ter uma pessoa exceto essa? Ficará dividido entre duas opções: não dizer nada, ou uma defesa legítima.

-Grimm, às vezes pensa demais - observou Ramsay.

-Vou conseguir uma bebida - falou entrecortadamente Grimm - Venham buscar-me quando ela estiver pronta, se esse evento notável chegar a ocorrer antes do por do sol.

Ramsay disparou a Quinn um olhar curioso.

-Ele não era tão impaciente na corte, de Moncreiffe. Qual é o problema? Não sou eu, verdade? Sei que tivemos uns desentendimentos no passado, mas pensei que tinham terminado e que estivessem esquecidos.

-Se a memória não me falta, a cicatriz em teu rosto é uma recordação de uns daqueles '*desentendimentos*', verdade? - Quando Ramsay fez uma careta, Quinn continuou - Não é você, Logan. É assim, sempre que está perto de Jillian. Mas parece ter ficado pior desde que ela cresceu.

-Se pensa que vai ganhá-la, está equivocado - disse Ramsay lentamente.

-Ele não está tentando ganhá-la, Logan. Ele está tentando odiá-la. E se pensa que vai ganhá-la, você está cometendo um erro.

Ramsay Logan não respondeu nada, mas seu olhar desafiante falou tudo quando se voltou e entrou no restaurante cheio.

Quinn lançou um olhar rápido às escadas vazias, encolheu os ombros, e seguiu seus passos.

Quando Jillian chegou no térreo, não havia ninguém esperando-a.

Que bom grupo de pretendentes, pensou. Primeiro me deixam, e depois me deixam de novo.

Olhou de novo as escadas, afagando nervosamente a parte do decote de seu vestido. Devia voltar para Kaley? O “*Black Boot*” era a pousada mais fina em Durrkesh e alardeava ter a melhor comida do povoado, mas, mesmo assim, o pensamento de andar pelo restaurante do estabelecimento lotado a acovardava um pouco. Ela nunca havia entrado sozinha antes no restaurante de uma taberna.

Se moveu até a porta e espiou através de uma fresta.

O lugar estava cheio de sons buliçosos de viajantes. As risadas flutuavam e chegavam em ondas, apesar do fato de que a metade dos viajantes estivessem obrigados a estar de pé enquanto comiam. De repente, como se estivesse ordenado pelos deuses, as pessoas se desvaneceram para revelar um moreno, pecadoramente lindo, de pé perto de um tronco de árvore cortado que servia de balcão. Só Grimm Roderick podia permanecer de pé com tal graça insolente.

Enquanto ela olhava, Quinn caminhou até ele, lhe deu uma bebida, e disse algo que quase fez Grimm sorrir. Ela sorriu por si mesma, quando ele fechou sua expressão na metade do caminho e rapidamente terminou qualquer rastro de diversão. Quando Quinn se fundiu de novo na multidão, Jillian entrou na sala de jantar e tentou ver como chegar ao lado de Grimm. Ele a olhou e seus olhos brilharam estranhamente; assentiu mas não disse nada. Jillian permaneceu em silêncio, buscando algo para dizer, algo engenhoso e intrigante; estava finalmente só com ele numa situação adulta, capaz de compromete-lo em uma conversação íntima como havia fantasiado tantas vezes...

Mas antes que pudesse pensar em algo que dizer, ele pareceu perder o interesse e se voltou.

Jillian se deu de pontapés mentalmente. *Por las campanas del infierno, Jillian, se repreendeu, não pode sequer encontrar umas palavras quando está junto deste homem?* Seus olhos começaram uma viagem de adoração sobre a nuca, acariciaram seu grosso cabelo negro, vagaram sobre as musculosas costas, que estirou o tecido de sua camisa quando ele levantou um braço para tomar outro trago de cerveja. Se satisfez simplesmente em olhá-lo: a maneira que os músculos em seus ombros se juntavam quando ele segurava algo com as mãos. Seus olhos viajaram baixaram e se alojaram no caminho de sua cintura estreita até os quadriz firmes, musculosos, e as pernas poderosas.

Notou que suas pernas estavam salpicadas de pelos, e inalou uma respiração insegura, estudando a parte de trás de suas pernas, debaixo de seu *kilt*, mas, onde começava esse sedoso pelo negro e onde acabava?

Jillian soltou a respiração que nem sequer havia percebido que estava contendo. Cada palmo de seu corpo respondia ao dele com deliciosa antecipação. Estando simplesmente ao lado desse sedutor homem moreno, suas pernas se sentiam fracas e seu estômago se retorcia.

Quando Grimm se apoiou atrás e momentaneamente a roçou, por causa do lugar apertado e lotado, a moça pousou tão suavemente a face contra seu ombro, que ele não percebeu que ela havia roubado esse contato. Inalou o cheiro dele e se lançou descaradamente para frente. Suas mãos encontraram as ondulações de seus ombros e as arranharam suavemente com as unhas, roçando sua pele com leveza através de sua camisa.

Um gemido suave escapou dos lábios masculinos, e os olhos de Jillian se fecharam. Ela gemeu suavemente, aturdida por que ele não dissesse nada. Não se afastou dela. Não se voltou sobre os calcanhares e não se afastou do contato.

Jillian conteve a respiração; então inalou avidamente, deleitando-se com o aroma másculo, picante de homem. Ele começou a mover-se com leveza sob as suas mãos, como um gato quando se afagam o pelo. Poderia ser verdade que ele estivesse disfrutando de seu tato?

Oh, poderiam os deuses conceder-me um desejo esta noite: sentir o beijo deste homem!

Ela deslizou suas palmas amorosamente sobre suas costas e se presionou mais perto de seu corpo. Seus dedos persiguiram os músculos em seus ombros amplos, resvalando até sua cintura delgada, então voltaram pelo mesmo caminho. Seu corpo se relaxou sob suas mãos.

Céu, este é o céu, ela pensou sonhadoramente.

-Parece sumamente contente, Grimm - a voz de Quinn interrompeu sua fantasia - É assombroso o que uma bebida pode fazer em teu ânimo. Onde Jillian foi? Não estava aqui contigo até um momento atrás?

As mãos de Jillian se detiveram nas costas de Grimm, que eram tão amplas que a escondia completamente da vista de Quinn. Ela abaixou sua cabeça e se sentiu repentinamente culpada. Os músculos de Grimm se fizeram rígidos sob seus dedos imóveis.

-Não foi para fora para respirar ar fresco? - ouviu Grimm perguntar em meio a seu aturdimento.

-Ela sozinha? Pelos campos do inferno, homem, não deve permitir-lhe ir vagar lá fora só! - as botas de Quinn brilharam no solo de pedra quando foi em busca dela.

Grimm olhou furiosamente ao redor.

-Que acha que está fazendo, boba real? - grunhiu ele.

-Estava tocando-te - disse simplesmente ela.

Grimm agarrou ambas as mãos nas suas e quase quebrou os ossos delicados entre seus dedos.

-Bem, não o faça, menina. Não há nada entre você e eu.

-Você se apoiou atrás - ela protestou - Não parecia tão infeliz.

-Pensei que era uma jovem da taberna! - disse Grimm, e passou uma mão furiosa através do cabelo.

-Oh! - respondeu Jillian cabisbaixa.

Grimm baixou sua cabeça até que seus lábios roçaram sua orelha, tomando ânimo para fazer suas seguintes palavras audíveis por cima do fragor do ruidoso ambiente.

-No caso de não recordar, é Quinn quem te quer, e Quinn é claramente a melhor opção. Vá, encontrá-lo e tocá-lo, garota. Deixa-me com as garotas da taberna que entendem um homem como eu.

Os olhos de Jillian brilharam perigosamente quando voltou e caminhou através do lugar lotado.

Ele sobreviveria a noite. Não poderia ser tão mau; depois de tudo, havia vivido a coisas piores. Grimm estivera consciente de Jillian desde o momento em que ela entrara no restaurante. Ele, de fato, deliberadamente lhe dera as costas quando parecia que ela estivera a ponto de lhe falar. De pouca coisa havia servido, já que ao fazê-lo ela o tocara, e ele tinha sido incapaz de obrigar-se a afastar-se da onda sensual de suas mãos em suas costas. Ele permitira chegar longe, mas não era muito tarde para salvar a situação.

Agora se manteve estudadamente de costas para Jillian, servindo-se metodicamente de doses de whisky da garrafa. Bebeu como uma vingança, limpando seus lábios com o dorso das mãos, desejando que tivesse a habilidade de embotar seus perfeitos sentidos de *Berserker*. Aos poucos, ouvia o som forçado de sua risada. De vez em quando, quando o proprietário movia os frascos nas estantes, vislumbrava uma réstia de seu cabelo dourado em uma jarra polida, se afastando.

Mas era uma chateação, qualquer idiota poderia ver isso. A havia empurrado a fazer o que ela estava fazendo, deste modo, como poderia preocupá-lo? Mas não estava, se assegurou, porque era, aparentemente, um homem sensato entre uma raça condenada a ser arrastada por emoções violentas, imprevisíveis, que não eram nada mais que luxúria. Desejo, não amor, e nada disso tinha coisa alguma a ver com Jillian.

Cristo! A quem pensava que estava enganando? Grimm cerrou os olhos e balançou sua cabeça ante suas próprias mentiras.

A vida era um inferno e ele era *Sísifo*, eternamente condenado a empurrar uma pedra de desejo implacável para cima de uma colina, só para que a pedra rolava de novo para baixo antes que alcançasse o cume. Grimm nunca havia podido tolerar a futilidade. Era um homem de resolver as coisas, e essa noite ele veria Jillian solidificar seu compromisso com Quinn e esse seria o fim de sua participação.

Não podia desejar a esposa de seu melhor amigo, verdade? Por isso tudo o que tinha que fazer era conseguir que se casasse com Quinn, e esse seria o fim de sua agonia. Sinceramente não podia viver com essa batalha que empreendia dentro de si por mais tempo. Se ela estava livre e solteira, ele mesmo assim não podia sonhar. Se ela estivesse seguramente casada, isso o obrigaria a esquecer seus sonhos tolos. Com essa resolução, Grimm deu uma espiada por cima do ombro para ver como progrediam as coisas. Somente Mac, apoiado atrás do balcão, o olhou e sibilou uma respiração contida e notou a rigidez de sua mandíbula.

Jillian estava na metade do restaurante, sua cabeça dourada inclinada para trás e fazendo gestos malitamente femininos para seu melhor amigo, que essencialmente não se envolvia em mais nada a não ser com ela pelo que ela era: irresistível. Um olhar provocativo, os olhos luminosos, vivaz, um delicioso lábio inferior preso entre os dentes. Os dois estavam obviamente em seu próprio mundo, esquecidos dele. Era a situação que ele a havia incitado a buscar. Isso o enfureceu.

Enquanto olhava, o mundo que não era Jillian desapareceu; para que existiria o mundo sem Jillian? Ele podia ouvir o sussurro de seu cabelo na lotada taberna, o suspiro de ar quando sua mão subiu até o rosto de Quinn. Então, de repente, o único som que podia ouvir era o sangue latejando em seus olvidos quando viu seus dedos delgados acariciar a curva da bochecha de Quinn e demorar-se em sua mandíbula. Suas entranhas se apertaram dolorosamente e a batida de seu coração iniciou um áspero despertar de ira.

Magnetizada, a mão de Grimm se arrastou sobre seu próprio rosto. A palma de Jillian apenas tocava a pele de Quinn; seus dedos seguiram a sombra da barba na mandíbula de Quinn. Grimm desejou fervorosamente ter podido dar um soco nessa mandíbula perfeita uma vez ou duas quando haviam jogado quando eram rapazes.

Profundamente esquecido do olhar fascinado de Mac, a mão de Grimm seguiu o mesmo modelo em seu próprio rosto; ele imitou seu toque. Seus olhos a devoravam com tal intensidade, que ela podia ter fugido se tivesse se voltado para olhá-lo. Mas ela não se voltou. Estava muito ocupada olhando com adoração para seu melhor amigo.

Atrás dele uma respiração suave e um assobio deslocaram o ar ardente.

-Homem, está condenadamente mal, e isso é mais verdadeiro do que encontrará dentro de uma garrafa de *rotgut* - a voz de Mac esfaqueou a fantasia que Grimm, certamente, não estava tendo - É uma maldição desejar a esposa de teu melhor amigo, não é verdade? - Mac assentiu entusiastamente e comentou o assunto - Eu mesmo senti uma coisa parecida pela uma mulher de meu próprio amigo, hum vejamos, deve ter sido há uns dez anos.

-Ela não é sua esposa - Os olhos com que Grimm observou Mac não eram os olhos de um homem sensato. Eram os olhos que os camponeses haviam visto antes de voltarem, há tantos anos, judiciosamente as costas, os olhos de gelo azul de um viking *Berserker* que não se deteria ante nada para conseguir o que queria.

-Bem, ela certamente é algo sua - Mac encolheu os ombros sem fazer caso da advertência inequívoca nos olhos de Grimm, com a experiência de um homem que havia sobrevivido a muitas brigas de taberna para preocupar-se demais com um viajante irritado - E você desejaria que ela não fosse, isso tenho certeza - Mac fechou a garrafa vazia e recolheu a cheia que estava no balcão e a olhou com curiosidade - Agora... de onde veio isto? - se perguntou com um acento - Oh, minha mente se confunde; não recordo ter aberto sequer esta garrafa, ainda que esteja certo de que estava bebendo-a - disse Mac, e a verteu em um jarro vazio. O loquaz taberneiro foi até o depósito atrás do balcão e voltou um momento depois com um prato de pombo temperado com conhaque - Pela maneira que está bebendo, necessita comer algo, homem - assegurou.

Grimm revirou seus olhos. Desgraçadamente, nem todo whisky da Escócia poderia embotar os sentidos de um *Berserker*. Enquanto Mac servia uma nova roda, Grimm descarregou o líquido fresco de whisky sobre o pombo com frustração. Havia decidido dar um passeio longo quando Ramsay se sentou a seu lado.

-Parece que Quinn está fazendo algum avanço - murmurou Ramsay sombriamente enquanto olhava o pombo - Mmm... parece gostoso. Que acha de te ajudar com isso?

-Pode ficar - disse Grimm tensamente - Aqui tem uma bebida também - Grimm deslizou a garrafa sobre o balcão.

-Não obrigado, homem. Tenho a minha - Ramsay levantou seu copo.

Uma risada rouca, melódica, caiu sobre eles quando Jillian e Quinn se juntaram a eles. Apesar de seus melhores esforços, os olhos de Grimm eram escuros e furiosos quando olhou para Quinn.

-Que temos aqui? - perguntou Quinn e se aproximou do prato de pombo.

-Com licença - murmurou Grimm e se afastou deles, ignorando Jillian completamente.

Sem olhar para trás, deixou a taberna e se fundiu na noite de Durrkesh.

Era de madrugada quando Grimm voltou ao "*Black Boot*". Subindo as escadas fatigadamente, deu o último passo e estremeceu quando um som inesperado alcançou seus ouvidos. Se adiantou na galeria, observando as portas uma por uma.

Ouviu o som de novo: um gemido, seguido por outro mais profundo, rouco.

Jillian? Com Quinn?

Se moveu rápida e silenciosamente pelo corredor e fez uma pausa fora do quarto de Quinn. Escutou intensamente e o ouviu uma terceira vez: um suspiro rouco e um ronco de ar contido, e cada som se rasgou através de suas entranhas como uma lâmina de fio duplo. A raiva se derramou sobre ele e tudo o que dentro dele era negro e que tentava suprimir, reviveu. Se sentia deslizar sobre o terreno traiçoeiro da fúria que havia sentido primeiro há quinze anos, observando Tuluth arrasada. Algo mais poderoso, que nenhum homem poderia suportar, tomava forma dentro de suas veias e o dotava de uma força invencível e a capacidade inconcebível de sentir o derramamento de sangue... um antigo monstro viking com olhos frios.

Grimm pôs sua frente contra a madeira fresca da porta de Quinn e respirou aos poucos, cuidadosamente moderado, enquanto se esforçava em dominar sua reação violenta. Sua lenta respiração regulada não se parecia em nada com os ruídos desenfreados que saíam do outro lado da porta. Cristo, ele a havia incentivado a casar-se com Quinn, não a deitar-se com ele!

Um grunhido feroz escapou de seus lábios.

Apesar de suas melhores intenções, sua mão encontrou o trinco da porta e o girou, só para encontrar-se com o desafio de vê-la trancada. Por um momento se imobilizou, aturdido pela barreira. Uma barreira entre ele e Jillian, uma fechadura que lhe disse o que ela havia escolhido. Quem sabe ele a havia empurrado, mas ela poderia ter demorado um pouco mais para escolher! Um ano ou dois... ou quem sabe o resto de sua vida.

Sim, ela havi feito sua opção claramente; então que direito tinha ele para considerar, de todas maneiras, arrombar a porta e convertê-la em pequenos pedaços e selecionar o fragmento mais mortal para cravar no coração de seu melhor amigo? Que direito tinha ele para fazer algo mais que percorrer seu caminho pelo corredor escuro para seu próprio inferno pessoal, onde o diabo o esperava certamente com uma pedra completamente nova para empurrar até em cima da colina: a pedra obstinada da dor?

Se despedaçou num debate interior por um momento tenso, que só acabou quando a besta dentro dele dominou sua cabeça, estendeu suas garras, e esmurrou a porta de Quinn.

A respiração de Grimm vinha em golfadas penosas. Ele se encurvou na entrada e olhou com atenção o quarto fracamente iluminado, perguntando-se por que nada havia brincado, sobressaltado, da cama.

- Grimm... - a palavra perfurou fracamente a penumbra.

Grimm, desconcertado, entrou caladamente no quarto, dirigindo-se rapidamente ao leito. Quinn estava embolado nos lençóis empapados, encurvado numa posição fetal. O vômito manchava as tábuas raiadas do piso. Uma vasilha de estanho havia sido afastada e abandonada, um cântaro cerâmico estava quebrado ao lado dela, e a janela permanecia aberta para o ar frio da noite.

Repentinamente, Quinn se moveu agitada e violentamente e vomitou na cama, dobrando-se sobre si mesmo. Grimm se apressou a sustentá-lo antes que caísse no chão. Sustentando seu amigo nos braços, ficou com a boca aberta, desconcertado, até que viu uma espuma delgada de vômito nos lábios de Quinn.

-Ve... ven... veneno - Quinn disse ofegando -. Ajuda... me.

-Não - Grimm respirou - Que droga! - disse, pondo na cama a cabeça de Quinn enquanto gritava por ajuda.

CAPÍTULO 13

-Quem envenenaria Quinn? - disse Hatchard intrigado - Não faz mal a ninguém. É a essência do lord e do cavaleiro. Grimm fez uma careta.

-Ele ficará bem? - perguntou Kaley, retocando as mãos.

-O que está acontecendo? - uma Jillian de olhos sonolentos apareceu no portal - Santo do céu - exclamou, afastando a porta encostada- Que aconteceu aqui dentro?

-Como se sente, querida? Está bem? Te dói o estômago? Tem febre?

Jillian se voltou surpreendida.

-Kaley, estou bem. Poderia parar de me tocar? Ouvi a comoção e, isso me assustou, isso é tudo - Quando Quinn gemeu, Jillian ficou desalentada – O que há de mal com Quinn? - Tardiamente ela notou o desarranjo do quarto e o odor de enfermidade nas roupas de cama e nas cortinas.

-Vá e traga um médico, Hatchard - disse Grimm.

-O barbeiro está mais perto - exitou Hatchard.

-Nenhum barbeiro - disparou Grimm. Ele se voltou para Jillian - Está bem, garota? - quando ela assentiu com a cabeça, ele emitiu um suspiro aliviado - Encontre Ramsay - instruiu Kaley ominosamente.

Os olhos de Kaley se ampliaram ao compreender, e ela saiu do quarto.

-Que aconteceu? - Jillian perguntou sobresaltada.

Grimm colocou uma faixa úmida sobre a fronte de Quinn.

-Suspeito que é veneno – Ele não disse que tinha certeza; os recentes conteúdos do estômago de Quinn se expandiam pelo ar, e para um *Berserker* o odor de veneno era óbvio - Creio que ele ficará bem. Se é o que penso que é, então estaria morto a estas alturas se a dose tivesse sido suficientemente forte. Isso devido a diluição de certa forma.

-Quem envenenaria Quinn? Todo mundo gosta de Quinn.

-Eu sei, menina.

-Ramsay está doente! Alguém venha ajudar-me! Não posso sustentá-lo!

Grimm olhou para a galeria, e de novo para Quinn, claramente indeciso.

-Vá com Kaley, moça. Não posso deixá-lo – ele disse através dos dentes. Alguns poderiam considerá-lo paranóico, mas se suas suspeitas eram corretas, então se supunha que deveria estar jazendo sobre um monte de seu próprio vômito, esgotado.

Uma Jillian de cara descontente assentiu rapidamente.

Masculando de novo uma maldição, Grimm empapou a fronte de Quinn e se sentou outra vez para esperar o médico.

O médico chegou, carregando grandes e elegantes capa de chuva emaranhando os fios de cabelo que coroavam sua calva. Depois de interrogar a quase todo o mundo dentro da pousada, fez a concessão de inspecionar os pacientes. Movendo-se com asombrosa graça para um homem tão rotundo, passou longe dos quartos anotando algo em um livro pequeno. Depois de olhar com atenção os olhos, inspecionar suas línguas e picar seus abdomens inchados, voltou as páginas de seu livrinho.

-Da-lhes uma bebida de cevada misturada com figos, minha querida, e esta planta aqui – instruiu, dando uma planta, depois de vários instantes de consulta nas páginas e um silêncio bem pensado - Nada mais, entende, pois não será assimilado. O estômago é um caldeirão cuja comida é fervida a fogo lento. Enquanto seus humores não tiverem se abrandado, nenhuma coisa pode ser cozinhada, e qualquer coisa com substância sera expelida - o médico lhes informou – Somente líquidos.

-Ficarão bem? - Jillian perguntou inquietamente. Haviam trocado os dois homens para um quarto limpo, anexado ao de Kaley para que fosse mais fácil atendê-los.

O médico enrugou a fronte, fazendo com que sua papada tivesse rugas tão lúgubres como as que marcavam sua fronte.

-Opino que estão fora de perigo. Nenhum deles parece haver consumido o suficiente para matar, mas suspeito que ficarão fracos durante algum tempo. Se eles tentarem se levantar, dilua isto na água: é mandrágora – Ele ofereceu uma bolsa pequena – Remova os talos amaseos e coloque-os sobre um tecido em cima de suas faces - O médico fez uma postura profissional, golpeando ligeiramente sua pluma contra o livro - Você deve ter certeza de cobrir totalmente as narinas e as bocas por vários minutos. A medida que inspiram, os vapores penetram no corpo e os mantém adormecidos. Os espíritos se recuperam mais rápido se os humores se mantiverem equânimes. Vejam, há quatro humores e três espíritos... ah, perdoam-me, estou certo de que não têm interesse de ouvir tudo isto. Somente quem estuda com o conhecimento de um médico poderia achar tais feitos fascinantes – Ele deu uma batida no seu caderninho fechado – Façam como lhes disse e terão uma recuperação completa.

-Nenhum sangramento? - Hatchard vacilou.

O médico bufou.

-Mande chamar um barbeiro se você tem um inimigo que tenha desejos de assassinar. Mande chamar um médico se você tem um paciente enfermo que tem o desejo de reanimar.

Grimm assentiu com a cabeça veemente e se levantou para escoltar o médico para fora.

-Oh, Quinn - Disse Jillian, e suspirou, colocando uma mão em sua testa úmida e pegajosa. Ela alisou continuamente suas mantas, fazendo dobras e acomodando-as ao redor de seu corpo febril.

Permanecendo em pé atrás de Jillian em um lado da cama de Quinn, Kaley observou Hatchard, que estava do outro lado do quarto, aplicando faixas frescas e úmidas na testa de Ramsay. *Ela escolherá Quinn, não te disse?* Ela articulou silenciosamente.

Hatchard somente levantou uma sobrancelha e revirou os olhos.

Quando Grimm inspecionou os homens na manhã seguinte, suas condições haviam melhorado; no entanto, estavam ainda sedados, e sem condições de viajar.

Kaley insistiu em adquirir as mercadorias que os homens tinham se comprometido em comprar nesta viagem, assim foi que Grimm, resignando-se, concordou escoltar Jillian à feira. Uma vez lá, ele se apressou através dos postos em um passo precipitado, apesar de seus protestos. Quando um manto de neve cobriu as montanhas e caiu em Durrkesh pela tarde, um Grimm aliviado informou a Jillian que era tempo de regressarem a pousada.

A neve sempre punha Grimm inquieto, o que resultava ser inconveniente, já que a Escócia era uma área muito nebulosa. Esta não era uma neve normal, no entanto; era uma grossa, úmida capa de densas nuvens brancas que se demoravam na terra e

formavam redemoinhos ao redor de seus pés a medida que caminhavam. Quando deixaram o mercado, ele apenas podia ver o rosto de Jillian a uns poucos passos dele.

-Me encanta isto! - Jillian exclamou, movendo seus braços através dos flocos de neve, espanando-os com seu movimento – A neve sempre me pareceu tão romântica.

-Detestaria pensar que Bertie está nos estábulos soletrando teu nome enquanto trata do cavalo seja romântico – recordou ele secamente.

-Todavía o faz - disse ela indignada - Ele aprendeu as letras com o propósito expresso de escrever meu nome. Penso que isso é muito romântico.

As sobranceiras de Grimm estavam franzidas quando ela o olhou com atenção através da neve espesa.

-Obviamente nunca teve que se salvar numa batalha com estas porcarias – ele disse irritado. A neve o recordava Tulluth e acontecimentos irrevogáveis – É demasiadamente duro matar um homem quando não pode ver onde corta com tua espada.

Jillian se deteve abruptamente.

-Nossas vidas são enormemente diferentes, não é verdade? - perguntou ela, repentinamente séria – já matou muitos homens, Grimm Roderick?

-Você deveria saber – ele respondeu tensamente – Já me viu fazê-lo.

Jillian mordeu o lábio e o estudou.

-Os McKane teriam matado a minha família nesse dia, Grimm. Você nos protegeu. Se um homem deve matar para proteger seu clã, não há pecado nisso.

Quem dera ele pudesse absolver-se com tal generosidade, pensou. Ela ainda não tinha idéia de que o ataque dos McKane não havia sido dirigido a sua família. Haviam ido à Caithness nesse dia nebuloso há tanto tempo só porque olviram que um Berserker poderia estar vivendo ali. Ela não soubera disso então, e aparentemente Gibraltar St. Clair nunca havia revelado seu segredo.

-Por que se foi nesta noite, Grim? - Jillian perguntou cuidadosamente.

- Eu fui porque era hora – disse ele as duras penas, passando uma mão através de seu cabelo - Havia aprendido tudo o que teu pai podia me ensinar, e era hora de seguir adiante. Já não tinha nada que me prendesse a Caithness.

Jillian suspirou.

-Bem, deveria saber que nenhum de nós alguma vez te culpou, apesar de supormos que você se culpou a si mesmo. Até porque o querido Edmund jurou até o fim que você foi o guerreiro mais nobre que alguma vez havia encontrado - os olhos de Jillian marejaram - o enterramos sob a mansão, justamente como ele pedira - ela acrescentou, para si mesma – Vou sempre lá quando o brejo floresce. Ele amava o brejo branco.

Grimm se deteve, sobresaltado.

-Sepultado? Edmund? Como?

-Edmund. Ele desejava ser sepultado sob a mansão. Íamos jogar lá, recorda?

Os dedos dele se cerraram ao redor do punho da outra mão.

-Quando morreu Edmund? Pensei que ele estava com teu irmão Hugh nas Highlands.

-Não. Edmund morreu pouco depois que você se foi... Quase sete anos atrás.

-Ele estava apenas ferido quando os McKane atacaram - Grimm insistiu - Inclusive teu pai disse que ele se recuperaria facilmente!

-Contraiu uma infecção, e logo depois uma complicação pulmonar - respondeu ela, perplexa por sua reação - A febre nunca minguiu. Ele não sofreu por muito tempo, Grimm. E algumas de suas últimas palavras foram sobre você. Ele jurou que você derrotou aos McKane sem ajuda e falou confusamente alguma teoria sobre você ser... o que mesmo? Um guerreiro de Odín que podia mudar de forma, ou algo parecido. No entanto, Edmund sempre foi fantasioso - ela acrescentou com um sorriso débil.

Grimm cravou seus olhos nela através da neve.

-O que ocorreria se fosse verdade?

-Q-Que? - Jillian tartamudeou, confusa pela intensidade com a qual ele a estudava. Quando ele deu um passo até ela, a moça retrocedeu ligeiramente, acercando-se da parede de pedra que circundava a igreja a suas costas.

-O que ocorreria se criaturas como estas realmente existissem, Jillian? – perguntou ele, seus olhos azuis brilhando intensamente. Ele sabia que não deveria pisar em território tão perigoso, mas ali estava uma oportunidade de averiguar seus sentimentos sem revelar-se a si mesmo.

-Como?

-Que aconteceria se não fosse uma fantasia? – pressionou – Como seria se realmente houvesse um homem que pudesse fazer as coisas que Edmund fablava? Homens que fossem parte bestas místicas, dotadas de habilidades especiais, experts na arte da guerra, quase invencíveis. Que pensaria você de tal homem?

Jillian o estudou fixamente.

-Que pergunta estranha. Crê você que esses guerreiros existem, Grimm Roderick?

-Difícilmente – ele disse estranguladamente - Creio no que posso ver, posso tocar e sujeitar a minha mão. A lenda dos *Berserkers* não é outra coisa mais que um conto tolo contado para amedrontar as crianças travessas para que se comportem bem.

-Então por que me pergunta o que pensaria se existissem? - insistiu ela.

-Foi simplesmente uma pergunta hipotética. Meramente para conversação, e foi uma conversa estúpida. Pela lança de Odín, moça, ninguém crê nos *Berserkers*! – ele retomou a caminhada, gesticulando com um semblante fechado e impaciente para que ela continuasse.

Caminharam alguns metros em silêncio. Então, sem preâmbulo, Grimm disse:

-Ramsay é um bom beijador?

-Que? - Jillian quase caiu sobre seus próprios pés.

-Ramsay, boba real. Ele beija bem? - Grimm repetiu irritado.

Jillian lutou contra o desejo de resplandecer de deleite. Ela arrastou as palavras pensativamente:

-Veja bem, não tenho muita experiência, mas sinceramente teria que dizer que seu beijo foi o melhor que alguma vez me hão dado.

Grimm instantaneamente a sujeitou, apertando-a contra ele, entre seu corpo duro e a parede de pedra. Ele inclinou a cabeça dela para trás, com uma mão implacável sob seu queixo. Por todos os santos, como poderia ele mover-se tão rapidamente? E que deliciosamente o fazia.

-Deixa-me te ajudar a por em perspectiva, moça. Mas não pense nem por um minuto que isto significa algo. Eu simplesmente tento te ajudar a entender que há melhores homens por aí fora. Pense nisto como uma lição, nada mais. Me repugnaria ver-te casar com Logan simplesmente porque pensa que ele era o que melhor beijava, quando uma percepção tão equivocada pode ser remediada com tanta facilidade.

Jillian levantou sua mão até aos lábios dele, interceptando o beijo com a qual a ameaçava.

-Não necessito de uma lição, Grimm. Posso compreender minha própria mente. Odeio o pensamento de impor-lhe esta obrigação, sofrendo em meu benefício.

-Estou disposto a sofrer um pouco. Considere um favor, dado que fomos uma vez amigos de infância – envolveu sua mão na dela e a tirou de seus lábios.

-Você nunca foi meu amigo - ela lhe recordou docemente - Me afastava constantemente.

-Não no primeiro ano.

-Pensava que não recordava nada sobre mim ou sobre tua época em Caithness. Não foi isso que me disse? E não necessito de mais favores de você, Grimm Roderick. Ademais, o que te faz ficar tão certo de que teu beijo será melhor? O de Ramsay me tirou a respiração. Apenas podia sustentar-me quando terminou - ela mentiu desavergonhadamente – O que acontece se você me beijar e não for tão bom como o beijo de Ramsay? Então que razão teria para não casar-me com ele? – Depois de deixá-lo sem saída, Jillian se sentiu tão esperta quanto um gato, enquanto esperava o beijo impressionante que ela sabia se seguiria.

Com uma expressão furiosa, ele reclamou sua boca com a dele.

E o terremoto começou sob os dedos de seus pés. Grimm gemeu contra seus lábios quando a sensação o despojou de seu débil domínio de si mesmo.

Jillian suspirou e abriu os lábios.

Estava sendo beijada por Grimm Roderick, e era tudo o que recordava.

O beijo que haviam compartilhado há tanto tempo nos estábulos, lhe havia parecido uma experiência mística, e com o passar dos anos se perguntara se o havia glorificado em sua mente, somente imaginando que estremecera seu mundo inteiro. Mas sua memória havia sido precisa. Seu corpo recobrou vida, seus lábios formigaram, suas pernas se endureceram. Ela desejou cada centímetro do corpo masculino, em todos os aspectos possíveis. Em cima dela, em baixo dela, ao lado dela, atrás dela.

Duro, musculoso, exigente, sabia que ele era homem suficiente para saciar a fome interminável que sentia por ele.

Ela enroscou seus dedos no cabelo dele e o beijou por sua vez, logo perdeu o alento por completo quando ele tornou o beijo mais profundo. Uma mão viril acariciou sua mandíbula; a outra deslizou até o fim de sua coluna, aconchegando-se em suas cadeiras, modelando seu corpo apertadamente contra o dele. Todo pensamento cessou a medida que Jillian se abandonava ao que por muito tempo havia sido sua fantasia máxima: tocar Grimm Roderick como uma mulher, como sua mulher.

As mãos dele estavam em suas cadeiras, empurrando contra seu vestido e repentinamente, suas próprias mãos estavam sobre o *kilt* dele, rasgando seu *sporrán* para passá-las por baixo. Ela encontrou sua virilidade grossa e acariciou sua dureza através do tecido de seu *plaid*. Sentiu seu corpo endurecer-se contra o dela, e o gemido de desejo que escapou dele foi o som mais doce que Jillian alguma vez havia ouvido.

Algo brotou violentamente entre eles, e ali, na bruma e na neve espessa de Durrkesh, ela se sentiu tão consumida pela necessidade de unir-se ao seu homem que já não lhe importou que estivessem de pé num lugar público. Grimm a desejava, queria fazer amor com ela; o corpo masculino demonstrava claramente. Se arqueou contra ele, desejosa, suplicante. O beijo não somente a havia deixado desejosa, como também havia consumido seus últimos vestígios de lucidez.

Ele segurou sua mão curiosa e a imobilizou contra a parede por cima de sua cabeça. Só quando havia segurado ambas as mãos, ele mudou o *tempo* do beijo, convertendo-o em um leve toque alegre de sua língua, provando, logo retirando-se, até que ela ficava sem alento pedindo mais. Ele se encostou nela, roçando a longitude de seu corpo contra o dela, com o mesmo ritmo lento, provocador.

Ele separou seus lábios dos dela com lentidão intolerável, segurando seu lábio inferior entre seus dentes e puxando delicadamente. Logo, com um último lamento apetitoso de sua língua, deu um passo atrás.

-Então, o que pensa agora? Ramsay pode comparar-se a isto? - perguntou roucamente, olhando seus seios fixamente. Somente quando ele verificou que não subiam e desciam por um longo momento, teve a certeza de que havia conseguido, beijando-a, deixá-la sem respiração, e então aumentou a intensidade de seu olhar.

Jillian se remexeu enquanto tentava se equilibrar e entender porque seus joelhos, simplesmente, não cederam debaixo dela. Cravou os olhos nele inexpressivamente. Palavras? Ele pensava que ela poderia formar palavras depois disso? Acreditava que ela podia pensar?

O olhar fixo de Grimm registrou seu rosto, e Jillian viu um gesto de presumida satisfação que se elevou em seus olhos brilhantes. O indício mais débil de um sorriso curvou seus lábios enquanto ela não respondia mas resistia a sua contemplação, os lábios inchados, seus olhos redondos.

-Respira, boba real. Pode respirar agora.

Imóvel, ela se viu olhando-o com o olhar vazio. Valentemente, aspirou uma grande, sibilante golfada de ar.

-Hmmp - foi tudo o que disse enquanto ele tomava sua mão e a conduzia para adiante. Ela andou a seu lado com as pernas parecidas com borracha, ocasionalmente roubando um olhar da expressão soberanamente masculina de satisfação em seu rosto.

Grimm não disse outra palavra durante seu caminho de volta a pousada. E isso foi excelente para Jillian; não estava segura de ter podido forjar uma frase completa, mesmo que sua vida dependesse disto. Brevemente se perguntou quem, ou se algum deles, havia ganho essa escaramuça. Concluiu fracamente que ela o havia feito. Ele não saíra incolume desse encontro, e ela obtivera o beijo que desejava ardentemente.

Quando chegaram ao *Black Boot*, Hatchard informou, ao par taciturno, que estranhamente, os homens, ainda que muito discretamente, estavam impacientes por sair da pousada. Analisando todos os riscos, Hatchard havia concordado que era a ação mais sábia. Ele havia obtido uma carruagem para este propósito, e regressariam a Caithness na primeira luz.

CAPÍTULO 14

-Conte-me uma história, Jillian - pediu Zeke, caminhando sem rumo dentro do solar - Me magoou a sua ausência e a de mamãe enquanto estavam fora - O menino colocou a gata sobre o banco largo de madeira junto dela e se aninhou em seus braços.

Jillian afastou o cabelo de sua frente e lhe deu um beijo.

-Qual será, meu doce Zeke? Dragões? Fadas? *Sheikes*?

-Conte-me sobre os *Berserkers* - ele disse decididamente.

-Sobre o que?

-Os *Berserkers* - Zeke disse pacientemente - Você sabe, os guerreiros poderosos de Odín.

Jillian bufou delicadamente.

-O que acontece com os meninos e suas batalhas? Meus irmãos adoravam esse conto de fadas.

-Este não é um conto de fadas, é verdade - informou Zeke - Mamãe me disse que ainda rondam as Highlands.

-Tolices - disseo Jillian - Te contarei um conto apropriado para um jovenzinho.

-Não quero um conto apropriado. Quero uma história com cavaleiros e heróis e cruzadas. E *Berserkers*.

-Oh, caramba, está crescendo, verdade? - disse Jillian brincalhona, bagunçando seu cabelo.

-Claro que estou - Zeke disse indignado.

-Nada de *Berserkers*. Te contarei, no lugar desse, sobre o menino e as urtigas.

-Esta é outra de tuas histórias com moral? - Zeke se queixou.

Jillian inalou pelo nariz.

-Não há nada mau com as histórias com morais.

-Bem. Conte-me sobre as estúpidas urtigas.

Ele deixou cair pesadamente seu queixo em seu punho e lançou faíscas pelos olhos.

Jillian riu de sua expressão tétrica.

-Vamos fazer assim, Zeke. Te contarei uma história com moral e logo depois poderá sair para buscar Grimm e perguntar-lhe se pode te contar uma história com teus valentes guerreiros. Estou certa de que ele as conhece. É o homem mais valente que alguma vez há de encontrar - Jillian falou - Aqui vamos. Presta atenção: havia um rapazinho pequeno que estava atravessando o bosque e descobriu um arbusto de urtigas.

Fascinado pela planta insólita, ele tratou de extraí-la com força, assim poderia levá-la para casa e mostrá-la a sua mamãe. A planta lhe picou dolorosamente, e ele correu com toda pressa para casa, seus dedos pinicando. '*Apenas toquei nisso, Mamãe!*' o rapazinho balbuciou. '*Isso é exatamente por que te picou*', sua mãe respondeu. '*Na próxima vez que você tocar numa urtiga, segure-a ternamente, e será suave como seda em tua mão e não se machucará em nada*' - Jillian fez uma pausa significativamente.

-Isso é tudo? - Zeke reclamou, indignado- Essa não foi uma história! Me enganou!

Jillian se mordeu nos lábios para não rir; ele parecia um pequeno cachorro de osso quebrado. Estava cansada da viagem e suas habilidades de narrativa estavam um pouco fracas no momento, mas havia uma lição útil na história. Além do mais, a maior parte de sua mente estava ocupada com pensamentos do beijo incrível que recebera no dia anterior. Requeria cada pedaço de seu fraco autocontrole abster-se de tentar encontrar Grimm ela mesma, aninhar-se em seus braços e docemente

mendigar-lhe um conto para a hora de ir para cama. Ou, mais exatamente, pedir-lhe justamente para na hora de ir para cama, ir com ela

– Diga-me o que significa, Zeke - instou Jillian.

Zeke guardou silêncio um momento, como se considerasse cuidadosamente a fábula. Sua testa estava enrugada pela concentração, e Jillian esperou pacientemente. De todos os meninos, Zeke era o mais rápido em encontrar a moral.

-Já sei! - ele exclamou - Não deveria vacilar. Deveria agarrar as coisas atrevidamente. Se você está indeciso, então as coisas podem te picar.

Jillian aconselhou:

-Qualquer coisa que faça, Zeke, faça com todas as tuas forças.

-Como aprender a montar – ele concluiu.

-Sim. E amando a tua mãe e trabalhando com os cavalos e estudando as lições que te dou. Se você faz não faz as coisas com todo teu poder, então pode terminar por ser condenado às coisas que se provem médias.

Zeke deu um bufido de descontentamento.

-Bem, não é sobre os *Berserkers*, mas admito que é boa, vindo de uma menina.

Jillian fez som exasperado e abraçou Zeke estreitamente, sem prestar atenção a seus retorcimentos impacientes.

-Não estou te perdendo, não é, Zeke? - se perguntou quando o menino se foi a toda correndo do solar em busca de Grimm
- Quantos meninos já cresceram junto a mim? - murmurou tristemente.

Jillian perguntou por Quinn e Ramsay antes do jantar. Os dois homens dormiam profundamente, esgotados pela viagem de regresso à Caithness. Ela não havia visto Grimm desde seu regresso; deu um beijo terno na fronte de Quinn e esticou as mantas sobre seu peito.

Enquanto deixava o quarto, sua mente se deslizou até o passado, ao verão em que havia tido quase dezesseis anos, o verão em que Grimm deixara Caithness.

Nada em sua vida havia preparado Jillian para uma batalha tão horripilante. Nem a morte nem a brutalidade haviam visitado sua vida protegida antes, exceto o dia em que estranhos chegaram montados em grandes cavalos de batalha negros, usando as cores dos McKane.

No momento em que os guardas fizeram soar os alarmes, seu pai a prendera atrás de uma barricada em seu dormitório. Jillian observou ao massacre sangrento desenrolando-se sob sua janela, com os olhos incrédulos. Se viu açoitada pela impotência, frustrada por sua incapacidade para combater ao lado de seus irmãos. Mas sabia que ainda que estivesse livre de seu confinamento, não era suficientemente forte para sustentar uma espada. Que medo ela, uma simples moça, podia esperar inflingir entre guerreiros desalmados como os McKane?

A visão de tanto sangue a aterrorizou. Quando um arqueiro McKane golpeou Edmund por trás, tomando-o desprevenido, ela gritou e bateu seus punhos contra a janela, mas o ruído escasso que eperara fazer não podia competir com o estrépito ronco da batalha. O McKane atingiu seu irmão caído no solo com o fio de sua lâmina de combate.

Jillian se jogou contra o vidro, dando histéricamente aranhões contra a janela com suas unhas, como se pudesse, valentemente, arrebatar-lo do perigo. Um suspiro trêmulo de profundo alívio saiu de seus pulmões quando Grimm irrompeu no combate, despachando o cruel McKane antes que Edmund sofresse outro golpe brutal. Enquanto ela observava seu irmão ferido lutando por avançar de rastros sobre seus joelhos, algo profundo dentro dela se alterou tão velozmente que apenas se deu conta depois: o sangue já não a horrorizava, não; desejou ver até a última gota de sangue McKane derramado no sólo de Caithness. Quando um Grimm furioso começou a assassinar cada McKane em um raio de cinquenta metros, pareceu a ela algo de uma beleza terrível. Nunca havia visto um homem mover-se com essa velocidade incrível e essa graça letal, combatendo para proteger tudo o que amava.

Depois da batalha, Jillian se perdeu dentro da desordem enquanto sua família se preocupava com Edmund, cuidava dos feridos e enterrava os mortos. Sentindo-se horivelmente jovem e vulnerável, esperou no terraço que Grimm respondesse sua nota, só para debilmente levar seu amor e sua esperança até ao estábulo.

Deteve-se aturdida. Ele não podia ir. Não agora! Não quando ela estava tão confusa e assustada por tudo o que acontecera. Precisava dele mais do que nunca.

Jillian correu até aos estábulos tão velozmente quanto lhe permitia seus pés. Mas Grimm foi obstinado; tinha lhe oferecido um adeus gelado e se voltou para ir. Sua incapacidade para confortá-la foi o último desapeço que podia suportar, por isso que ela se precipitou a seus braços, pedindo com seu corpo que ele a abrigasse e a mantivesse segura.

O beijo que começou sendo uma inocente pressão de lábios velozmente se converteu na confirmação de seus sonhos mais secretos: Grimm Roderick era o homem com quem ela se casaria.

Mas enquanto seu coração se enchia de júbilo, ele se afastara dela e se voltara abruptamente até seu cavalo, como se seu beijo não houvesse significado nada para ele. Jillian se sentiu evergonhada e desconcertada por seu rechaço, e a intensidade atemorizante de tantas emoções novas a encheu de desespero.

-Você não pode ir! Não depois disto! - ela soluçou.

-Devo ir – grunhiu ele , e então limpou a boca furiosamente – isso nunca deveria ter ocorrido!

-Mas ocorreu! E o que acontecerá se não regressar, Grimm? O que acontecerá se eu nunca te ver outra vez?

-Isso é precisamente o que pretendo – ele disse ferozmente - Você não tem sequer dezesseis anos. Encontrará um esposo. Terá um futuro brilhante.

-Já encontrei meu esposo! - Jillian soluçou – Você me beijou!

-Um beijo não é um compromisso de matrimônio! – grunhiu ele – E foi um erro. Nunca deveria tê-lo feito, mas você se jogou sobre mim. Que mais esperava que fizesse?

-Vo...você não queria beijar-me? - seus olhos se ensombreceram de dor.

-Sou um homem, Jillian. Quando uma mulher se lança sobre mim, sou tão humano como qualquer um!

-Quer dizer que não senti também? - ela ficou sem alento.

-Sentir o quê? - bufou – A luxúria? Mas é claro. É uma moça bonita.

Jillian negou com a cabeça, envergonhada. Podia estar tão equivocada? Verdadeiramente podia estar só em sua mente?

-Não, digo, se não senti que o mundo era um lugar perfeito e... e quero dizer... nós...- se deteve completamente, sentindo-se como uma absoluta estúpida.

-Esqueça-se de mim, Jillian St. Clair. Creça, case-se com um lord agradável, e esqueça de mim - disse Grimm glacialmente. Com um movimento veloz, se impulsionou até o lombo do cavalo e saiu rapidamente dos estábulos.

-Não me deixe, Grimm Roderick! Não me deixe assim! Te amo!

Mas ele se foi como se ela não houvesse falado. Jillian sabia que havia ouvido cada palavra, ainda que depois desejasse que não o houvesse feito. Não só havia oferecido seu corpo a um homem que não a queria, mas também oferecera seu coração, e ele fora embora assim mesmo.

Jillian suspirou pesadamente e fechou os olhos. Era uma lembrança amarga, mas a dor diminuía um pouco desde de Durrkesh. Ela já não acreditava estar tão equivocada acerca de como o havia afetado o beijo, dado que em Durrkesh sucedera outra vez e ela vira nos olhos masculinos, com seus certos sentidos de mulher, que ele sentira também.

Agora tudo o que ela tinha que fazer era conseguir que ele admitisse.

CAPÍTULO 15

Depois de buscá-lo perto de uma hora, Jillian encontrou Grimm no depósito de armas. Ele estava parado perto de uma mesa baixa de madeira, examinando várias espadas, mas ela podia perceber que sentira sua presença pela rigidez súbita de suas costas.

-Quando tinha dezesseis anos, estava perto de Edimburgo - Jillian informou para suas costas rígidas - Creio tê-lo visto enquanto visitava os Hammonds.

- Sim - respondeu Grimm, inspecionando atentamente um escudo amasado.

-Foi você! Eu sabia! - exclamou Jillian - Estava parado perto da casa do guarda. Você me vigiava e parecia... infeliz.

-Sim - ele admitiu apertadamente.

Jillian contemplou as costas amplas de Grimm um momento, indecisa de como vocalizar seus sentimentos. Poderia tê-la ajudado imensamente se pudesse entender-se a si mesma e o que desejava dizer, mas não podia. Não teria tido importância de qualquer maneira, porque ele se voltou e passou roçando-a com uma expressão tão fria que a única opção seria humilhar-se seguindo-o. Ela não o fez.

O encontrou mais tarde, na cozinha, introduzindo uns torrões de açúcar em seu bolso.

-Para *Occam* - ele disse defensivamente.

Jillian continuou a conversação de onde, em sua mente, recentemente havia acabado:

-Uma noite fui a festa de Glannises perto de Edimburgo: estava nas sombras, verdade? O outono em que completei dezoito.

Grimm suspirou pesadamente. Ela havia lhe encontrado apesar de tudo outra vez. A moça parecia ter uma forma de saber onde ele estava, quando, e se estava só. A olhou com resignação.

-Sim – ele respondeu lentamente - Esse foi o outono em que se converteu em mulher, Jillian. Você vestia um vestido de veludo de cor rubi. Seu cabelo estava preso de um lado e caía como uma cascata sobre seus ombros. Seus irmãos estavam orgulhosos de você. Fiquei aturdido.

-Quando o mal caráter do Alastair... você sabe, descobri mais tarde que era casado... me agarrou e me beijou, ouvi um alvoroço terrível nos arbustos. Ele disse que provavelmente era um animal feroz.

-E logo te disse que deveria estar agradecida por tê-lo a teu lado para proteger-te, verdade? - se burlou Grimm – Quase matei o bastardo por tocá-la.

-Isso não foi divertido. Tive verdadeiramente medo.

-O senti realmente, Jillian? - Grimm a contemplou brevemente - Por quem? Pelo homem que te sujeitava, ou pela besta no arbusto?

Jillian encontrou seu olhar e passou a língua pelos lábios, repentinamente secos.

-Não pela besta. Alastair era um sem vergonha, e se ele não houvesse ouvido esses ruídos, só os Santos sabem o que poderia haver-me feito. Era tão jovem e, Deus meu, tão inocente!

-Sim.

-Quinn me perguntou hoje se eu queria casar-me com ele - anunciou, observando-o cuidadosamente.

Grimm guardou silêncio.

-Não o beijei ainda, assim não sei se o beijo dele é o melhor. Supõe que será? Melhor que o teu, digo?

Grimm não respondeu.

-Grimm? Será ele beija melhor que você?

Um estrondo baixo encheu o ar.

-Sim, Jillian - Grimm suspirou, e saiu para inspecionar seu cavalo.

Grimm procurou evitá-la durante quase um dia inteiro. Era tarde da noite quando finalmente conseguiu interceptá-lo enquanto ele deixava o quarto dos homens enfermos.

-Sabe?, inclusive quando não estava certa de que você estava realmente ali, ainda assim me sentia... protegida. Porque você poderia estar ali.

O indício de um sorriso aprovador curvou os lábios masculinos.

-Sim, Jillian.

Jillian se foi dando meia volta.

-Jillian?

Ela parou, quieta.

-Não beijou Quinn ainda?

-Não, Grimm.

-Oh. Bem, o melhor subiria para isso, moça.

Jillian franziu a sobancelha.

-Te vi no *Royal Bazaar*. - Finalmente Jillian havia tido êxito em obrigar-se a pensar em todos esses momentos difíceis. Com Quinn e Ramsay confinados a cama, convidara Grimm a se juntar a ela na hora do jantar no Gran Hall e ficara assombrada quando ele aceitara sem problemas. Ela estava sentada de um lado da mesa larga, olhando fixamente seu semblante sombrio através do emaranhado candelabro que sustentava dezenas de velas delgadas e oscilantes. Estavam jantando em silêncio opressivo, quebrado somente pelo ruído dos pratos e copos.

As criadas se retiraram para servir aos convalescentes no quarto de cima. Três dias se passaram desde que haviam regressado, durante os quais ela tentara desesperadamente recapturar a doçura que vislumbrara em Durrkesh, em vão. Não pudera alcançar a doçura suficiente para tentar conseguir outro beijo.

Nada em seu rosto se moveu. Nem uma pestana oscilou.

-Sim.

Se ele lhe respondesse com mais uma dessas odiosas evasivas poderia enfurecer-se. Queria saber se o único beijo que haviam compartilhado abalara seu mundo com a mesma força catastrófica que derrubara o dela.

-Você me espiava - o acusou Jillian, espreitando-o através das velas com um semblante carrancudo - Não estava sendo sincera quando disse que me fez sentir segura. Me enojou - mentiu.

Grimm pegou uma taça, bebeu o vinho, e cuidadosamente rodou o metal frio entre suas palmas. Jillian olhou seu movimento preciso, controlado e odiou todas essas ações deliberadas. Sua vida havia sido vivida desse modo: com uma ordem cuidadosa e precisa depois da outra, a exceção de quando estava perto de Grimm. Ela queria vê-lo atuar como o vira uma vez: fora de controle, apaixonado. Deixá-lo ter uma explosão ou duas. Não queria beijos oferecidos com a desculpa fraca de salva-la dos equívocos. Ela necessitava saber que podia entrar sob sua pele da mesma forma que ele penetrava a dela. Suas mãos se apertaram sobre seu colo, amassando o tecido de seu vestido entre seus dedos. Que faria ele se ela deixasse de ser cortês e calma?

Inspirou profundamente.

-Por que continuava vigiando-me? Por que se foi de Caithness, somente para seguir-me todas essas vezes? – exigiu com mais veemência do que havia se proposto, e suas palavras fizeram eco nas paredes de pedra.

Grimm não tirou seus olhos da taça polida entre suas palmas.

-Tinha que ver se que tudo estava bem contigo, Jillian - disse lentamente - Não beijou Quinn ainda?

-Você nunca me dirigiu uma só palavra! Você só ia, me olhava, e logo se voltava para ir embora.

-Fiz um voto para evitar que te fizessem dano, Jillian. Era natural que comprovasse se tudo estava bem quando estivesse por perto. Não beijou Quinn ainda? - exigiu.

-Evitar que me fizessem dano? - sua voz se elevou com incredulidade - Falou! Você me desgosta mais do que qualquer outra coisa em toda minha vida!

-Nã beijou Quinn ainda? – rugiu ele.

-Não! Não bejei Quinn ainda! - ela respondeu aos gritos - Isso é tudo o que te preocupa? A você não importa nada que me desgoste.

O copo caiu com um estrépito sobre o chão quando Grimm se levantou. Suas mãos caíram com fúria desenfreada. Os pratos voaram da mesa, o ensopado intocado se derramou pela sala, os cestos de pão rebateram contra a lareira. O candelabro estalou na parede e se cravou entre as pedras. As brancas velas ornamentais caíram como chuva no piso. Sua reação violenta não se deteve até que a mesa entre eles estivesse varrida por completo.

Ele fez uma pausa, ofegando, suas amplas mãos estendidas na borda da mesa, seus olhos febrilmente brilhantes. Jillian cravou os olhos nele, aturdida.

Com um som animal de fúria, ele socou sua mãos no centro sólido da mesa. Jillian tocou com a mão sua garganta para afogar um grito quando a mesa larga se partiu desde o centro. Seus olhos azuis resplandeceram incandescentemente, e ela podia ter jurado que ele pareceu por-se mais luminoso, mais amplo e mais perigoso. Certamente havia obtido a reação que havia estado buscando, e mais.

-Sei que falei! – ele rugiu – Sei que te desgostei! Crê que não tive que viver com esse conhecimento?

Entre eles, a mesa reclinou e estremeceu em um esforço para permanecer inteira. A tábua partida se inclinou precariamente. Então, com um gemido de derrota, os extremos baixaram bruscamente até o centro e se chocaram contra o piso.

Jillian piscou enquanto examinava os despojos de sua comida. Já sem intenção de provocá-lo, se levantou atônita pela intensidade de sua reação. Ele sabia que a havia magoado? E a ele importava o suficiente para por-se assim colérico pela recordação?

-Então por que regressou agora? – murmurou - Poderia ter desobedecido a meu pai.

-Tinha que ver se estava tudo bem contigo, Jillian - ele murmurou de novo através do mar de destruição que os separava.

-Estou bem, Grimm - ela disse, tentando animá-lo cuidadosamente - Isso significa que pode ir agora.

Suas palavras não provocaram nenhuma resposta.

Como podia um homem guardar tanto dentro de si, enquanto que ela pensava que ele era malditamente pétreo? Não teria visto seu peito subindo e descendo, se não estivesse observando-o atentamente. A brisa soprando na janela alta não o incomodava. Nada tocava esse homem. Deus sabia que ela nunca conseguira. Não havia aprendido isso a essas alturas?

Ela nunca lograra alcançar o Grimm real, o que tinha conhecido nesse primeiro verão. Por que crera que algo poderia ter mudado? Porque era uma mulher crescida? Porque tinha os seios maiores e cabelos brilhantes, pensava que podia seduzi-lo para aproximar-se, com a fraqueza que um homem sente por uma mulher? E levando em conta que ele era indiferente para com ela, por que mesmo assim o queria?

Mas Jillian sabia a resposta disso, mesmo assim não entendia de que forma se processava. Tinha um antigo conhecimento em seu peito de menina que claramente lhe dissera, que não importava as coisas atrozias de que Grimm fora acusado, ela podia confiar sua vida a ele. Sabia que ele fora concebido para pertencer a ela.

-Por que não coopera, simplesmente? - A frustração impregnou as palavras em seus lábios; não podia crer que o dissera em voz alta, mas uma vez que as palavras haviam saído, estava obrigada a mantê-las.

-Quê?

-Coopere - o animou. Tinha a intenção de prosseguir - Para ser complacente.

Grimm se deteve com o olhar fixo.

-Não posso ser complacente indo-me. Teu pai...

-Não estou te pedindo que se vá - ela disse de pronto.

A moça sabia somente que estava cansada de querer, e cansada de que lhe fosse negado. Assim se levantou orgulhosamente, movendo seu corpo exatamente da maneira que se sentia sempre que Grimm estava no mesmo ambiente: tentadora, intensa, mais viva que em qualquer outro momento de sua vida. Sua linguagem corporal devia ter demonstrado suas intenções, pois ele ficou rígido.

-Como quer que eu coopere, Jillian? - perguntou com uma voz lacônica, seca.

Ela se aproximou dele, andando com muito cuidado sobre as bandejas quebradas e a comida espalhada. Lentamente, como se fosse um animal selvagem, levantou sua mão, com a palma para cima, até seu peito. Ele cravou os olhos nela com uma mescla de fascinação e desconfiança enquanto ela a colocava sobre seu peito, sobre seu coração. Sentiu o calor dele através de sua camisa de linho, sentiu o estremecimento de seu corpo, sentiu o bater poderoso de seu coração sob a palma da mão.

Inclinou sua cabeça para trás e o contemplou.

-Se verdadeiramente quiser cooperar - ela molhou seus lábios – beije-me.

Foi com um olhar furioso que ele a contemplou, mas em seus olhos Jillian vislumbrou o calor que lutava para esconder.

-Beije-me - ela murmurou, não afastando nunca seus olhos dos dele – Beija-me e logo trate de dizer-me que você não o sente também.

-Pare - ele ordenou rousamente, retrocedendo.

-Beija-me, Grimm! E não porque pense que está me fazendo um 'favor'! Beija-me porque quer! Uma vez me disse que não o fizera porque eu era uma menina. Bem, já não sou uma menina, e sim uma mulher. Outros homens têm o desejo de beijar-me. Por que não você?

-Não é assim, Jillian - Ambas mãos se moveram com frustração entre seus cabelos.

-Então o que é? Por que o fazem Quinn e Ramsay e cada um dos homens que alguma vez me hão desejado, mas não você? Devo escolher um deles? Então deveria incentivar Quinn a beijar-me? Deitar-se connigo? Fazer-me mulher?

Ele grunhiu, um estampido de advertência em sua garganta.

-Pare, Jillian!

Jillian inclinou para trás a cabeça em um eterno gesto de tentação e desafio.

-Beija-me, Grimm, por favor. Uma só vez, como se quisesse.

Ele saltou com tal graça e velocidade que ela não o percebeu. As mãos do homem se embrenharam em seu cabelo, imobilizando sua cabeça entre suas palmas e arqueando seu pescoço para trás. Seus lábios cubriram os dela e deixou-a sem ar nos pulmões.

Seus lábios se moveram sobre os dela com fome incontida, mas no aperto faminto de sua boca, ela detectou um toque de cólera, um elemento que não compreendeu. Como podia estar furioso com ela, quando era tão claro que desejava desesperadamente beijá-la? Disso estava certa.

No mesmo momento em que seus lábios haviam reclamado os seus, qualquer dúvida que houvesse tido antes havia sido relegada para sempre. Podia sentir seu desejo lutando exatamente sob sua pele, empreendendo uma batalha poderosa contra

sua própria vontade. E perdendo, pensou com suficiência, enquanto as mãos em seu cabelo se suavizavam o bastante para que ele lhe inclinasse a cabeça, dando à sua língua um acesso mais profundo dentro de sua boca.

Jillian se suavizou contra ele, segurou seus ombros, e se abandonou à maré de sensações. Como podia um simples beijo ressonar em cada centímetro de seu corpo e fazê-la sentir que o solo se inclinava selvagemmente sob seus pés? Ela o beijou ansiosa e ferozmente. Depois de tantos anos desejando-o, finalmente obtinha sua resposta. Grimm Roderick necessitava tocá-la com a mesma necessidade inegável que ela sentia por ele.

E ela sabia que com Grimm Roderick, uma vez nunca seria suficiente.

CAPÍTULO 16

O beijo se fez mais profundo, alimentado por anos de negada emoção, anos de paixão desmentida que velozmente desgarrava a superfície da determinação de Grimm. De pé no Gran Hall, em meio às ruínas de um banquete, beijando Jillian, se deu conta de que havia negado a si mesmo a paz, que havia estado negando-se a si mesmo a vida. Pois essa era a vida, esse momento perfeito de harmonia. Seus sentidos *Berserker* estavam agoniados, tentados pelo sabor e tato de Jillian. Ele se regozizou no beijo, convertendo-se em um adorador sensual de seus lábios enquanto deslizava suas mãos através dos cabelos dela, depois sobre a madeixa sedosa sobre suas costas.

Ele beijou Jillian como nunca beijara outra mulher, impulsionado pela fome que brotava do mais profano e nas profundidades mais sagradas de sua alma. Ele a desejava em um nível instintivo e a adoraria na primitividade de sua necessidade. A urgência de seus lábios derreteu o homem, o tato inquisitivo da língua feminina obrigou e humilhou o gélido guerreiro viking que não conhecera o calor até este momento. O desejo desfez todas as suas objeções e ele estreitou o corpo de Jillian contra o seu, levando a língua dela para dentro de sua boca tão profundamente como sabia que lhe daria as boas vindas a seu corpo quando a tomasse.

Se resvalaram e deslizaram sobre os pedaços de comida esparramada através das pedras, detendo-se contra a estabilidade da parede. Sem levantar sua boca da dela, Grimm deslizou uma mão sob suas cadeiras, reforçou seus ombros contra a parede, e levantou as pernas da jovem para que rodeassem sua cintura. Os anos em que a observara, de proibir-se a si mesmo de tocá-la, culminaram em um uma manifestação de paixão delirante. A urgência ditava seus movimentos, não sua paciência ou sua habilidade. Suas mãos deslizaram pelos seus tornozelos, enquanto os braços dela se entrelaçavam em seu pescoço e ele levantou seu vestido sobre suas panturrilhas, revelando suas pernas longas, preciosas. Acariciou-a, gemendo contra seus lábios, quando seus polegares encontraram a pele suave do interior de suas coxas.

O beijo se fez mais profundo enquanto ele tomava sua boca da mesma forma que sitiava os castelos: persistente, cruelmente, e focalizado em um só propósito. Só existia Jillian, uma mulher cálida em sua mãos, sua língua quente em sua boca, e ela o igualou, cada demanda muda de seu corpo equilibrando as dela. A jovem enterrou as mãos em seu cabelo e o beijou até que ele mesmo ficou ofegante. Os anos de necessidade desabaram sobre ele quando suas mãos encontraram seus seios e suas curvas se moldaram nas palmas de suas mãos. Seus mamilos estavam rígidos e pontiagudos; ele necessitava mais que seus lábios: necessitava saborear cada fenda e profundidade de seu corpo.

Segurando o rosto de Grimm entre suas mãos, com uma pressão surpreendentemente forte, Jillian o obrigou a parar o beijo. Grimm cravou o olhar em seus olhos, como para escutinar o significado de seu gesto. Quando ela atraiu violentamente sua cabeça até às curvas de seus seios, ele foi voluntariamente. Traçou um caminho reverente com sua língua de pico a pico, acariciando firme e gentilmente com seus dentes antes de cerrar os lábios sobre seus mamilos.

Jillian gritou com abandono e rendição, um som ardente de capitulação ante seu próprio desejo. Se empurrou tão firmemente contra seus quadris que o local quente entre suas pernas facilmente o acomodou com a delicadeza sensual de uma peça de veludo. As barreiras entre eles o encolerizaram, e desatando seu *kilt* da cintura, ele afastou seu vestido para o lado.

Alto! Sua mente gritou. Ela é virgem! Não desta maneira!

Jillian gemeu e se roçou contra ele.

-Alto - ele murmurou roucamente.

Os olhos de Jillian se abriram apenas.

-Nem por um maldito segundo - disse ela com ar satisfeito, um sorriso curvando seu lábio inferior.

Suas palavras o rasgaram por dentro como um ferro quente, pondo à sua vista seu sangue derretido e pronto para ferver. Ele podia sentir a besta dentro dele mover-se, inspirando com desvelo malvado.

O *Berserker*? Agora? Não havia sangue em nenhuma parte... ainda. Que aconteceria quando houvesse?

-Toca-me, Grimm. Aqui. - Jillian colocou a mão dele sobre seus seios e baixou sua cabeça até a dela. Ele gemeu e mudou de posição, esfregando-se em círculos lentos, eróticos contra a abertura no meio de suas pernas abertas. Débilmente, percebeu que o *Berserker* se despertava completamente, mas foi de uma forma diferente, sem violência, mas desperto, violentamente duro, e violentamente faminto por cada sabor que Jillian pudesse ter.

Ela a teria colocado de costas sobre a mesa, mas já não havia mesa, em lugar disso se moveu para baixo até sentar ambos em uma cadeira. Ele mudou de posição de tal maneira que as pernas de Jillian equilibraram sobre seus braços, e ela se sentou de frente para ele, suas pequenas mãos grudadas nos seus ombros, sua feminilidade desnuda em cima dele. Ela não necessitava de incentivo para pressionar-se contra ele, provocando-o com um ligeiro roçar de seus mamilos pontiagudos contra seu peito. Jillian deixou cair sua cabeça para trás, desnudando o arco delgado de seu pescoço, e Grimm se deteve um momento longo, bebendo da visão de sua adorável Jillian montando, com as pernas abertas no seu colo, sua cintura estreita

curvando-se nessas cadeiras exuberantes. Ainda que tivesse deslizado seu vestido de seus ombros, ele se amontoava em sua cintura, e parecia uma deusa levantando-se num mar de seda.

-Cristo, é a mulher mais bela que alguma vez já vi!

A cabeça de Jillian se agitou ao regressar, e cravou seus olhos nos dele. Seu olhar de incredulidade rapidamente se converteu em um olhar de prazer simples, e logo numa expressão de sensualidade travessa. Ela disse, deslizando seus dedos para baixo, sobre a curva arrogante de sua mandíbula:

-Quando tinha treze anos, te vi com uma criada e me prometi solenemente que um dia faria com você, tudo o que ela te fez. Cada beijo - Ela deixou cair sua boca até o peito masculino. Sua língua golpeou suavemente enquanto saboreava sua pele - Cada sabor... Cada toque - e deslizou sua mão mais para baixo, sobre seu abdômen, até alcançar seu duro membro.

Grimm gemeu e agarrou sua mão, impedindo que seus dedos se fechassem ao redor dele. Se sua preciosa mão se fechasse ao redor dele uma vez, ele perderia o controle e estaria dentro dela num átimo. Buscando cada grama de sua disciplina legendaria, manteve seu corpo controlado. Se negava a ofendê-la dessa maneira. Uma confissão própria se derramou de seus lábios.

-Desde o dia que começou a amadurecer, me vi louco. Não podia fechar meus olhos a noite sem te querer debaixo de mim. Sem querer estar a teu lado, dentro de ti. Jillian St. Clair, espero que seja tão resistente como crê que é, porque vai precisar de cada grama de força que possui para mim esta noite - Ele a beijou, silenciando qualquer resposta que ela pudesse ter dado.

A mulher se perdeu em seu beijo até que ele retrocedeu. Grimm a contemplava ternamente. Disse com suavidade:

-E, Jillian, eu sinto também. Sempre a quis.

Suas palavras abriram passo em seu coração, e o sorriso com que ela lhe presenteou foi deslumbrante.

-Eu sabia! - suspirou.

A medida que suas mãos se deslizavam sobre sua pele quente, Jillian se abandonava às sensações. Quando ele aninhou a palma da mão entre suas pernas, ela gritou suavemente e seu corpo se agitou contra sua mão.

-Mais, Grimm. Quero mais - murmurou.

Seus olhos se estreitaram enquanto a observava. O prazer se entremeava com assombro e desejo em seus rasgos expresivos. Ele sabia que era grande, longo e largo, e ela necessitava preparar-se para ele. Enquanto a jovem começava a mover-se salvagemente contra sua mão, ele supôs que já não podia negar a si mesmo o prazer. A posicionou em cima dele.

-Você tem o controle desta maneira, Jillian. Talvez doa, mas você terá o controle. Se doer em excesso, então diga-me - ele disse ferozmente.

-Está bem, Grimm. Sei que doerá no princípio, mas Kaley me contou que se o homem for um amante experto, então me fará sentir a coisa mais incrível que alguma vez já senti.

-Kaley te contou isso?

Jillian assentiu com a cabeça.

-Por favor - suspirou - Mostra-me o que quis dizer.

Grimm expulsou a respiração fascinado. Sua Jillian não tinha medo. Gentilmente deslizou a cabeça de seu membro dentro dela e a empurrou para baixo, medindo cada oscilação de emoção no rosto dela.

Seus olhos brilharam fortemente. A mão de Jillian voltou para baixo até aninhar-se ao redor de seu pênis.

-É grande - ela disse inquieta - Realmente grande. Está certo de que isto funcionará?

Um sorriso de puro deleite curvou os lábios de Grimm.

-Muito grande - concordou - Mas precisamente apropriado para dar prazer a uma mulher - Ele se deslizou nela cuidadosamente. Quando encontrou a resistência da barreira, fez uma pausa. Jillian ofegou suavemente.

- Agora, Grimm. Faça-o.

Ele fechou seus olhos brevemente e aconchegou as mãos em seu traseiro, situando-a por cima dele. Quando abriu seus olhos, a determinação brilhava com luz tênue em suas profundidades. Com um empuxe firme atravessou a barreira.

Jillian se viu sem ar.

-Isso não foi tão mau - suspirou depois de um momento - Pensei que realmente doeria - Quando ele começou a avançar lentamente, seus olhos brilharam - Oh! - exclamou, e ele a silenciou com um beijo. Avançando lentamente, a mexeu contra ele até que qualquer vestígio de dor em seus enormes olhos desapareceu e sua face estivesse iluminada pela antecipação do que sentia dançar apenas fora de seu alcance. Ela iniciou um movimento erótico, circular com suas cadeiras, prendendo o lábio inferior entre seus dentes.

Ela a observou, encantado por sua sensualidade inata. Ela estava abandonada, desinibida, mergulhando totalmente em seu jogo íntimo sem reservas. Seus lábios se curvavam deliciosamente a medida que o empuxe lento de seus quadris insinuava a paixão por vir, e ele sorriu com perverso deleite.

Ela a levantou e mudou de lugar com ela, colocando-a na cadeira. Equilibrando-a, ele a puxou para cima, envolvendo as pernas dela ao redor de sua cintura, e se deslizou profundamente dentro dela, pressionando com uma fricção deliciosa contra o lugar misterioso dentro dela que a lançaria para mais além do prazer. Ele provocou o ponto entre suas pernas até que ela se retorceu contra ele, implorando com seu corpo o que só ele podia dar-lhe.

O *Berserker* se retorceu dentro dele, saltando de uma maneira que nunca havia pensado possível.

No momento em que ela gritou e estremeceu contra ele, Grimm Roderick fez um som rouco, opulento, que era mais que gemido; foi um sorriso resonante de liberação. Sua vitória rapidamente se converteu em um gemido de descarga. A sensação de seu corpo, estremecendo-se ao redor dele, tão apertadamente, era mais do que podia resistir, e explodiu dentro dela.

Jillian se agarrou a ele, abrindo a boca enquanto um som pouco familiar penetrava em sua mente cheia de vertigem. Seus músculos derretidos, sua cabeça caída adiante, olhou com atenção através de seu cabelo o guerreiro nú enrodilhado diante dela.

-Vo-você pode rir! Realmente... verdadeiramente rir! - exclamou ofegante.

Ele correu seus dedos para cima, no interior de seu sexo, raiado ligeiramente de sangue. O sangue de sua virgindade marcava suas entranhas pálidas.

-Jillian, Eu... Oh...

-Não se congele diante de mim, Grimm Roderick - disse Jillian instantaneamente.

Ele começou a estremecer violentamente.

-Não pude remediar - disse apertadamente, sabendo que não falavam o mesmo de tudo - O Gran Hall – mastigou as palavras - Sou tão idiota. Estou tão ...

-Detenha-se !- Jillian agarrou sua cabeça com ambas as mãos, olhando-o no mesmo nível com um olhar furioso - Queria isto - disse intensamente - Esperava isto, *necessitava* isto. Não se atreva a lamentar! Eu não o faço, e nunca o farei.

Grimm se congelou, transfigurado pelo sangue que marcava suas dobras acetinadas, na espera da sensação de tempo perdido que logo começaria. Não tardaria muito antes que a escuridão o reclamasse e a violência surgisse.

Mas os segundos passaram, e nada ocorreu. Apesar da energia rugente que inundava seu corpo, a locura nunca chegou.

Ele a contemplou, atônito. A besta dentro dele havia sido amplamente despertada, mas continuava mansa. Como podia ser? Como podia ser isso? Nenhum desejo de matar, nenhuma necessidade de violência, todas as boas coisas que um *Berserker* suportava e nada de perigo.

-Jillian - ele suspirou reverentemente.

CAPÍTULO 17

-Como se sente? - perguntou Grimm cuidadosamente.

Afofando as almofadas, ele ajeitou Quinn para sentá-lo. As cortinas das janelas estavam todas abertas, balançando-se contra o marco dos batentes, e a lua crescente derramava suficiente luz para que sua vista intensificada lhe permitisse funcionar como se fosse plena luz do dia.

Quinn olhou atentamente para Grimm e o observou com atenção através da penumbra.

-Por favor não o faça - gemeu quando Grimm tratou de alcançar uma tela.

Grimm se deteve na metade do movimento.

-Não faça o quê? Ia simplesmente limpar-lhe a fronte.

-Não me sufoques com mais dessa mandrágora maldita - Quinn resmungou -A metade do motivo pelo qual me sinto tão péssimo é porque Kaley continua pondo-me fora de combate.

-Deus - Ramsay deu com voz cavernosa seu assentimento - Não a deixe obrigar-nos dormir mais, homem. Minha cabeça está partida por estas porcarias e minha língua se sente como se alguma coisa peluda estivesse dentro, patinando sobre minhas costas, e morrendo ali. Três dias atrás. E agora está apodrecendo.

-Basta! Tem que ser tão detalhista? - Quinn fez uma careta de asco enquanto seu estômago vazio se revoltava.

Grimm levantou suas mãos em um gesto de assentimento.

-Não tomarão mais mandrágora. Eu prometo. Como se sentem vocês dois?

-Como um condenado ao inferno - Ramsay gemeu – Ascenda uma vela. Não posso ver nada. Que aconteceu? Quem nos envenenou?

Uma expressão obscura se moveu rapidamente através do rosto de Grimm. Ele deu um passo até a galeria para ascender uma vela, logo iluminou vários candelabros perto da cabeceira e regressou a seu assento.

-Suspeito que estava dirigido a mim, e minha suposição é que o veneno estava no pombo.

-No pombo? - Quinn exclamou, sobressaltando-se enquanto lhe perguntava - Não foi o taberneiro que serviu? Por que o taberneiro tentaria te envenenar?

-Não creio que haja sido o taberneiro. Creio que foi uma tentativa de vingança do açougueiro. Minha teoria é que se qualquer um de vocês houvesse consumido a carne inteira, teriam morrido. Estava dirigido para mim. Mas vocês o dividiram.

-Não tem nenhum sentido que o açougueiro o dirigisse a você, Grimm - Quinn protestou - Ele te viu em ação. Qualquer homem sabe que não se pode envenenar um Ber...

-Um bastardo tão irascível como eu - Grimm rugiu, abafando por completo a última palavra de Quinn antes que Ramsay a ouvisse

Ramsay segurou a cabeça.

-Oh, homem, deixa de gritar com essa voz gutural! Quer me matar?

Quinn pronunciou um silencioso *sinto muito* para Grimm, seguido por um susurro de desculpa:

-São os efeitos persistentes da mandrágora. Estou estúpido mesmo.

-Eh? Quê? - Ramsay disse – Sobre o que estão os dois murmurando?

-Ainda que tenhamos compartilhado, não comemos todo o pombo - Quinn continuou, evadindo-se da pergunta de Ramsay – E pensei que o dono da pousada tivesse despedido o açougueiro depois desse incidente. Perguntei eu mesmo.

-Que incidente? - Ramsay perguntou.

-Aparentemente não - Grimm passou uma mão através de seu cabelo e suspirou.

-Sabe seu nome? - Ramsay perguntou.

-O de quem? Do dono da pousada? - Quinn lhe dirigiu um olhar desconcertado.

-Não, do açogueiro - Ramsay revirou os olhos.

-Por quê? - perguntou Quinn confuso.

-Porque o bastardo envenenou um Logan, tonto. Isso não acontece sem retalhação.

-Nenhuma vingança - advertiu Grimm - Simplesmente esqueça isso, Logan. Já vi o que você faz quando foca tua atenção na vingança. Vocês saíram desse atentado ilesos. Isso não justifica assassinar um homem, por mais que pudesse merecer por outras coisas.

-Onde está Jillian? - Quinn mudou de tema rapidamente - Tenho recordações nebulosas de uma deusa sobrevoando a minha cama.

Ramsay bufou.

-Simplesmente porque pensa que fez algum progresso antes que fossemos envenenados, não significa que a tenha conquistado, de Moncreiffe.

Grimm se sobressaltou interiormente e ficou num silêncio pensativo enquanto Quinn e Ramsay discutiam acerca de Jillian. Os homens ainda estavam nesse mesmo assunto, depois de um tempoto, e não prestaram atenção quando Grimm saiu do quarto.

Tendo passado as primeiras horas do amanhecer com Quinn e Ramsay, Grimm foi ver como estava Jillian, que ainda dormia profundamente, tal como a havia deixado, encolhida debaixo de uma montanha de mantas. Ele desejava poder deitar-se na cama a seu lado, para experimentar o prazer de despertar com a sensação de sustentá-la em seus braços, mas não podia arriscar-se a ser visto deixando o quarto de Jillian uma vez que o castelo despertara.

Então, a medida que a manhã avançava sobre Caithness, ele saudara Ramsay com a cabeça, que havia decidido descer tropeçando as escadas, em busca de comida sólida, assobiara para chamar *Occam*, e se lançara sobre o lombo desnudo do garanhão. Se dirigiu até o lago, propondo-se sumergir seu corpo quente na água gelada. A excitação que havia experimentado com Jillian só havia aumentado seu apetite por ela, e tinha medo de que se ela apenas lhe sorrisse, cairia sobre ela com toda a graça de um lobo faminto. Os anos de paixão negada havia se libertado, e compreendera que sentia uma fome por Jillian que nunca poderia ser saciada.

Os tons de uma canção dolorosamente desentoadada eram levados debilmente pela brisa, e Grimm prescutoou o lago cuidadosamente, guiando seu cavalo para longe do duto que retinha a água e dos terrenos rochosos, seguindo o som até que, rodeando uma parcela dos pastos, viu Zeke inclinado perto da água. As pernas do menino estavam dobradas, seus antebraços descansando sobre seus joelhos, e fechava os olhos.

Grimm segurou *Occam* para que se detivesse.

Zeke estava meio que soluçando as palavras de uma velha canção infantil. Grimm se perguntou quem o havia incomodado para ferir seus sentimentos logo de manhã. Observou o garoto, tentando decidir qual era a melhor maneira de abordá-lo sem ofender a dignidade de menino. Enquanto vacilava nas sombras, qualquer decisão de sua parte foi esquecida quando o som de galhos e matos se quebrando o alertava da presença de um intruso. Esquadrinhou o bosque circundante, mas antes que houvesse detectado a origem, um rugido animal surgiu do bosque a uns poucos metros atrás de Zeke. Um enorme lince apareceu na orla do lago, soltando uma espuma branca pelo fucinho. Grunhiu, desnudando suas brancas presas letais. Zeke se voltou, e sua canção se deteve abruptamente. Seus olhos se arregalaram de horror.

Grimm instantaneamente soltou a sela de *Occam*, e sacou bruscamente sua *sgain dubh* de sua cintura, passou o fio através de sua mão, provocando um corte para que o sangue fluísse em sua palma. Em menos de um minuto, a visão das gotas carmim excitou o Guerreiro Viking e puseram em liberdade o *Berserker*.

Movendo-se com uma velocidade inumana, agarrou rapidamente a Zeke e o lançou sobre seu garanhão, dando uma palmada em *Occam* na garupa. Logo fez o que detestava tanto... perdeu a noção de tempo.

-Alguem que me ajude! - gritou Zeke enquanto cavalgava para dentro do muro exterior do castelo sobre o lombo de *Occam* - Devem ajudar Grimm!

Hatchard saiu correndo do castelo para encontrar-se com Zeke sentado no alto do lombo de *Occam*, agarrando-se nas crinas com os nós das mãozinhas brancas.

-Onde? - gritou.

-Lá! No lago! Há um lince enlouquecido e quase me comeu e ele me atirou na sela do cavalo e eu cavalguei por mim mesmo mas ele atacou Grimm e ele deve estar ferido!

Hatchard se dirigiu velozmente para o lago, inconsciente das outras pessoas que haviam sido alertadas pela gritaria e lhe seguiam nos calcanhares.

Hatchard encontrou Grimm de pé, imóvel, uma sombra negra contra o brumoso céu roxo. Estava se dirigindo para a água, levantando-se do meio dos restos do que uma vez havia sido um animal. Seus braços e sua cara estavam cobertos de sangue.

-Gavrael - Hatchard disse lentamente, usando seu nome real com a esperança de alcançar o homem dentro da besta.

Grimm não respondeu. Seu peito subia e descia rapidamente. Seu corpo se inflava com as quantidades poderosas de oxigenio que um *Berserker* inspirava para compensar a fúria sobrenatural. As veias em seus antebraços contraídos, pulsavam com uma cor azul escura contra sua pele, e Hatchard se maravilhou, porque dava a aparência de ser duas vezes maior do que

normalmente era. Hatchard havia visto Grimm no pior da fúria *Berserker* várias vezes quando o treinara, mas o Grimm adulto parecia muito mais perigoso que o rapazinho que havia sido.

-Gavrael Roderick Icarus McIlloch - disse Hatchard. Se aproximou dele pelo lado, tratando de entrar na linha de visão de Grimm tão inofensivamente como era possível. Atrás dele, duas figuras se detiveram nas sombras do bosque. Uma delas ficou sem alento e suavemente fez eco do nome.

-Gavrael, sou eu, Hatchard - repetiu Hatchard amavelmente.

Grimm girou e olhou diretamente o chefe de armas. Os olhos azuis do guerreiro eram incandescentes, acesos como um carvão no fogo, e Hatchard recebeu uma lição desconcertante do que como se sentia quando alguém olhava através dele.

Um ruído estrangulado atrás dele atraiu a atenção de Hatchard.

-Oh, Deus meu - suspirou Zeke. Se aproximou mais, olhando fixamente o terreno, então fez uma pausa de uns poucos passos até Grimm. Seus olhos se arregalaram enormemente quando viu os pedaços pequenos do que uma vez havia sido um lince raivoso. Seu olhar assombrado flutuou suavemente até acima, para os olhos azuis brilhantes de Grimm, e quase se levantou sobre as pontas dos pés, contemplando-o – É um *Berserker*! - Zeke suspirou respeitosamente - Olha, seus olhos resplandecem! Eles existem!

-Vá e traga Quinn, Zeke. Agora - Hatchard ordenou - Não traga ninguém mais além de Quinn, custe o que custar. Entende? E nem uma palavra disto a ninguém!

Zeke roubou uma última olhada na lenda viva.

-Sim - disse, logo saiu correndo para trazer Quinn.

CAPÍTULO 18

-Verdadeiramente duvido que ele fez o animal em pedazos, Zeke. Não é saldável exagerar - Jillian repreendeu, camuflando sua diversão para proteger os sentimentos impressionáveis do menino.

Zeke disse apaixonadamente:

-Não exagerei, disse a verdade! Estava no lago e um lince raivoso me atacou e Grimm me atirou sobre seu cavalo e atacou a fera na metade de um salto e a matou com um golpe de seu punho! Ele é um *Berserker*, é sim! Sabia que ele era especial! Hmmp! - O menininho bufou – Ele não necessita ser um insignificante lord; é o rei dos guerreiros! É uma lenda!

Hatchard pegou Zeke firmemente pelo braço e o tirou de lá, para longe de Jillian.

-Vá encontrar a tua mãe, rapaz, e faça-o agora – concentrou em Zeke um olhar encolerizado, desafiando-o a desobedecer, e bufou quando o menino saiu do quarto. Encontrou o olhar fixo de Jillian e encolheu os ombros - Sabe quão fantasiosos são os meninos. Deve ser por causa dos seus contos de fadas.

-Grimm está bem? - Jillian perguntou sufocadamente. Seu corpo inteiro doía da forma mais deliciosa.

-Bem como uma luva - Hatchard respondeu secamente - O animal estava certamente agitado, mas não se preocupe, não conseguiu mordê-lo.

-Grima o matou? - Um lince feroz podia matar um rebanho inteiro de ovelhas em menos de duas semanas. Usualmente não atacavam os homens, mas aparentemente Zeke era suficientemente pequeno e a fera devia estar enferma para tentar.

-Sim - respondeu Hatchard tensamente - Ele e Quinn estão enterrando agora - mentiu com fria serenidade. Não sobrara o suficiente para enterrar, mas nem o afeto nem o ouro poderiam persuadi-lo a dizê-lo a Jillian. Ele se sobressaltou interiormente. Se o lince infectado houvesse mordido Zeke, então o menino teria sido contaminado pela enfermidade do animal feroz e estaria morto em poucos dias, soltando espuma pela boca em atormentadora agonia. Agradecia aos Santos que Grimm houvesse estado ali, e agradecia a Odín por suas aptidões especiais, ou Caithness estaria entonando cantos fúnebres e chorando nesse mesmo momento.

-Zeke montou em *Occam* por si mesmo - se maravilhou Jillian em voz alta.

Hatchard levantou o olhar e sorriu fracamente.

-O fez, e isso lhe salvou a vida, milady.

A expressão de Jillian era pensativa enquanto se dirigia para a porta.

-Se Grimm não houvesse confiado no menino o suficiente para tentar ensinar-lhe, Zeke nunca teria conseguido escapar.

-Onde vai? - perguntou Hatchard rapidamente.

Jillian fez uma pausa na entrada.

-Onde? Encontrar Grimm, é claro - Para dizer-lhe que estivera equivocada por ter duvidado dele.

Para ver seu rosto, vislumbrar a intimidade recém descoberta em seus olhos.

-Milady, deixe-o só por um instante. Ele e Quinn conversam e ele necessita estar só.

Em um instante Jillian se sentiu com treze anos outra vez, excluída da companhia do homem que amava.

-Ele disse isso? Que necessitava ficar só?

-Está se banhando no lago - disse Hatchard - Simplesmente dê-lhe tempo, está bem?

Jillian suspirou. Esperaria que viesse até ela.

-Grimm, não quis dizer nada antes, mas paguei ao dono da pousada uma pequena fortuna para desfazer-se do carnicheiro - disse Quinn enquanto passeava na beira do lago. Grimm se levantou da água gelada, finalmente limpo outra vez, e olhou com o cenho franzido os restos do animal. Quinn percebeu para onde olhava e disse:

-Não comece. Você salvou sua vida, Grimm. Não ouvirei uma só palavra de que se odeia por ser um Berserker. Esse é um dom, me ouve? Um dom!

Grimm exalou de maneira lúgubre e não respondeu.

Quinn continuou de onde havia parado.

-Como dizia, paguei ao homem. Se não se livrou do carnicheiro, então vou voltar a Durrkesh para obter algumas respostas.

-Não se preocupe com isso, Quinn. Não foi o carnicheiro.

-Que? Como que "*não foi o carnicheiro*"?

-Não foi inclusive o pombo. Foi o whisky.

Quinn piscou rapidamente várias vezes.

-Então por que disse que foi o pombo?

-Confio em você, Quinn. Não conheço Ramsay. O veneno era raiz de *thmsynne*. A raiz perde suas propriedades venenosas se for fervida em fogo lento, e assada ou tostada. Deve ser amassada e diluída, e seu efeito é realçado pelo álcool. Além do mais, encontrei o resto da garrafa nas escadas na manhã seguinte. Quem quer que tenha sido, foi muito minucioso.

-Mas não bebi whisky contigo - Quinn protestou.

-Você não sabia que eu não bebi o whisky -. Grimm lhe dirigiu uma torção irônica, com seus lábios - Me desfiz da metade do whisky, da garrafa drogada, sobre o pombo para acabar logo porque estava enjoado do gosto do licor e com pressa para ir embora. O veneno é inodoro até que é assimilado, e nem sequer meus sentidos puderam percebê-lo. Uma vez que se mecla com os fluidos do corpo, no entanto, exala um odor nocivo.

-Cristo, homem! - Quinn lhe dirigiu um olhar preocupado - De toda a sorte... Mas, então quem?

Grimm o estudou fixamente.

-Tenho tido muitos pensamentos sobre o passado em poucos dias. O único que posso concluir é que os McKane conseguiram descobrir-me outra vez de alguma maneira.

-Não sabem que o veneno não surte efeito em um Berserker?

-Nunca tiveram êxito em agarrar um vivo para interrogá-lo.

-Assim, não podem saber o que será capaz de fazer como você? Inclusive não sabem como matá-lo?

-Correto.

Quinn considerou cuidadosamente esta informação nova durante um momento. Então seus olhos se nublaram.

-Se esse é o caso, se os McKane certamente te encontraram outra vez, Grimm, o que detem a vinda deles para Caithness? - perguntou cuidadosamente - Outra vez.

Grimm levantou sua cabeça com um olhar angustiado.

Jillian não viu Grimm o resto do dia. Quinn lhe informou que havia saído para cavalgar e não regressaria provavelmente até o anoitecer. A noite chegou e o castelo inteiro foi para a cama. Olhando fixamente para fora da janela, ela espiou *Occam* vagando pelo muro exterior do castelo. Grimm havia voltado.

Cubrindo com uma capa de lã sua camisola, Jillian deslizou de seu quarto silenciosamente. O castelo estava quieto, seus ocupantes durmindo.

-Jillian.

Jillian se deteve na metade de um passo. Ela se voltou, escondendo sua impaciência. Precisava ver Grimm, tocá-lo outra vez, para examinar sua intimidade recém descoberta e celebrar sua feminidade.

Kaley Twillow descia apressadamente o corredor até ela, jagando uma manta ao redor de seus ombros no ar moderadamente frio. Os cabelos castanhos dela estavam desarrumados, e seu rosto ruborizado pelo sono.

-Ouvi tua porta abrir-se - disse Kaley-. Queria algo da cozinha? Deveria ter me chamado. Fico feliz em trazer. O que quer? Te preparo um jarro de leite quente? Um pouco de pão e mel?

Jillian negou com a cabeça e tocou o ombro de Kaley reconfortadamente.

-Não se preocupe, Kaley. Volte para a cama. Eu o farei.

-Não há problema. Estava pensando em trazer um pouco para mim - os olhos inquietos brilharam sobre a túnica improvisada de Jillian, de suave lã.

Jillian tentou outra vez:

-Kaley, não necessita se preocupar por mim. Estarei bem. Realmente, estou simplesmente um pouco inquieta e...

-Vai ver Grimm.

Jillian enrubesceu.

-Devo. Necessito falar com ele. Não posso dormir. Há coisas que devo dizer-lhe.

-Isso não pode esperar até a luz da manhã? - Kaley distinguiu a camisola aparecendo debaixo da capa de lã - Não está inclusive apropriadamente vestida - disse com reprovação - Se o encontrar vestida dessa maneira, obterá mais do que espera.

-Você não entende - disse Jillian, suspirando.

-Minha querida menina, o faço. Vi os restos do Gran Hall esta manhã.

Jillian engoliu em seco, e não disse nada.

-Nos esquecemos disso? - Kaley disse tensamente - Não sou tão velha que não posso recordar como é. Amei um homem como ele uma vez. Entendo o que sente, quem sabe mais do que você o faz, assim deixa-me pô-lo em palavras simples. Quinn é sexual. Ramsay Logan é sexual, e o poder que exudam oferecem boa diversão - Kaley tomou as mãos de Jillian nas suas e as

apertou sombriamente - Mas Grimm Roderick, ah, ele é um animal inteiramente diferente: não é meramente sexual. Ele esbanja poder sensual, e Jillian, o poder sensual pode transformar uma mulher.

-Você sabe o que quero dizer!

-Sou de carne e osso também, mocinha - Kaley colocou uma mão terna contra sua bochecha - Jillian, tenho observado você amadurecer com orgulho, amor, e ultimamente um pouco de medo. Estou orgulhosa porque tem um coração bom, valente e uma vontade forte. Tenho medo porque é a criatura mais teimosa que já conheci. Presta atenção em minhas palavras antes que se comprometa em uma direção que pode ser irrevogável: os homens sexuais podem passar despercebidos, mas um homem sensual permanece muito tempo no coração de uma mulher, para sempre.

-Oh, Kaley, é muito tarde - confessou Jillian - Ele já está aqui dentro.

Kaley a atraiu para dentro de seus braços.

-Tinha medo disso. Jillian, o que acontece se ele te deixar? Como lidará com isso? Que será de ti? Um homem como Quinn nunca te deixaria. Um homem como Grimm, pois bem, os homens que são mais maiores que a vida são também os mais perigosos para uma mulher. Grimm é imprevisível.

-Se arrepende do seu?

-Meu o quê?

-Teu homem como Grimm.

A expressão de Kaley se suavizou extaticamente, e isso foi resposta suficiente.

-Aí, então - Jillian apontou amavelmente - Kaley, se eu suspeitasse que só poderia ter umas poucas noites nos braços desse homem ou nada, então tomaria essas noites mágicas e as usaria para resguardar-me do frio do resto de minha vida.

Kaley suspirou audivelmente, seus olhos se encheram de compaixão. Sorriu fracamente.

-Entendo, menina - disse finalmente.

-Boa noite, minha querida Kaley. Volte para a cama, e permita-me os mesmos sonhos doces que você uma vez sonhou para você mesma.

-Te amo, menina - Kaley disse bruscamente.

-Eu te amo também, Kaley - Jillian respondeu com um sorriso enquanto ia pelo corredor para encontrar com Grimm.

Jillian entrou em seu quarto silenciosamente. Ele não estava ali. Suspirou, frustrada, e se moveu nervosamente ao redor do quarto. O lugar era espartano, tão limpo e disciplinado como o homem. Nenhuma coisa estava fora de seu lugar exceto por uma almofada desordenada. Sorrindo, deu um passo até a cama, pegou-a e deixou-se cair pesadamente. A pressionou contra seu rosto por um momento e inspirou sua picante essência masculina. Seu sorriso vacilou e se converteu em admiração quieta quando descobriu o livro andrajoso, que a almofada estivera escondendo.

As *Fábulas de Esopo*. Era o manuscrito ilustrado que ela lhe presenteara a quase uma década antes, no primeiro Natal nevado que passaram juntos. Ela deixou cair a almofada e recolheu o manuscrito, acariciando-o ternamente com as pontas dos dedos. As páginas estavam destacadas, as ilustrações descoloridas, as notas e as raridades se assomavam fora da encadernação.

Ele o levava consigo todos esses anos, guardando-o entre suas recordações, da mesma maneira que ela havia feito com seu volume. O pôs de novo em seu ninho de mantas, vacilante. Esse livro lhe dizia tudo o que necessitava saber. Grimm Roderick era um guerreiro, um caçador, um guardião, um homem duro que levava uma cópia andrajosa das *Fábulas de Esopo* onde quer que fosse, ocasionalmente ocultando flores secas e versos entre as páginas. Ela o folheou do princípio ao fim, fazendo uma parada numa nota que havia sido estudada e alisada dezenas de vezes. *Estarei no terraço ao anoitecer. Devo falar-te esta noite, Grimm!*

Ele nunca a havia esquecido.

Sensível porém forte, capaz mas vulnerável, carnal e sensual. Ela estava desesperadamente apaixonada por ele.

-O conservei.

Jillian se deu a volta. Uma vez mais, não ouviu um só som quando ele entrou no quarto. Estava parado no portal, seus olhos escuros e inelegíveis.

-Eu vi - ela respondeu em voz baixa.

Ele cruzou o quarto e se deixou cair em uma cadeira diante do fogo, dando-lhe as costas. Jillian se levantou, abraçando o precioso livro contra seu peito em silêncio. Estavam tão perto da intimidade que sempre quisera dele, que tinha medo de despedaçar o momento com palavras.

-Não posso crer que não me bombardeou com perguntas - ele disse cuidadosamente - Como por que o conservei.

-Por que o conservou, Grimm? - perguntou ela, mas realmente não tinha importância do por quê. Ele o levava consigo até esse dia, e isso era suficiente.

-Vem aqui, querida.

Jillian delicadamente colocou o livro em uma mesa e se aproximou dele lentamente. Vacilou a uns poucos passos do seu lado.

A mão de Grimm saiu em disparada e segurou seu pulso.

-Jillian, por favor - sua voz estava tão baixa, que era quase inaudível.

-Por favor o quê? - murmurou.

Rapidamente ele mudou sua expressão e ela ficou de pé diante dele, capturada entre suas pernas. Seus olhos azuis estavam cravados aproximadamente na altura de seu umbigo, como se não pudesse reunir força necessária para levantá-los para ela.

-Beije-me, Jillian. Toce-me. Mostre-me que estou vivo - murmurou.

Jillian mordeu os lábios enquanto suas palavras se chocaram contra seu coração. O homem mais valente e apaixonado que ela alguma vez havia conhecido tinha medo de não estar completamente vivo. Ele levantou o rosto e ela gemeu suavemente ao ver sua expressão. Estava obscuro, seus olhos formando redemoinhos de sombras, com lembranças de momentos que ela ainda não podia compreender. Acolheu o rosto de Grimm entre suas mãos e o beijou, demorando-se em seu lábio inferior, saboreando a curva sensual.

-Você é o homem mais incrivelmente vivo que alguma vez já conheci.

-Eu sou, Jillian? Eu sou mesmo? – perguntou ele desesperadamente.

Como ele podia duvidar de algo assim? Seus lábios eram quentes e vitais, suas mãos movendo-se através de sua pele, despertando terminações nervosas que ela nunca suspeitara que tivesse.

-Por que conservou o livro, Grimm?

Suas mãos seguraram possessivamente sua cintura.

-O conservei para recordar a mim mesmo que ainda que haja maldade, há algumas vezes, beleza e luz. Você, Jillian. Você foi sempre minha luz.

O coração de Jillian alçou os céus. Ela estivera buscando a confirmação de sua intimidade frágil, para provar a si mesma que a ternura e o afeto físico que Grimm lhe havia oferecido na noite anterior não tinha sido um ato isolado. Nunca sonhara que ele pudesse oferecer-lhe palavras de... amor? Será que essas palavras eram sinal de amor?

Seus sonhos finalmente estavam tornando-se realidade. Ela sempre soubera que havia um laço entre si mesma e seu menino-besta de olhar furioso, mas unir-se como homem e mulher superava todas as suas fantasias de infância.

Pondo-se de pé, Grimm a puxou contra a longitude musculosa de seu corpo, oferecendo-lhe inconscientemente a prova poderosa de seu desejo. O ligeiro roçar dele entre suas pernas a fez ficar cambaleante.

-Não posso ter o suficiente de você, Jillian - ele suspirou, fascinado pelo sensualismo de seus olhos, pela forma instintiva com que sua língua molhava a curva de seu lábio inferior. Ele a capturou e a beijou lentamente com intenção abrasadora, persistente, roubando-lhe beijos enquanto a guiava até a cama. Na metade do caminho, pareceu mudar de idéia. Ele envolveu seus ombros com as mãos firmes e a voltou em seus braços.

Jillian havia pensado que a sensação dele pressionado-a contra seus quadris era excitante demais para suportar, mas agora a viril e dura longitude se levantava quente contra ela, e a moça se empurrou para atrás, contra ele, em uma súplica muda. Suas mãos começaram uma viagem lânguida sobre seu corpo. Ele acariciou a curva suave de suas cadeiras, deslizou suas palmas sobre o arco de suas costas, logo rodeou seus braços ao redor dela para segurar seus seios, encontrando os mamilos sensíveis e excitando-os delicadamente através do tecido diáfano de sua camisa.

Recolhendo seu cabelo nas mãos, ternamente o afastou para um lado e beijou a nuca exposta. O morder breve de seus dentes fez com que ela arqueasse suas costas, e se apertasse mais contra ele.

Ele a guiou suavemente para frente, levando-a para além da cama, para a parede. Pressionando-a contra as pedras suaves, entrelaçou seus dedos nos dela, com suas palmas segurando o dorso das mãos femininas. Ele colocou as palmas de Jillian contra a parede, acima de sua cabeça.

-Não tire suas mãos da parede, Jillian. Não importa o que faça, agarre-se na parede e simplesmente sinta...

Jillian se agarrou a parede como se fosse sua última união com a sensatez. Quando ele deslizou sua camisa do seu corpo, ela estremeceu a medida que o ar fresco encontrava sua pele quente. Suas mãos acariciaram a firme curva inferior de seus seios, se arrastaram sobre sua cintura e flutuaram em suas cadeiras. Logo os dedos se afastaram de sua pele e sua língua traçou um caminho persistente até abaixo, até a base de sua coluna vertebral. Ela se apoiou contra a parede, suas palmas afastadas, cambaêntes de prazer. Até o momento em que ele terminou o passeio, não havia um só centímetro de sua pele que ele não houvesse beijado ou acariciado com o golpe faminto de sua língua.

Agora entendia por que ele falara para se agarrar na parede. Não tinha nada a ver com a parede e tudo com impedir-lhe que o tocasse. Ele deslizou suas mãos para mais abaixo, até o interior de suas pernas, arrastando-as devagar, acalentando com beijos as curvas redondas de suas nádegas. Um gemido repentino de prazer escapou dela, quando sua mão encontrou o centro sensível entre suas pernas. Enquanto seus dedos a acariciavam com uma fricção irresistível aquele ponto que provoca gemidos em sua garganta, ele mordeu seu glúteo.

-Grimm! - ela se queixou sem alento.

O riso dele se enlaçou com algo perigosamente erótico, intensificando sua luxúria ainda mais.

-As mãos na parede - ele lhe avisou quando ela começou a girar. Ele afastou mais suas pernas e se moveu de maneira a se acomodar no chão, contemplando-a acima, seu rosto voltado para essa parte feminina que ansiava seu contato. Ela abriu a boca para protestar pela posição tão íntima na qual ele estava contemplando, quando o calor de sua língua silenciou qualquer reclamação que pudesse ter feito. Seu pescoço se arqueou e ficou sem ar para gritar pelo prazer abrasador que ele ascendia dentro dela.

Logo seu olhar buscou o magnífico guerreiro enrodilhado entre suas pernas. A visão de seu rosto, veemente em sua paixão, se juntou aos sentimentos incríveis que ele lhe provocava, cortando sua respiração em suspiros diminutos, desvalidos. Se mexeu suavemente contra ele, dando gritos pequenos e ofegantes, diferentes de qualquer som que alguma vez tinha feito.

-Vou cair - ela gemeu.

-Eu te segurarei, Jillian.

-Mas creio que não deveríamos...oh!

-Não pense - ele concedeu.

-Mas as minhas... pernas... não podem sustentar-me!

Ele riu, e com um movimento veloz a puxou bruscamente para baixo, para cima dele. Deram voltas em cima de uma almofada com urgência, as peles quentes e as extremidades entrelaçadas.

-E pensar que estava assustada, com medo de cair – ele brincou.

Ela saboreou a proximidade incrível de seus corpos, e nesse momento se pressionou contra ele. A medida que ela caía contra ele, se enamorava ainda mais completamente, em uma paixão irreflexiva. Ele sempre a seguraria, ela não teve a menor dúvida. Rodaram na almofada em uma escaramuça alegre para obter a posição dominante, logo ele a lançou tão repentinamente que ela aterrisou sobre suas mãos e joelhos. Em um instante ele estava atrás dela, aproximando-se da abertura entre as curvas suaves de seu traseiro gracioso, e ela falou em voz alta.

-Agora – gemeu ela.

-Agora – ele concordou, e mergulhou nela.

Ela o sentiu profundamente dentro dela, preenchendo-a, unindo-os. Ela fez um som de suprema desilusão quando subitamente ele se deslizou para fora, deixando um doloroso vazio, e ronronou agradecida quando a preencheu de novo tão profundamente, que ela arqueou suas costas e se ergueu contra ele, seus ombros pressionando contra seu peito duro.

Ele deve ter despertado algo dentro dela, decidiu Jillian, porque levou só uns poucos empuxes de seus quadris para que seu corpo se liberasse e se desintegrasse em mil pedaços. Nunca poderia ter o suficiente dele.

Horas mais tarde, uma Jillian saciada jazia em um mar de satisfação em sua cama.

Quando as mãos masculinas começaram seu baile sensual sobre seu corpo, ela suspirou.

-Possivelmente não poderia sentir isso outra vez, Grimm – protestou débilmente - Não me resta um só músculo no corpo, e simplesmente não posso...

Grimm sorriu malvadamente.

-Quando era mais jovem fiquei com os ciganos por um tempo.

Jillian estava recostada contra as almofadas, perguntando-se o que tinha que haver isso com as explosões impactantes que ele havia produzido nela.

-Tinham uma cerimônia estranha que praticavam para induzir a 'Visão'. Não dependia de nenhuma erva ou de fumar um cachimbo. Dependia do excesso sexual para atingir uma condição que transcendia o estado emocional comum. Colocavam um de seus videntes em uma tenda com uma dezena de mulheres, que repetidamente o faziam alcançar o clímax até que ele implorava que não lhe dessem mais prazer. O clímax para os Rom libera algo no corpo que provoca o espírito para que se revolte, liberando-se de seus laços terrenos, abrindo-o para o extraordinário.

-Acredito nisso - Jillian estava fascinada - Me faz sentir como se houvesse bebido vinho demais, tão doce, que minha cabeça parece abrir-se e meu corpo se sente fraco e forte ao mesmo tempo.

Quando seus dedos fortes encontraram a união de suas pernas, ela se entregou àquilo. Com alguns movimentos hábeis, ele a teve vibrando, faminta uma vez mais, e quando a levou até a liberação com suas mãos, foi ainda melhor que da última vez.

-Grimm! - o calor fez erupção dentro dela, e estremeceu toda. Ele não tirou sua mão, mas a cobriu gentilmente até que se calmasse. Logo ele começou de novo, movendo seus dedos em um movimento ligeiro e provocativo sobre o sensível e pequeno botão.

-Outra vez, minha doce Jillian, até que já não possa me olhar sem saber o que posso te fazer, onde posso te levar, quantas vezes posso leva-la ao clímax.

Para Grimm não houve descanso essa noite. Andou pelo chão de pedra, dando um chute nas almofadas de pele de carneiro, perguntando-se como ia se resignar a fazer o devido esta vez. Nunca em sua vida se permitira apegar-se tanto a algo ou alguém, porque sempre havia sabido que de um momento a outro poderia ter que ir, fugindo da caçada que os McKane, perpetuavam contra qualquer homem que fosse suspeito de ser *Berserker*.

O haviam encontrado em Durrkesh. Quinn estava certo disso. O que lhes impediria de chegar a Caithness? Facilmente poderiam ter seguido a carroça daquela manhã, na qual haviam transportado os homens enfermos. E se eles caíssem sobre Caithness outra vez, que dano poderiam fazer ao lar de Jillian, e mesmo a Jillian? Edmund havia morrido como resultado do último ataque McKane. Talvez ele houvesse contraído uma febre pulmonar, mas se não tivesse se ferido para começar, nunca teria tido a enfermidade que reclamara sua jovem vida.

Grimm não poderia conviver com a idéia de voltar a trazer perigo a Caithness e a Jillian.

Se deteve ao lado da cama, a contemplou dormindo, e a observou com o coração nos olhos.

-Te amo, Jillian - susurrou para a forma dormente - Sempre o fiz, e sempre o farei. Mas sou um *Berserker*, e você... você é o melhor de minha vida. Tenho um velho e demente como pai e um monte de rochas desmoronadas para chamar de casa. Não é a vida para uma dama.

Ele afastou a força seus pensamentos negros, dispersando-os com sua vontade formidável. Fundir-se em seu corpo era tudo o que queria pensar. Esses dias passados com Jillian haviam sido os melhores dias de sua vida. Deveria conformar-se com isso, disse a si mesmo.

Ela se voltou em seu sono, a palma de sua mão aberta, os dedos ligeiramente curvados. Seu cabelo dourado se estendeu através das almofadas brancas, seus seios fartos derramando-se por cima do linho brando. Somente um dia mais, ele se prometeu, e uma noite bem aventurada, mágica, incrível a mais. Logo depois iria, antes que fosse tarde demais.

CAPÍTULO 19

Quinn e Ramsey saquearam a cozinha de Caithness ao amanhecer. Nem um pedaço de fruta, nem uma peça de carne, nenhum bocado saboroso de torta escapou do assalto.

-Cristo, tenho a impressão de que não tenho comido comida sólida há semanas!

-Estivemos condenadamente perto. O caldo e o pão não contam como comida verdadeira - Ramsay arrancou uma tira de presunto defumado com seus dentes - Não tive apetite até agora. Essa porcaria de veneno me pôs tão doente, que pensei que nunca poderia querer comer outra vez!

Quinn escondeu na palma da mão uma maçã e cravou os dentes nela com deleite. As bandejas estavam amontoadas casualmente em cima de cada superfície disponível. As criadas desfaleceriam quando descobrissem os dois homens arrasando com toda a comida que fora preparada para até o fim da semana.

-Caçaremos e os reabasteceremos - Quinn sentiu um pouco de culpa, enquanto seu olhar passeava rapidamente pela despensa dizimada - Está pronto para caçar um pouco, Ram, irmão?

Ramsay disse com um suspiro satisfeito:

-O bastante para corrigir uma falta... e obter respostas de Jillian.

-Creio que não - Quinn respondeu mordazmente - Quem sabe não tem prestado atenção, mas Jillian obviamente sente um pouco de carinho por mim. Se não tivesse ficado doente em Durrkesh, teria lhe pedido em casamento e estaríamos casados a estas horas.

Ramsay tomou um profundo trago de whisky e colocou a garrafa na prateleira com um golpe.

-Você realmente é tolo, não é verdade, de Moncreiffe?

-Não me diga que pensa que é você - Quinn revirou os olhos.

-Claro que não. É o bastardo do Roderick. Sempre foi, desde que chegamos - a expressão furiosa de Ramsay era assassina - E depois do que aconteceu nestas duas noites...

Quinn ficou rígido.

-O que aconteceu nestas duas noites?

Ramsay tomou outro trago, o meneou sobre sua língua, e ficou ensimesmado pensando um momento.

-Percebeu que a mesa larga da galeria não está mais lá, Quinn?

-Agora que o menciona, sim. O que aconteceu com ela?

-Vi que os pedaços da mesa haviam sido tirados detrás do *bothy*. Estava feita em pedaços desde o centro.

Quinn não disse nada. Ele conhecia somente um homem que poderia fazer em pedaços uma mesa de toras com suas mãos nuas.

-Desci até ali para encontrar as criadas varrendo a comida do piso. Um dos candelabros estava grudado na parede. Alguém teve uma briga endemoniada lá dentro há duas noites. Mas ninguém disse uma só palavra sobre isso, não é verdade?

-Que está dizendo, Logan? - Quinn perguntou desagradavelmente.

-Precisamente que as duas únicas pessoas que estavam bastante bem para ceiar na galeria há duas noites eram Grimm e Jillian. Obviamente brigaram, mas hoje Grimm não parecia violento. E Jillian, como ninguém, era uma mulher que se desmanchava em sorrisos e bom humor. A questão é, se simplesmente, para obtermos uma pequena prova, que me diz se despertássemos Grimm agora mesmo e lhe falássemos sobre isso? Isto é, se ele não estiver ocupado de alguma maneira.

-Se insinua que Jillian poderia estar em seu quarto, você é então um bastardo estúpido e assim é que lhe chamarei a partir de agora - respondeu Quinn bruscamente - E talvez tenha tido uma briga na galeria entre eles, mas te garanto que Grimm é muito honrado para seduzir Jillian. Ademais, ele ainda não pode resignar-se a dizer-lhe uma palavra cortês sequer. Com certeza não poderia abrandá-la o suficiente para seduzi-la.

-Você não acha curioso que justamente quando progredia com ela, você eu eu fomos envenenados e ficamos fora do jogo, mas ele não? - perguntou Ramsay - Diria que foi suspeitosamente conveniente. Penso que foi um mistério que ele não se envenenasse também.

-Ele não consumiu nada do veneno - Quinn o defendeu.

-Talvez porque ele soubesse antes que estava envenenado - replicou Ramsay.

-Já basta, Logan! - respondeu Quinn bruscamente - Uma coisa é acusá-lo de desejar Jillian. Caramba, todos nós a desejamos. Mas é completamente diferente acusá-lo de tentar nos matar. Você não sabe nada sobre Grimm Roderick.

-Talvez seja você é que não o conhece - rebateu Ramsay - Talvez Grimm Roderick se faça passar por algo que não é. Eu, em primeiro lugar, tenho intenção de despertá-lo agora mesmo e inteirar-me - Ramsay saiu impetuosamente, marchando.

Quinn negou com a cabeça e correu depois atrás dele.

-Logan, desejaria que esfriasse...

-Não! Se está tão convencido de sua inocência, então iremos prová-la!

Ramsay saltou as escadas até a ala oeste, de três em três, e Quinn teve que apressar-se para segui-lo. Enquanto Logan corria pelo longo corredor, Quinn o alcançou e colocou uma mão inibidora em seu ombro, mas Ramsay a tirou de cima.

-Se está tão convencido de que ele não faria isso, por que está assustado então, de Moncreiffe? Deixe-me simplesmente despertá-lo.

-Não está pensando claramente sobre isto, Ram - Quinn se interrompeu abruptamente quando a porta do quarto de Grimm se abriu.

Quando Jillian saiu caladamente no vestíbulo, seus olhos se arregalaram incredulamente. Não havia nenhuma razão pela qual Jillian devesse estar dentro do quarto de Grimm a essa hora da manhã, a não ser pela razão que Ramsay havia sugerido. Ela era sua amante.

Quinn instantaneamente retrocedeu, puxando Ramsay com ele até uma alcova escura, antes que ela os visse. O cabelo dela estava desganhado, e levava só uma manta de lã sobre os ombros. Ainda que se arrastasse quase no chão, deixava pouca dúvida sobre não ter nada por baixo dela.

-Pelas barbas de Odín - murmurou.

Ramsay o observou com um sorriso burlão enquanto olhava atentamente da alcova escura.

- Não o Grimm Roderick honorável, hem?!

O primeiros raios da manhã entrando pelas janelas altas, coloriram seus olhos com um brilho resplandecente de luz estranhamente avermelhado enquanto cravava o olhar em Ramsay.

-Teu melhor amigo, hem, de Moncreiffe? Ele sabia que você a desejava. Ele ainda não a pediu em casamento. Simplesmente a toma livremente.

-Só sobre meu cadáver o fará - Quinn jurou.

-O pai dela trouxe três homens aqui, assim ela podia escolher um marido. E o que ele faz? Ambos, você e eu, faríamos o honrrado, nos casaríamos com ela, lhe daríamos um nome, bebês, e uma vida. Roderick o fez com ela, e provavelmente estão juntos desde o pôr do sol, e você o sabe. Esse homem não tem intenção de casar-se com ela. Se tivesse uma intenção digna, então a teria deixado para você ou para mim, homens que se portariam bem com ela. Te disse, não o conhece tanto como crê.

Quinn franziu o cenho, e enquanto a figura miúda de Jillian desaparecia de vista, Ele saiu com passos impetuosos respirando pesadamente.

O dia passou em uma neblina de felicidade para Jillian. O único momento que o estragara foi quando encontrou com Quinn no desjejum. Ele estava distante e remoto, não com sua personalidade normal. A olhou estranhamente, se moveu nervosamente sobre seu desjejum, e finalmente saiu completamente em silêncio.

Um par de vezes ela passou apenas roçando em Ramsay, que também se comportava de uma maneira rara. Jillian não dedicou muitos pensamentos a isso; provavelmente ainda sofriam as consequências do veneno e ficariam bem com o tempo.

O mundo era um lugar glorioso, em sua opinião. Se sentia magnânima até com seu pai, por ter trazido de volta seu amor verdadeiro. Em uma lufada de generosidade decidiu que era tão sábio como uma vez havia pensado. Ela se casaria com Grimm Roderick e sua vida seria perfeita.

CAPÍTULO 20

-Bem? - questionou Ronin McIlloch.

Elliott caminhou arrastando os pés até adiante, agarrando firmemente um estojo de pergaminhos em suas mãos.

-Tobie progresou, milorde, por isso que não podíamos arriscar-nos a chegarmos tão perto de Caithness. Seu filho possui os mesmos sentidos notáveis que o senhor tem. Apesar de tudo, Tobie conseguiu captar a semelhança em várias ocasiões: cavalgando, salvando um menino pequeno, e duas vezes com a mulher.

-Deixa-me ver - Ronin entendeu uma mão impaciente até Elliott. Rebuscou entre as páginas uma por uma, absorvendo cada detalhe - É um rapaz especial, não é verdade, Elliott? Olhe esses ombros! Tobie não está exagerando, certo? - Quando Elliott negou com a cabeça, Ronin sorriu - Olha esse poder. Cada palmo de meu filho é de um guerreiro legendário. As mulheres devem jogar-se em cima dele.

-Sim, seu filho é uma lenda. Deveria tê-lo visto matar o lince. Cortou sua própria mão para causar a fúria *Berserker*, para salvar o menino.

Ronin passou os quadros para o homem a seu lado. Dois pares de olhos de um azul gelo estudaram cada linha.

-Pela lança de Odín! - Ronin exalou lentamente enquanto entregava os dois últimos retratos - Ela é a coisa mais preciosa que alguma vez já tenha visto.

-Teu filho acredita que sim - disse Elliott com ar satisfeito - Está igualmente apaixonado como quando você estava com Jolyn. O mesmo 'é ela' milorde, sem lugar para dúvidas.

-Tem ligação ...? - Ronin interrompeu significativamente.

-A julgar pela destruição que Gavrael fez no Gran Hall, diria que sim - Elliott sorriu abertamente.

Ronin e o homem a seu lado trocaram olhares complacentes.

-O momento se aproxima. Leve Gilles e inicie os preparativos para que ele volte para casa.

-Sim, milorde!

O homem sentado junto a Ronin levantou os olhos, de gelo azul dos McIlloch.

-Pensa realmente que está perto, como a velha predice? - perguntou suavemente Balder, o irmão de Ronin.

-As mudanças catastróficas - Ronin murmurou - Ela disse que esta geração sofreria mais enormemente que qualquer outra geração McIlloch, mas prometeu que isso, também, a faria avançar, e conhecer uma felicidade maior. A velha advinha jurou que meu filho veria seus próprios filhos, e creio nisso. Prometeu solenemente que quando ele escolhesse a sua esposa, seu casamento o faria regressar para casa, para Maldebann.

-E como lidará com seu ódio por você, Ronin? - perguntou seu irmão.

-Não sei - Ronin suspirou pesadamente - Talvez tenha esperança de um milagre, que ele me ouvirá e me perdoará. Agora que já encontrou seu par, pode compadecer de minha dor. Pode ser capaz de compreender por que fiz o que fiz. E por que o deixei ir.

-Não seja tão duro consigo mesmo, Ronin. Os McKane teriam-no seguido se tivesse ido atrás dele. Estavam esperando que se traísse em algum momento e revelasse onde estava. Sabem que você não terá mais filhos. Não sabem que ele ainda vive. É a Gavrael quem estão decididos a destruir, e o tempo passa rápido. Se descobrem que ele já encontrou sua prometida, então não se deterão ante nada.

-Eu sei. Ele esteve bem escondido em Caithness por anos, assim, pensei que era melhor deixá-lo só. Gibraltar o treinou melhor do que eu poderia ter feito - Ronin encontrou o olhar de Balder - Mas sempre pensei que em algum momento ele viria para casa por sua própria vontade; longe da curiosidade ou da confusão sobre o que lhe acontecia, e já passou muito tempo. Quando não o fez, quando nem uma vez se dirigiu para oeste, para Maldebann... ah, Balder, tive medo de que crescesse amargo. Não posso crer que ele me odeie tão absolutamente.

-Que te faz pensar que te perdoará agora?

Ronin levantou suas mãos em um gesto de impotência.

-A fantasia de um velho? Devo crer. Ou senão, não teria motivos para continuar.

Balder de um tapinha carinhoso em seu ombro.

-Você tem uma razão para continuar. Os McKane devem ser derrotados de uma vez por todas e você deve garantir a segurança dos filhos de teu filho. Isso, por si só, é razão suficiente.

-E será feito - jurou Ronin.

Grimm passou o dia cavalgando, buscando por todos os lugares, em cada canto de Caithness algum sinal de que os McKane o haviam encontrado. Ele sabia como trabalhavam: estabeleciam acampamento no perímetro da propriedade e esperavam o momento correto, qualquer momento de vulnerabilidade. Grimm cavalgou a circunferência inteira, registrando tudo: os restos de um recente fogo, algum resto de animal perdido, seqüestrado e morto, notícias de desconhecidos entre os colonos. Não encontrou nada. Nem um rastro de evidência para sustentar sua suspeita de que o vigiavam.

Apesar de tudo, uma sensação de ansiedade arrepiava a base de seu pescoço, onde sempre sentia quando algo estava mal. Havia uma ameaça, sem que conseguisse identificar, inadvertida, em alguma parte de Caithness.

Ele cavalgou dentro do muro exterior do castelo ao entardecer, lutando contra o desejo imperativo de colar-se a seu cavalo, correr a toda velocidade até o castelo, e apressar-se para junto de Jillian. Para aprisioná-la em seu abraço, levá-la a seu quarto, e fazer amor com ela até que não pudessem se mover, o que para um *Berserker* era um tempo longuíssimo. No entanto, sua consciência o aguilhoava. *Pare neste momento, não ponha obstáculo, não diga adeus, simplesmente largue-se agora.*

Se sentia como se estivesse sendo partido pela metade. Em todos os anos que havia sonhado com Jillian, nunca imaginara que pudesse sentir-se dessa maneira; ela... *o completava.* O *Berserker* se levantara nele e havia sido humilhado por sua presença. Ela o poderia domar outra vez. Simplesmente estando com ela, apaziguava a besta que ele aprendera a odiar, a besta que ela ainda não sabia que existia.

Fez uma careta interiormente enquanto a esperança, a emoção traidora que nunca se permitira sentir, manobrava com habilidade para colocar-se junto a sua premonição de perigo. A esperança era um luxo que apenas podia permitir-se. A esperança esperava que os homens fizessem coisas tolas, como ficar em Caithness quando todos os seus sentidos intensificados clamavam que, apesar de não encontrar sinal dos McKane, estava sendo vigiado e que um enfrentamento era iminente. Ele sabia como lidar com o perigo. Mas não sabia como lidar com a esperança.

Suspirando, entrou no Gran Hall e levou uma bandeja de fruta para perto da lareira. Escolhendo uma pêra madura, se deixou cair em uma cadeira diante do fogo e contemplou as chamas, lutando contra seu desejo de sair para buscá-la. Tinha que tomar algumas decisões. Nada seria nunca branco e negro outra vez; não existia respostas fáceis. Ele sabia que era perigoso ficar em Caithness, mas queria ficar mais que qualquer coisa que alguma vez desejara em sua vida.

Estava tão ensimesmado, que não ouviu Ramsay aproximar-se até que a voz profunda, retumbante do Highlander o sacudiu. Isso por si só o deveria ter advertido que estava perigosamente perto de cometer um erro.

-Onde tem estado, Roderick?

-Cavalgando.

-Todo o dia? Maldito seja, homem, há uma mulher bela no castelo, e você sai para se divertir montando todo o dia?

-Tinha algo para fazer. Cavalgar aclara minha mente.

-Vai me dizer que tinha algo em que pensar - Ramsay debochou baixinho.

Com sua aldição intensificada, Grimm ouviu cada sílaba. Deu a volta e confrontou Ramsay.

-Precisamente o que é que você crê que deveria estar pensando?

Ramsay olhou-o alarmado.

-Estou parado a uma dezena de passos de você! Não há forma de que pudesse ter ouvido isso. Foi apenas audível.

-Obviamente o disse - comentou Grimm serenamente - Então, o que é isso que se atreve a dizer-me que devo pensar?

Os olhos escuros de Ramsay brilharam, e Grimm podia ver que tentava suprimir seu temperamento volátil.

-Problemas com a honra, Roderick - Ramsay disse rigidamente - Guardando respeito a nossa anfitriã.

O sorriso de Grimm foi perigoso.

-Te proponho um trato, Logan. Se você não trouxer a prova de minha honra, então arrastarei a tua para fora da porcaria de onde tem estado enterrada durante anos.

-Minha honra... - Ramsay começou apaixonadamente, mas Grimm o cortou com impaciência. Tinha coisas mais importantes em que ocupar sua mente que discutir com Ramsay.

-Somente chegue logo ao ponto, Logan. Quanto ouro deve aos Campbell? A metade do dote de Jillian? Ou é mais? Somente por que te ouvi, está tão espantado como pode estar sem que haja um abismo sob você. Se puser as mãos na herança e St Clair, então poderá saldar tuas dívidas e viver na extravagância por uns poucos anos. Não é correto?

-Nem todos os homens são tão ricos como você, Roderick. Para alguns de nós, cujos membros são em grande número, é uma luta cuidar do nosso clã. E me interesse por Jillian - grunhiu Ramsay.

-Estou certo de que o faz. Do mesmo modo que se interessa em ter sua barriga cheia da comida mais fina e do melhor whisky. Do mesmo modo que se interessa por cavalgar um garanhão puro sangue, do mesmo modo que gosta de fazer alarde de teus cachorros-lobos. Talvez todos esses gastos se justifiquem porque tem passado apuros mantendo tua gente. Quantos anos esbanjou na corte, gastando ouro, enquanto seu clã crescia?

Ramsay deu a volta rigidamente e guardou silêncio por um longo momento. Grimm o observou, cada músculo em seu corpo tenso e pronto para brigar. Logan tinha um temperamento violento que Grimm já havia experimentado antes. Se repreendeu furiosamente por hostilizar o homem, mas a tendência de Ramsay Logan de pôr suas necessidades acima das do seu clã morto de fome o enfurecia.

Ramsay fez uma respiração profunda e se voltou, assombrando Grimm com um sorriso agradável.

-Está equivocado sobre mim, Roderick. Eu confesso, meu passado não é tão exemplar, mas não sou o mesmo homem que costumava ser.

Grimm o observou, o ceticismo evidente em cada linha de seu rosto.

-Vê? Não estou perdendo os estribos - Ramsay levantou suas mãos em um gesto conciliatório - Posso compreender como podia crer em coisas assim sobre mim. Fui um réprobo selvagem e egocêntrico uma vez. Mas já não o sou mais. Não posso te provar: só o tempo mostrará minha sinceridade. Concede-me o benefício da dúvida, poderá fazer isso?

Grimm bufou.

-Certo, Logan. Te concederei esse benefício. Pode ser que esteja diferente - *Para pior*, acrescentou Grimm na intimidade de sus pensamentos. Voltou seu olhar para as chamas.

Enquanto Grimm ouvia Ramsay dar a volta para sair da sala, foi incapaz de impedir-se de perguntar:

-Onde está Jillian?

Logan se deteve na metade de um passo e lhe disparou um olhar frio por sobre o ombro.

-Jogando xadrez com Quinn no estúdio. Ele tem a intenção de propor-lhe casamento esta noite, assim que sugiro que lhes dê privacidade. Jillian merece um marido adequado, e se ela não o aceitar, tenho a intenção de oferecer-me em seu lugar.

Grimm assentiu com a cabeça rigidamente. Depois de alguns momentos tentando bloquear todos os pensamentos sobre Jillian em sua mente... Jillian refugiada no acolhedor estúdio com Quinn, que lhe proporia matrimônio e fracassaria... Deus. Saiu com passos impetuosos para à noite, mais perturbado pelas palavras de Ramsay do que estava disposto a admitir.

Grimm vagou pela horta por quase meia hora antes de perceber que não havia visto sinal de seu garanhão. O deixara fora da construção a menos de uma hora. *Occam* raramente vagabundeava longe do castelo.

Grimm, desconcertado, inspecionou os pátios, assobiando repetidamente, mas não ouviu nenhum relincho, nenhum fragor de patas. Voltou seu olhar pensativo até os estábulos que se distinguiam na extremidade do muro exterior do castelo. O instinto se precipitou em seu interior, advertindo-o, e saiu em disparada até àquelas dependências.

Irrompeu nos estábulos e se deteve abruptamente. Estava anormalmente silencioso, e um odor estranho se exalava no ar. Agudo, acre, parecido com o fedor de ovo podre. Olhando com atenção a penumbra, registrou cada detalhe do ambiente, antes de dar um passo para dentro. O feno estava normalmente arrumado em pilhas no solo. As lâmparinas de azeite suspensas nas vigas também estavam normais. Todas as portas estavam fechadas em quieta normalidade.

O aroma de algo ácido definitivamente não era normal. Nas não era muito também.

Ele entrou cautelosamente nos estábulos, assobiou, e foi recompensado com um relincho amortecido pela cocheira no extremo mais afastado do estábulo. Grimm se esforçou para não precipitar-se até lá.

Era uma armadilha.

Ainda que não pudesse sondar a natureza exata da ameaça, o perigo claramente escondia-se nas vigas da pequena dependência. Seus sentidos se encrespavam. O que estava fora de lugar? Enchofre?

Ele entrecerrou os olhos atentamente, deu um passo adiante e delicadamente tocou com o pé o feno sob sua bota, logo se encurvou para afastar para o lado um grande buquê de trevos.

Expeliu um silvo pequeno de assombro.

Empurrou para mais longe o feno, contou cinco passos para frente, fez o mesmo, se moveu para a esquerda cinco passos, e repetiu o movimento. Varrendo com sua mão o piso poeirento de pedra sob o feno, tirou do meio de suas mãos um punhado de sal com pólvora negra.

Cristo! O chão inteiro do estábulo estava salpicado com um manto de pólvora negra. Alguém deliberadamente havia roçado as pedras, e logo espalhado feno solto em cima delas. A pólvora negra estava cheia com uma mistura de salitre, carvão vegetal e enchofre. Muitos clãs cultivavam seu salitre dentro ou perto dos estábulos para usá-los em suas armas, mas o manto no piso era pólvora negra finamente processada cuidadosamente em grânulos uniformes, com propriedades explosivas letais, e trabalhado deliberadamente. Estando muito longe da versão crua de fermentar adubo do qual o salitre derivava. Misturados com a inflamabilidade do feno e a abundância natural de adubo fresco, os estábulos era um inferno esperando arder. Uma

chispa lançaria para cima o estábulo inteiro com a força de uma bomba. Se uma lâmpara de azeite caísse ou ainda que fosse emitida uma chispa azeitosas, então o edifício e meio pátio exterior seriam arrasados pela explosão.

Occam relinchou, um som de medo frustrado. Estava abafado, deu-se conta Grimm. Alguém silenciara seu cavalo e o prendera em uma armadilha mortífera.

Nunca permitiria que seu cavalo fosse queimado outra vez, e quem quer que planejara essa armadilha o conhecia bastante bem para saber de seu cuidado com o garanhão. Grimm se pôs de pé, absolutamente imóvel, estava a dez passos da porta, não muito longe para escapar com segurança se o feno comesse a arder. Mas *Occam* estava preso em um cubículo, a cinquenta passos da segurança, e aí residia o problema.

Um homem de coração frio lhe daria as costas e iria embora. Não era somente um cavalo, depois de tudo? Um animal, usado para os propósitos do homem. Grimm bufou. *Occam* era uma criatura régia, bela, e possuía inteligência e a mesma capacidade para sentir dor e ter medo como qualquer ser humano.

Não, ele nunca poderia deixar para trás seu cavalo.

Apenas havia completado esse pensamento quando algo foi lançado através da janela a sua esquerda e a palha começou a arder em um instante.

Grimm avançou para dentro das chamas.

Na comodidade do estúdio, Jillian riu enquanto movia sua peça em uma posição de xeque-mate. Roubou uma olhadela pela janela, como havia feito uma dezena de vezes na passada hora, buscando algum sinal de que Grimm havia retornado. Desde que o vira cavalgando essa manhã, estivera esperando-o. E no momento em que o cinza colossais de *Occam* se movera pesadamente para além do estúdio, Jillian havia temido levantar-se de um salto, tonta como uma mocinha, e correr para ele. A recordação da noite que havia passado enredada com o corpo duro e inesgotável de Grimm enchia de rubor sua pele, esquentando-a de um jeito que o fogo nunca poderia fazer.

-Não é justo! Como posso concentrar-me? Jogar contra você quando era uma menina era muito mais fácil - se queixou Quinn - Não posso pensar quando jogo contra você agora.

-Ah, as vantagens de ser mulher - Jillian arrastou as palavras travessamente. Estava certa de que devia irradiar seu recente conhecimento sexual -. É minha culpa que tua atenção se disperse?

O olhar de Quinn se demorou em seus ombros, que o vestido deixava descoberto.

-Absolutamente - ele assegurou - Olhe-se, Jillian. Está linda! - Sua voz desceu para um tom de confiança - Jillian, querida, há algo que desejo discutir contigo.

-Quinn, cala - Ela colocou um dedo contra seus lábios e negou com a cabeça.

Quinn afastou sua mão.

-Não, Jillian, tenho mantido meu silêncio por tempo suficiente. Sei o que você sente, Jillian - Ele fez uma pausa deliberadamente para prestar ênfase às suas seguintes palavras - Eu sei o que está se passando com você e Grimm - Ele manteve seu olhar.

Jillian se pôs imediatamente alerta.

-Que quer dizer? - se evadiu.

Quinn sorriu em um esforço para suavizar suas palavras.

-Jillian, ele não é o tipo que se casa.

Jillian mordeu seu lábio e evitou seu olhar.

-Não sabe isso com certeza. É como dizer que Ramsay não é do tipo que se casa porque, pelo que tenho ouvido, é um mulherengo consumado. Mas só esta manhã me convenceu de sua fidelidade. Somente porque um homem não mostrou no passado uma inclinação para casar-se não significa que não o fará. As pessoas mudam.

-Logan te pediu que se case com ele? - Quinn franziu a testa.

Jillian assentiu com a cabeça.

-Esta manhã. Depois do desjejum, me abordou enquanto caminhava pelos jardins.

-Se ofereceu a você? Ele sabia que eu tinha a intenção de fazê-lo também! - Quinn resmungou, logo pediu desculpas apressado - Perdoa-me, Jillian, mas me irrita que ele faça essas coisas nas minhas costas.

-Não aceitei, Quinn, assim que não deve dar importância.

-Como ele deu?

Jillian suspirou. O Highlander não havia aceitado tudo muito bem; ela tinha a sensação de que apenas havia escapado de um ato perigoso de temperamento.

-Não creio que Ramsay Logan esteja acostumado a ser rechaçado. Parecia furioso.

Quinn a estudou por um momento, logo disse:

-Jillian, querida, não ia te contar tudo isto, mas penso que deveria ficar informada para que possa tomar uma decisão sábia. Os Logan são ricos em terras mas pobres em ouro. Ramsay Logan necessita casar-se, e casar-se adequadamente. Você seria um presente dos deuses para seu clã empobrecido.

Jillian lhe dirigiu um olhar assutado.

-Quinn! Não posso crer que você esteja tentando desacreditar meus pretendentes. Mãe de Deus! Ramsay passou quase uma hora esta manhã tentando desacreditar você e Grimm. Que está acontecendo com vocês homens?

Quinn se pôs rígido.

-Não tento desacreditar teus pretendentes. Te digo a verdade. Logan necessita de ouro. Seu clã morre de fome, e isso há muitos anos. Apenas tem tido agarrar-se às suas terras ultimamente. No passado, os Logan eram contratados como mercenários para obter moedas, mas tem havido tão poucas guerras nos anos recentes que não há quase trabalho mercenário. A terra consome dinheiro, e o dinheiro é algo que os Logan nunca tiveram. Você é a resposta para todas as suas orações. Perdoe minha maneira tosca de expressar-me, mas se Logan pudesse pôr suas mãos sobre a rica noiva St. Clair, então seu clã o proclamaria como seu salvador.

Jillian mordeu seu lábio pensativamente.

-E você, Quinn De Moncreiffe, por que quer casar-se comigo?

-Porque me interessei profundamente por você, moça - disse Quinn sinceramente.

-Quem sabe deveria perguntar a Grimm sobre você.

Quinn cerrou seus olhos e suspirou.

-Exatamente o que está mal com Grimm para não considerá-lo um candidato adequado? - pressionou, decidida a obrigá-lo a revelar tudo.

O olhar de Quinn foi compassivo.

-Não tenho a intenção de ser cruel, mas ele nunca se casará contigo, Jillian. Todo mundo sabe que Grimm Roderick jurou nunca casar-se.

Jillian se negou a deixar que Quinn visse como a haviam impressionado suas palavras. Mordeu os lábios para impedir que escapasse alguma palavra impulsiva. Quase reuniu coragem necessária para perguntar-lhe por que, e se Grimm realmente havia dito isso recentemente, quando uma explosão tremenda estremeceu o castelo.

As janelas tremeram em seus marcos, e mesmo o castelo estremeceu, e tanto Jillian quanto Quinn se levantaram de um salto.

-Que foi isso? - Jillian perguntou assustada.

Quinn foi até a janela e olhou com atenção para fora.

-Cristo! - gritou - Os estábulos estão pegando fogo!

CAPÍTULO 21

Jillian correu a toda velocidade até o pátio atrás de Quinn, gritando o nome de Grimm repetidas vezes, sem prestar atenção aos olhos curiosos do pessoal e os olhares emocionados de Kaley e Hatchard. A explosão havia despertado o castelo. Hatchard estava de pé no pátio gritando ordens, organizando um ataque contra as chamas hostis que devoravam os estábulos e que se moviam para leste, ameaçando o castelo.

O clima outonal estava suficientemente seco para que o fogo rapidamente saísse de controle, engolindo edifícios e plantações. As casas do povoado, de barro e cânhamo, se incendiarão como erva seca se as chamas ultrapassassem os limites. Uma tantas chispas perdidas levadas pela brisa poderiam destruir o vale inteiro. Jillian freneticamente empurrou essa preocupação para o fundo de seus pensamentos; primeiro tinha que encontrar Grimm.

-Onde está Grimm? Alguém já viu Grimm? - Jillian abriu espaço aos empurrões através da massa de gente, olhando com atenção os rostos, desesperada para ver a postura orgulhosa, seus intensos olhos azuis. Seus olhos buscaram as formas de um garanhão grande e cinza - Não seja um herói, não seja um herói - falou baixinho - Uma vez por favor, simplesmente seja um homem, Grimm Roderick. Esteja à salvo.

Não percebeu que havia dito as palavras em voz alta até que Quinn, que saíra de perto da multidão ao lado dela, a olhara espantado e negando com a cabeça disse:

- Oh, Jillian, você o ama, não é mesmo?

Jillian assentiu com a cabeça enquanto as lágrimas banhavam seus olhos.

-Encontre-o, Quinn! Traga-o a salvo!

Quinn suspirou e concordou.

-Fique aqui, menina. O encontrarei para você. Eu prometo.

O grito desesperado de um cavalo preso chegou no ar, e Jillian girou para os estábulos, gelada por um sentimento repentino, terrível.

-Ele não pode estar aí dentro, não é verdade, Quinn?

A evidente expressão de Quinn fez eco em seu medo. Mas é claro que podia. Grimm não podia ficar parado e observar um cavalo queimar-se. Ela sabia; ele havia dito algo parecido nesse dia em Durrkesh. Em sua mente, o grito inocente de um animal era tão intolerável como o grito de uma menina ferida ou uma mulher assustada.

-Nada pode sobreviver a isso - Jillian contemplou o inferno.

As chamas subiam rapidamente, altas como o castelo, uma cor alaranjada brilhante contra o céu negro. A parede de fogo era tão intensa que era quase impossível olhá-la. Jillian entrecechou seus olhos em uma desesperada tentativa de divisar a forma retangular do estábulo, em vão. Não podia ver nada mais que o fogo.

-Está certa, Jillian - disse Quinn lentamente - Nada poderia.

Como se fosse um sonho, ela viu uma forma surgindo de dentro das chamas. Como uma visão de um pesadelo, as chamas alarajadas e brancas brilharam tenuemente, uma forma confusa na escuridão ondeou atrás delas, e um cavaleiro surgiu, coberto de chamas, movendo-se em grande velocidade diretamente para o lago, onde ambos, cavalo e cavaleiro, entraram nas águas frescas, respirando forte enquanto submergiam. Ela se conteve até que o cavalo e o cavaleiro saíssem à superfície.

Quinn lhe dirigiu um assentimento rápido de tranquilidade antes de correr a toda velocidade para unir-se a luta contra o inferno que ameaçava Caithness.

Jillian correu rapidamente até o lago, tropeçando em seus próprios pés na presse de ir para seu lado. Enquanto Grimm se levantava da água e dirigia *Occam* até o banco rochoso, ela se precipitou até ele, e se atirou em seus braços, e enterrou seu rosto contra seu peito emsopado. Ele a sustentou por um longo tempo até que a afastou, enxugando com gentileza suas lágrimas.

-Jillian - ele disse tristemente.

-Grimm, pensei que tivesse te perdido! - Deu beijos frenéticos em seu rosto enquanto percorria seu corpo com as mãos para assegurar-se de que escapara ileso - Por que nem sequer está queimado? - disse ela, perplexa. Ainda que sua roupa estivesse em andrajos queimados e sua pele um pouco corada, não havia sequer uma queimadura arruinando sua pele suave. Depois olhou com atenção para *Occam*, que também parecia ter sido perdoado pelo fogo - Como pode ser isto? - se perguntou.

-Suas patas estão chamuscadas, mas no conjunto ele está bem. Cavalgamos rápido - disse Grimm rapidamente.

-Pensei que tivesse te perdido - repitiu Jillian. Contemplando-o nos olhos, foi golpeada pela compreensão repentina e terrível de que ainda que ele tivesse saído das chamas, milagrosamente a salvo, suas palavras nunca tinham sido mais verdadeiras. Ela o havia perdido. Ela não tinha idéia de como ou por que, mas seu olhar brilhante sugeria distância e pesar. E também despedida.

-Não - ela gritou - Não. Não consentirei que se vá. Você não me deixará!

Grimm deixou cair seu olhar.

-Não - insistiu ela - Olhe para mim.

O olhar dele era obscuro.

-Tenho que ir, querida. Não voltarei a trazer destruição a este lugar.

-Que te faz pensar que este fogo tem algo que te envolva? - perguntou ela, lutando contra cada instinto que lhe dizia que o fogo certamente havia sido por causa dele. Não sabia por que, mas sabia que era certo - Oh! É tão arrogante - ela seguiu adiante valentemente, determinada a convencê-lo de que a verdade não era a verdade. Usaria cada arma, justa ou injusta, para retê-lo junto a si.

-Jillian - Grimm soltou um suspiro de frustração e tentou alcançá-la.

Ela o golpeou com seus punhos.

-Não! Não me toque, não me abraça, não se quiser dizer-me adeus!

-Devo fazê-lo, menina. Estou tentando dizer-lhe, Cristo, tentando dizer a mim mesmo! Não tenho nada para te oferecer. Você não entende; nunca devia ter acontecido. Por mais que deseje, não posso oferecer-lhe o tipo de vida que merece. Coisas como este incêndio me ocorrem todo o tempo, Jillian. Nada que me envolva está seguro. Me caçam!

-Quem te caça? - gemeu a joven enquanto seu mundo desmoronava ao seu redor.

Ele fez um gesto desanimado.

-Não posso explicar-lhe, querida. Simplesmente terá que aceitar minha palavra. Não sou um homem normal. Poderia sobreviver um homem normal a isto? - ele apontou seu braço para o incêndio.

-Então o que é você? - gritou ela - Por que não me diz logo de uma vez?

Ele negou com a cabeça e fechou os olhos. Depois de uma pausa longa, os abriu. Seus olhos ardiam, incandescentes, e Jillian ficou desalentada enquanto uma lembrança fulgaz saía a superfície. Foi a lembrança de uma menina de quinze anos que havia visto esse homem lutar contra os McKane. Vendo como ele havia parecido crescer, mais alto, mais forte a cada gota de sangue derramado. Observando seus olhos arder como brasas, escutando sua risada gelada, perguntando-se como podia matar a tantos homens mas permanecer ileso.

-Quem é você? - repitiu em um sussurro, implorando-lhe consolo. Rogando-lhe que não fosse nada mais que um homem.

-O guerreiro que sempre fui - ele cerrou seus olhos. *Te amo*. Mas ele não podia oferecer-lhe essas palavras, porque não podia continuar com o que prometiam - Te adoro, Jillian St. Clair. Um homem que não é bastante homem, que sabe que nunca poderá ter-lhe - Ele deu um trêmulo suspiro - Deve se casar com Quinn. Case-se com ele e libera-me. Não se case com Ramsay: ele não é bom o suficiente para você. Mas deve deixar-me ir, porque não posso sofrer tua morte em minhas mãos, e nada mais que isso poderia resultar se ficarmos juntos - Ele encontrou seu olhar, implorando-lhe sem palavras que não fizesse sua partida mais difícil do que já era.

Jillian se pôs rígida. Se o homem ia deixá-la, então ia se assegurar que lhe doesse como o demônio. Ela estreitou seus olhos, disparando-lhe um desafio mudo para que fosse valente, para brigar por seu amor. Ele desviou seu rosto.

-Obrigado por estes dias e noites, moça. Obrigado por dar-me as melhores recordações de minha vida. Mas devo despedir-me, Jillian. Deixa-me ir. Aceite o esplendor e a maravilha do que compartilhamos e deixa-me ir.

Suas lágrimas começaram então. Ele já bloqueara sua mente, já começara a pôr distância entre eles.

-Simplesmente diga-me, Grimm - implorou - Não pode ser tão mau. Qualquer coisa que seja, podemos enfrentá-la juntos.

-Sou um animal, Jillian. Você não me conhece!

-Sei que é o homem mais honrado que alguma vez já conheci! Não me importa como poderia ser nossa vida. Viveria qualquer tipo de vida, tão somente por vivê-la contigo - gritou.

À medida que Grimm retrocedia lentamente, Jillian viu a vida desaparecer de seus olhos, deixando seu olhar inercial e vazio. Ela sentiu o momento em que o perdia; algo dentro dela se quebrou completamente, deixando um vazio tão grande que sentia que poderia morrer.

-Não!

Ele se afastou mais. *Occam* o seguiu, relinchando delicadamente.

-Você disse que me adorava! Se verdadeiramente se importasse, lutaria para ficar a meu lado!

Ele se sobressaltou.

-Me importo o suficiente para lastimar.

-Isso é uma desculpa! Não sabe o que significa que algo te importe - gritou ela furiosamente - Que te importa amar. O amor nos faz lutar! O amor não busca o caminho da resistência. Demônios, Roderick, se o amor fosse tão fácil todos o teriam. É um covarde!

Ele se alterou, e um músculo saltou furiosamente em sua mandíbula.

-Estou fazendo o mais honrável.

-Ao inferno com a sua honra - ela gritou - O amor não tem orgulho. O amor busca formas de resistir.

-Jillian, pare. Você quer mais de mim do que sou capaz de...

O olhar da jovem se tornou gelado.

-Obviamente. Pensei que fosse heróico em todos os aspectos. Mas não o é. É simplesmente um homem depois de tudo - ela desviou seu olhar e susteve a respiração, perguntando-se se o havia provocado o suficiente.

-Adeus, Jillian.

Ele montou em seu cavalo, e os dois pareceram transformar-se em uma única forma, uma criatura das sombras, desaparecendo na noite.

Ela soluçou com incredulidade ante o vazio que ele havia deixado em seu mundo. A abandonara. Ele realmente a havia abandonado. Outro soluço brotou dentro dela, tão doloroso que a fez dobrar-se sobre si mesma.

-Covarde - murmurou.

CAPÍTULO 22

Ronin introduziu a chave na fechadura, titubeou, e logo aprumou seus ombros firmemente. Olhou a porta de toras de altura imponente que estava circundada com ferro. Se elevava sobre sua cabeça, incrustada em um arco de pedra. *Deus nos dá boa sorte* estava cinzelado em letras fluidas por cima do arco

-Por Deus, não por casualidade.

Durante anos Ronin havia negado essas palavras, recusando-se a ir a esse lugar, crendo que Deus o havia abandonado. *Deus nos dá boa sorte* era o lema com o qual seu clã havia vivido de acordo, crendo que seus dons especiais lhes foram sido dados por Deus com um propósito. Então seu "*dom*" havia provocado a morte de Jolyn.

Ronin expeliu um suspiro ansioso, obrigando-se a dar voltas na chave e abrir a porta com um empurrão. Os gonzo oxidados emitiram um chiado de protesto pelo prolongado desuso. As teias de aranhas bailavam no portal e o aroma mofado de lendas esquecidas o saldou. *Bem vindo ao Hall dos Lords*, as lendas clamavam. *Pensou realmente que poderia nos esquecer?*

Mil anos de McIlloch honravam a galeria. Talhado profundamente no ventre da montanha, a câmara se elevava a uns cinquenta pés de altura, imponente. As paredes curvadas se encontravam em um arco régio e todo o teto estava pintado com descrições gráficas dos heróis épicos de seu clã.

Seu pai o levava ali quando completara dezesseis anos de idade. Ele lhe explicara sua história nobre e guiado Ronin através dos anos, algo que Ronin havia sido incapaz de prover a seu filho.

Mas quem adivinharia que Gavrael mudaria tanto antes do que haviam feito qualquer um deles? Fora completamente inesperado. A batalha contra os McKane que se sucedera tão rapidamente, seguido do assassinato selvagem de Jolyn havia deixado Ronin também exausto, muito entumecido pela dor para estender a mão até seu filho. Ainda que os *Berserkers* fossem difíceis de matar, se um estava ferido suficientemente, ele levava tempo para cicatrizar. A recuperação de Ronin levava meses. O dia que os McKane haviam assassinado Jolyn haviam deixado somente a casca de um homem que não quisera cicatrizar.

Imerso em sua pena, ele falhara com seu filho. Ele fora incapaz de introduzir Gavrael à vida de um *Berserker*, de treiná-lo nas formas secretas de controlar o desejo de matar. Ele não estivera ali para explicar-lhe. Lhe havia falhado, e seu filho fugira para encontrar uma família nova e uma vida nova.

À medida que os anos passavam, o corpo de Ronin aprendera a agradecer cada osso cansado, cada dolorida articulação, e descobrira cada um dos seus fios prateados com gratidão, porque o levava um dia mais perto de sua amada Jolyn.

Mas não podia ir para Jolyn ainda. Havia coisas pendentes. Seu filho voltaria para casa, e ele não lhe falharia dessa vez.

Com esforço, Ronin mudou a atenção de seu profundo sentimento de culpa e regressou ao Hall dos Lords. Ele ainda não tentara atravessar o umbral. Endireitou seus ombros.

Agarrando firmemente uma tocha brilhantemente ardente, Ronin se deu um passo entre as teias de aranhas dentro da galeria. O ruído de seus passos fez eco como pequenas explosões na câmara vasta de pedra. Esquivou-se de umas poucas peças de mobiliário mofado e esquecido, e seguiu a parede até o primeiro retrato gravado na pedra acerca de mil anos atrás. Os mais velhos eram de pedra, pintados com tintas coloridas de ervas e argilas. Os mais recentes retratos eram pintados em superfícies lisas de carbono.

As mulheres nos retratos compartilhavam uma característica notável. Todas elas estavam impressionantemente radiantes, absolutamente transbordantes de felicidade. Os homens compartilhavam uma singular distinção também. Todos os novecentos e cinquenta e oito varões nesse vestíbulo tinham os olhos de um azul gelo.

Ronin se dirigiu até o retrato de sua esposa, e levantou a tocha. Sorriu. Se alguma entidade pagã lhe oferecesse um pacto e dissesse: *"acabarei com toda a tragédia que há sofrido em tua vida, e te farei voltar no tempo e te darei dezenas de filhos e a paz perfeita, mas nunca poderá ter Jolyn"* então Ronin McIlloch recusaria. Ele de boa vontade aceitaria cada amarga gota das tragédias que havia padecido, só pela ventura de ter amado Jolyn, ainda que por um tempo dolorosamente breve, que lhes havia sido dado.

-Não falharei desta vez, Jolyn. Te juro, verei o Castelo Maldebann seguro e cheio outra vez de promessas. Logo estaremos juntos para sorrir neste lugar - Depois de uma pausa longa, ele murmurou ferozmente - Te prometo, mulher.

Fora do Hall dos Lords, um Gilles assombrado entrou na galeria de conexão e fez uma pausa, vislumbrando a porta aberta com incredulidade. Descendo rapidamente pelo corredor, irrompeu na galeria por muito tempo selada, apenas suprimindo um grito de alegria ao ver Ronin, já não encurvado, e sim orgulhosamente erguido sob um retrato de sua esposa e seu filho. Ronin não se voltou, mas Gilles não esperara isso; Ronin sempre sabia quando alguém estava em sua circunferência imediata.

-Organize as criadas para a limpeza, Gilles - ordenou sem afastar a vista do retrato de sua esposa sorridente - Abra este lugar para arejá-lo. Quero este lugar brilhante. Quero o castelo inteiro limpo como quando minha Jolyn vivia. Quero que tudo resplandeça - Ronin abriu seus braços efusivamente - Acenda as tochas e de agora em diante mantenha-as acesas aqui dentro como anos atrás, noite e dia. Meu filho vem para casa - terminou orgulhosamente.

-Sim, milord! - Gilles exclamou enquanto ia apressadamente obedecer uma ordem que estivera esperando toda uma vida ouvir.

Agora para onde, Grimm Roderick?, se perguntou cansadamente. De volta a Dalkeith e comprovar se poderia enganar a destruição nessas orlas benditas?

Suas mãos se converteram em punhos, e desejou ter uma garrafa sem fundo de whisky, ainda que soubesse que não lhe concederia a inconsciência que buscava. Se um *Berserker* bebia suficientemente rápido, podia sentir-se bêbado cerca de três segundos. Isso não serviria.

Os McKane sempre o encontrariam, eventualmente. Ele sabia agora que deviam ter um espião em Durrkesh. Provavelmente alguém vira sua transformação no pátio da taberna, e logo tentaram envenená-lo. Os McKane aprenderam com os anos a atacar ocultamente. As armadilhas astutas eram tentativas para prender um *Berserker*, e nenhuma delas eram a toda prova. Agora que havia escapado dos McKane duas vezes, sabia que na vez seguinte atacariam em massa.

Primeiro tentaram o veneno, logo depois o fogo nos estábulos.

Grimm sabia que se tivesse ficado em Caithness, poderiam ter destruído o castelo inteiro, atacando a todos os St. Clair em sua busca cega para assassiná-lo. Conhecera seu fanatismo inigualável logo cedo, em uma idade jovem, e era uma lição que nunca esquecera.

Afortunadamente haviam perdido sua pista durante os anos que estivera em Edimburgo. Os McKane eram guerreiros, não pessoas que beijavam os traseiros reais, e dedicavam pouca atenção aos acontecimentos na corte. Ele se escondera estando claramente a vista. Então, quando se mudara da corte para Dalkeith, conhecera algumas pessoas novas, e os que havia encontrado eram vergonhosamente leais a Hawk. Havia começado a relaxar a guarda e começado a sentir-se quase... normal.

Que palavra tão intrigante, tão tentadora: *normal*.

-Leve-o, Odín. Estava equivocado - murmurou Grimm - Já não tenho o desejo de ser *Berserker*.

Mas Odín não pareceu importar-se.

Grimm teve que encarar o feito. Agora que os McKane o haviam encontrado outra vez, cruzariam o país buscando-o. Não era seguro que ele ficasse junto de outras pessoas. Era hora de encontrar um nome novo, quem sabe um país novo. Seus pensamentos se voltaram para Inglaterra, mas cada palmo do escocês nele se rebelou.

Como poderia viver sem nunca tocar em Jillian de novo? Havendo experimentado semelhante felicidade, como podia retomar sua existência árida? Cristo, teria sido melhor se nunca tivesse sabido o que sua vida poderia ter sido!

Naquela noite desesperada, sob Tuluth, na idade absurda de catorze anos, ele chamara o *Berserker*, mendigando o prazer da vingança, não imaginando nunca que tão completa vingança seria. A vingança não traria de volta os mortos, nem insensibilizava o vingador.

Mas tinha realmente pouco espaço para o arrependimento, se esqueceu de si mesmo, porque ele possuía a fera e a fera o possuía, era assim, simplesmente. A resignação o cobriu totalmente, e só uma coisa permaneceu. *Agora para onde, Grimm Roderick?*

Dirigiu *Occam* para o único lugar onde podia ir: as Highlands imponentes. Poderia desaparecer na terra selvagem. Conhecia cada caverna e cabana vazia, cada refúgio contra o inverno violento, que logo estenderia seu manto branco sobre as montanhas. Estaria tudo frio outra vez.

Indicando o caminho a *Occam* com seus joelhos, prendeu as armas de guerra em sua cela e se perguntou se um *Berserker* invencível poderia morrer de algo tão inócuo como um coração partido.

Jillian contemplou tristemente o jardim enegrecido de Caithness. Tudo era uma recordação. Era novembro, e o odiado jardim ficaria negro até que a primera nevada chegasse para sofocá-lo. Não podia dar um passo fora do castelo sem ver-se

forçada a recordar àquela noite, o incêndio, a partida de Grimm. O jardim estava coberto por uma vasta e interminável capa de cinza negra. Todas suas flores haviam desaparecido. Grimm se fora.

Ele a havia abandonado porque era um covarde.

Ela havia tentado desculpá-lo, mas não tinha nada mais a dizer. O homem mais valente que alguma vez conhecera tinha medo de amar. *Pois bem, que vá para o raio que o parta!*, pensou provocadoramente.

Sentia dor; não o negava. O mero pensamento de viver sem ele o resto de sua vida era insuportável, mas se recusava a pensar obsessivamente nisso. Esse era o caminho mais certo para o colapso emocional. Assim é que dirigiu sua cólera contra ele, agarrando-a firmemente como um escudo para seu coração ferido.

-Ele não voltará, querida - Ramsay disse a seu lado.

Jillian endureceu sua mandíbula e se voltou para confrontá-lo.

-Creio que eu já entendi isso, Ramsay - ela disse lentamente.

Ramsay estudou sua postura resoluta. Quando ela se moveu para sair, sua mão rapidamente lhe envolveu o punho. Ela tentou soltá-lo com um puxão, mas ele era mais forte.

-Case-se comigo, Jillian. Juro que te tratarei como uma rainha. Nunca te abandonarei.

Não enquanto eu tiver dinheiro, pensou ela.

-Solta-me - sibilou.

Ele não se moveu.

-Jillian, considera tua situação. Teus pais regressarão a qualquer dia destes e esperam que se case. Provavelmente te obrigarão a escolher quando voltarem. Serei bom contigo - ele prometeu.

-Nunca me casarei - disse ela com convicção absoluta.

A conduta de Ramsay se alterou instantaneamente. Quando seu olhar cínico se deslizou sobre seu abdômen, ela se escandalizou; quando falou, a jovem se ficou momentaneamente muda.

-Se um bastardo cresce em tua barriga, então pode pensar diferente, querida - disse ele com um sorriso afetado - Então teus pais te obrigarão a casar-se, e considerará bem vindo qualquer homem decente que te quiser. Há um nome para mulheres como você. Você já não é tão pura - disse com maldade.

-Como se atreve! - ela gritou. A vontade de esbofetear o sorriso debochado de sua cara era irresistível, e ela o fez irrefletidamente.

O rosto de Ramsay empalideceu com ferocidade, e o vergalhão avermelhado de seu tapa sobressaiu. Ele prendeu-lhe o outro punho e a puxou violentamente, encrespando-se com cólera.

-Lamentará isto um dia, mocinha - A afastou com um empurrão tão selvagem, que ela tropeçou e caiu de joelhos. Por um instante a jovem viu algo tão brutal em seus olhos que temeu que ele a jogasse no chão de vez e lhe batesse, ou algo pior. Equilibrando-se como pôde, se pôs de pé, iniciando uma carreira para o castelo, sobre as pernas trêmulas.

-Ele não voltará, Jillian - disse Kaley lacônicamente.

-Eu já sei! Pelo amor de Deus, será que todo mundo, simplesmente, poderia parar de ficar falando isso? Pareço estúpida? É isso?

Os olhos de Kaley se encheram de lágrimas, e Jillian instantaneamente se arrependeu do que disse.

-Oh, Kaley, não tinha a intenção de gritar com você. Não tenho sido a mesma ultimamente. É somente que me preocupo com as ... coisas...

-Coisas como bebês? - disse Kaley cuidadosamente.

Jillian ficou rígida.

-É possível...? - Kaley se interrompeu completamente.

Jillian evitou seu olhar culposamente.

-Oh, minha menina - Kaley a envolveu em seu abraço generoso - Oh, querida - repetiu impotentemente.

Duas semanas mais tarde, Gibraltar e Elizabeth St. Clair voltaram.

Jillian se sentia desgarrada por uma mescla de emoções. Estava muito contente por tê-los em casa, mas desta vez temia vê-los, assim, se escondeu em seu quarto e esperou que a chamassem. E o fizeram, mas não até a manhã seguinte. Repensando o que fez, percebeu que tinha sido tola por dar-lhes essa vantagem para receber informações antes de enfrentá-los.

Quando a chamaram, ela tremeu, e o último vestígio de excitação para ver seus pais se voltou em terror puro. Foi arrastando os pés até o estúdio.

-Mamãe! Papai! - Jillian exclamou. Se jogou em seus braços, arrebatando-os num abraço apertado, antes que pudessem começar o interrogatório que sabia viria imediatamente.

-Jillian - Gibraltar terminou o abraço tão rapidamente, que Jillian supôs que estivesse em sérios problemas.

-Como está Hugh? E meu sobrinho novo? - perguntou ela brilhantemente.

Gibraltar e Elizabeth trocaram olhares; então Elizabeth se sentou em uma cadeira perto do fogo, deixando Jillian para tratar com Gibraltar por si mesma.

-Não escolheu um marido ainda, Jillian? - Gibraltar evitou todas as delicadezas.

Jillian inspirou profundamente.

-Era sobre isso que eu queria falar com você pai. Tive muito tempo para pensar - ela engoliu com nervosismo enquanto Gibraltar a olhava impassível. Aclarou a voz com ânsia - Eu me decidi, depois de muita consideração, digo, realmente pensei

detidamente nisto... que eu... hum... - Jillian se interrompeu. Tinha que deixar de gagejar como uma idiota: seu pai nunca se convenceria com protestos tolos - Pai... realmente não tenho a intenção de casar-me. Nunca - Por fim, estava dito - Quero dizer, aprecio tudo o que você e mamãe fizeram por mim, nunca pense que não o faço, mas o matrimônio não é simplesmente para mim - enfatizou suas palavras com uma confiante inclinação de cabeça.

Gibraltar a contemplou com uma mescla inquietante de diversão e condescendência.

-Boa tentativa, Jillian, mas não é o momento de brincadeiras. Trouxe três homens aqui para você. Só ficaram dois, e se casará com um deles. Já agüentei muito as suas travessuras. Vai completar vinte e dois anos em um mês, e qualquer um dos dois, Moncreiffe ou Logan, será um bom marido. Nada de parecer melancólica e nada de suas táticas pequenas e astutas, entendido? Com qual deles se casará? - perguntou, um pouco mais enérgicamente do que havia pretendido.

-Gibraltar! - protestou Elizabeth. Ela se levantou de sua cadeira, desconcertada por seu tom despótico.

-Fique fora disto, Elizabeth. Ela me tomou por tonto da última vez. Jillian apresentará uma razão depois da outra para que não possa se casar até que sejamos ambos muito velhos para fazer algo a respeito.

-Gibraltar, não a obrigaremos a casar-se com alguém que não queira - Elizabeth golpeou o solo delicadamente para pontuar seu decreto.

-Ela vai ter que aceitar o fato de que não pode ter o homem que quer, Elizabeth. Ele estava aqui e se foi. E esse é o fim do assunto - Gibraltar suspirou, olhando as costas rígidas de sua filha enquanto ela permanecia em pé, alisando as pregas de seu vestido - Elizabeth, eu fiz uma tentativa. Não acha que eu tentei? Sabia como se sentia Jillian sobre Grimm. Mas não obrigarei ao homem a casar-se com ela, e ainda que o fizesse, que bem conseguiria dessa maneira? Jillian não quer um marido obrigado.

-Você sabia que eu o amava? - exclamou Jillian. Ela quase correu para ele, mas se conteve e se endureceu mais ainda.

Gibraltar quase sorriu; o espaldar de uma cadeira não poderia estar mais rígida que a coluna vertebral de sua filha. Em tudo igual a sua mãe.

-Muito bem, mocinha. Eu o tenho visto em seus olhos durante anos. Por isso que o trouxe aqui para você. E agora Kaley me conta que ele se foi há umas semanas e te pediu que se case com Quinn. Jillian, ele já deixou claro seus sentimentos - Gibraltar se ergueu - Não vou juntar a minha filha a um bastardo desconsiderado que é muito tolo para ver que tipo de tesouro obteria. Não darei a minha Jillian a um homem que não pode valorizar a mulher preciosa que é. Que tipo de pai eu seria se perseguisse um homem para atirá-lo aos pés da minha filha?

Elizabeth assoou o nariz, piscando para evitar as lágrimas.

-O trouxe porque sabia que ela o amava - arrulhou - Oh, Gibraltar! Se bem que eu pensei que não foi adequado, você viu o fundo disto tudo. Você sabia o que Jillian queria.

O prazer de Gibraltar com a adoração de sua esposa rapidamente se evaporou quando os ombros de Jillian baixaram-se bruscamente com a derrota.

-Nunca supus que soubesse como me sentia, Pai - disse Jillian com uma voz pequena.

-Mas é claro que sabia, tão claro como sei o que sentes agora. Mas tem que encarar o fato: ele se foi, Jillian.

-Sei que ele se foi! Será que vão continuar recordando-me?

-Sim, se persistir em tentar estragar tua vida. Lhe dei a oportunidade, e ele foi muito idiota para aproveitá-la. Deve seguir adiante com a tua vida, querida.

-Ele pensava que não era bom o suficiente para mim - murmurou Jillian.

-Foi isso que ele te disse? - Elizabeth perguntou rapidamente.

Jillian afastou uma mecha de cabelo de seu rosto.

-De certo modo. Disse que possivelmente eu não poderia entender o que aconteceria se ele se casasse comigo. E está correto. Não posso adivinhar sequer que coisa terrível pensa que é. Atua como se tivesse um segredo atrás, e mamãe, não pude convencê-lo de outra maneira. Nem posso começar a imaginar que coisa horrível ele pensa que há de mau nele. Grimm Roderick é o melhor homem que alguma vez já conheci, excetuando você, papai - Jillian sorriu fracamente para seu pai antes de cruzar a sala até a janela, e ficar com o olhar fixo no jardim enegrecido.

Os olhos de Gibraltar se estreitaram e contemplou atentamente Elizabeth, que havia arqueado suas sobrancelhas pela surpresa.

-Ela ainda não sabe. Diga-lhe, Elizabeth articulou, disparando um olhar para as costas tensas de sua filha.

-Que ele é um Berserker? Gibraltar vocalizou por sua vez, incrédulo. Ele deve dizer-lhe por si mesmo.

-Ele não pode. Não está aqui!

-Ele se recusa. Eu não facilitarei para ele. Se ele não pode resignar-se a confiar nela, então não deve casar-se com ela. Não é obviamente homem o suficiente para minha Jillian.

-Nossa Jillian.

Ele encolheu os ombros. Cruzando o estúdio, acariciou os ombros de Jillian com mãos reconfortantes.

-Eu sinto muito, Jillian. Verdadeiramente sinto. Apesar de tudo, isso não altera o fato de que deve se casar. Me agradaria que fosse com Quinn.

Ela murmurou suavemente.

-Não me casarei com ninguém.

-Sim, se casará - enunciou Gibraltar severamente - Anunciarei os proclamas amanhã, e no prazo de três semanas vai se casar com alguém.

Jillian girou sobre si mesma para enfrentá-lo, com os olhos faiscantes.

-O senhor deveria saber que me tornei sua amante.

Elizabeth se abanou furiosamente.

Gibraltar encolheu os ombros.

Elizabeth ficou com a boca aberta, olhando primeiro para Jillian, e depois para seu apático esposo.

-Isso é tudo? Um encolhimento de ombros?

Jillian tartamudeou ante seu irreconhecível pai.

-Bem, se para o senhor não parece importante, não creio que meu marido o aceitará alegremente, verdade, pai?

-Não me importaria - disse Quinn suavemente, sobressaltando a todos com sua presença não anunciada - Me casaria contigo em qualquer condição, Jillian.

Todos os olhos se voltaram para Quinn De Moncreiffe, cuja bela e dourada presença preenchia o portal.

-Um bom homem - disse Gibraltar firmemente.

-Oh, Quinn! - disse Jillian com tristeza - Você merece algo melhor...

-Eu lhe disse muito antes, querida. Te tomarei em qualquer condição. Grimm é um tolo, mas eu não sou. Me casarei contigo felizmente. Sem arrependimentos. Nunca entendi por que uma mulher deve ser intacta quando um homem espera ter tocado tudo quanto é possível.

-Então está decidido - concluiu Gibraltar rapidamente.

-Não, não está!

-Sim, já está, Jillian - disse Gibraltar severamente - Se casará em três semanas. E ponto. Fim de conversa - E foi saindo dando meia volta.

-Você não pode fazer isto!

-Um momento - Ramsay Logan deu um passo no portal atrás de Gibraltar - Eu gostaria de oferecer-me para ela também.

Gibraltar avaliou os dois homens no portal e lentamente se voltou em direção a sua filha, que se levantou, com a boca entreaberta.

-Tem doze horas para escolher, Jillian. Anunciarei os proclamas ao amanhecer.

-Mamãe, não pode deixá-lo fazer isto! - Jillian gemeu.

Elizabeth St. Clair se levantou muito tensa e ergueu o nariz antes de seguir Gibraltar para fora do estúdio.

-Que porcaria pensa que está fazendo agora, Gibraltar? - exigiu Elizabeth.

Gibraltar se reclinou, descansando sobre o para-peito da janela em seu quarto, o pelo em seu peito refletindo o ouro entre as pregas de sua túnica de seda, no brilho tênue da luz do fogo.

Elizabeth se apoiou na cama desarrumada e Gibraltar se maravilhou, impressionado.

-Pela lança de Odín, mulher, sabe que não posso te negar nada quando te vejo assim.

-Então não obrigue Jillian a se casar, meu amor - disse Elizabeth com sinceridade. Não havia dissimulação entre ela e seu marido, e nunca haveria. Elizabeth acreditava firmemente que a maioria dos problemas em uma relação poderiam ser esclarecidos ou evitados através de uma comunicação clara, sincera. Os jogos incitavam uma discórdia desnecessária.

-Não tenho intenção de fazê-lo - Gibraltar respondeu com um sorriso franco - Nunca chegará tão longe.

-Que está tentando dizer-me? - Elizabeth tirou as presilhas de seu cabelo, permitindo que caíssem em uma cascata de ondas douradas sobre seus seios desnudos - É outro de teus planos perversos, Gibraltar? - perguntou com prazerosa diversão.

-Sim - Ele se aproximou da borda da cama, ao lado dela. Correu sua mão pela forma suave de suas costas, contornando a curva adorável de sua cintura, passando para a curva exuberante de suas cadeiras - Se ela não houvesse admitido que tinha se tornado sua amante, então não poderia ter-me sentido tão confiante. Mas ele é um *Berserker*, Elizabeth. Há um único consorte verdadeiro para cada *Berserker*, e eles sabem disso. Ele não pode permitir que a bôda tenha lugar. Um *Berserker* morreria primeiro.

Os olhos de Elizabeth se iluminaram, e a compreensão penetrou sua languidez sensual.

-Anunciará os proclamas para provocá-lo. Porque é a forma mais efetiva de obrigá-lo a pronunciar-se.

-Como sempre, nos entendemos perfeitamente, não é certo, meu amor? Que melhor maneira para trazê-lo de volta correndo?

-Que genial. Não havia pensado nisso. Não há maneira de um *Berserker* permitir que seu par case-se com outro.

-Simplesmente espero que todas as lendas sobre esses guerreiros estejam certas, Elizabeth. O pai de Gavrael me disse, anos atrás, que uma vez que um *Berserker* faça amor com seu amor verdadeiro, já não pode fazê-lo com outra mulher. Gavrael é inclusive mais *Berserker* que seu pai. Ele virá por ela, e quando o fizer, não terá mais alternativa, a não ser dizer-lhe a verdade. Teremos nossa bôda em três semanas, não há dúvida, e será com o homem que ela escolheu: Grimm.

-Que fará sobre os sentimentos de Quinn?

-Quinn realmente não espera que ela se case com ele. Ele também acha que Grimm virá. Falei com Quinn antes de obrigar Jillian a escolher, e estava de acordo em fazer isto. Ainda que deva admitir, Ramsay certamente me assombrou com sua oferta.

-Você quer dizer que tinha tudo planejado antes de confrontá-la? - Elizabeth estava espantada outra vez pelos recursos da brilhante mente de seu marido.

-Foi um dos vários planos possíveis - corrigiu Gibraltar - Um homem deve antecipar cada possibilidade quando as mulheres que ele ama estiverem preocupadas.

-Meu herói - Elizabeth piscou seus olhos.

Gibraltar cobriu seu corpo com o dele.

-Te mostrarei o que faz um herói - grunhiu.

Gibraltar não pensou que sua mimada Jillian pudesse se desfazer em prantos, provocar irritação, ou que pudesse ser repugnante durante três convincentes semanas.

Mas podia.

Desde a manhã em que ela havia deslizado uma nota contendo uma só palavra, "*Quinn*", sob a porta do dormitório de seus pais, se recusara a falar-lhes, exceto por monossílabos. A todos os outros no castelo presenteou com o mesmo tratamento, exceto quando começava suas inquisições: quantos proclamas haviam sido feitos nos cartórios, quando, e onde.

-Foi anunciado em Durrkesh, Kaley? - Jillian se preocupou.

-Sim, Jillian.

-E perto de Scurrington e Edimburgo?

-Sim, Jillian - Hatchard suspirou, sabendo que era inútil recordar-lhe que havia feito a mesma pergunta no dia anterior.

-E nos povoados pequenos nas Highlands? Quando foram anunciados ali?

-Dias atrás, Jillian - Gibraltar interrompeu sua interrogação.

Jillian inalou pelo nariz e deu as costas para seu pai.

-Por que se importa onde foram anunciados os proclama? - a provocou Gibraltar

-Simplesmente curiosidade - disse Jillian frívolamente enquanto saía regamente do quarto.

-Ele virá, mamãe. Sei que o fará.

Elizabeth sorriu e alisou o cabelo de Jillian, mas as semanas passaram e Grimm não chegou.

Até Quinn começou a pôr-se um pouco nervoso.

-Que faremos se ele não se apresentar? - perguntou Quinn. Caminhava de um lado a outro pelo estúdio, movendo suas pernas longas silenciosamente. O casamento seria no dia seguinte e ninguém ouvira uma palavra de Grimm Roderick.

Gibraltar serviu a ambos uma bebida.

-Ele tem que vir.

Quinn pegou o copo e bebeu atentamente.

-Ele deve saber que a bôda é amanhã. A única forma que possivelmente não possa saber é se já não estiver na Escócia.

Anunciamos esses malditos proclamas em cada povoado com mais de cinquenta habitantes.

Gibraltar e Quinn cravaram os olhos no fogo e beberam durante um tempo em silêncio.

-Se ele não vier, então eu me casarei.

-Agora, por que faria isso, rapaz? - perguntou Gibraltar amavelmente.

Quinn encolheu os ombros.

-A amo. Sempre a amei.

Gibraltar negou com a cabeça.

-Há amor e há *amor*, Quinn. E se não está pronto para matar Grimm simplesmente por tocar Jillian, então o que você sente não é o tipo de amor pelo qual um homem se casa. Ela não é para você.

Quando Quinn não respondeu, Gibraltar riu em voz alta e lhe deu um tapinha nos ombros.

-Oh, ela não é definitivamente para você. Nem sequer discute comigo.

-Grimm disse algo muito similar. Ele me perguntou se realmente a amava, se ela me deixava louco por dentro.

Gibraltar sorriu astutamente.

-Isso é porque ela o deixa louco por dentro.

-Quero que ela seja feliz, Gibraltar - disse Quinn fervorosamente - Jillian é especial. Ela é generosa é bela e tão... oh, tão malditamente apaixonada por Grimm!

Gibraltar levantou seu copo para Quinn e sorriu.

-Sei que está. Se o que planejamos não der em nada, então deterei a cerimônia e lhe darei uma opção. Mas não a deixarei casar-se contigo sem dar-lhe essa possibilidade de escolha - Enquanto bebia, contemplou Quinn refletindo - Na realidade, não estou certo de deixá-la casar-se contigo mesmo assim.

-Assim você me ofende. - protestou Quinn.

-Ela é minha garotinha, Quinn. Quero amor para ela. O amor real. O tipo que deixa louco um homem por dentro.

Jillian se apoiou no balcão da janela da torre e permaneceu com o olhar fixo, cego, na noite. Milhares de estrelas se agrupavam no céu, mas ela não via nenhuma. Ficar com o olhar fixo na noite, era como pegar-se olhando o grande vazio que seria seu futuro sem Grimm.

Como poderia casar-se com Quinn?

Como poderia negar-se?

Grimm obviamente não viria.

Os proclamas haviam sido anunciados em todos os cantos do país. Não tinha nenhuma forma dele ignorar que na manhã seguinte Jillian St. Clair se casaria com Quinn De Moncreiffe. O maldito país inteiro sabia.

Três semanas atrás ela podia ter escapado.

Mas não esta noite, não três semanas sem seu fluxo menstrual, não sem uma palavra de Grimm. Não depois de acreditar nele e comprovar que era uma tonta doente de amor.

Jillian apoiou sua mão sobre seu estômago. Era possível que estivesse grávida, mas não estava absolutamente segura. Seu fluxo menstrual sempre fora irregular e já atrasara mais do que isso no passado. Sua mãe lhe dissera que muitas coisas, além da gravidez, podiam afetar os ciclos de uma mulher: a confusão emocional... e o próprio desejo de uma mulher em ficar grávida.

Seria isso? Desejava tanto ficar grávida de uma criança de Grimm Roderick que estava enganando a si mesma? Ou tinha verdadeiramente um bebê crescendo dentro dela? Como desejava saber com toda certeza. Fez uma profunda respiração e a expeliu lentamente. Só o tempo o diria.

Tinha considerado tomar uma decisão por si mesma, buscá-lo e lutar por seu amor, mas uma chispa desafiante de orgulho unida com o bom senso a haviam feito desistir. Grimm estava travando uma dura batalha consigo mesmo, e era uma batalha que devia ganhar ou perder. Ela lhe oferecera seu amor, lhe dissera que aceitaria qualquer tipo de vida desde que a vivessem juntos. Uma mulher não devia ter que lutar contra o homem que amava por seu amor. Ele tinha que escolhe-la livremente, dar-se conta de que o amor era a única coisa neste mundo que não devia temer.

Era um homem inteligente e valente. Ele viria.

Jillian suspirou. Que Deus a perdoasse, mas ela ainda acreditava nisso.

Ele viria.

CAPÍTULO 23

Ele não apareceu.

O dia de sua bôda amanheceu nublado e frio. A nevasca começou a cair ao amanhecer, cobrindo o jardim chamuscado com uma camada de gelo negro e espesso.

Jillian permaneceu na cama, escutando os sons do castelo preparando-se para o banquete nupcial. Seu estômago roncou ao sentir os aromas de faisão e pernil assado. Era um banquete para despertar os mortos, e funcionava; desceu tropeçando da cama e buscou as tontas seu caminho através do quarto levemente iluminado, pelo espelho. Cravou os olhos em seu reflexo. As sombras escuras marcavam a pele delicada sob seus tristes olhos cor de âmbar.

Ela se casaria com Quinn De Moncreiffe em menos de seis horas.

O trovão de vozes retumbava claramente em seu dormitório; meio condado estava na residência, e haviam estado ali desde o dia anterior. Quatrocentos hóspedes tinham sido convidados e quinhentos haviam chegado, acomodando-se no sólido castelo e instalando-se nas hospedarias menos cômodas no povoado próximo.

Quinhentas pessoas, mais do que provavelmente teria em seu enterro, caminhando pesadamente ao redor do jardim negro e congelado.

Jillian apertou seus olhos firmemente fechados e se recusou a chorar, certa de que choraria sangue se permitisse que uma lágrima mais caísse.

Às onze em ponto, Elizabeth St. Clair secou com os dedos suas lágrimas, com um toque delicado.

-Você está linda, Jillian - ela disse com um suspiro sincero - Inclusive mais do que pensei.

-Não acha que as olheiras, sob meus olhos, me deixam feia, mamãe? - perguntou Jillian mordazmente - E o que diz sobre o círculo sombrio de minha boca? Meus ombros encurvados e meu nariz, como uma brasa vermelha de tanto chorar? Não pensa que alguém achará minha aparência um pouco suspeita?

Elizabeth inalou pelo nariz, deixou cair pesadamente um véu sobre o cabelo de Jillian, e baixou uma delicada peça de tûle azul sobre o rosto de sua filha.

-Seu pai pensa em tudo - disse com indiferença.

-Um véu? Realmente, mamãe. Não se usam véus nestes tempos modernos.

-Então pense assim, iniciará uma moda nova. Perto do fim do ano, todo mundo os usará outra vez - gracejou Elizabeth.

-Como pode fazer-me isto, mamãe? Conhecendo o tipo de amor você e ele compartilham, como se justifica me obrigar a um matrimônio sem amor?

-Quinn te ama, assim não será totalmente sem amor.

-Será de minha parte.

Elizabeth estava sentada sobre a borda da cama. Estudou o chão por um momento, logo levantou seus olhos para Jillian.

-Você se importa? - perguntou Jillian, um pouco aplacada pela simpatia no olhar de Elizabeth.

-Mas é claro que me importo, Jillian. Sou tua mãe - Elizabeth a contemplou por um momento, pensativa - Querida, não se preocupe, teu pai tem um plano. Não tinha a intenção de contar-lhe tudo isto, mas ele não planeja obrigá-la a se casar. Pensa que Grimm virá.

Jillian bufou.

-Assim também pensei, mamãe. Mas faltam dez minutos para o casamento e não há nem sinal dele. Que papai irá fazer então? Interromper o casamento na metade se ele não aparecer? Diante de quinhentos convidados?

-Você sabe que teu pai nunca teve medo de fazer um espetáculo de si mesmo ou de qualquer outro, respeito isso. O homem me seqüestrou de meu casamento. E acredito que ele espera que o mesmo aconteça hoje.

Jillian sorriu fracamente. A história do "namoro" de sua mãe com seu pai a cativara desde que era criança. Seu pai era um homem que poderia dar lições a Grimm. Grimm Roderick não devia lutar contra si mesmo por ela; deveria lutar contra o mundo por ela. Jillian fez uma respiração profunda, esperando, contra a esperança, imaginando tal cena para si mesma.

-Estamos congregados aqui hoje na companhia da família, amigos, e pessoas com boas intenções para unir este casal no enlace santo, que não se pode romper...

Jillian ofegou furiosamente sob seu véu. Ainda que faltasse ar, não perdeu a concentração. O padre estava ligeiramente azul, Quinn luzia ligeiramente azul. Irritada, afastou o véu. Nenhum dos matizes de rosa para ela no dia de seu casamento, e por que deveriam estar ali? Fora das janelas altas, a nevasca caía em flocos vagamente azuis.

Deu uma olhadela furtiva em Quinn, que permanecia de pé a seu lado. Ela estava no nível de seu peito. Apesar de seu desespero, reconhecia que era um homem imponente. Régialemente vestido com seu tartán cerimonial, havia prendido atrás seu cabelo longo, afastando-o de seu rosto cinzelado. A maioria das mulheres estariam muito entusiasmadas por estar de pé a seu lado, dizendo os votos de toda uma vida, prometendo ser dona de seus bens, dar-lhe lindos filhos ruivos e viver no esplendor o resto de seus dias.

Mas era o homem errado. *Ele virá por mim, ele virá por mim, sei que o fará por mim*, repetia Jillian silenciosamente como se fosse um feitiço mágico, tecido com as fibras mais profundas de seu coração.

Grimm arrancou outro edito da parede de uma igreja enquanto cavalgava a toda pressa. O amassou e o meteu em uma socola lotada de pergaminhos embolados. Estivera em um pequeno povoado das Highlands de Tummus quando vira o primeiro edito, colado em uma casa abandonada. Vinte passos adiante encontrara o segundo, logo o terceiro e o quarto.

Jillian St. Clair se casaria com Quinn De Moncreiffe. Ele havia preguejado furiosamente. Quanto tempo ela havia esperado? Dois dias? Não dormira essa noite, consumido por uma cólera tão violenta que tinha ameaçado liberar o *Berserker* sem que nenhum derramamento de sangue o provocasse.

A fúria só havia se intensificado, incitando-o sobre o lombo de *Occam*, e enviando-o em círculos ao redor das Highlands. Havia cavalgado até as cercanias de Caithness, dado à volta, e regressara, rasgando os proclamas por todo o caminho, correndo como uma fera enlouquecida desde as Lowlands até as Highlands. Então deu a volta outra vez, apressando-se até Caithness com uma força além de sua compreensão, uma força que nascia nas mesmas raízes de seus ossos. Grimm arrancou fora o elmo de sua cabeça e grunhiu. No bosque próximo, um lobo respondeu com um gemido triste.

Havia tido o sonho outra vez, à noite. Aquele em que Jillian o observava transformando-se em *Berserker*. Aquele no qual ela colocava a palma da mão contra seu peito e examinava seus olhos, enlaçando Jillian à fera. Em seu sonho, Grimm percebera que a fera amava Jillian tão profundamente como o homem, e era tão incapaz como ele de feri-la. À luz do dia, já não teve medo de poder machucar Jillian, nem ainda com a ameaça da locura de seu pai. Ele se conhecia suficientemente bem para saber que nem nas ânsias mais selvagens do *Berserker*, ele a magoaria.

Mas em seu sonho, à medida que Jillian buscava seus olhos resplandecentes, maus, o medo e a repulsão haviam delineado seus traços preciosos. Ela havia estendido a palma de uma mão até ele para afastá-lo, rogando-lhe que fosse para tão longe quanto *Occam* pudesse levá-lo.

O *Berserker* havia feito um som patético, enquanto o coração do homem lentamente congelava, mais frio que o gelo dos olhos azuis que presenciavam tanta perda. Em seu sonho, ele tinha fugido para que a escuridão o escondesse de seu olhar horrorizado.

Uma vez, Quinn lhe havia perguntado o que podia matar um *Berserker*, e agora ele sabia.

Uma coisa tão pequena como o olhar no rosto de Jillian.

E despertara do sonho cheio de desespero. Nesse mesmo dia aconteceria as bodas de Jillian, e se os sonhos eram presságios, ela nunca o perdoaria, pois o que estava a ponto de fazer, desta vez lhe revelaria sua verdadeira natureza.

Mas necessitava fazê-lo alguma vez?

Esconderia o *Berserker* dentro dele para sempre se fosse necessário. Nunca mais salvaria ninguém, nunca lutaria, nunca olharia o sangue; nunca se revelaria a si mesmo. Parariam em Dalkeith, onde Hawk guardava uma fortuna considerável para Grimm, e, com bastante ouro para comprar-lhe o castelo que quisesse em qualquer país, ficariam longe dos traiçoeiros McKane e de quem quisesse revelar seu segredo.

Sim ela ainda o queria.

Sabia que o que estava a ponto de fazer não era o mais honrado, mas a verdade fora dita, já não lhe importava. Que Deus o perdoasse, mas ele era um *Berserker* que provavelmente padecia da loucura de seu pai em alguma parte de suas veias, e não podia ficar ocioso e permitir que Jillian St. Clair que se casasse com outro homem enquanto ele ainda vivesse e respirasse.

Agora compreendia o que ela sabia instintivamente, anos atrás, no dia em que ele saíra do bosque e olhara para baixo, para ela.

Jillian St. Clair era sua.

Era perto do meio dia e não estava a mais de três milhas de Caithness quando foi emboscado.

-Deuses!

Jillian voltou de seus pensamentos errantes, alarmada. O sacerdote gordo estava quase na parte do "Aceito". Jillian esticou o pescoço, buscando freneticamente seu pai, sem êxito. O Gran Hall estava tão abarrotado que não o via; os convidados se amontoavam em cima da escada, equilibrando-se sobre as balaustradas, e preenchendo cada canto e cada greta.

O medo a possuiu. O que aconteceria se sua mãe tivesse inventado a história sobre um plano de seu pai, simplesmente como uma treta para que permanecesse de pé diante da multidão? O que aconteceria se sua mãe, deliberadamente, tivesse mentido, apostando que uma vez que tenham dito os votos, Jillian não teria a audácia de desonrar a seus pais e a Quinn, sem mencionar a si mesma, recusando casar-se?

-Se há alguém aqui hoje que conheça alguma razão pela qual estes dois devam permanecer separados, então fale agora ou se cale para sempre.

A galeria estava silenciosa.

A pausa se estendeu ao longo de várias batidas do seu coração.

À medida que se prolongavam intoleravelmente os minutos, as pessoas começaram a bocejar, arrastar os pés, e dispersar-se impientemente.

Silêncio.

Jillian inspirou sob seu véu e olhou de esguelha para Quinn. Ele estava parado imóvel, reto a seu lado, suas mãos apertadas. Ela murmurou seu nome, mas ou ele não ouviu ou se recusou a dar-lhe atenção. Ela olhou fixamente para o sacerdote, que lhe pareceu ter caído em um tranze, contemplando o livro encadernado em suas mãos.

O que será que estava acontecendo? Ela bateu levemente seu pé no chão e esperou que seu pai dissesse algo para interromper essa tortura.

-Eu disse, se há alguém aqui que tenha alguma razão... - o sacerdote entonou dramaticamente a pergunta.

Mais silêncio.

Os nervos de Jillian se esticaram até quase quebrar-se. O que faria? Se seu pai não a resgatasse, então que fosse para o raio que o parta. Ela se recusava a acovardar-se por medo de escândalo. Era a filha de seu pai, por Deus, e ele nunca tinha se inclinado ante o ídolo falso do decoro. Assoprou seu véu, o lançou para trás impientemente, e olhou com o cenho franzido o sacerdote.

-Oh, pelo amor de Deus...

-Não seja insolente comigo, menina - o sacerdote respondeu bruscamente - Estou simplesmente fazendo meu trabalho.

A coragem de Jillian foi momentaneamente aplacada por sua repreensão inesperada.

Quinn enlaçou sua mão na dele.

-Algo errado, Jillian? Se sente mal? Seu rosto está corado - Seu olhar estava cheio de preocupação... e compaixão?

"*Não posso casar-me contigo*" é o que ela começava a dizer quando as portas do Gran Hall se abriram com um golpe, afastando várias pessoas inocentes contra a parede. Suas palavras foram tragadas pelo estrépito de chiados indignados e gritos agudos.

Todos os olhos se voltaram para a entrada.

Um grande garanhão cinza se levantava em duas patas no alto do portal, sua respiração esfumando o ar com sopros de vapor. Foi uma cena de romance ou de contos de fadas que ela uma vez havia lido: o príncipe aparece irrompendo pelo castelo, cavalcando um garanhão glorioso, em chamas de desejo e de honra, declarando seu amor eterno diante de todos. Seu coração se encheu de alegria.

Ele parou logo a sua frente, enquanto ela examinava cuidadosamente seu "*príncipe*". Bem, era *quase* como um conto de fadas. Exceto que este príncipe estava vestido com nada mais que um tartán encharcado e sujo de barro, com sangue em seu rosto e mãos, e armas de guerra penduradas ao lado da cela. Ainda que a determinação brilhasse intensamente em seu olhar, uma declaração de amor eterno não parecia ser sua prioridade.

-Jillian! - rugiu.

Seus joelhos tremeram. Sua voz a trouxe à vida violentamente. Tudo ao redor desapareceu e ficou somente ela e Grimm, olhos azuis resplandecentes, seu corpo maciço preenchendo o portal. Era majestoso, de altura imponente, e cruel. Aqui estava seu guerreiro feroz, pronto para lutar contra o mundo para ganhar seu amor.

Ele impulsionou *Occam* dentro da turba, fazendo o caminho do altar.

-Grimm - murmurou ela.

Ele se deteve a seu lado. Deslizando suavemente do lombo de *Occam*, se deixou cair ao lado da noiva e do noivo. Olhou para Quinn. Os dois homens se contemplaram mutuamente por um momento tenso, logo Quinn inclinou sua cabeça numa fração mínima e deu um passo para trás. O Gran Hall se silenciou à medida que quinhentos convidados contemplavam incrédulos o espetáculo que se desenrolava ante seus olhos.

Grimm sofreu uma perda repentina de palavras. Jillian estava tão bela, uma deusa vestida em seda, trêmula. Ele estava coberto de sangue, manchado de barro e asqueroso, enquanto atrás deles estava de pé um Quinn incomparável, um Quinn impecavelmente bem vestido, um lord aristocrático, que tinha tudo aquilo que ele precisava.

O sangue em suas mãos era uma recordação implacável do desfecho de seus votos ferventes para esconder o *Berserker*, pois os McKane sempre estariam ali. Havia estado observando ele esse dia. O que aconteceria se atacassem quando viajassem com Jillian? Quatro conseguiram escapar dele. Os outros estavam mortos. Mas esses quatro eram suficiente problema, já que juntariam a mais homens e se manteriam caçando Grimm até que o último McKane morresse, ou o matassem antes. Junto com qualquer um que viajassem com ele.

O que podia esperar tomando-a agora? Que sonho louco o possuía para que fosse para ali, esse dia? Que esperança desesperada o havia convencido de poder esconder dela sua natureza verdadeira? E como ele sobreviveria ao ver a reação em seu rosto, quando ela descobrisse o que ele realmente era?

-Sou um condenado - murmurou.

Um sorriso curvou os lábios de Jillian.

-Sim, e tem sido em mais de uma ocasião, Grimm Roderick. Foi mais que tolo quando me deixou, mas creio que poderia te perdoar agora que voltou.

Grimm sorveu uma respiração áspera. Condenados fossem os *Berserkers*, ele tinha que tê-la.

-Virá comigo, Jillian? - *Diga sim, mulher*, rezou.

Uma simples inclinação de cabeça foi sua resposta imediata.

Seu peito se inchou com emoção inesperada.

-Sinto muito, Quinn - disse Grimm. Queria dizer mais, mas Quinn negou com a cabeça, se aproximou, e murmurou algo na orelha de Grimm. A mandíbula de Grimm se tensionou, e cravou os olhos em silêncio no rosto de seu amigo. Finalmente Grimm assentiu.

-Então vá com minha benção - disse Quinn claramente.

Grimm estendeu seus braços para Jillian, que deslizou para seu abraço. Antes que pudesse sucumbir ao desejo de beijá-la cegamente, a ergueu para o lombo de *Occam* e montou atrás.

Jillian esquadrinhou as caras preocupadas ao redor dela. Ramsay contemplava Grimm com uma quantidade estremeceadora de ódio em seus olhos, deixando-a momentaneamente sem ação por sua intensidade. A expressão de Quinn era uma mescla de interesse e compreensão remissa. Ela finalmente divisou seu pai, que permanecia de pé com sua mãe a uma dezena de passos. A face de Elizabeth era sombria. Gibraltar sustentou seu olhar um momento, logo inclinou a cabeça alentadoramente.

Jillian se reclinou no peito amplo de Grimm e deu um suspiro pequeno de prazer.

-Viveria qualquer tipo de vida que tivesse que viver, somente para ficar contigo, Grimm Roderick.

Isso era tudo o que ele necessitava ouvir. Com seus braços apertados ao redor de sua cintura, ele apertou os calcanhares nas ancas de *Occam* impulsionando-o para frente e juntos saíram de Caithness.

-Agora sim, essa é a minha idéia de como um homem toma uma mulher por esposa - Gibraltar comentou com satisfação.

UMA PROFECIA ILLYOCH

A lenda narra que o clã Illyoch prosperará durante mil anos.

Nascerão guerreiros que farão grandes fortunas para Alba.

E no vale fértil de Tuluth um castelo se levantará.

Ao redor do Hall dos deuses, muitos desejarão

o que forma parte da raça bendita da Scotia.

Os advinhos advertiram que um clã com desejo de posse perseguirá

os Illyoch até quando sobrarem nada mais que três. Os três se

espalhariam como sementes desgarradas pelo vento da traição

lançados por todas as partes, e tudo parecerá perder-se.

Muita pena e muito desespero descerão sobre o vale santo.

Mas tenham esperança, filhos de Odin, pois os três

serão congregados por seu domínio transcendental. Quando

o Illyoch jovem encontrar seu amor verdadeiro, ela o trará

para casa, o inimigo será vencido, e os Illyoch prosperarão

por uns mil anos mais.

CAPÍTULO 25

Cavalgaram duro até a primeira hora da tarde, quando Grimm parou *Occam* para deter-se num bosque de árvores. Uma vez deixado Caithness, ele retirara o manto de lã do seu alforje e a havia protegido apertando-o ao redor do corpo de Jillian, formando uma barreira quase impermeável entre ela e os elementos.

Ele não havia pronunciado uma palavra desde então. Seu rosto estava tão sombrio que ela se mantivera em silêncio, dando-lhe tempo e privacidade para acomodar seus pensamentos. Havia apoiado suas costas contra ele, saboreando feliz a pressão de seu corpo duro contra o dela. Grimm Roderick havia vindo por ela. Ainda que um começo tão adverso não podia ser a forma perfeita para iniciar uma vida juntos, o faria. Para que Grimm Roderick roubasse uma mulher no dia de seu casamento, devia ter a intenção de cuidar dela o resto de sua vida, e isso era tudo o que alguma vez desejara: uma vida com ele.

No momento em que ele parou *Occam*, a chuva gelada havia baixado a temperatura, e esta caía vertiginosamente. O inverno ultrapassava os limites, e ela suspeitava que se dirigiam diretamente para as Highlands, onde o frio dos ventos

açoitava duas vezes mais vigorosamente que nas Lowlands. Ela agarrou firmemente o manto, acomodando-o melhor em seu corpo, impermeabilizando-se do ar frio.

Grimm desmontou, a desceu da cela, e a abraçou por um momento.

-Deus meu, quase te perdi, Jillian - As palavras brotaram violentamente dele.

Ela lançou sua cabeça pra trás, encantada.

-O que te tomou tanto tempo, Grimm?

Sua expressão era impossível de interpretar. Ele afastou conscientemente seu olhar para suas próprias mãos, que necessitavam urgentemente serem lavadas. Lavou-as com um frasco de água e um pedaço de pano limpo, ocupando-se por um momento, removendo o pior das manchas.

-Tive uma pequena escaramuça no caminho e... - ele disse inaudivelmente.

Ela estudou suas roupas desganhadas mas optou por não perguntar sobre isso. O barro e o sangue pareciam ser de uma luta recente, mas o que havia se sucedido nos últimos dias não era sua primeira preocupação.

-Não é isso o que quis dizer. Por que levou perto de um mês?. Era tão difícil para você decidir se me queria? - se forçou a esboçar um sorriso para camuflar a parte ferida dentro dela que estava completamente séria.

-Nunca pense isso, Jillian. Eu acordo te querendo. Me pego dormindo te querendo. Vejo um grandioso raio de sol e só posso pensar em compartilhá-lo contigo. Vislumbro qualquer coisa âmbar e vejo teus olhos. Jillian, você é como uma febre, uma febre que mingua só quando estou junto a ti.

Ela endereçou-lhe um sorriso radiante.

-Está quase perdoado. Então me dirá por que levou tanto tempo? É por que pensa que não é bom o suficiente para mim, Grimm Roderick? Porque não tem um título, digo - Quando ele não respondeu, ela se apressou a reconfortá-lo - Não me importa, você sabe. Um título não faz o homem, e você é certamente o melhor homem que alguma vez jamais conheci. Que porcaria pensa que está mal contigo?

Seu silêncio tenso não serviu de impedimento como pretendia; ela escapuliu por uma rota alternativa de exploração.

-Quinn me disse que pensa que teu pai está louco e que tem medo de ter herdado sua loucura. Ele disse que era uma idiotice e devo dizer que estou de acordo, porque é o homem mais inteligente que já conheci, exceto pelas vezes quando não confiava em mim, o que evidencia um erro manifesto em teu bom juízo costumeiro.

Grimm se pegou olhando-a, desconcertado.

-Que mais te disse Quinn?

-Que você me ama - ela disse simplesmente.

Ela a agarrou num abraço em um movimento veloz. Enterrou as mãos em seus cabelos e a beijou urgentemente. Ela saboreou a pressão forte de seu corpo contra o dela, sua língua brincalhona, suas mãos firmes aconchegando seu rosto. Jillian se derreteu contra ele, pedindo mais sem palavras.

O mês passado sem ele, seguido pelas horas pressionada contra seu corpo musculoso enquanto cavalgavam, havia começado um lento ardor de desejo dentro dela. Durante a hora passada, sua pele havia formigado em cada ponto de contato com seu corpo, e um calor inesperado havia florescido em seu ventre, fluindo gradualmente para baixo, despertando de maneira chocante sentimentos intensos de desejo. Ela se esquecera da paisagem, sua mente completamente ocupada em imaginar, com detalhes que a ruborizavam, as muitas formas diferentes que queria fazer amor com ele.

Agora praticamente vibrava de necessidade, e respondeu selvajemente seu beijo. Seu corpo estava preparado para ele, e se pressionou alentadamente contra suas cadeiras.

Ele parou de beijá-la tão repentinamente como havia começado.

-Devemos continuar cavalgando - ele disse asperamente - Temos um longo caminho que percorrer, querida. Não desejo mantê-la aqui fora, no frio, mais tempo do que seja necessário.

Se afastou tão abruptamente que Jillian o olhou boquiaberta e quase gritou de frustração. Estava tão acalorada depois de seu beijo que o ar frio era insignificante, e certamente não tinha intenção de aguardar mais tempo para fazer amor com ele outra vez.

Permitiu que seus olhos se afastassem lentamente, se fechassem e tremessem um pouco. Grimm a olhava atentamente.

-Se sentes bem, querida?

-Não - Jillian respondeu, lançando-lhe um olhar de soslaio sob suas pálpebras baixas - Francamente, me sinto decididamente estranha, Grimm, e não sei o que fazer.

Ele voltou para seu lado instantaneamente, e ela se preparou para recolher sua armadilha.

-Onde se sente estranha, Jillian? Diga-me.

-Aqui - velozmente tomou sua mão e a pôs sobre seu peito - E aqui - conduziu sua outra mão para sua virilha.

Grimm fez várias respirações profundas e ofegou, desejando que seu coração retumbante fosse mais devagar, que não bombeasse tanto sangue para baixo e quem sabe deixar que seu cérebro se inteirasse da idéia, assim ele poderia, pelo ao menos, ter um pensamento coerente.

-Jillian - disse, exalando uma respiração frustrada.

-Bom, caramba - disse ela travessamente, movendo suas mãos sobre o corpo dele - Parece sofrer da mesma doença - sua mão se fechou sobre ele através de seu manto, e ele fez um som baixo, gemeu profundamente dentro de sua garganta.

Ambos falaram junto.

-Está muito frio aqui fora, meu amor. Não te submeterei...

-Não sou...

...ao frio por causa das minhas necessidades egoístas...

...frágil, Grimm. E sobre as *minhas* necessidades egoístas?

-Eu não posso fazer amor contigo adequadamente aqui fora!

-Oh, e é *adequadamente* a única forma que conhece de fazê-lo? - ela se indagou.

Seu olhar travou-se com o dela, e seus olhos se ensombreceram de desejo. Ele pareceu imobilizado, obtusamente considerando o frio, considerando todas as necessidades de Jillian exceto pelas que realmente tinham importância.

Em voz baixa ela disse:

-Faça-o. Toma-me. Agora.

Seus olhos se estreitaram e ele aspirou ruidosamente.

-Jillian - uma tormenta se concentrava em seus olhos de um azul gelo, e ela se perguntou por um momento o que havia convocado. Uma fera: *sua* fera. E ela o queria exatamente da forma que era.

A força de sua paixão a golpeava como um vendaval no mar, quente e salobre, primitivo em seu poder, sem deter-se diante de nada. Jogaram-se um contra o outro, movendo seus corpos tão perto como era possível. Ele a empurrou contra uma árvore, puxou seu vestido para cima, e afastou para o lado seu manto, todo o tempo beijando suas pálpebras, seu nariz, seus lábios, sugando sua língua tão profundamente em sua boca que ela se sentiu afogar-se na sensualidade desse homem.

-Preciso do você, Jillian St. Clair. Desde que te pus em cima de meu cavalo não tenho ansiado nada mais do que te arrastar de novo de cima dele e sepultar-me em você sem uma palavra de explicação ou desculpa, porque eu preciso de você.

-Sim - ela murmurou fervorosamente - É isso o que eu quero!

Com um golpe veloz, ele se fundiu profundamente nela, mas a tormenta estava em seu corpo e se desatou com a fúria devastadora de um furacão.

Ela jogou para trás a cabeça e liberou sua voz, gritando por ele onde só as criaturas da terra salvagem poderiam ouvi-la. Se moveu contra ele urgentemente, seus quadris alçando-se para encontrar cada estocada. Suas mãos aranharam seus ombros e levantou as pernas, envolvendo-as apertadamente ao redor de sua cintura, pressionando seus joelhos sobre suas cadeiras musculosas. Com cada empuxe ele pressionava suas costas contra o tronco da árvore e ela aproveitou para mexer-se de novo contra ele, tomando-o tão profundamente dentro de seu corpo como podia. Só os sons da paixão escapavam de seus lábios; as palavras simplesmente não eram necessárias. Aderindo-se e comunicando-se através do contato, seus corpos conversaram em uma língua antiga e inconfundível.

-Jillian! - ele rugiu enquanto explodia dentro dela. Uma risada de deleite escapou da mulher enquanto a lavra de seu calor líquido a empurrava para a borda de prazer, e estremeceu contra ele.

Se agarraram um ao outro por um momento reverente. Apoiando-se contra ela em uma suave prostração, ele pareceu resistente em se mover, como se quisesse ficar unido a ela para sempre. E quando começou a endurecer dentro dela de novo, a jovem supôs que o havia convencido de que um pouco de ar frio era bom para a alma.

Grimm assobiou para *Occam*. Chamando seu cavalo do bosque, apertou as correias dos alforjes. Era escuridão completa, e precisavam por-se a caminho. Não havia refúgio onde permanecer seguros essa noite, mas no dia seguinte estariam longe o suficiente das Highlands, onde ele poderia prover refúgio para eles cada noite por vir. Olhou por sobre seu ombro para Jillian. Era imperioso para ele mantê-la feliz, quente e segura.

-Tem fome, Jillian? Está confortavelmente seca? Ou suficientemente quente?

-Não, sim, e sim. Para onde vamos, Grimm? - perguntou, ainda sentindo a magia de sua intensa forma de fazer amor.

-Há uma granja abandonada a um dia de cavalo daqui.

-Não me referia a agora, eu perguntava sobre nosso destino final.

Grimm considerou cuidadosamente sua resposta. Ele originalmente havia tido a intenção de cavalgar diretamente para Dalkeith, saindo de lá logo que recebesse sua fortuna e abastecesse os cavalos. Mas começara a pensar que não seria necessário apressar-se. Havia gasto muito de seu tempo na cavalgada desde Caithness avaliando algo que Quinn havia dito: *Inferno, homem, forme um exército e lute contra os McKane de uma vez por todas. Conheço legiões de homens que lutariam por você. Eu o faria.* Como o faria o exército de Hawk, como igualmente muitos dos homens que conhecera na corte, os homens que lutavam para contratá-lo.

Grimm odiava a ideia de levar Jillian para fora da Escócia, longe de sua família. Ele sabia o que era estar sem um clã. Se triunfasse sobre os McKane, poderia comprar uma fazenda perto de sua família e ter um único demônio contra quem lutar. Poderia dedicar sua energia em esconder sua natureza e ser para Jillian um bom marido.

Prometa-me que lhe dirá a verdade, havia pedido Quinn em um susurro baixo e urgente contra sua orelha.

Grimm havia inclinado a cabeça.

Mas não dissera quando, se convenceu débilmente enquanto estudava as feições inocentes da moça. Talvez no ano seguinte, ou toda uma vida a partir de agora. Entretanto, ele tinha outras batalhas para empreender.

-Dalkeith. Meu melhor amigo e sua esposa são lord e lady lá. Estará a salvo com eles.

Jillian prestou atenção, seu enlevo distraído afastado pelo pensamento de uma separação iminente.

-Como que *"estarei a salvo lá"*? Não quer dizer que *"estaremos"* a salvo lá?

Grimm entreve-se com a cela de montar de *Occam*.

-Grimm, *"nós dois"*, não é verdade?

Ele preguejou, deliberadamente incoerentemente.

Jillian o olhou de cima abaixo por um momento e bufou delicadamente.

-Grimm, você não tem a intenção de levar-me à Dalkeith e deixar-me lá por minha própria vontade, não é verdade? - seus olhos se estreitaram, prenunciando uma tempestade se sua intenção fosse fazer algo semelhante.

Sem levantar sua cabeça de uma inspeção atenta nas correias de *Occam*, ele respondeu:

-Só por um tempo, Jillian. Há algo que devo fazer, e necessito saber que estará a salvo enquanto o estou fazendo.

Jillian o observou mover-se nervosamente e considerou suas opções. Seu "*melhor amigo e sua esposa*" ele havia dito, pessoas que sabiam algo acerca de seu misterioso homem. Isso prometia, se bem que não fosse de sua preferência. Desejava que ele confiasse nela, lhe dissesse o que o mantinha solitário, mas trabalharia com o que pudesse conseguir. Talvez o que tivesse ocorrido em seu passado era muito doloroso para discutir.

-Onde fica Dalkeith?

-Nas Highlands.

-Perto de onde você nasceu?

-Um pouco mais longe. Temos que fazer um círculo ao redor de Tuluth para chegarmos a Dalkeith.

-Por que círculo ao redor dele? Por que não atravessá-lo? - se surpreendeu Jillian.

-Porque nunca mais voltei a Tuluth e não tenho essa intenção agora. Além do mais, o povoado foi destruído.

-Bem, se está destruído, isso faria inclusive menos sentido cavalgarmos ao redor dele. Por que o evita se não há nada?

Grimm levantou uma sobrancelha.

-Deve ser sempre tão lógica?

-Deve ser sempre tão evasivo? - ela contestou, arqueando uma de suas próprias sobrancelhas.

-Simplesmente não tenho vontade de cavalgar através dele, está bem?

-Tem certeza de que está em ruínas?

Quando Grimm enterrou uma das mãos nos cabelos, Jillian finalmente entendeu. Grimm Roderick somente começava a mexer no cabelo quando ela lhe fazia uma pergunta que ele não queria responder. Quase riu; se continuasse interrogando-o, ele poderia destruir seus próprios cabelos. Mas precisava de respostas, e ocasionalmente suas inquisições resultavam em poucas vitórias. O que o fazia evitar Tuluth como a praga mais tenebrosa?

-Oh, mãe de Deus - exalou enquanto a intuição apontava um dedo infalível para a verdade - Tua família ainda está viva, não é Grimm?

Os olhos de azul gelo voltaram-se para ela, e pôde vê-lo lutar para evitar responder sua pergunta. Ele se entreteve com seu elmo de guerra e ela mordeu os lábios, esperando.

-Meu pai está vivo - concedeu por fim.

Mesmo que já tivesse chegado a tal conclusão por si mesma, sua admisão a surpreendeu.

-O que mais não me disse, Grimm?

-Que Quinn te disse a verdade. Ele é um velho demente - disse Grimm amargamente.

-Verdadeiramente demente, o que quer dizer simplesmente que está em desacordo em algumas coisas, como a maioria das pessoas fazem com seus pais?

-Não tenho vontade de falar sobre isso.

-Quão velho é teu pai? Tem outra família da qual não tenho conhecimento?

Grimm voltou-se dando meia volta e começou a perambular por ali.

-Não.

-Bem, como é tua casa? Em Tuluth.

-Não é em Tuluth - ele disse entre dentes - Minha casa era uma promessa de futuro, lúgubre castelo esculpido numa montanha sobre Tuluth.

Jillian se perguntou que outras coisas assombrosas poderiam ser reveladas se ele continuasse respondendo suas perguntas.

-Se tua casa era o castelo, então você deve ter sido educado para ser...- ela o olhou dos pés à cabeça e negou à medida que a compreensão descia sobre ela - Oh! Eu aqui falando sobre títulos e você aí, sem dizer nada! É o filho de um chefe, não é? Não é por acaso, seu filho mais velho, não é mesmo? - perguntou brincando. Quando ele rapidamente evitou seu olhar, ela exclamou -: Quer dizer que será lord algum dia? Há um clã aguardando teu regresso?

-Nunca. Nunca regressarei a Tuluth, e esse é o fim desta discussão. Meu pai é um velho bastardo e o castelo está em ruínas. Junto com o povo, metade do meu clã foi destruído anos atrás, e estou certo de que a metade restante se espalhou para escapar de um velho extravagante e reconstruir suas vidas em outro lugar. Duvido que alguém tenha deixado em Tuluth, provavelmente, mais que devastação - olhou disfarçadamente para Jillian para ver como ela recebia sua confissão.

A mente de Jillian dava voltas. Algo não tinha sentido, e sabia que faltava alguma informação vital. O lugar familiar da infância de Grimm jazia entre o presente e seu destino, e suas respostas se encontrariam dentro das desmoronadas e velhas ruínas. Um "*pai velho e extravagante*" e a compreensão do que havia sucedido a levaria até às profundezas do coração de Grimm.

-Por que você se foi? - perguntou delicadamente.

Ele olhou para ela, seus olhos azuis brilhando intensamente na penumbra.

-Jillian, por favor. Sem tantas perguntas neste preciso momento. Dê-me tempo. Estas coisas... não tenho falado delas desde que ocorreram - Seus olhos suplicavam sem palavras por paciência e compreensão.

-Tempo, posso dar-lhe. Terei paciência, mas não abandonarei.

-Prometa-me isso - Ele estava repentinamente sério - Prometa-me que nunca abandonará, custe o que custar.

-A você? Não o faria. Bem que merecia, tão perverso como foi comigo quando eu era uma menininha, apesar de tudo não perdi as esperanças contigo - disse levemente, esperando iluminar sua expressão taciturna.

-Nem com nós, Jillian. Prometa-me que nunca perderá a esperança com nós dois - Ele a atraiu de novo para seus braços e a olhou tão intensamente, que quase lhe roubou a respiração.

-Te prometo – suspirou – E lido com a minha honra com tanta seriedade quanto qualquer guerreiro.

Ele relaxou visivelmente, esperando que nunca necessitasse recordar-lhe suas palavras.

-Tem certeza de que não está com fome ainda? - mudou de assunto resolutamente.

-Posso esperar até que tenhamos que parar à noite - o tranqüilizou distraidamente, muito ocupada com seus pensamentos para considerar as necessidades físicas. Ela já não perguntou por que ele havia aparecido tão tarde, ensangüentado e manchado de barro. Ele havia ido, e isso era suficiente por agora.

Havia outras perguntas primordiais que precisavam ser respondidas.

Enquanto voltavam a montar, ele a atraiu contra si e ela relaxou, saboreando o toque de seu corpo forte.

Um pouco de horas mais tarde, tomou uma decisão. *Uma mulher faria o que fosse preciso fazer*, disse a si mesma firmemente. Pela manhã, ela tinha a intenção de adquirir uma repentina enfermidade inexplicável, que exigiria que encontrassem um refúgio permanente e seguro muito antes de chegar à Dalkeith. Ela não tinha idéia de que, pela manhã, a sorte daria cabo dos acontecimentos com seu retorcido senso de humor.

CAPÍTULO 26

Jillian deu a volta, se espreguiçou, e olhou com atenção através da luz tênue para Grimm. As peles balançavam sobre as janelas da granja. Não somente impediam a entrada da ventania, como também impedia a entrada da luz. O fogo ardente de poucas horas antes se convertera em brasas, e a incandescência âmbar ele parecia um guerreiro bronzeado, um Viking heróico e poderoso entre o amontoado de peles, com um braço dobrado atrás da cabeça e o outro rodeando sua cintura.

Por todos os santos, ele era um homem belíssimo. Em repouso, seu rosto tinha o tipo de perfeição que a fazia pensar em um anjo, criado por um deus gozador. Suas sobrancelhas formavam arcos negros por cima de seus olhos, rodeados por um par de pestanas grossas. Mesmo assim elas se estendiam até os cantos de seus olhos, tinha poucas linhas de sorrisos ao redor de sua boca, uma falta que ela tinha a intenção de remediar. Seu nariz era reto e orgulhoso, seus lábios... ela poderia passar um dia simplesmente contemplando esses lábios firmes que se curvavam sensualmente, mesmo durante o sono. Ela deixou cair um beijo leve sobre sombra onde nasceria sua barba.

Quando tinham chegado na noite anterior, Grimm havia feito uma fogueira e derretido cubos de neve para um banho. Haviã compartilhado uma tina, tiritando por causa do ar congelado até que o calor da paixão os aquecera até os ossos. No monte exuberante de peles, renovaram, sem necessidade de palavras, seu compromisso para com o outro. O homem era patentemente inesgotável, pensou ela com satisfação. O corpo lhe doía deliciosamente por sua gloriosa maneira de fazer amor. Ele lhe ensinara coisas que fizeram suas bochechas arderem e seu coração galopar na antecipação de mais.

Os pensamentos sensuais e quentes se desfizeram rapidamente quando abruptamente seu estômago escolheu esse momento para anunciar-se de maneira alarmante. Rendida e momentâneamente sem fôlego pela náusea repentina, reclinou-se e esperou até que a sensação passasse. Como haviam tido pouco para comer na noite anterior e foram muito ativos, concluiu que devia de estar faminta. Uma barriga dolorida certamente não a ajudaria a convencer Grimm de que estava muito doente para cavalgar até Dalkeith. Que doença poderia alegar? Um maléstia estomacal não seria o suficiente para convencê-lo para em um povoado que jurara nunca mais ver outra vez.

Convenientemente, outra onda de náusea a atacou. Ela franziu o cenho enquanto lhe ocorria a possibilidade de que realmente tivesse ficado doente simplesmente por ter a intenção de fingir. Ficou imóvel, na espera de que o incômodo se apaziguasse, e conjurou visões de sua comida favorita, esperando que a imaginação aplacasse um pouco a dor da fome.

Os pensamentos do assado de carne de cerdo de Kaley quase a fizeram dobrar-se sobre si mesma. A perdiz cozida na salsa e vino a obrigou a pôr uma mão sobre sua boca por um instante. E o pão? Isso não soava tão mau. Quanto mais roncasse seu estômago melhor. Ela tentou aproximar-se lentamente de Grimm para pegar a bolsa onde vira um pedaço de pão preto na noite anterior, mas em seu sono ele apertou seu braço ao redor de sua cintura. Disimuladamente, ela tentou desprender seus dedos, mas eram como garras de ferro. Enquanto uma nova onda de náuseas a assaltava, ela gemeu e se encolheu numa bola, agarrando fortemente seu estômago. O som despertou Grimm instantâneamente.

-Está bem, querida? Te machuquei? - Assustado, ele se referia a terem feito muito amor, e ela se apressou em acalmá-lo. Não tinha o desejo de dar-lhe qualquer razão para pensar duas vezes antes de dar-lhe tal prazer outra vez.

-Estou só um pouco sensível - disse ela, e logo gemeu enquanto seu estômago se revoltava outra vez.

-Que é isso? - Grimm sentou-se depressa na cama, e apesar de seu sofrimento, ela se maravilhou com sua beleza. Seu cabelo negro caía em volta de seu rosto, e ainda que o pensamento de comida se fizesse impossível e asqueroso, os lábios viris, apesar de tudo, pareciam convidativos.

-Te machuquei enquanto dormia? - Ele perguntou roucamente – O que é? Fale-me, querida!

-Simplesmente não me sinto bem. Não sei por que estou tão mal. Meu estômago dói.

-Ajudaria comer? - Ele andou pelo cubículo rapidamente. Destapando um grande pedaço de carne assada, salgada, ele a empurrou sob seu nariz.

-Oh, não! - ela gemeu, pondo-se de joelhos. Escapuliu tão rápido como pôde, mas a poucos passos começou a ter ânsias. Ele foi para seu lado em um segundo, alisando-lhe o cabelo e prendendo-o atrás.

-Não faça isso – gemeu a moça - Nem sequer me olhe.

Jillian não adoecera muitas vezes em sua vida, mas quando acontecia, odiava que alguém a visse debilitada por forças fora de seu controle. A fazia sentir-se indefesa.

Provavelmente estava sendo castigada por planejar mentir. Não era justo, concluiu de mal-humor. Nunca havia sido desonesta em sua vida, assim certamente tinha o direito de sê-lo uma vez, especialmente porque era por uma boa causa. Tinham que parar em Tuluth. Ela precisava de respostas que suspeitava podiam ser encontradas somente regressando às raízes de Grimm.

-Cale-se, querida, está bem. Que posso fazer? Do que precisa? - Não podia ser veneno, Grimm pensou freneticamente. Ele preparara a comida que haviam comido na noite anterior, carne de veado que havia rastreado e curtido enquanto estava nas Highlands. Então o que era?, se perguntou, inundado por um dilúvio de emoções: a impotência, o medo, a compreensão de que essa mulher em seus braços significava tudo para ele e que tomaria, não importava que doença fosse, para si mesmo esta enfermidade e suportaria tudo, se pudesse.

Ela se agitou outra vez violentamente em seus braços, e ele sustentou seu corpo trêmulo.

Isso foi um pouco antes de começar a vomitar. Quando finalmente se acalmou, ele a envolveu em uma manta quente e esquentou um pouco de água. Ela ficou absolutamente imóvel enquanto ele lavava seu rosto. Grimm estava transfigurado por sua beleza; apesar de sua debilidade, Jillian certamente parecia radiante, sua pele de um marfim translúcido, seus lábios rosa profundo, suas bochechas coradas de rosa.

-Está melhor, meu amor?

Ela respirou profundamente e assentiu com a cabeça.

-Creio que sim. Mas não estou segura de poder cavalgar muito longe hoje. Há algum lugar onde poderíamos parar entre este lugar e Dalkeith? - perguntou chorosa.

-Quem sabe não deveríamos ir a lugar nenhum - respondeu Grimm com evasivas, mas teriam que seguir adiante, e ele sabia. Demorar-se ali outro dia era a coisa mais perigosa que poderiam fazer. Se os McKane estivessem seguindo-os, então um dia a mais poderia custar-lhes a vida. Ele fechou os olhos e considerou cuidadosamente o dilema. O que aconteceria se ao recomeçarem a andar outra vez, ela ficasse mais doente? Onde podia levá-la? Onde podiam esconder-se até que ela estivesse bem o bastante para viajar?

Mas é claro, ele pensou sarcasticamente.

Tuluth.

CAPÍTULO 27

À medida que se aproximavam ao povoado de seu nascimento, Grimm caiu em um silêncio profundo.

Haviam cavalgado em um andar fácil até o final do dia, e Jillian rapidamente havia recobrado seu vigor costumeiro. Apesar de sua saúde renovada, obrigou a si mesma a manter a farsa. Estavam muito perto de Tuluth para ficar indecisa.

Tinham que ir para Tuluth. Era necessário, fosse desculpável seu método ou não. Não tinha falsas ilusões sobre Grimm ter voltado voluntariamente. Se ele tivesse arrumado uma maneira de esquecer, então o povoado jamais existiria. Enquanto aceitava o fato de que Grimm se resignara a não falar de seu passado, ela tinha a suspeita de que regressar a Tuluth seria mais importante para ele do que para ela. Era possível que ele precisasse enfrentar suas recordações para esquecê-las.

De sua parte, ela queria examinar a evidência com seus olhos e suas mãos, falar com seu "estragante" pai, e pescar informações. Nos escombros e nos restos do castelo destruído, ela poderia encontrar pistas que a ajudariam a entender o homem que amava.

Jillian correu o olhar a sua mão, tão grande que quase abarcava as dentro dela, enquanto guiava *Occam* com a outra. O que podia estar tão ruim com ele? Era nobre e honesto, com exceção de falar sobre de seu passado. Era forte, valente, e um dos melhores guerreiros que alguma vez havia visto. O homem era virtualmente invencível. Tanto, que deixava envergonhada as feras místicas das lendas, os *Berserkers*.

Jillian sorriu, pensando que era com homens como Grimm que tais lendas nasciam. Tanto, que inclusive tinha os ferozes olhos azuis legendários. Se tais seres verdadeiramente existiram, então ele poderia ter sido um desses guerreiros poderosos, pensou sonhadoramente. Não a surpreendera descobrir que ele fosse o filho de um chefe; a nobreza era evidente em cada linha de sua face majestosa. Solto um suspiro de prazer e se reclinou em seu peito.

-Estamos quase chegando, querida - ele disse confortando-a, interpretando mal o suspiro.

-Iremos para o castelo? - perguntou ela debilmente.

-Não. Há algumas cavernas donde podemos encontrar refúgio em um lugar chamado Acanilado de Wotan. Brincava lá quando era criança. Eu conheço o lugar como a palma de minha mão.

-Não seria o castelo mais quente? Tenho tanto frio, Grimm - ela tremeu de uma maneira que esperava ser convincente.

-Se a memória não me falha, Maldebann está em desordem - Prendeu o manto mais firmemente em torno dos ombros dela e a envolveu no calor de seu corpo - Não estou certo de que qualquer uma das paredes tenham se mantido de pé. Além do mais, se meu pai ainda estiver por lá, onde quer que esteja, provavelmente deixou os vestibulos desmoronados.

-Bem, e que tal perto do povoado? Certamente uma parte de tua gente deve ter ficado - Ela se recusava a deixar de lado sua meta de alcançar Tuluth e ter negado o contato com as pessoas que sabiam algo sobre seu guerreiro Highland.

-Jillian, o vale inteiro foi arrasado. Suspeito que estará completamente deserto. Teremos sorte se as cavernas ainda estiverem intactas. Alguns túneis mudaram de posição, já que derrubavam as paredes ainda durante os anos que brincava ali.

-Mais uma razão para irmos ao castelo - ela disse rapidamente - Sôa como se as cavernas fossem perigosas.

Grimm expeliu a respiração.

-É persistente, hem, querida?

-Tenho frio - ela balbuciou, afastando à força a culpa que sentia por ser desonesta com ele. Era por uma boa causa.

O longos braços se fecharam fortemente ao redor dela.

-Cuidarei de você, Jillian, eu prometo.

-Onde estão, Gilles? - perguntou Ronin.

-Aproximadamente três milhas a leste, milord.

Ronin deu, nervosamente um puxão em seu tartán e se voltou para seu irmão.

-Estou bem assim?

Balder sorriu abertamente.

-*Estou bem assim?* – imitou-o, brincando para uma audiência imaginária.

Ronin lhe deu um falso murro no braço.

-Pare, Balder. Isto é importante. Vou conhecer a esposa de meu filho hoje.

-Vai ver a teu filho hoje - corrigiu Balder.

Ronin lançou seu olhar para as pedras.

-Sim, o mesmo que vi e amparei - disse finalmente. Sua cabeça voltou para trás e recorreu a Balder com o olhar ansioso – O que acontecerá se ele ainda me odiar, Balder? O que faço se ele vem, me cospe na cara, e se vai?

O sorriso brincalhão de desfez dos lábios de Balder.

-Então baterei neste rapaz insensato, o amarrarei, e nós dois falaremos com ele. Persuasivamente e em nosso tempo livre.

O rosto de Ronin se iluminou consideravelmente.

-Agora, há um plano - disse com otimismo - Talvez pudéssemos fazer isso logo, que me diz?

-Ronin.

Ronin encolheu os ombros.

-Simplesmente parece o rumo mais direto - disse defensivamente.

Balder avaliou seu irmão, seus dedos nervosos agitados, alisando o tartán cerimonial. Seu cabelo negro liso penteado, generosamente salpicado de prata. Seu *sgain dubh* adornado com jóias e seu *sporrán* de veludo. Seus ombros amplos e sua cintura não tão delgada. Ele permanecia de pé, mais alto e orgulhoso do que Balder vira em anos. Seus olhos azuis refletiam alegria, esperança, e... medo.

-Luzes como um grande lord, meu irmão - Balder disse baixo - Qualquer filho estaria orgulhoso de te chamar de pai.

Ronin fez uma respiração profunda e inclinou a cabeça.

-Esperemos que esteja certo. Os estandartes estão pendurados, Gilles?

Gilles sorriu abertamente e assentiu.

-Se estão suntuosos, milord - acrescentou orgulhosamente - E devo dizer que Tuluth está com uma aprência muito refinada para todos nós. O vale claramente cintila. Qualquer rapaz teria gosto em ver tudo isto como seu *próspero* futuro.

-E o Hall dos Lords, foi limpo e aberto? Estão as tochas acesas?

- Sim, milord, e já penduramos o quadro na sala de jantar.

Ronin tragou o ar renovador e começou a andar de um lado para outro.

-Os aldeões já foram informados? Todos eles?

-Estão esperando nas ruas, Ronin, e os estandartes foram pendurados em todos os lugares de Tuluth igualmente. É a melhor boas vindas que já vi em qualquer lugar - disse Balder.

-Tenhamos somente a esperança de que ele pense assim - Ronin replicou, andando.

Os dedos de Grimm apertaram a cintura de Jillian à medida que *Occam* avançava cuidadosamente para o alto do Acantilado de Wotan.

Ele não tinha a intenção de levar Jillian às úmidas cavernas frias, onde o fogo pedria obrigá-los a sair correndo pela neblina se o vento repentinamente mudar de direção em um dos túneis, mas da entrada poderia avaliar a situação do povoado e do castelo. Se qualquer parte deste estivesse ainda de pé, então esquadriharia pela fumaça de alguma chaminé se alguém habitava o povoado fantasma. Além do mais, preferia que Jillian visse imediatamente que lugar desolado era, assim desejaria ir para Dalkeith tão rápido quanto fosse capaz. Ela parecia ter se recuperado muito rápido, mesmo que ainda estivesse fraca e tomada por um desassossego intermitente.

O sol iluminou o pico da abertura. Não se poria ainda por várias horas, dando-lhes tempo suficiente para avaliar os perigos potenciais e assegurar um refúgio em alguma parte do povoado arruinado. Se Jillian estivesse bem na manhã seguinte, então poderiam cavalgar velozmente para as areias de Dalkeith. Para evitar conduzir os McKane para a fazenda Douglas, ele tinha a intenção de parar em um povoado próximo e enviar um mensageiro à Hawk. Se encontrariam discretamente para discutir a possibilidade de convocar um exército e planejar seu futuro e o de Jillian.

À medida que as pedras altas do Acantilado de Wotan surgiam a vista, o peito de Grimm se apertou dolorosamente. Se obrigou a fazer respirações profundas, calmas, enquanto passavam pelo caminho rochoso. Não tinha antecipado a força com que a suas lembranças amargas subiram à superfície. A última vez que tinha passado por esse caminho fora há quinze anos e isso mudara sua vida. *Escuta-me, Odín! Convoco o Berserker...* Ali morrera um menino e nascera um monstro.

Suas mãos se converteram em punhos. Como podia considerar retornar aqui? Mas Jillian se aconchegou contra ele, buscando calor, e ele supôs que entraria em Tuluth voluntariamente mesmo que estivesse ocupada por hordas de demônios, somente para mantê-la segura e quente.

-Está tudo bem, Grimm?

Que típico de Jillian, ele se maravilhou. Apesar de sua doença, sua preocupação era para ele.

-Estou bem. Estaremos aquecidos logo, querida. Somente descansa. - Ele soou tão preocupado que Jillian teve que morder a língua para impedir que escapasse uma confissão de culpa instantânea - Precisamente daqui a pouco, poderá ver onde deveria estar o povoado - disse o homem, o pesar deixando áspera sua voz - Não posso imaginar como será ver Caithness destruída.

-Não tive a intenção de te trazer de volta a um lugar que é tão doloroso...

-Aconteceu há muitos anos. É quase como se houvesse ocorrido em outra vida.

Jillian se endireitou quando chegaram no topo e registraram a paisagem com olhos curiosos.

-Ali - Grimm dirigiu sua atenção para o Acantilado. Desde o promontório, o vale inteiro surgia à vista. Ele sorriu levemente - Eu costumava subir aqui e olhar de cima para a terra, pensando que um rapaz nunca havia nascido mais afortunado do que eu.

Jillian se sobressaltou. *Occam* avançou com o andar seguro. Jillian contevo o medo à medida que se aproximavam da borda.

-As cavernas estão atrás de nós, além dessa barreira de pedras onde a inclinação da montanha é mais pronunciada. Meu melhor amigo, Arron, e eu uma vez juramos que descobriríamos cada túnel, cada câmara nessa montanha, mas as trilhas apareciam aos montes, sempre. Quase havíamos percorrido um quarto delas antes de... antes...

A recordação pareceu arrastá-lo ao confronto de seus demônios.

-O teu amigo foi assassinado na batalha?

-Sim.

-Teu pai foi ferido na batalha? - perguntou amavelmente.

-Ele deveria ter morrido - disse Grimm com voz apertada - Um McKane enterrou uma lança de combate em seu peito por completo. É assombroso que tenha sobrevivido. Durante vários anos depois, presumi que ele estivesse morto.

-E tua mãe? - perguntou ela em um susurro.

Fez-se um silêncio pesado, arruinado somente pelo som monótono das patas de *Occam*.

-Poderemos ver o vale de um momento para outro, querida.

O olhar de Jillian se fixou na orla do vale, onde a rocha terminava abruptamente e se convertia em um horizonte. Centenas de pés abaixo dela se encontravam as cinzas de Tuluth. Ela se ergueu mais, quase se torcendo em cima do cavalo em sua ansiedade, e se fortaleceu para a cena sombria.

-Sustente-se, querida - Grimm a serenou à medida que davam os últimos passos para o Acantilado e contemplavam o vale sem vida.

Por quase cinco minutos ele não falou. Jillian não estava certa de que sequer respirava. Por outro lado, ela não estava certa de poder fazê-lo tampouco.

Abaixo deles, aninhada ao redor de um rio cristalino e vários lagos brilhantes, uma cidade vibrante pululava de vida, as cabanas brancas laradas pelo âmbar suave do sol da tarde. Centenas de casas preenchiam o vale em longas filas ao longo das ruas meticulosamente conservadas. A fumaça do fogo acolhedor girava em espiral prazerosamente saindo das chaminés, mesmo que ela não pudesse ouvir as vozes, podia ver as crianças correndo e brincando. As pessoas perambulavam pelos caminhos onde um cordeiro ocasional ou uma vaca vagabundeavam. Dois cachorros brincavam em uma orte pequena. Ao longo do caminho principal que fluía pelo centro da cidade, os estandartes brilhantemente coloridos ondeavam na brisa.

Assombrada, ela escutinou o vale, seguindo o rio até a frente da montanha. Borbulhava uma fonte subterrânea na base da montanha, o castelo elevando-se na pedra por cima dela. Sua mão tapou os lábios para afogar um grito de comoção. Não era isso o que tinha esperado ver.

Um castelo pouco acolhedor e lúgubre, ele o havia chamado.

Nada poderia estar mais longe da verdade. O castelo Maldebann era o castelo mais belo que ela alguma vez havia posto os olhos. Suas torres lindamente esculpidas e sua frente régia, pareciam ter sido esculpidas pelo martelo e pelo cinzel de um escultor visionário. Construído de pedra cinza clara, se levantava em arcos poderosos de uma altura impressionante. A montanha, de maneira extraordinária, contornava o vale por completo, e o castelo se estendia ao longo do vale, suas alas expandindo-se a leste e a Oeste.

Suas torres poderosas faziam com que Caithness parecesse uma granja de verão... não, a casa da árvore de um menino. Não estranhava que o Castelo Maldebann tivesse sido o foco de um ataque; era uma fortaleza incrível, cobiçada. O caminho da guarda sobre os muros estavam guardadas por dezenas de figuras uniformizadas. A entrada já era visível dali de onde estava, na porta menor da fortificação, e media quase dez metros. As mulheres brilhantemente vestidas lotavam as passagens inferiores, correndo a toda pressa ao longo do caminho com cestas e crianças.

-Grimm? - Jillian sussurrou seu nome. Ruínas? Sua testa se enrugou com curiosidade enquanto se perguntava o que estava acontecendo. Era possível que Grimm houvesse se enganado, sem compreender quem havia perdido a batalha tão desafortunada anos atrás?

Um estandarte enorme com um desenho de palavras determinas ondeava por cima da entrada do castelo. Jillian estreitou seus olhos para melhor enxergar, igual como Zeke fazia e ela tanto implicava, mas não pôde divisar as palavras.

-O que diz, Grimm? - se esforçou para dizer em um susurro, impressionada pela visão inesperada de paz e prosperidade descortinando-se ante seus olhos.

Por um momento longo ele não respondeu. O ouviu tragar convulsivamente atrás dela, seu corpo tão rígido como a rocha onde *Occam* pusera suas patas.

-Pensa que possivelmente algum outro clã chegou a este vale e o reconstruiu? - propôs fracamente, procurando uma explicação ou qualquer razão que pudesse encontrar, para dar um sentido àquilo.

Ele soltou uma respiração sibilante e logo enfatizou com um gemido.

-Eu duvido, Jillian.

-Mas é possível, não? – insistiu, no caso de Grimm não ter herdado a loucura do seu pai, pois somente um loco poderia chamar essa cidade esplêndida de ruína.

-Não.

-Por quê? Digo, como pode estar tão certo disso? Ainda não consigo ler o que está escrito no estandarte.

-Porque esse estandarte diz '*Bem vindo à casa, filho*' - ele murmurou com espanto.

CAPÍTULO 28

-Como pode isto ter sentido, Grimm? - Jillian perguntou enquanto o silêncio tenso entre eles aumentava. E ficou olhando inexpressivamente o vale. Ela se sentiu repentina e incômodamente confusa.

-Eu ainda não estou entendendo direito – Ele desceu do lombo de *Occam* e a ajudou a descer para ficar a seu lado.

-Você está? – Grimm fez eco incrédulamente. Não podia encontrar um pouco de sentido tampoco. Sua casa não era uma ruína de cinzas esparramadas através do sólo do vale como, supunha devesse estar, mas um lugar enfeitado com estandartes de boas vindas alteando nas torres.

-Sim - ela se animou - Estou. Me disse que este lugar havia sido destruído.

Grimm não conseguia arrancar seus olhos da visão do vale. Estava aturdido, qualquer esperança de lógica descarrilhava para a comoção. Tuluth era cinco vezes o tamanho que uma vez havia sido, a terra lavrada em seções modeladas, as casas duas vezes mais grandes. Não deviam as coisas supostamente parecer mais pequenas quando se tornasse adulto? Objetou sua mente, com uma sensação crescente de desorientação. Esquadrinhou as rochas atrás dele, buscando a boca escondida da caverna para assegurar-se de que estava parado no Acantilado de Wotan e que certamente Tuluth estava debaixo dele. O rio fluindo através do vale era duas vezes mais amplo, mais azul que o maldito lapislázuli: mesmo a montanha parecia ter crescido.

O castelo Maldebann era outro assunto. Havia mudado de cor? Ele o recordava como um monolito de altura imponente, esculpido na obsidiana mais negra, todo cheio de ângulos severos e fechados, gárgolas e musgo gotejante. Seu olhar perambulou incrédulamente sobre as linhas fluidas da pálida estrutura cinza e atraente. Completamente ocupado, alegremente funcional, condecorado, por Deus, com estandartes.

Estandartes onde se lia "*Bem vinda à casa*".

Grimm tremeu sobre seus joelhos, arregalou os olhos, fechou-os e voltou a abri-los. Jillian o observou com curiosidade.

-Está ainda ali, não é verdade? - disse ela compadecida.

Grimm lhe lançou um olhar rápido e ficou aturdido ao ver um meio sorriso curvando seus lábios.

-Há algo de divertido acerca disto, querida? - perguntou, inexplicavelmente ofendido.

A compaixão instantânea inundou seu íntimo. Ela colocou a mão suavemente sobre seu braço.

- Oh, Não, Grimm. Não pense que rio de você. Eu rio do quanto surpreendidos estamos, e em parte também de alívio. Esperava uma cena atroz. Isto é a última coisa que esperávamos ver. Sei que a emoção deve ser dumplamente dura para você, para absorvê-la, mas pensei que ficaria feliz como eu me senti quando regressou à Caithness.

-Como poderia, querida?

-Bem, quando era pequena você me parecia tão grande. Quero dizer enorme, monstruoso, o maior homem do mundo. E quando regressou, desde que cresci, esperava que finalmente te veria menor. Não é menor do que eu, mas ao menos menor do que a última vez que te vi de perto.

-E? - a incentivou a continuar.

Ela negou com a cabeça, desconcertada.

-Não aconteceu assim. Te vi maior.

-Este é seu modo de ver as coisas? – Ele desviou seu olhar do vale e a olhou firmemente.

-Bem, você estava esperando que parecesse tudo menor, não é verdade? Suspeito que é provavelmente muito maior do que espeva. Chocante, não?

-Estou esperando teu ponto de vista, querida - ele disse secamente.

-Posso ver que alguém deveria ter te contado mais fábulas quando era jovem - ela reclamou - Meu ponto de vista é: a memória pode ser uma coisa enganosa – declarou - Quem sabe o povoado nunca se destruiu completamente. Quem sabe simplesmente te pareceu assim quando se foi. Saiu à noite? Estava muito escuro para ver claramente?

Havia então acreditando que seu povoado e sua casa tinham sido destruídos e que ele era uma fera perigosa. Havia estado cheio de ódio e desespero, esperando pouco da vida.

Agora, quinze anos mais tarde, se inclinava no mesmo abismo, segurando as mãos da mulher que amava mais que a própria vida, olhando fisicamente essas paisagens impossíveis. Se Jillian não estivesse com ele, se tivesse dado meia volta e ido embora, sem permitir a si mesmo perguntar-se que magia estranha havia sido derramada nesse vale, o seu desespero seria completo. Levantou a mão de sua mulher até seus lábios e a beijou.

-Minhas lembranças sobre você nunca me decepcionaram. Sempre me recordei de você como o melhor que a vida tinha para oferecer.

Os olhos de Jillian se encheram de lágrimas. Ela tentou falar, mas terminou por fazer um estrangulado e pequeno som no lugar disso. Grimm se pôs rígido, interpretando seu som como um grito de incômodo.

-Eu aqui, te mantendo do lado de fora no frio, quando você está enferma.

-Isso não é o que... não - ela tartamudeou - Verdadeiramente, me sinto muito melhor agora - Quando ele a observou perspicazmente, ela acrescentou -Oh, mas preciso chegar a algum lugar quente logo, Grimm e esse castelo certamente se vê que é quente - o olhou esperançosamente.

O olhar de Grimm voltou rapidamente para o vale.

-Dá para ver que o castelo é quente. E bem fortificado.

Não havia lugar mais seguro para onde pudesse levá-la, e por que não? Havia dezenas de estandartes de "*bem vindo à casa*" pendurados em todas as posições. Se os McKane o perseguiam, então que melhor lugar para levantar-se e lutar contra eles? Que estranho era regresar a Tuluth depois de todos esses anos, com os McKane em seus calcanhares outra vez. Chegaria o senhor de tudo para finalmente completar o círculo e fechá-lo? Quem sabe nem precisariam ir à Dalkeith organizar um exército para lutar contra os McKane depois de tudo.

Mas teria que enfrentar seu pai. Deu um suspiro frustrado e ponderou suas opções. Como poderia descer por esse vale que acumulava todos seus medos mais profundos? Como poderia explicar a Jillian que mudariam de direção e que deixariam o cavalo? O que aconteceria se sua doença voltasse? E se os McKane os prendessem? Estava confuso pelo embate de perguntas sem respostas claras. Descobrir que Tuluth era este... este lugar glorioso era... muito impactante para que sua mente pudesse absorver-lo.

Jillian se sobressaltou e apertou seu estômago. Suas mãos se tensionaram sobre as dela e ele invocou sua força de vontade legendaria, consciente de que antes que esse dia estivesse acabado, necessitaria de cada grama dela.

Não tinha alternativa. Velozmente voltaram a montar e começaram a descer.

-Estão vindo!

-Vai ficara tudo bem, você verá.

O lord McIlloch fez uma careta.

-É fácil para você dizer. Não é teu filho. Te digo uma coisa, aposto que ele virá para cuspir em minha cara.

Balder negou com a cabeça e fez um esforço para não rir.

-Se essa é tua pior preocupação, meu velho, não tem nada com que preocupar-se.

Grimm e Jillian desceram pela parte de trás do Acanilado de Wotan, giraram em torno da base dele, e tomaram o caminho serpenteante na boca do vale. Cinco montanhas enormes formavam uma fortaleza natural ao redor do vale, levantando-se como os dedos suaves de uma mão aberta. a cidade povoada estava protegida dentro dessa mão, frondosa, pulsante de vida. Jillian rapidamente concluiu que quando os McKane haviam atacado Tuluth anos atrás, eles já deviam ser completamente soberbos ou possivelmente vastos em números.

Como se ele tivesse lido sua mente, Grimm disse:

-Não fomos sempre assim tão numerosos, Jillian – E nos quinze anos passados, Tuluth não só parecia ter recobrado seus homens perdidos na batalha contra os McKane, como ter aumentado, enquanto seu olhar atônito varria o vale, pela quinta vez. Ele silvou, e negou com a cabeça – Alguém deve ter reconstruído tudo isso.

-Tem certeza que teu pai está demente?

Grimm fez uma careta.

-Sim - *Tão certo como estou de qualquer coisa neste momento*, acrescentou silenciosamente.

-Bem, para ser um homem demente, certamente parece ter feito maravilhas aqui.

-Não creio que ele tenha algo haver com isso. Alguma outra coisa deve ter acontecido.

-E os estandartes de "*Bem vindo à Casa, filho*"? Acho que você me disse que não tem irmãos.

Ele se deu conta de que logo teriam uma vista clara do primeiro desses estandartes e ele não lhe havia dito a verdade a Jillian: que não havia absolutamente nenhum equívoco acerca de quem estava esperando, porque não tinha sido inteiramente verdadeiro: dezenas de estandartes pendiam ao longo da cidade efetivamente clamando: "*Bem vindo, Gavrael*".

Jillian se retorceu, tentando obter uma melhor visão. Apesar de suas preocupações, suas cadeiras exuberantes zigzagueando contra sua virilha lhe enviaram um relâmpago de luxúria através de suas veias. As lembranças da noite anterior o provocavam por dentro, mas não podia permitir-se distrações.

-Fique quieta - grunhiu.

-Somente quero ver.

-Vai ver o céu deitada de costas se continuar contorcendo-se dessa maneira, querida - Ele a alojou melhor contra si para que ela sentisse o que havia conseguido retorcendo-se. Nada lhe agradaria mais que perder-se na paixão de Jillian e, quando ela estivesse sonolentemente saciada, a levaria a mais de cem milhas em outra direção.

Estavam numa distância adequada para ler os estandartes quando Jillian se inclinou para frente outra vez. Grimm engoliu em seco e se fortaleceu para as perguntas que sabia se seguiriam.

-Pois... não se trata de você totalmente, Grimm - ela disse duvidosamente - Este estandarte não diz '*Bem vindo a casa, filho*'. Diz '*Bem vindo a casa, Gavrael*' - Ela fez uma pausa, mordiscando seu lábio - Quem é Gavrael? E como conseguiu ler daquela distância mas confundir a palavra *filho* por *Gavrael*? As palavras não são nada parecidas.

-Deve ser tão lógica? - Ele disse com um suspiro. Reconsiderou dar meia volta em *Occam* e dirigir-se completamente em outra direção sem oferecer uma explicação, mas sabia que seria só um alívio temporal. Finalmente, Jillian lhe traria de volta, de uma ou de outra maneira.

Aparentemente, era hora de confrontar seus demônios, todos eles ao mesmo tempo. Pelo sinuoso caminho a frente deles havia um desfile de pessoas, inclusive uma banda de gaitas e tambores, e se sua memória não falhasse, a frente de todos estava alguém muito parecido com seu pai. Assim como o homem que cavalgava a seu lado. O olhar de Grimm passou como uma faísca de um lado a outro entre eles, buscando alguma pista que lhe ajudasse a dizer qual deles era seu pai.

Repentinamente uma pior compreensão o golpeou, uma que, atordoado por não entender o que acontecera a sua casa, havia passado por alto interamente. No momento que vislumbrara a próspera Tuluth, o susto havia feito com que seu medo mais profundo fosse jogado para o fundo da sua mente. Agora regressava com a força de uma onda gigantesca, inundando-o com um desespero calado.

Se sua memória fosse confiável, e essa ao que parece era a pergunta do dia, então as faces familiares que estavam chegando queria dizer que algumas das pessoas que cavalgavam até eles sabiam que ele era um *Berserker*.

Em um instante, poderiam trair seu segredo terrível para Jillian, e ele a perderia para sempre.

CAPÍTULO 29

Grimm fez com que *Occam* fizesse uma parada abrupta, e o garanhão ergueu-se e levantou-se nas patas traseiras. Susurrando as palavras mais tranquilizadoras que podia se lembrar em sua inquieta condição, Grimm acalmou o alarmado corcel cinza e resvalou de suas costas.

-Que está fazendo? - Jillian estava asombrada por sua rápida descida.

Grimm estudou o terreno atentamente.

-Preciso que permaneça aqui, querida. Venha quando eu te chamar por um sinal, mas não antes. Prometa-me que esperará até que te chame.

Jillian estudou-o, sua cabeça inclinada. Depois de um debate interno, breve, ela estendeu a mão e acariciou seu cabelo escuro. Ele voltou seu rosto para dentro de sua mão e beijou sua palma.

-Não tenho visto estas pessoas em quinze anos, Jillian.

-Permanecerei aqui, prometo.

Ele lhe deu um silencioso "*obrigado*" com os olhos. Estava perdido em emoções conflitivas, mas sabia que tinha que se aproximar só. Somente quando houvesse conseguido um juramento dos aldeões para proteger seu segredo, buscaria Jillian para entrar na cidade e se ocuparia de sua comodidade. Se ela estivesse perigosamente doente, então ele estaria se arriscando a perder seu amor para salvar-lhe a vida, mas se estava apenas incapacitada, e ainda que lamentasse qualquer incômodo que pudesse sofrer, não estava disposto a ver em seu rosto o medo e a repulsão que havia vislumbrado em seus sonhos. Não podia permitir-se aceitar nenhum risco.

Satisfeito por ela ter concordado em esperar a distância até que a chamasse, Grimm se voltou e correu a toda pressa pelo caminho de terra até o barulho próximo. Seu coração parecia estar na garganta, e se sentia como se estivesse sendo partido em dois. Atrás dele estava a mulher que amava; adiante, estava o passado que havia jurado nunca mais enfrentar a luz do dia.

Na vanguarda do grupo, montavam dois homens de físico e altura igual, ambos com grosos fios de cabelo negro, generosamente raiados com prata. Ambos tinham rostos firmes e fechadas barbas orgulhosas; ambos tinham uma expressão similar de alegria em suas feições. O que se passava ali? Grimm se perguntou.

Era como se tudo em que ele alguma vez acreditara houvesse sido uma mentira. Tuluth havia sido destruída, mas Tuluth era uma cidade próspera. Seu pai tinha sido um demente, mas alguém com uma mente estável e costas fortes havia reconstruído essa terra. Seu pai parecia extraordinariamente feliz de vê-lo, e ainda que Grimm não houvesse tido a intenção de regressar, seu pai aparentemente havia estado esperando-o. Como? Por que? Milhares de perguntas passaram como um relâmpago por sua mente no curto espaço de tempo que levou para cruzar a distância entre eles.

O desfile de pessoas começou a aumentar à medida que ele se aproximava, seus rostos distendidos em sorrisos. Como podia um homem esperar andar entre gente tão eufórica com ódio em seu coração?

E por que eles estavam orgulhosamente felizes de vê-lo?

Ele deteve sua carrida rápida a uma dezena de metros da linha de fogo. Incapaz de ficar quieto, iniciou uma caminhada lenta no mesmo lugar, respirando severamente, não por causa da corrida e sim por causa do encontro tão temido que estava por vir.

Os dois homens que tanto se pareciam se separaram do povo. Um deles levantou uma mão até que o cortejo e a turba ficasse silenciosa, mantendo uma distância respeitosa enquanto eles cavalgavam até adiante. Grimm deu um olhar por sobre o ombro para assegurar-se de que Jillian não o seguira. Com alívio, viu que havia obedecido sua ordem, mas se ela se inclinasse um pouco mais sobre a cabeça de *Occam* para saber o que acontecia ali, logo logo teria que levá-la do chão.

-Gavrael.

A voz profunda tão parecida com a sua própria o fez voltar a cabeça. Ele cravou o olhar nos dois homens, indeciso de qual havia falado.

-Grimm - corrigiu instantaneamente.

O homem da direita fez um som em uma linguagem arrogante de imediato.

-Que condenadamente maldita classe de nome é Grim³? Por que não chamar-se "Deprimido", ou "Melancólico"? Não, já sei, que tal: *Woebegone*⁴ - Ele lançou um olhar totalmente indignado a Grimm e bufou.

-É melhor do que *McIlloch* - disse Grimm rigidamente - E não é Grim com um "m". É Grimm, com dois emes.

-Bem, por que mudou teu nome de todas as maneiras, rapaz? - O homem da esquerda fez pouco para disfarçar sua expressão ferida.

Grimm explorou seus rostos, tentando desesperadamente decidir qual era seu pai. Ele não tinha a menor idéia do que poderia fazer quando descobrisse, mas realmente ele gostaria de saber qual era, para cuspir o veneno que estivera armazenando por anos incalculáveis. Não, não incalculáveis, se corrigiu: quinze anos de palavras enfurecidas que ele queria jogar sobre o homem, palavras que haviam infectado a metade de sua vida.

-Quem é você? - perguntou ao homem que mais recentemente havia falado.

O homem se voltou para seu companheiro com um olhar triste.

-Quem sou eu, ele me pergunta, Balder. Pode crer nisso? Quem sou?

-Ao menos não lhe cupiu - Balder disse suavemente.

-Você é Ronin - acusou Grimm. Se um se chamava Balder, então o outro tinha que ser seu pai, Ronin *McIlloch*.

-Não sou Ronin para você - o homem exclamou indignado - Sou teu *pai*.

-Você não é meu pai - respondeu Grimm em uma voz tão fria que competia com o vento mais acerbo das Highlands.

Ronin contemplou Balder acusadoramente.

-Eu lhe disse.

Balder negou com a cabeça, arqueando uma sobrancelha espessa.

-Ele ainda não te cuspiu.

-Que diabos tem cuspir haver com isto?

Balder pronunciou lenta e pesadamente:

-Bem, rapaz, essa é a desculpa que estou considerando para não prender teu pescoço rancoroso e te arrastar de volta ao castelo, onde posso te ensinar a ter algum bom senso e respeito pelos mais velhos.

-Você pensa que poderia? - Grimm desafiou serenamente. Uma mescla perigosa de emoções pedia fortemente a gritos, uma briga.

Balder riu, o som jovial retumbando de seu peito grosso.

- Amo uma boa briga, rapaz, mas um homem como eu poderia comer um cachorro como você em um arregar de mandíbulas.

Grimm dirigiu um olhar obscuro até Ronin.

-Ele sabe o que eu sou? - a arrogância sobressaltou em sua pergunta.

-Você sabe o que eu sou? - Balder repetiu suavemente.

Os olhos de Grimm voltaram rapidamente para seu rosto.

-Que quer dizer? - perguntou tão rápido que o som saiu como se fosse uma só palavra. Estudou Balder fixamente. Os olhos irônicos de um azul gelo se encontraram no mesmo nível. Impossível! Em todos seus anos, nunca havia encontrado outro *Berserker*!

Balder negou com a cabeça e suspirou. Trocou olhares com Ronin.

-O rapaz é muito torpe, Ronin. Estou te avisando, ele é difícil de entender.

Ronin se inflou com o orgulho ofendido.

-Não, ele não é. Ele é meu filho.

-O rapaz não sabe a primeira coisa sobre si mesmo, mesmo depois de todos esses...

-Bem, como poderia saber isso

-E qualquer imbecil teria imaginado...

-Isso não significa que ele seja torpe...

-*Haud your wheesht!* - riu Grimm.

³ Grim: em inglês, Sombrio (Nota da Tradutora)

⁴ Woe-be-gone: A aflição já se foi (Nota da Tradutora)

-Não há necessidade de rugir sobre minha cabeça, menino - repreendeu Balder - Não é o único com o temperamento de um Berserker aqui.

-Não sou um menino. Não sou um rapaz. Não sou um imbecil - disse Grimm lentamente, decidido a assumir o controle da conversa. Teria tempo depois para descobrir como Balder tinha virado um *Berserker* - E quando a mulher que veio comigo se aproximar, você bondadosamente explicará aos serventes, aos aldeões e ao clã inteiro que não sou um *Berserker*, me entendeu?

-Não é um *Berserker*? - As sobancelhas de Balder se ergueram.

-Não é um *Berserker*? - A fronte de Ronin se enrugou.

-Não sou um *Berserker*.

-Mas você é - susteve Ronin insistentemente.

Grimm olhou furiosamente para Ronin.

-Mas ela não sabe isso. E se descobrir, então me deixará. E se ela me deixar, não terei outra alternativa exceto matar ambos - disse Grimm taxativo.

-Bem - Balder suspirou com fúria, profundamente ofendido - Não há necessidade de jogar sujo acerca destas coisas, rapaz. Estou certo de que encontraremos a melhor maneira de colocar as coisas em orden.

-Duvido disso, Balder. E se me chamar de rapaz mais uma vez, estará com problemas. Lhe cuspirei, e te darei o motivo que está procurando, e precisamente veremos se um *Berserker* decadente pode suportar outro em cima.

-De novo os *Berserkers* - Ronin corrigiu orgulhosamente.

A cabeça de Grimm girou ao redor, e cravou os olhos em Ronin. Os olhos idênticos de azul gelo. O dia continuava apresentando uma revelação desconcertante depois da outra. Ele encontrou refúgio no sarcasmo:

-Que diabos é isto, o vale dos *Berserkers*?

-Algo assim, Gavrael - Balder respondeu, se esquivando de um golpe de Ronin.

-Meu nome é Grimm

-Como tem a intenção de explicar o nome nos estandartes a tua esposa?- Ronin perguntou.

-Ela não é minha esposa - se evadiu Grimm. Não havia pensado nisso ainda.

-O que? - Ronin indignado, quase se pôs de pé nos estribos - Você trouxe uma mulher aqui em desonra? Nenhum filho meu faz canalhices com sua prometida sem oferece-lhe uma união apropriada.

Grimm enterrou suas mãos nos cabelos. Seu mundo ficara louco. Esta era a conversa mais absurda que ele poderia se recordar de já ter mantido.

-Não tive tempo de me casar com ela ainda! E eu o farei logo que puder. A falta de tempo é a única razão pela qual ela não é minha esposa. E você - apontou furiosamente para Ronin - você não foi um pai para mim por quinze anos, assim não pense que pode começar a atuar como um agora.

-Não tenho sido um pai para você, porque você não voltou para casa!

-Você sabe porque que eu não vinha para casa - Grimm falou furiosamente, seus olhos resplandecendo.

Ronin se sobressaltou. Fez uma respiração profunda, e quando falou outra vez pareceu intimidado pela cólera de Grimm.

-Sei que falhei com você - disse, seus olhos cheios de arrependimento.

-Falhar é pouco para dizer - Grimm falou entre dentes. Perdeu a firmeza com a resposta de seu pai. Ele havia esperado que o velho se enfurecesse de novo, ou talvez que o atacasse como o bastardo que era. Mas havia arrependimento genuíno em seu olhar. Como se supunha que devesse lidar com isso? Se Ronin se enfurecesse como antes, então ele poderia soltar a cólera que brigava consigo mesmo no íntimo. Mas Ronin não o fez. Ele simplesmente se sentou em seu cavalo e o contemplou tristemente, fazendo com que Grimm se sentisse ainda pior.

-Jillian está doente - disse Grimm bruscamente - Precisa de um lugar quente para ficar.

-Ela está doente? - bradou Balder - Pela lança de Odín, rapaz, tinha que esperar até agora para dizer a coisa mais importante?

-Rapaz? - Grimm pronunciou a simples palavra deixando claro sua ameaça.

Mas Balder estava sereno. Sua boca se torceu com um sorriso de desprezo.

-Olhe para você, filho de McIlloch, não me assusta. Sou muito velho para me retorcer por causa do grunhido de um cachorrinho. Não me deixará te chamar pelo nome dado por Deus, e eu me recuso a te chamar por esse apelido ridículo que escolheu, neste caso então será 'rapaz' ou 'moleque'. Qual você prefere? - A risada debochada do homem maior era ameaçadora.

Grimm se viu tentando conter um sorriso. Se não estivesse tão firmemente decidido a odiar esse lugar, até que lhe cairia bem esse velho Balder grunhiu. O homem ordenava respeito e claramente não suportava as exigências de ninguém.

-Então pode me chamar de rapaz com uma condição - aplacou - Tenham cuidado com a minha mulher e guardem meu segredo. E se assegurem de que os aldeões façam o mesmo.

Ronin e Balder trocaram olhares e suspiraram.

-Feito.

-Bem vindo à casa, rapaz - acrescentou Balder.

Grimm revirou os olhos.

-Sim, bem vindo...- Ronin começou, mas Grimm levantou um dedo acusador.

-E você, velho - disse a Ronin - Se eu fosse você, me cuidaria muito até para respirar - avisou.

Ronin abriu sua boca, logo a fechou, seus olhos azuis escurecidos de dor.

CAPÍTULO 30

Jillian não podia deixar de sorrir. Era quase impossível não fazê-lo em meio a tal excitação. Como esperava Grimm manter o olhar tão taciturno, estava além de sua compreensão.

Se resignou a tentar imitá-lo, o que fez muito contra sua vontade, porque em toda parte encontrava algo encantador e Grimm parecia tão miserável que a desanimou. Sabia que deveria sentir mais compaixão por seu problema, mas era difícil sentir compaixão quando sua família estava tão cheia de alegria por dar-lhe as boas vindas de volta ao lar. E que lar grandioso era.

Gavrael, ela se corrigiu silenciosamente. Em vez de dar-lhe um indício claro para que se unisse a eles depois que ele saudara seu pai, havia corrido a toda velocidade de volta para trazê-la e poder cavalgarem juntos. Rodeado pelas pessoas alvoroçadas, ele lhe havia explicado que quando deixara Tuluth anos atrás, assumira um nome novo. Seu nome real, ainda que ele insistisse que ela continuasse chamando-o de Grimm, era Gavrael Roderick Icarus McIlloch.

Ela suspirou sonhadora. Jillian Alanna McIlloch; disse em voz alta, era uma combinação maravilhosa. Ela não tinha dúvida de que Grimm se casaria com ela logo que se estabelecessem.

Grimm tensionou o aperto em sua mão e murmurou seu nome para atrair sua atenção.

-Jillian, volta de onde quer que esteja. Balder vai nos acompanhar até ao nossos quartos, e conseguiremos que você se aqueça e coma.

-Oh, me sinto muito melhor, Grimm - ela disse distraidamente, maravilhando-se com a bela escultura que adornava a galeria. Ela caminhou atrás de Balder e das criadas, felizmente de mão dada com Grimm - Este castelo é enorme, impressionante. Como você pôde pensar alguma vez que era escuro e lúgubre?

Ele lhe deu um olhar sombrio.

-Não tenho a mínima idéia - disse severamente.

-Aqui está o teu quarto, Gavrael - começou Balder.

-Grimm.

-Rapaz - Balder o olhou serenamente - E a senhorita Merry, aqui, conduzirá Jillian até o dela - disse com mordacidade.

-O quê? - Grimm ficou momentaneamente tonto. Agora que ela era sua, como podia dormir sem Jillian em seus braços?

-O quarto - Balder gesticulou impacientemente - E teu - Ele se voltou abruptamente para uma criada elegante - E Merry aqui acompanhará Jillian ao dela - Seus olhos azuis refletiram um desafio frio.

-Conduzirei Jillian até o dela por mim mesmo - Grimm concedeu repreendendo depois de uma pausa tensa.

-Mantenha-se fora disso, rapaz, siga adiante. Ainda não está casado, assim não pense que pode agir como se estivesse.

Jillian enrubescou.

-Não estou falando com você, menina - Balder se apressou em reconfortá-la - Posso ver que é uma fina dama, mas este menino é bobo como uma cabra ao seu redor, isso se pode ver claramente. Se busca as alegrias da felicidade conjugal, então pode casar-se. Sem casamento, não terá nada.

Grimm enrubescou.

-Basta, Balder.

Balder arqueou uma sobrancelha e franziu o cenho.

-E tente ser um pouco mais agradável com seu pai, rapaz. O homem te deu a vida, apesar de tudo.

Com isso, ele se voltou e caminhou pela galeria, sua barba orgulhosa destacando-se como a proa de um barco rompendo as ondas.

Grimm esperou até que desaparecesse de vista, logo pediu orientação a criada.

-Escoltarei Jillian até seu quarto - informou a Merry com olhar travesso. Para o grupo de criadas, ele disse, recorrendo o olhar por Jillian preocupadamente - Providenciem para que tenhamos uma tina cheia de vapor e... que tipo de comida pode tolerar teu estômago, querida?

Qualquer coisa e tudo, Jillian pensou. Estava famélica.

-Qualquer coisa - disse sucintamente.

Grimm sorriu levemente, terminou de dar instruções as criadas, e escoltou Jillian até seus aposentos.

Quando entraram no quarto, Jillian exalou um suspiro de prazer. Sua câmara estava luxuosamente decorada como o resto de Maldebann. Quatro janelas altas agraciavam a parede oeste do dormitório, e dali se podia espiar o círculo solar sobre as montanhas. As alfomadas brancas de pele de cordeiro enchiam o chão. A cama estava esculpida em madeira vermelha, e com um acabamento vibrante, coberta por um toldo de puro linho branco. Um fogo alegre ardia em uma lareira enorme.

-Como se sente, Jillian? - Grimm fechou a porta e a atraiu para seus braços.

-Estou muito melhor agora - ela o reconfortou.

-Sei que isto tudo deve realmente ser chocante...

Jillian o beijou, silenciando as más palavras. Ele pareceu sobressaltado pelo gesto, mas logo a beijou tão urgentemente que fez com que ela se erguesse na ponta dos pés e se arrepiasse de antecipação. A jovem correspondeu ao beijo, desfrutando-o enquanto podia, tentando insuflar-lhe coragem e amor, pois suspeitava que ele precisaria. Logo esqueceu suas nobres intenções à medida que o desejo aumentava entre eles.

Uma batida forte na porta os persuadiu rapidamente.

Grimm deu um passo atrás e andou com passos impetuosos até a porta, sem surpreender-se de encontrar Balder parado ali.

-Me esqueci de dizer-lhe, rapaz, que jantamos às oito - disse Balder, olhando com atenção além dele, para Jillian – Ele já te beijou muito, querida? Você simplesmente me diga pois me encargarei dele.

Grimm fechou a porta sem responder e passou a chave. Balder suspirou tão ruidosamente do lado de fora da porta que Jillian quase riu.

Enquanto Grimm caminhava de volta pra seu lado, ela o estudou. A tensão do dia era evidente; mesmo a sua usual postura orgulhosa tinha uma aparência agoniada. Quando refletiu em tudo o que ele havia passado em poucas horas, se sentiu terrível. Ele estava ocupado cuidando dela quando provavelmente podia aproveitar mais seu tempo a sós para por em ordem seus pensamentos. Ela acariciou sua face com a mão.

-Grimm, me desculpe, acha que poderia descansar um pouco antes de me reunir a mais pessoas? Quem sabe eu possa jantar em meu quarto esta noite e enfrentar o castelo amanhã?

Ela não se equivocara. Sua expressão foi uma mescla de interesse e alívio.

-Está certa de que não se importa de ficar sozinha? Tem certeza de que está bem o bastante?

-Grimm, me sinto maravilhosa. Seja o que for que me fez passar mal esta manhã, já passou. Agora somente gostaria de relaxar em um banho longo e dormir. Acho que provavelmente você tem pessoas e lugares com os quais gostaria de estar e rever.

-Você é admirável, sabe disso, querida? - Ele alisou seu cabelo e colocou uma mexa atrás de sua orelha.

-Te amo, Grimm Roderick - ela disse intensamente - Vá encontrar-se com tua gente e rever tua casa. Fique o tempo que quiser. Sempre estarei aqui para você.

-O que eu fiz para merecê-la? - As palavras brotaram violentamente dele.

Ela roçou os lábios dele suavemente.

-Me faço a mesma pergunta todo o tempo.

-Quero te ver esta noite, Jillian. Preciso vê-la.

-Deixarei minha porta sem tranca - Ela lhe deu um sorriso deslumbrante que prometia a lua e as estrelas quando ele chegasse.

Ele lhe dirigiu um último olhar terno se foi.

-Vá com ele. Eu não posso - disse Ronin urgentemente.

Os dois homens olhavam Grimm com atenção fora da janela, recostado no muro diante do castelo, contemplando o povoado. A noite havia caído, e as luzes distantes do povoado brilhavam intermitentemente, como um reflexo das estrelas que enchiam o céu. O castelo fora construído para prover uma vista sem impedimentos do povoado. Um pátio amplo de pedra delineava o perímetro, pelo leste e oeste. Se inclinava em filas até as paredes fortificadas, o pátio era rodeado por uma parede baixa, com uma altura que permitia olhar sem obstáculos o vale.

-O que você gostaria que lhe dissesse? - grunhiu Balder – Ele é teu filho, Ronin. Terá que falar com ele em algum momento.

-Ele me odeia.

-Então fale com ele e trate de ajudá-lo a superar.

-Não é tão fácil! - Ronin respondeu bruscamente, mas em seus olhos azuis Balder viu medo. O medo de que se Ronin falasse com seu filho, poderia perdê-lo uma vez mais.

Balder olhou seu irmão por um momento e então suspirou.

-Farei uma tentativa, Ronin.

Grimm observou o opulento vale tragado pela noite. Os aldeões haviam começado a iluminar as candeias e a jantar, e de onde estava, no alto do muro, podia ouvir os gritos apenas perceptíveis de pais chamando seus filhos para que entrassem nas cabanas acolhedoras, e os granjeiros juntando os animais antes de se recolherem. Era uma cena de paz e harmonia. Lançou furtivamente um olhar por sobre o ombro, para o castelo, mas nem um som vinha de lá. Era possível que os anos de fugas e esconderijos tivessem distorcido suas percepções até que tudo lhe parecesse desolado e solitário, mesmo num passado que uma vez havia sido brilhante. Sua vida se alterara tão abruptamente nesse dia desafortunado, que bem poderia ter distorcido suas recordações.

Ele poderia aceitar que houvesse se esquecido o que Tuluth era realmente. Poderia aceitar que o castelo nunca havia sido verdadeiramente ameaçador. Mas o que faria com seu pai? Ele vira com seus próprios olhos, o corpo de sua mãe. Será que ele, em sua comoção e sua pena, interpretara mal esse acontecimento também? Uma vez que a possibilidade se apresentou, a estudou de cada ângulo, sua confusão aumentando.

Ele encontrara seu pai nas pastagens do sul no começo da manhã, no momento em que Jolyn passeava pelas terras e o saudara. Ele estava à caminho, indo encontrar-se com Arron e sair para pescar. A cena estava cuidadosamente gravada em sua mente: Jolyn caída e maltratada, seu rosto era uma massa ferida, Ronin encurvado por cima dela, chorando, sangue em toda parte, e a maldita espada incriminadora em sua mão.

-Belo, não é verdade? - Balder interrompeu seu debate interno.

-Sim - Grimm replicou, meio espantado por Balder ter se unido a ele - Não me lembrava disso assim, Balder.

Balder colocou uma mão reconfortante em seu ombro.

-Isso é porque não foi sempre assim. Tuluth se ampliou tremendamente ao longo dos anos, graças aos esforços de teu pai.

-Por falar nisso, não me lembro de você tampouco - Grimm disse pensativamente - Te conhecia quando era um menino?

-Não. Passei grande parte de minha vida vagabundeando. Visitei Maldebann duas vezes quando você era bem jovem, mas só brevemente. Seis meses atrás o barco que tripulava afundou-se em uma tormenta, e me deixou na antiga terra de Alba. Achei que já era tempo de comprovar o que havia acontecido a meu clã. Sou o irmão mais velho de teu pai, mas meu desejo era conhecer o mundo, assim pressionei Ronin para que aceitasse ser o lord, e o resultado foi magnífico.

Grimm franziu a sobrancelha.

-Isso é discutível.

-Não seja tão duro com Ronin, rapaz. O que ele queria mais que tudo era que você voltasse para casa. Talvez suas memórias dele são tão apagadas como suas lembranças de Tuluth.

-Talvez - concedeu Grimm apertadamente - Mas talvez não.

-Da-lhe uma oportunidade, isso é tudo o que te peço. Conheça-o outra vez e faça um novo juízo. Há coisas que ele não teve tempo de te explicar antes. Deixa que as diga agora.

Grimm encolheu os ombros, livrando-se de sua mão.

-Não diga mais nada, Balder. Deixe-me tranqüilo.

-Prometa-me que lhe dará uma oportunidade para falar com ele, rapaz - insistiu Balder, sem desanimar com a dispensa de Grimm.

-Não foi embora ainda?

Balder inclinou sua cabeça e se retirou.

-Bem, isso não durou muito tempo - queixou-se Ronin.

-Expressei minha opinião. Agora faça tua parte - disse Balder.

-Amanhã - Ronin adiou a decisão.

Balder o olhou encolerizadamente.

-Você sabe que é estupidez tentar falar sobre algo quando as pessoas estão cansadas, e o rapaz deve estar exausto, Balder.

-Os *Berserkers* somente se cansam quando tiveram um acesso de fúria - disse Balder secamente.

-Abandone essa atuação de irmão mais velho - Ronin respondeu bruscamente.

-Bem, abandone essa atitude de irmão mais novo - Dois pares de olhos azul gelo batalharam, e Balder finalmente encolheu os ombros - Se você não quer encarar o problema, então revolva tua mente com isto: Merry ouviu Jillian dizer ao rapaz que deixaria sua porta destrancada. Se não o detivermos de alguma maneira, então esse teu rapaz desfrutará os prazeres sem pagar o preço.

-Mas ele já os provou. Sabemos disso.

-Isso não está certo. Se lhe negarmos isto, ele se animará em casar com ela mais rápido - apontou Balder.

-O que você sugere? Trancá-la na torre? O menino é um *Berserker*, a alcançará de alguma maneira.

Balder pensou um momento, logo sorriu abertamente.

-Ele não faria algo indecoroso, verdade?

Uma hora depois da meia-noite, Grimm caminhava rapidamente pelo corredor até o quarto de Jillian. Merry lhe assegurara que Jillian havia passado uma tarde descansada sem mais acessos da doença. Havia comido como uma mulher famélica, a criada alegre lhe disse.

Ele deixou que seus lábios se curvassem num sorriso que sentia brotar sempre que pensava em Jillian. Precisava tocá-la, dizer-lhe que queria casar-se com ela se ela ainda quisesse. Desejava confiar nela. A moça tinha uma mente lógica; quem sabe ela o ajudaria a ver melhor as coisas, as que não encontrava solução, quem sabe por estar muito perto dos temas implicados. Teria que se manter firme em sua posição de que ela nunca poderia saber o ele realmente era, mas poderia falar com ela sobre o que acontecera e o que lhe parecera ter acontecido há quinze anos, sem deixar escapar seu segredo.

Seu andar se acelerava à medida que dobrava a galeria que conduzia às câmaras da jovem, e por fim quase corria enquanto dobrava o corredor.

Se deteve abruptamente quando encontrou Balder, enérgicamente preenchendo com argamasa uma greta na pedra, com uma mistura de argila e rocha triturada.

-O que está fazendo aqui? - Grimm o olhou indignado - É a metade da noite.

Balder encolheu os ombros inocentemente.

-Cuidar deste castelo é um trabalho que não acaba nunca. Afortunadamente, não preciso dormir muito nestes tempos. Mas já que mencionou, o que você está fazendo aqui? Teu quarto está naquela direção - E apontou com a espátula no outro sentido - no caso de ter se esquecido. Você não seria capaz de perder uma moça inocente, não é?

Um músculo tremeu bruscamente na mandíbula de Grimm.

-Correto. Acho que me perdi ao dar uma volta.

-Bem, volte por onde veio então, rapaz. Espero trabalhar nesta parede toda a noite - disse Balder serenamente - A noite inteira.

Vinte minutos mais tarde, Jillian colocou sua cabeça para fora da porta.

-Balder! - ajeitou a manta em torno dos ombros, olhando-o fixa e mal humoradamente.

Balder sorriu abertamente. Ela era adorável, ruborizada pelo sono e, obviamente, com o objetivo de andar escondida até o quarto de Grimm.

-Necesita de algo, mocinha?

-Oh - Disse Jillian em voz baixa.

-Quer que te escolte até a cozinha? Podemos dar um pequeno passeio? Estou acostumado a ficar acordado a noite toda, e a única coisa que tenho intenção de fazer é consertar isto aqui. As gretas pequenas entre as pedras podem virar gretas grandes num piscar de olhos, se não cuidarmos.

-Não, não - Jillian agitou a mão para ele - Simplesmente ouvi um ruído e me perguntava o que seria - Ela lhe desejou boa noite e se retirou.

Depois que ela fechou a porta, Balder esfregou os olhos. Por todos os santos, ia ser uma condenada noite... uma longa noite.

Numa montanha acima de Tuluth, alguns homens se reuniram. Dois deles se livraram do grupo principal e se moveram para a borda, falando baixo.

-A emboscada não surtiu efeito, Connor. Por que infernos enviou um simples grupo de homens no encalço de um *Berserker*?

-Porque disse que estava provavelmente voltando à Tuluth - Connor devolveu suas palavras bruscas - Não temos o desejo de desperdiçar tudo os que temos e somos se vamos necessitar mais tarde. Além do mais, quantos barris de nossa pólvora negra você desperdiçaria, se falhasse?

Ramsay Logan franziu a testa.

-Não havia pensado detidamente nisso tudo como deveria. Não escapará da próxima vez.

-Logan, se assassinar Gavrael McIlloch aqui, terá ouro suficiente para que dure o resto de teus dias. Temos tentado por anos. Ele é o último que possui capacidade de gerar mais. Pelo que sabemos - acrescentou.

-Todos seus filhos nascem *Berserkers*? - Ramsay olhou o pequeno tremor de luzes apagando-se no vale.

Os lábios de Connor se encrespavam com repugnância.

-Só os filhos de descendência direta do lord. A maldição se limita a linha dominante, paterna. Durante séculos nosso clã recolheu o máximo de informações sobre os McIlloch que pôde. Sabemos que têm um único casamento verdadeiro, e uma vez que sua esposa morre, permanecem celibatários pelo resto de suas vidas. É por isso que o velho não será por muito tempo uma ameaça. Na medida de nosso conhecimento, Gavrael é seu único filho. Quando ele morrer, será o fim. No entanto, durante vários períodos nos séculos eles engenhosamente conseguiram se esconder tanto dos outros quanto de nós. Por isso é imperativo que você entre no Castelo Maldebann. Quero o último McIlloch destruído.

-Suspeita que o castelo esteja infestado de meninos de olhos azuis escondidos? É possível que Ronin tenha tido outros filhos além de Gavrael?

-Não sabemos - admitiu Connor - Por anos temos olvido que há um vestíbulo, um lugar de culto pagão para Odín. Se supõe que esteja diretamente no coração da montanha - Seu rosto ficou tenso de fúria - Pagãos malditos, esta é uma terra cristã agora! Temos ouvido que praticam cerimônias idólatras. E uma das criadas que capturamos, antes que morresse, disse que retratam todas as mulheres e cada uma de suas pagãs ficam expostas neste vestíbulo. Você deve encontrá-lo e deve verificar se Gavrael é o último.

-Espera que me meta caladamente na esconderijo de tais criaturas e espíes? Quanto ouro disse que me dará? - Ramsay negociou com astúcia.

Connor o avaliou com o fanatismo de um purista.

-Se provar que ele é o último e tiver êxito em matá-lo, pode mencionar teu preço sem barganha.

-Entrarei no castelo e matarei o último *Berserker* - disse Ramsay com deleite.

-Como fará isso? Você já falhou três vezes até agora.

-Não se preocupe. Não somente chegarei até ao vestíbulo, como também pegarei sua esposa, Jillian. É possível que esteja grávida.

-Pelas lágrimas benditas de Cristo! - Connor estremeceu com aversão - Depois de usá-la, mate-a - ordenou.

Ramsay levantou uma mão.

-Não. Esperaremos para ver se está grávida.

-Mas ela já está impura...

-Eu a quero. Ela é parte de meu preço - insistiu Ramsay - Se ela estiver carregando mesmo uma criança, então a mantere sob custódia até que dê à luz.

-Se for um filho, o matará, e estarei lá para observar. Você disse que odeia os *Berserkers*, mas se pensar em criá-los em teu clã, poderia se sentir diferente em relação a eles.

-Gavrael McIlloch matou meus irmãos - Ramsay disse ásperamente - Religião ou não, não terei escrúpulos na hora de matar seu filho. Ou filha.

-Bem - Connor McKane olhou para baixo, o vale e seu povoado dormindo em Tuluth - A cidade é muito maior agora, Logan. Qual é o teu plano?

-Você mencionou que há uma caverna na montanha. Uma vez que haja capturado a mulher, te entregarei uma peça da roupa que ela esteja usando. Você a pegará e confrontará o velho e Gavrael. Não brigarão enquanto souberem que tenho Jillian em meu poder. Você o enviará às cavernas, eu me encarregarei de estar lá.

-Como?

-Disse que me encarregarei disto lá - Ramsay grunhiu.

-Quero ver seu cadáver com meus próprios olhos.

-O fará - Ramsay se uniu a Connor atrás do refúgio de uma saliência. Os dois fixaram o olhar no vale abaixo, no Castelo Maldebann.

-Que desperdício de beleza e força com os pagãos. Quando estiverem derrotados, os McKane tomarão Maldebann - suspirou Connor.

-Quando tiver feito o que prometi, os Logan tomarão Maldebann - Ramsay disse-lhe com um olhar gelado, que desafiava Connor a dismentir.

CAPÍTULO 31

Quando Jillian despertou na manhã seguinte, imediatamente se fez consciente das coisas: que estranhava Grimm terrivelmente, e que tinha o que chamavam as mulheres "*gestar aflições*". Enquanto se apoiava de lado e acariciava seu estômago, não podia acreditar que houvesse desconhecido seu "mal" na manhã anterior. Ainda que suspeitasse que estivesse grávida, devia ter estado tão distraída pelas preocupações de como conduzir Grimm para Maldebann, que não tinha associado a isso, senão teria percebido que tinha as náusea matutinas das quais as criadas em Caithness se queixavam. O pensamento de sofrer isso a cada manhã a deprimiu, mas a confirmação de que levava um filho de Grimm substituiu seu incômodo pelo júbilo. Não podia esperar para compartilhar a notícia maravilhosa com ele.

Um mal estar alarmante repentino em seu estômago quase a fez reavaliar sua alegria. Se deitou com um gemido forte de autocompaixão. Encolher-se numa bola a ajudou, e se consolou com o que havia ouvido, que tal sofrimento tinha normalmente uma duração breve.

E assim foi. Depois, perto de trinta minutos, passou tão repentinamente como a havia assaltado. Estava surpreendida por descobrir que se sentia saudável e bem, como se não tivesse sofrido nem um momento de desassossego. Penteou seu longo cabelo, o prendeu atrás com uma fita e logo se sentou para contemplar tristemente os despojos de seu vestido de noiva. Tinha saído de Caithness com nada, exceto esse vestido em seu corpo. A única roupa em seu quarto era ele e seu manto, dos Douglas, que Grimm havia posto ao redor dela. Bem, não ia se negar ao desjejum por falta de roupa, decidiu rapidamente. Não quando sua barriga era tão temperamental. Em poucos momentos e alguns nós estratégicos mais tarde, estava envolta em um *plaid* ao estilo escocês e pronta para ir a passo rápido até o Gran Hall.

Ronin, Balder, e Grimm já estavam no salão, comendo em um silêncio tenso. Jillian deu um alegre bom dia; o grupo sombrio claramente necessitava de uma dose cavalgar de alegria.

Os três homens se bicavam com os pés sob a mesa, dando-se empurrões para ter a honra de acomodá-la. Ela endereçou a Grimm um sorriso brilhante.

-Bom dia - ronroneou, seus olhos vagando sobre ele ávidamente. Se perguntou se a recente descoberta de seu filho crescendo dentro dela, brilhava intensamente em seus olhos. Sinceramente tinha que conseguir ficar com ele a sós e rápido!

Ele se congelou, sua metade da cadeira vazia.

-... dia - murmurou com voz rouca, estúpidamente, cegado por seu esplendor - Oh, Jillian, não tem mais roupas, verdade?

- Ele a viu vestida em seu *plaid* e sorriu ternamente - Me lembro de você vestida assim quando era pequenina. Estava decidida a ser como teu pai - a ajudou a sentar-se, suas mãos demorando-se em seus ombros - Balder, pode ordenar a criadas que encontrem algo que Jillian possa vestir?

Foi Ronin quem respondeu.

-Estou certo de que alguns dos vestidos de Jolyn podem servir. Os guardei... - seus olhos nublaram de pesar.

Jillian viu assombrada que a mandíbula de Grimm se tensionava. Ele se deixou cair em seu assento e apertou a mão ao redor da taça tão fortemente, que seus dedos ficaram brancos. Mesmo que Grimm tivesse lhe contado umas poucas coisas sobre sua família, não lhe havia dito como morreria Jolyn. Nem lhe contara o que Ronin fizera para abrir tal abismo entre eles dois. Pelo que ela havia visto de seu pai, não tinha nada remotamente estranho ou desequilibrado nele. Parecia um homem amável, cheio de arrependimento e desejoso de um futuro melhor com seu filho. Se deu conta de que Balder observava Grimm tão fixamente como ela fazia.

-Você já ouviu alguma vez a fábula do lobo com pele de ovelha, rapaz? - perguntou Balder, olhando Grimm com desagrado.

-Sim - ele grunhiu - Entabulei uma boa amizade com a moral dessa história na minha juventude - De novo ele dirigiu um olhar de fúria a Ronin.

-Então deveria saber que algumas vezes funciona ao revés, que há coisas tais como ovelhas com pele de lobo também. Algumas vezes as apariências podem ser enganosas. Algumas vezes tem que se reexaminar o feito com olhos maduros.

Jillian os observou com curiosidade. Havia uma mensagem sem palavras que ela não entendia.

-Jillian ama as fábulas - desconversou Grimm, impulsionando o tema em uma direção nova.

-Bem, conte-nos uma, menina - a animou Ronin.

Jillian enrubesceu.

-Não, de verdade, no poderia. São as crianças que amam tanto as fábulas.

-Bah, crianças, diga, Balder! - exclamou Ronin - Minha Jolyn amava as fábulas e nos contava sempre. Vamos, moça, dê-nos uma história.

-Bem... - ela meditou.

-Só uma. Continue – insisitiram os irmãos.

Junto a ela, Grimm tomou um gole profundo de sua taça e a deixou cair de um golpe sobre a mesa.

Jillian se sobressaltou interiormente mas se recusou a reagir. Ele havia ficado sério e não deixara de olhar encolerizadamente desde que haviam chegado, e ela não podia imaginar por quê. Buscando uma forma de reduzir a tensão palpável, recorreu a sua reserva de fábulas e, levada por um impulso travesso, selecionou um conto.

-Uma vez houve um leão poderoso, heróico e invencível. Ele era o rei das feras, e sabia disso. Um pouco arrogante, poderia dizer, mas um bom rei de todos os modos - Ela fez uma pausa para sorrir cálidamente para Grimm.

Ele franziu o cenho.

-Este leão poderoso estava caminhando no bosque das terras baixas uma tarde, quando espiou uma mulher linda...

-Com ondas de cabelo dourado e olhos âmbar - Balder disse galante.

-Isso mesmo! Como você sabia? Já ouviu este conto, Balder?

Grimm revirou os olhos, olhando para cima.

Jillian reprimiu o desejo de rir e continuou.

-O leão poderoso estava fascinado por sua beleza, por suas formas ternas e pela canção preciosa que ela cantava. Ele pisou suavemente até adiante, silenciosamente, assim não a sobresaltaria. Mas a donzela não tinha medo; viu o leão pelo que ele era: uma criatura poderosa, valente e honrada com um rugido muito temido e possuidor de um coração puro e valente. Ela podia deixar passar por alto sua arrogância, porque sabia, de observar seu pai, que a arrogância era um pouco, em parte, inerente a sua força extraordinária - Jillian roubou uma olhadela rápida de Ronin; ele sorria amplamente. Tirando amparo da diversão de Ronin, ela olhou diretamente para Grimm e continuou - O leão estava entontecido. No dia seguinte saiu para buscar o pai da mulher para dar em prenda em seu coração, pedindo sua mão em casamento. O pai da mulher estava preocupado pela natureza selvagem do leão, apesar de que isso estivesse ao gosto de sua filha. Sem que a filha soubesse, seu pai estava de acordo em aceitar a corte do leão, pedindo ao rei leão que cortasse as garras e contivesse seus dentes, querendo-o domesticado e civilizado. O leão estava desesperadamente apaixonado. Ele concordou, e assim fez.

-Outro Sansão e Dalila - resmungou Grimm.

Jillian o ignorou.

-Quando o leão fez o que lhe haviam pedido, o pai não o conduziu para fora de sua casa com varas e pedras, porque a fera não era mais uma ameaça, não era mais uma criatura temível.

Jillian fez uma pausa significativa, e Balder e Ronin bateram palmas.

-Asombrosamente lindo! - exclamou Ronin - Esse era o favorito de minha esposa.

Grimm franziu as sobrancelhas.

-Esse é o fim? Precisamente que moral tem essa história? - perguntou, ofendido - Que amar faz um homem mais idiota? Que ele perde a mulher que ama quando ela o vê domesticado?

Ronin lhe dirigiu o olhar de expectativa.

-Não, rapaz. O ponto principal dessa fábula está em que mesmo os poderosos podem ser humilhados pelo amor.

-Espera, há mais. A filha - disse Jillian lentamente -, emocionada por sua vontade de confiar tão completamente, saiu da casa de seu pai e se casou com seu rei leão - entendia o medo de Grimm agora. Não importava que segredo escondia, temia que uma vez que ela o descobrisse, o deixasse.

-Ainda assim penso que é uma história terrível! - Grimm trovejou, agitando as mãos coléricamente. Esbarrou em sua taça e a deixou rolar pela mesa, respingando Ronin com vinho de sidra. Grimm fixou o olhar na mancha rubra, forte propagando-se no linho branco de seu pai por um longo momento, tenso – Perdoa-me - disse toscamente, empurrando para trás sua cadeira e, sem outro olhar, saiu a passos acelerados do ambiente.

-Ah, menina, ele pode ser um tolo algumas vezes, temo - disse Ronin com um olhar compreensivo, limpando sua camisa com um pano.

Jillian afastou seu desjejum.

-Desejaria entender o que se passa - ela disparou um olhar esperançoso aos irmãos.

-Não lhe perguntou? – quis saber Balder.

-Quero perguntar, mas...

-Mas entende que não pode te dar respostas porque ele ainda não as tem para si mesmo?

-Simplesmente desejo que me fale disso! Ainda que não seja comigo, então ao menos contigo - ela disse a Ronin - Há tanta dor dentro dele, e não tenho idéia do que fazer exceto dar-lhe tempo.

-Ele te ama, querida - Ronin a reconfortou - Está em seus olhos, na forma que ele te toca, na maneira que se move quando está por perto. Você é o centro de seu coração.

-Eu sei - ela disse simplesmente - Não duvido que ele me ame. Mas a confiança é parte e componente do amor.

Balder endereçou um olhar penetrante a seu irmão.

-Ronin vai falar com ele hoje, não é assim, irmão? - se levantou da mesa -Te conseguirei uma blusa nova - acrescentou, e deixou o Gran Hall.

Ronin tirou a camisa molhada de sidra, a dobrou sobre uma cadeira, e secou seu corpo com um lenço. A sidra o molhara todo na frente.

Jillian o observou com curiosidade. Seu torso era bem definido e poderoso. Seu peito era amplo, escurecido por anos de sol Highland e com alguns pelos como o de Grimm. E como o de Grimm, estava livre de cicatrizes ou marcas de nascimento, um espaço imaculado vasto de pele cor de azeitona. Não podia compreender; fixou o olhar, perplexa pelo fato de que não houvesse uma só cicatriz no torso de um homem que supostamente havia combatido em dezenas de batalhas sem levar mais proteção do que sua armadura e seu *plaid*, se é que lutasse da maneira usual escocesa. Inclusive seu pai tinha uma cicatriz ou duas em seu peito. Ela ficou olhando-o estática, desconcertada, até que percebeu que Ronin não se mexia, mas a observava enquanto ela o observava.

-A última vez que uma mulher bonita contemplou meu peito foi há quinze anos – brincou ele

O olhar de Jillian voltou para seu rosto. Ele a contemplava com gentileza.

-Isso foi quando tua esposa faleceu?

Ronin assentiu com a cabeça.

-Jolyn era a mulher mais encantadora que alguma vez já tenha visto. E o coração mais genuíno que nunca hei conhecido.

-Como a perdeu? - perguntou ela delicadamente.

Ronin a olhou, impassível.

-Foi na batalha? - insistiu.

Ronin estudou sua camisa.

-Temo que esta camisa esteja arruinada.

Ela procurou outra rota, uma que ele estivesse disposto a debater.

-Mas certamente em quinze anos deve ter conhecido outras mulheres, não é verdade?

-Há uma única para nós, querida. E depois que ela se foi, nunca pude ter outra.

-Quer dizer que nunca mais esteve com...? Em quinze anos não...? - calou súbitamente, envergonhada pela direção que a conversa tomava, mas não podia suprimir sua curiosidade. Ela sabia que os homens voltavam a se casar depois que suas esposas morriam. Se não o faziam, era considerado natural que, então, tivessem amantes. Estava este homem dizendo, que ele ficara completamente só por quinze anos?

-Há somente uma aqui dentro - Ronin apoiou o punho contra seu peito - Só amamos uma vez, e não somos bons para uma mulher sem amor - disse com dignidade quieta - Meu filho sabe disso, ao menos.

Os olhos de Jillian se fixaram em seu peito outra vez, e fez uma observação sobre a causa de sua consternação.

-Grimm disse que os McKane te abriram o peito com uma espada de combate.

Os olhos de Ronin se estreitaram por um instante.

-Cicatrizo bem. E isso foi há quinze anos, menina – encolheu os ombros, como se isso devesse explicar tudo.

Jillian deu um passo e fez um gesto amplo com a mão, assombrada.

Ronin se afastou.

-O sol escurece minha pele e cobre algumas cicatrizes. E há também os pelos - ele disse rapidamente. Muito rápido, para a tranquilidade de espírito de Jillian.

-Mas mesmo assim não vejo o menor indício de uma cicatriz - protestou. Segundo Grimm, a lâmina havia sido enterrada nele até o cabo da empunhadura. A maioria dos homens não poderiam sobreviver a isso, sem que uma lesão assim os deixasse com várias cicatrizes grossas, descoloridas-. Grimm disse que você esteve em muitas batalhas. Era de se pensar que você tivesse ao menos uma ou duas cicatrizes para mostrar. E pensando nisso - se perguntou em voz alta, pensando -, Grimm não tem nenhuma cicatriz tampouco. Em nenhum lugar. De fato, não lembro de alguma vez já ter visto um corte pequeno que seja nele. Não se machuca nunca? Se cortou alguma ao se barbear? Machuca a sola ou o dedo do pé? Derrama lágrimas? - Ela supôs que sua voz estivesse aumentando, mas não podia evitá-lo.

-Nós os McIlloch desfrutamos de uma saúde excelente - Ronin abriu seu tartán, alisou as pregas, e o estendeu em seu peito.

-Aparentemente - respondeu Jillian, sua mente longe. Se forçou a regressar com esforço-. Milord...

-Ronin.

-Ronin, há algo que gostaria de me contar sobre teu filho?

Ronin suspirou e a olhou sombriamente.

-Oh, sim – admitiu - Mas não posso, querida. Quem deve lhe dizer é ele.

-Por que ele não confia em mim?

-Não é em você que ele não confia, querida - disse Balder, entrando no Gran Hall com uma blusa limpa. Como Grimm, se movia silenciosamente – Ele não confia em si mesmo.

Jillian olhou para o tio de Grimm. Seu olhar passou velozmente entre ele e Ronin. Havia algo de indefinível e perturbador no fundo de sua mente, mas simplesmente não entendia o quê. Estavam ambos observando-a fixamente, quase esperançosamente. Mas o que esperavam dela? Jillian, perplexa, terminou sua sidra e colocou a taça numa mesa próxima.

-Suponho que devesse ir ao encontro de Grimm.

-Somente não vá percorrer a galeria central, Jillian - disse Balder rapidamente, olhando-a firmemente - Ele raramente vai até lá, mas se for, é porque deseja alguma privacidade.

-A galeria central? - a fronte de Jillian se enrugou - Pensei que esta era a galeria central - apontou para o Gran Hall, onde haviam comido.

-Não, esta é a galeria dianteira. Quero dizer a que corre por trás do castelo. Na realidade, há um túnel que vai diretamente ao coração da montanha. é onde ele saía correndo quando era um menino.

-Oh - ela inclinou sua cabeça - Obrigada - acrescentou, mas não tinha nenhuma idéia do que estava agradecendo. Seu comentário secreto parecia ter sido emitido como uma advertência, mas parecia, suspeitosamente, um convite a curiosidade. Ela balançou sua cabeça vivamente e se desculpou, consumida pela curiosidade.

Depois que ela se foi, Ronin sorriu abertamente para Balder.

-Ele nunca ia até lá quando era um menino. Nunca viu o Hall dos Lords também! Você é um bastardo mentiroso, certo? - exclamou admirativamente.

-Sempre te disse que tinha a "*parte do leão*" e que a manteria viva na família - se vangloriou Balder e lhes serviu outra taça de sidra - As tochas estão acesas, Ronin? Deixou tudo aberto por lá?

-Mas é calro que sim! Você não é de todo velhaco. Mas Balder, o que acontece se ela não conseguir entender o que quis dizer? Ou pior, não puder aceitar?

-Essa mulher tem uma cabeça sobre os ombros, irmão. É bastante incendiária com suas perguntas, mas cuida de sua língua. Não porque seja manipuladora, mas sim por amor a teu rapaz. Ela está doida para saber o que aconteceu aqui quinze anos atrás, e espera pacientemente que Gavrael lhe diga. Assim daremos a ela as respostas de outra forma para nos assegurarmos que ela esteja preparada para quando ele finalmente falar - Balder fez uma pausa e avaliou seu irmão severamente - Não está acostumado a ser um covarde, Ronin. Pare de esperar que ele venha até você. Vá até ele, como desejava fazer anos atrás. Faça isso agora, Ronin.

Jillian saiu em disparada para a galeria central, ou como muito, fez em linha tão reta como foi capaz, já que perambular no interior do Castelo Maldebann era semelhante a andar por uma cidade que não se encontrava no mapa. Navegou por corredores complicados, indo na direção que esperava a conduzisse para a parte de trás, até a montanha, determinada a encontrar a galeria central. Era óbvio que Balder e Ronin desejavam que a visse. Será que lá conseguiria respostas sobre Grimm?

Depois de trinta minutos de uma busca frustrante, e de dar voltas através de uma série de corredores serpenteantes, dobrou uma esquina e viu se abrir o segundo Gran Hall, ainda maior que aquele onde havia tomado o desjejum. Ela deu um passo adiante, vacilante; a galeria era definitivamente velha, quem sabe tão antiga como as pedras estáticas erigidas pelos místicos Druidas.

Alguém convenientemente havia ascendido as tochas; seguramente os irmãos intrometidos, ela concluiu agradecida, pois não havia nenhuma janela nesta parte da estrutura, e como poderia ter? Este Gran Hall estava realmente dentro do ventre da montanha. Parou, aturdida pela idéia. Cruzou o espaço enorme lentamente, através das misteriosas portas duplas colocadas na parede no outro extremo. Se alçavam imponentes por cima dela, chumbadas com ferro nas paredes, e por cima da abertura arqueada, umas letras destacadas haviam sido cinzeladas.

- *Deus nos dá boa sorte* - murmurou, incitada pelo mesmo impulso de falar em voz baixa que tinha na capela de Caithness.

Ela empurrou as portas maciças e conteve o medo quando se mexeram para dentro, revelando a galeria central da qual Balder havia falado. Com os olhos muito abertos, avançou pouco a pouco, seu modo de andar parendo com o de uma sonâmbula, fascinada pelo que havia diante dela. As linhas fluídas da galeria convidavam os olhos a elevarem-se para cima, e ela girou sobre si mesma lentamente, arqueando sua cabeça para trás e maravilhando-se com o teto liso. Os quadros e os murais cobriam o espaço vasto, alguns deles tão vibrantes e realistas que suas mãos imploravam por tocá-los. Um calafrio a percorreu enquanto tentava compreender o que estava vendo. Estava contemplando os séculos de história dos McIlloch? Arrastou seu olhar para baixo, unicamente para descobrir maravilhas novas. As paredes da galeria estavam cheias de retratos. Centenas deles!

Jillian deslizou ao longo da parede. Demorou só uns poucos minutos para perceber que percorria uma genealogia histórica, uma linha de tempo feita com retratos. A primeira parte dos quadros estavam cinzelados em pedra, alguns diretamente na parede, com nomes esculpidos em baixo, tão estranhos que não poderia pronunciá-los. À medida que abria caminho para frente na parede, os métodos de descrição se tornavam mais modernos, o mesmo se dava com as roupas. Era evidente que tinham tido muito cuidado em repintar e restituir os retratos para manter sua exatidão durante séculos.

À medida que avançava, a linha de tempo progredia para o presente, e os retratos tornavam mais graficamente detalhados, o que fez aprofundar seu sentimento de confusão. As cores eram mais brilhantes, mais cuidadosamente aplicadas. Seus olhos passaram velozmente entre os retratos, avançando e retrocedendo de novo, comparando retratos de menino com seus seguintes retratos quando adultos.

Devia estar equivocada.

Jillian, incrédula, fechou os olhos por um minuto, logo os abriu lentamente e deu um passo para trás para estudar uma seção inteira. Não podia ser. Agarrando uma tocha, se aproximou, olhando fixamente um grupo de meninos nos braços de suas mães. Eram meninos belos, meninos de cabelos escuros, de olhos café que certamente se tornariam homens perigosamente atraentes.

Ela se moveu para os seguintes retratos e ali estavam outra vez: homens de cabelos escuros, de olhos azuis, perigosamente atraentes.

Os olhos não mudavam de cor.

Jillian acelerou seus passos e estudou a mulher no último retrato. Era uma mulher bonita de cabelo castanho avermelhado com cinco meninos de olhos café a sua volta. Jillian logo se moveu para a sua direita; era a mesma mulher ou sua gêmea idêntica. Cinco homens agrupados ao redor dela em poses diversas, todos olhando diretamente o artista, sem deixar dúvidas que se referia a cor de seus olhos. O azul gelo. Os nomes sob os retratos eram os mesmos. Andou mais para frente pela galeria, desconcertada.

Até que ela encontrou o século dezeséis.

Desafortunadamente, os retratos criavam mais perguntas que respostas, e ela ficou ali, parada na galeria por muito tempo, pensando.

As horas foram passado rápidas até que conseguisse chegar ao final para sua satisfação. Quando o fez, nenhuma pergunta restou em sua mente: era uma mulher inteligente, capaz de exercitar seus poderes de dedução o melhor que podia e melhor que qualquer um. E esses poderes disseram a ela que, ainda que desafiase cada pensamento racional, simplesmente não havia nenhuma outra explicação. Estava sentada sobre seus joelhos, atada em um desarrumado *plaid*, agarrando firmemente uma tocha quase apagada em um vestíbulo cheio de *Berserkers*.

CAPÍTULO 32

Grimm caminhou de cima a baixo pelo terraço, sentindo-se como um idiota. Tinha se sentado a mesa e compartilhado o desjejum com seu pai, esperando ter uma conversa cortês até que Jillian havia chegado. Logo depois Ronin mencionara Jolyn, e ele havia sentido a fúria levantar-se dentro dele tão rápido que quase avançara através da mesa e agarrara o velho pela garganta.

Mas Grimm era suficientemente inteligente para dar-se conta de que muita da cólera que havia sentido estava dirigida contra si mesmo. Ele precisava de informações e tinha medo de perguntar. Necessitava falar com Jillian, mas, o que poderia dizer-lhe? Não tinha respostas nem para si mesmo. *Confronta teu pai*, sua consciência mandava. *Averigue o que realmente ocorreu*.

A idéia o aterrorizou. Se descobrisse que estava equivocado, seu mundo inteiro se veria radicalmente diferente.

Além do mais, tinha outras coisas para se preocupar. Precisava se assegurar de que Jillian não descobrisse o que ele era, e necessitava advertir Balder que os McKane estavam pisando nos seus calcanhares. Precisava levar Jillian a alguma parte livre de riscos antes que atacassem, e precisava saber por que ele, seu tio, e seu pai eram todos *Berserkers*. Simplesmente parecia muita coincidência, e Balder continuava acenando a informação que ele não possuía. A informação que não poderia pedir.

-Filho.

Grimm deu a volta.

-Não me chame assim - respondeu bruscamente, mas o protesto não continha seu veneno usual.

Ronin expeliu um bocado de ar.

-Precisamos conversar.

-É muito tarde. Já me disse tudo o que tinha para dizer anos atrás.

Ronin cruzou o terraço e se uniu a Grimm na parede.

-Tuluth é bela, não é mesmo? - perguntou suavemente.

Grimm não respondeu.

-Rapaz, eu...

-Ronin, você...

Os dois homens se olharam, esquadrinhando-se. Nem um, nem outro percebeu que Balder já naquele momento para o terraço.

-Por que você se foi e nunca mais regressou? - as palavras saíram dos lábios de Ronin com a angústia de quinze anos de espera por dizê-laas.

-Por que me fui? - Grimm fez eco incrédulamente.

-Foi porque estava assustado pelo que havia se convertido?

-Que me converti? Nunca me converti no que você é!

Ronin o olhou boquiaberto.

-Como pode dizer isso quando tem os olhos azuis? Você tem o desejo de matar.

-Sei que sou um *Berserker* - respondeu Grimm lentamente - Mas não sou demente.

Ronin gaguejou.

-Nunca disse que era.

-Disse. Na noite da batalha, me disse que eu era igual que a você - ele recordou amargamente.

-E você era.

-Não sou!

-Sim, você era.

-Você matou a minha mãe! - Grimm rugiu, com toda a angústia guardada em quinze anos de espera.

Balder avançou instantaneamente, e Grimm se encontrou no centro incômodo de dois pares de intensos olhos azuis.

Ronin e Balder trocaram um olhar de assombro.

-É por isso que nunca mais voltou para casa? - disse Ronin cuidadosamente.

Grimm respirou profundamente. As perguntas estalavam dentro dele, e agora que havia começado a perguntar, pensou que nunca mais poderia parar.

-Que tal ter olhos café para começar? Por que vocês dois são *Berserkers* também?

-Oh, realmente é um tonto, verdade? - Balder bufou - Vamos, não pode somar dois e dois ainda, rapaz?

Cada músculo do corpo de Grimm se tensionou. Milhares de perguntas colidiram-se com centenas de suspeitas e dezenas de recordações suprimidas, e todas se uniram no inconcebível.

-É alguém mais meu pai? - exigiu.

Ronin e Balder o observaram, meneando suas cabeças.

-Bem, então, por que matou a minha mãe? - rugiu - E não me diga que todos nascemos assim. Você pode ter nascido suficientemente louco para matar tua esposa, mas eu não sou.

O rosto de Ronin escureceu de fúria.

-Não posso crer que pense que matei Jolyn.

-Te encontrei sobre seu corpo - insistiu Grimm - Você segurava a espada...

-Que retirei de seu coração - gritou Ronin - Por que mataria a única mulher que alguma vez amei? Como poderia você, entre todas as pessoas, pensar que eu pudesse matar minha esposa verdadeira? Você poderia matar Jillian? Mesmo no meio de uma transformação *Berserker*, você poderia matá-la?

-Nunca! - Grimm disse aos gritos a palavra.

-Então, se dá conta de que há um mal entendido...?

-Você se lançou sobre mim. Eu teria sido o seguinte!

-Era meu filho - suspirou Ronin - Precisava de você. Precisava te tocar, para saber que estava vivo; para ter certeza que os McKane não tinham te alcançado também.

Grimm cravou os olhos nele com o olhar vacilante.

-Os McKane? Está dizendo-me que os McKane mataram minha mãe? Os McKane não atacaram até o sol se por. Mamãe morreu de manhã.

Ronin o avaliou com uma mescla de assombro e cólera.

-Os McKane estiveram esperando nas colinas todo o dia. Tinham um espião entre nós e haviam descoberto que Jolyn estava grávida outra vez.

Um olhar de horror cruzou o rosto de Grimm.

-Mamãe estava grávida?

Ronin esfregou os olhos.

-Sim. Havíamos pensado que ela não daria à luz de novo, mas isso foi inesperado. Ela não havia conseguido engravidar depois de você, e isso havia sido há quase quinze anos. Passei anos argumentando contra o meu desejo de te seguir e te reclamar como meu filho, para impedir que os McKane te rastreassem. Você havia conseguido desaparecer eficazmente. E agora... agora descubro que todos esses anos que estive te observando, esperando que voltasse para casa, me odiava. Você estava lá fora pensando que matei Jolyn! - Ronin se afastou dando meia volta amargamente.

-Os McKane mataram a minha mãe? - murmurou Grimm - Por que eles se importavam se ela estava grávida?

Ronin negou com a cabeça e olhou para Balder.

-Como criei um filho tão lento?

Balder encolheu os ombros e revirou os olhos.

-Ainda não compreendeu, não é verdade, Gavrael? O que tentava te dizer todos esses anos passados: nós, os homens McIlloch, nascemos *Berserkers*. Qualquer filho nascido da linha direta dos lordes são *Berserkers*. Os McKane nos tem caçado por uns mil anos. Sabem nossas lendas quase tão bem como nós mesmos. A profecia dizia que virtualmente seríamos destruídos, até que restasse três - agitou seus braços num gesto, abarcando eles três - Mas um rapaz regressaria à casa, trazido por sua esposa verdadeira, e destruiria os McKane. Os McIlloch se voltariam mais poderosos do que nunca antes já visto. Você é esse rapaz.

-N-nascemos... *Berserkers*? - tartamudeou Grimm.

-Sim - ambos os homens responderam em um som desanimado.

-Mas eu me converti em um - Grimm titubeou - Em cima do Acanilado de Wotan. Convoquei Odín.

Ronin negou com a cabeça.

-Simplesmente te pareceu assim. Foi o primeiro sangue da batalha que acordou o *Berserker* dentro de você. Normalmente nossos filhos não se transformam em *Berserkers* até os dezesseis anos. A primeira batalha acelerou tua mudança.

Grimm se sentou num assento na parede e enterrou sua cabeça nas mãos.

-Por que não nunca me falou sobre o eu que era antes que mudasse?

-Filho, não é como se houvesse te ocultado. Começamos a te contar as lendas em uma idade jovem. Você estava encantado, recorda? - Ronin se interrompeu e riu - Me lembro de você correndo de um lado a outro, tentando se 'converter em um *Berserker*' durante anos. Estávamos encantados: você deu boas vindas a sua herança com os braços abertos. Vá, observe o Hall dos Lords, Gavrael.

-Grimm - corrigiu ainda, agarrando-se de alguma forma a sua antiga identidade.

Ronin continuou como se não tivesse sido interrompido.

-Há cerimônias que mantemos, quando passamos os segredos e ensinamos nossos filhos a lidar com a fúria *Berserker*. Teu tempo estava por chegar, mas repentinamente os McKane atacaram. Perdi Jolyn e você se foi, sem olhar nem uma vez para o oeste, para Maldebann, para mim. E agora sei que me odiava, acusando-me da coisa mais vil que um homem poderia fazer.

-Treinamos nossos filhos, Gavrael - disse Balder - A disciplina é intensa: educação física, mental e emocional. Os instruímos para dominar o *Berserker*, não para ser dominados por ele. Você perdeu esse treinamento, mas devo dizer que mesmo assim você se saiu bem. Sem nenhum treinamento, sem nenhuma compreensão de tua natureza, permaneceu honrado e se converteu em um *Berserker* valente.

-Se supõe que repovoarei Maldebann com *Berserkers*? - Grimm repentinamente se lembrou das palavras de Ronin sobre a profecia.

-Isso foi predito no Hall dos Lords.

-Mas Jillian não sabe o que eu sou - disse Grimm desesperadamente - E qualquer filho que ela tenha será o mesmo que eu. Nunca poderemos...- ele foi incapaz de terminar o pensamento em voz alta.

-Ela é mais forte do que pensa, rapaz - respondeu Ronin - Confie nela. Juntos poderão aprender acerca de nossa herança. É uma honra ser um *Berserker*, não uma maldição. A maior parte dos heróis máximos de Alba eram de nossa casta.

Grimm ficou muito tempo silencioso, tentando reordenar quinze anos de pensamentos.

-Os McKane virão - disse finalmente, olhando a paisagem que se descortinava diante dele, e da paisagem interna, inatangível.

Os olhos de ambos os homens voltaram para as montanhas circundantes.

-Viu algo se mover nas montanhas?

-Não. Eles têm me seguido. Até agora tentaram três vezes me matar. Têm estado em nossos calcanhares desde que deixamos Caithness.

-Maravilhoso! - Balder esfregou as mãos em antecipação jubilosa.

Ronin se viu muito contente.

-Quão longe atrás de você eles estavam?

-Suspeito que apenas um dia.

-Assim eles estarão aqui a qualquer momento. Rapaz, deve encontrar Jillian. Levá-la ao coração do castelo e explicar-lhe. Confie nela. Dê-lhe a oportunidade para compreender estas coisas. Se você tivesse sabido a verdade anos atrás, seriam quinze anos sem proveito?

-Ela me odiará quando descobrir o que sou - disse Grimm amargamente.

-Está tão certo disso, quanto estava de que eu havia matado Jolyn? - perguntou Ronin com mordacidade.

Os olhos de Grimm voaram para ele.

-Não estou seguro de nada - disse desoladamente.

-Você está seguro de que a ama, rapaz - disse Ronin - E estou seguro de que ela é teu verdadeiro par. Nunca uma de nossas mulheres, nossos pares verdadeiros rechaçaram nossa herança. Nunca.

Grimm assentiu com a cabeça e virou para o castelo.

-Assegure-se de que ela permaneça no castelo, Gavrael - Ronin disse para as suas costas - Não podemos arriscá-la num combate.

Depois que Grimm desapareceu dentro de Maldebann, Balder sorriu.

-Não tentou te corrigir quando o chamou de Gavrael.

O sorriso de Ronin foi alegre.

-O adverti - disse - Prepare aos aldeões, Balder, eu ativarei as guardas. Poremos um ponto final nesta luta hoje. Finalmente.

CAPÍTULO 33

Era final da tarde quando Jillian finalmente se pôs de pé no Hall dos Lords. Um sentimento de paz a envolvia enquanto punha a última de suas perguntas para descansar. Repentinamente, tantas coisas que havia ouvido sem intenção de dizer a seus irmãos ou a Quinn quando Grimm havia estado na residência, tomaram outro sentido, e ao refletir, suspeitou que uma parte sua sempre soubera.

Seu amor era um guerreiro legendário que havia crescido desprezando a si mesmo, cortando totalmente suas raízes. Mas agora que estava em casa, e com tempo para explorar essas raízes, poderia fazer as pazes consigo mesmo por fim.

Ela andou ao longo da galeria uma vez mais, sem perder as expressões radiantes das noivas McIlloch. Permaneceu de pé por um momento longo sob o retrato de Grimm e seus pais. Jolyn havia sido uma beleza de cabelo castanho; o amor resplandecia em seu sorriso paciente. Ronin a contemplava com adoração. No retrato, Grimm estava sentado diante de seus pais, luzindo como um menino de olhos café mais feliz do mundo.

Suas mãos se moveram sobre seu ventre, em uma eterna celebração feminina, enquanto se perguntava como seria trazer ao mundo outro menino como Grimm. Quão orgulhosa ela ficaria, e junto com Grimm, Balder e Ronin, lhe ensinaria o que poderia ser, e que especial era ser um dos particulares guerreiros de Alba.

-Oh, garota, diga-me que não está grávida! - cuspiu com uma voz cheia de repugnância.

O grito de Jillian rebateu nas paredes frias de pedra enquanto a mão de Ramsay Logan se fechava em seu ombro em um agarrão doloroso.

-Não a encontro em lugar nenhum - disse Grimm asperamente.

Ronin e Balder deram a volta quando ele invadiu o Gran Hall. Os guardas estavam prontos, os aldeões haviam sido advertidos, e até o último homem de Tuluth estava preparado para lutar contra os McKane.

-Procurou no Hall dos Lords?

-Sim, dei uma olhada breve, o suficiente para me assegurar de que ela não estava lá – Se ele tivesse olhado com mais tempo, nunca teria saído de lá tão rápido, fascinado que ficara por sua herança previamente desconhecida.

-Procurou no castelo inteiro?

-Sim - Ele enterrou as mãos em seu cabelo, expresando seu pior medo - É possível que os McKane hajam entrado aqui e a prendessem de alguma forma?

Ronin expeliu um bocado de ar.

-Qualquer coisa é possível, rapaz. Houve entrega do povoado esta tarde. Caramba, qualquer um pode ter entrado, macunados com eles. Não temos sido nem um pouco descuidados mesmo em quinze anos de paz.

Um grito repentino do quartel da guarda impôs sua atenção instantânea.

-Os McKane já estão vindo!

Connor McKane cavalgou dentro do vale ondeando à modo de bandeira um *plaid* dos Douglas, o qual, enquanto confundia os McIlloch, encheu Grimm de fúria e medo. A única peça de *plaid* dos Douglas que um McKane poderia ter obtido era a que Jillian usava. Ela a havia trazido nos ombros o tecido azul e cinza no desjejum, nesta mesma manhã.

Os aldeões se eriçavam, loucos para lutar, ansiosos por pedir satisfação pela perda de seus entes queridos quinze anos atrás. Enquanto Ronin se dispôs a ordenar que avançassem, Grimm colocou uma mão inibidora sobre seu braço.

-Eles estão com Jillian - disse numa voz que soava lúgubre.

-Como pode ter certeza? - O olhar de Ronin voltou para ele.

-É o meu *plaid* que ele ondeiam. Jillian o trazia no desjejum.

Ronin fechou seus olhos.

-Não outra vez – murmurou - Não outra vez - Quando abriu os olhos, eles ardiam com o fogo interior da determinação - Não a perderemos, rapaz. Traga o comandante McKane até aqui – ordenou ao guarda.

As tropas McIlloch emanaram hostilidade, mas se esforçaram para permitir-lhe a entrada.

Quando Connor McKane se deteve diante de Ronin, ele franziu as sobrancelhas.

-Supus que se cicatrizaria do último combate, demônio, mas não pensei que se recuperaria tão bem da morte daquela bonita vagabunda que chamava de esposa - Connor arreganhou seus dentes em um sorriso - E teu filho ainda nem havia nascido.

Ainda que a mão de Ronin se curvasse fortemente ao redor de sua *claymore*, ele não empunhou a espada.

-Deixe a moça ir, McKane. Ela não tem nada que a ver com nós.

-A moça pode estar grávida.

Grimm se voltou rígido no lombo de Occam.

-Não está - respondeu serenamente. - Seguramente ela me teria dito!

Connor McKane rebuscou em seu rosto fixamente.

-Isso é o que ela diz. Mas não confio em nenhum de vocês.

-Onde ela está? - exigiu Grimm.

-Segura.

-Leve a mim, Connor, leve-me em seu lugar - ofereceu Ronin, deixando Grimm estupefacto.

-Você, velho? - Connor cuspiu – Você já não é uma ameaça: nos encarregamos disso anos atrás. Você não terá mais filhos. Agora, ele - apontou para Grimm – ele é um problema. Nossos espiões nos dizem que é o último Berserker vivo, e que a mulher que pode ou não estar grávida é a sua esposa.

-Que quer de mim? - perguntou Grimm baixo.

-Tua vida- disse McKane simplesmente - Ver o último dos McIlloch morrer é tudo o que sempre quis.

-Não somos os monstros que pensa que somos - Ronin olhou furiosamente o chefe McKane.

-Vocês são pagãos. Pagãos, blasfêmias da única religião verdadeira...

-Menos que nada, quem é você para julgar! - exclamou Ronin.

-Não queira debater a palavra do Senhor comigo, McIlloch. A voz de Satã não me tentará no curso de Deus.

Os lábios de Ronin se retesaram em uma linha rígida.

-Quando um homem pensa que conhece o caminho de Deus melhor que o próprio Deus, é quando centenas deles morrem.

-Solte Jillian e poderá ter a minha vida - interrompeu Grimm - Mas quando lhe der a liberdade, a confiará a - Grimm correu um olhar por Ronin- meu pai - Ele queria ter encontrado o olhar de Ronin quando o chamou de pai, mas não podia.

-Não te recuperei para te perder outra vez, rapaz - remungou Ronin severamente.

-Que reunião comovedora - comentou Connor sarcasticamente – Mas perdê-lo é o que acontecerá. E se você a quer, então Gavrael McIlloch, último dos *Berserkers*, solte-a você mesmo. Ela está lá em cima - Ele apontou para o Acantilado de Wotan – Nas cavernas.

Grimm horrorizado, escrutinou as escarpas do Acantilado.

-Em que parte das cavernas?

O temor o gelou ao pensar em Jillian vagando na escuridão, indo ao encontro dos perigos que não podia saber que estavam ali: os túneis desabados, as rochas pontiagudas, os abismos perigosos.

-Encontre-a você.

-Como sei que isto não é uma armadilha? - Os olhos de Grimm brilharam intensa e perigosamente.

-Não o sabe - disse McKane rotundamente - Mas se ela está lá dentro, então está muito escuro e há muitos abismos perigosos. Além do mais, o que ganharia te mandando para dentro das cavernas?

-Pode ficar certo de que vou explorá-la - disse Grimm sério.

-Então te proponho que o melhor é que a encontre rápido, McIlloch - provocou McKane.

Ronin negou com a cabeça.

-Necessitamos de provas de que ela está lá. E viva.

Connor despachou um guarda com uma troca rápida de palavras.

Algum tempo depois, essa prova era oferecida. O grito penetrante de Jillian penetrou o ar tenso do vale.

Ronin observou em silêncio como Grimm escalava a parede rochosa até o Acantilado de Wotan.

Balder estava longe, atrás com as tropas, suas feições ocultas por uma capa pesada para impedir que os McKane se dessem conta de que ali estava outro *Berserker* desmontado e ainda vivo. Ronin havia insistido que não revelassem sua existência a menos que tivesse que salvar vidas.

De posições diferentes, os irmãos admiraram o jovem escalando a muralha. Ele havia deixado *Occam* para trás e escalava a face escarpada do Acantilado com uma habilidade e uma facilidade que revelava a perícia sobrenatural de um *Berserker*. Depois de anos escondendo o que era, ele agora ostentava sua superioridade para o inimigo. Era um guerreiro unido com a fera, nascido para sobreviver e resistir. Quando chegou ao topo do Acantilado e desapareceu na borda, os dois clãs detiveram seus cavalos nas linhas de batalha, olhando-se friamente através do espaço que os separava com um ódio tão palpável, que o ar estava carregado e opressivo como a névoa que havia chegado no passado, há quinze anos, no vale.

Até que Jillian e Grimm ou, Deus não permitisse, um McKane aparecesse na borda do precipício, nenhum dos lados se mexeria. Os McKane não haviam chegado a Tuluth para perder ninguém de seu clã; haviam chegado para caçar Gavrael e eliminar o último dos *Berserkers*.

Os McIlloch não se moveram por temor a Jillian.

O tempo se estirou dolorosamente.

Grimm entrou no túnel silenciosamente. Cada um de seus instintos exigia que gritasse com sua voz de barítono por Jillian, mas isso só alertaria a quem quer que a estivesse mantendo cativa em sua presença. A lembrança de seu grito terrível enfriaria seu sangue e ao mesmo tempo o sentia ferver clamando por vingança.

Ele entrou no túnel, deslizando com o passo silencioso de um puma, inalando pelo nariz o ar como um lobo. Todos seus instintos animais se ativaram com perfeição fria, predadora. Em alguma parte as tochas ardiam; o aroma era inconfundível. Seguiu o odor até abaixo torcendo-se nos corredores, suas mãos estendidas na escuridão. Ainda que o interior dos túneis fossem de uma tonalidade negra, sua visão intensificada lhe possibilitou discernir as irregularidades do piso. Apurar a visão de profundidade e agachar-se rapidamente sob o desmoronados tetos rasos, navegou pelos túneis manhosos, seguindo o perfume.

Ele completou uma curva onde o túnel desembocava num corredor bastante retilíneo, e ali estava ela, seu cabelo dourado brilhando à luz da lanterna.

-Detenha-se aí mesmo - advertiu Ramsay Logan - Ou ela morre.

Foi a visão de um de seus piores pesadelos. Ramsay prendia Jillian no final do túnel. Ele a havia amordaçado e amarrado. A jovem estava usando o tartán McKane, e a visão dele em seu corpo o encheu de fúria. A pergunta de quem a desnudara e a vestira o torturou. A avaliou rapidamente, assegurando-se de que o que a fizera gritar, não deixara sangue ou sinais visíveis de lesões. A adaga que Logan mantinha contra sua garganta não havia perfurado sua pele delicada. Ainda.

-Ramsay Logan - Grimm lhe dirigiu um sorriso gelado.

-Não está surpreso de ver-me, hem Roderick? Ou deveria dizer McIlloch? - Ele cuspiu o nome como se tivesse encontrado uma coisa imunda.

-Não, não posso dizer que esteja surpreso - Grimm se moveu furtivamente, aproximando-se - Sempre soube que tipo de homem era.

-Disse parado, bastardo. Não demorarei em matá-la.

-E então o que fará? - Grimm contrapôs, mas se deteve - Nunca me venceu no passado, assim, o que conseguiria matando Jillian?

-Teria o prazer de livrar o mundo dos monstros McIlloch ainda por nascer. E se não me salvar, então os McKane te destruirão quando você sair daqui.

-Deixe-a ir. Solte-a e poderá me ter - ofereceu Grimm. Jillian se moveu agitada no agarro apertado de Ramsay, deixando claro que não queria nada disso.

-Temo que não possa fazer isso, McIlloch.

Grimm não disse nada, seus olhos eram assassinos. Alguns metros os separavam, e Grimm se perguntou se a fúria *Berserker* poderia ajudá-lo a cruzá-los e soltar Jillian antes que Ramsay pudesse cortá-la com a adaga.

Era muito perigoso para arriscar-se, e Ramsay contava com isso para detê-lo. Mas algo não fazia sentido. O que esperava ganhar Logan? Se ele matasse Jillian, Ramsay sabia que Grimm se voltaria furioso contra ele e o mataria sem piedade. Qual era o plano de Logan? Começou a perguntar, tentando conseguir minutos preciosos.

-Por que está fazendo isto, Logan? Sei que tivemos nossos desacordos no passado, mas foram sem importância.

-Não tem nada haver com nossos desacordos e sim com tudo o que você é - Ramsay se evadiu - Você não é humano, McIlloch.

Grimm fechou seus olhos, não querendo ver o olhar de horror que, estava certo, existiria no rosto de Jillian.

-Quando você imaginou isto? - Manter Ramsay falando poderia ajudá-lo a compreender o que queria o bastardo. Se fosse sua vida e só a sua, e conseguisse com isso salvar a de Jillian dando-a, então morreria com prazer. Mas se Ramsay tinha a intenção de matar a ambos, Grimm morreria lutando por ela.

-Me dei conta no dia que você matou o lince. Estava de pé entre as árvores e vi depois que você se transformou. Hatchard te chamou pelo verdadeiro nome - Ramsay negou com a cabeça, com repugnância - Todos esses anos na corte nunca supus. Oh, sabia que Gavrael McIlloch era um demônio, creio que todo mundo sabia, exceto tua pedra preciosa aqui - Ele riu quando Grimm se enrijeceu - Cuidado, ou a corto.

-Foi por isso que tentou me envenenar? - Grimm avançou paulatinamente, tão imperceptível que nem parecia se mover.

Ramsay riu as gargalhadas.

-Essa foi uma situação problemática. Inferno, sim, tentei te envenenar. Até que tudo saiu errado; Você conseguiu mudar o prato de certa forma. Mas não sabia que era um *Berserker* até então, ou não teria perdido meu tempo.

Grimm se sobressaltou. Ele dissera. Mas o rosto de Jillian estava voltado para o lado, longe da lâmina, e ele não podia discernir sua expressão.

-Não - continuou Ramsay - Não tinha idéia. Eu simplesmente te queria fora da concorrência por Jillian. Me entende? Preciso dela.

-Eu estava certo. Você precisa do dote.

-Mas você não sabe nem a metade. Estou tão endividado com os Campbell tão arruinado, que guardo em garantia os títulos de minhas terras. Nos anos passados, os Logan eram contratados como mercenários, mas não tem tido nenhuma guerra ultimamente. Sabe qual foi a última vez que fomos contratados como mercenários? Pare! - gritou com a voz histérica.

Grimm permaneceu de pé impassivelmente.

-Quando?

-Quinze anos atrás. Pelos McKane, bastardo. E quinze anos atrás, Gavrael McIlloch matou meu pai e três de meus irmãos.

Grimm não sabia disso. A batalha era um borrão em sua mente, sua primeira fúria *Berserker*.

-Era uma batalha justa. E se teu clã foi contratado, então não foram ao combate por uma causa, mas assassinaram por dinheiro. Se estavam em Tuluth, então atacaram minha casa e massacraram minha gente.

-Vocês não são gente. Você não é humano.

-Jillian não é parte disto. Deixe-a ir. Sou eu o que quer.

-Ela é parte disto sim, ela está grávida, McIlloch. Jura que não está, mas penso que a conservarei para ter certeza. Os McKane me contaram bastante sobre vocês, monstros. Sei que os meninos nascem *Berserkers* mas não se transformam até que fiquem maiores. Se ela der à luz a um menino, então será morto. Se for uma menina, então quem sabe. Talvez a deixe viver. Ela poderia ser um brinquedo bonito.

Grimm finalmente tomou coragem em tentar conseguir uma visão melhor do rosto de Jillian. Estava convertida em uma máscara de horror. Foi aí que o sonho se cumpriu. Ela já sabia, e tudo terminara. O medo e a repulsa que ele havia vislumbrado em seus pesadelos certamente haviam sido um presságio. A sua capacidade de batalhar quase o abandonou quando a viu, e o teria feito se ela não estivesse em perigo. Ele não podia morrer agora. Bem poderia sim, porque por dentro ele já estava. Mas não Jillian; ela devia viver.

-Ela não está grávida, Ramsay.

Não estava? As lembranças de sua náusea repentina na granja saíram a superfície de sua mente. Mas é claro que Ramsay não poderia saber, mas a mera possibilidade de Jillian estar garregando seu filho, se alastrou uma emoção primitiva de euforia através do corpo de Grimm. Sua necessidade de protegê-la, que já era devoradora, se converteu no único centro de sua mente. Ramsay poderia ter a superioridade agora, mas Grimm se recusou a deixá-lo ganhar.

-Como se você fosse me dizer a verdade - se mofou Logan - Há só uma forma de ter certeza. Além do mais, esteja ou não, ainda assim se casará comigo. Quero o ouro que ela trará com o dote. Entre ela e o que me pagarão os McKane, nunca mais terei que me preocupar com dinheiro outra vez. Não se preocupe, a mantereí viva. Enquanto ela respirar, Gibraltar fará qualquer coisa para mantê-la feliz, o que significa uma provisão interminável de moedas.

-Filho da puta. Simplesmente deixe-a ir!

-Você a quer? Venha e pegue-a - ridicularizou Ramsay ofensivamente.

Grimm deu um passo adiante, diminuindo a distância. No mesmo momento que ele vacilou, Ramsay moveu a lâmina da adaga, perfurando a pele de Jillian, e as gotas de sangue carmesim caíram.

O *Berserker*, que fervia a fogo lento com ferocidade, brotou.

Inclusive enquanto se perguntava por que Ramsay se atrevia a incitar o *Berserker* a aparecer, o instinto o lançou para frente. Havia considerado ferir-se para causar a fúria, quando Ramsay havia feito por ele mesmo. Um salto o levou até a frente, dez passos. Ele tentou deter-se, detectando uma armadilha desconhecida, mas o chão da caverna desapareceu sob seus

pés e ele caiu em um abismo que não existia quando brincara nestes túneis quando era um menino. Um abismo suficientemente profundo para matar *Berserker*.

-Uma boa forma de morrer, bastardo - disse Ramsay com uma risada. Manteve a tocha em cima do buraco previamente cavado e olhou com atenção o mais profundo que as chamas lhe permitiam encher. Esperou uns cinco minutos completos mas não ouviu nenhum som. Quando escolhera sua armadilha, lançara pedras no abismo para ter certeza da profundidade. Nenhuma das pedras havia produzido um som sequer, tão profundo que era, abrindo-se no coração da terra firme. Se Grimm não tivesse sido feito em tiras sobre as pontas rochosas, então a própria queda se incubiria de partir cada osso de seu corpo. Dando a volta no buraco do abismo, ele arrastou Jillian para fora das cavernas.

-Está feito! - gritou Ramsay Logan - McKane! - rugiu. Estava de pé sobre a beirada do Acanilado de Wotan, levantou seu braço, e gritou um brado de vitória, que foi instantaneamente repetido por todos os McKane. O vale ressoou como um trovão triunfante. Ramsay, eufórico, soltou as mãos de Jillian e retirou a mordaca. Tomou sua boca em um beijo triunfante, brutal. Ela se agarrou, revirando-se, e lutou contra ele. Desgostoso por sua resistência, ele a afastou com um empurrão, e Jillian caiu de joelhos.

-Levante-se, cachorra estúpida - gritou Ramsay, golpeando-a com seu pé - Mande levantar! - rugiu outra vez quando ela respondeu a seu chute, encurvando-se no chão - Não preciso mesmo de você agora de qualquer maneira - falou, contemplando o vale abaixo, que seria seu agora. A adulação se elevava do vale, num reflexo de sua conquista poderosa. E elevou-se outra vez, exaltado pela matança.

Ramsay Logan havia agarrado um *Berserker* sem a ajuda de ninguém. Seu nome viveria nas lendas. O abismo era tão profundo que nem mesmo um dos monstros de Odín poderia sobreviver a caída. Havia coberto o buraco cuidadosamente com gravetos delgados de madeira, e depois espalhou um pouco de pedra por cima. Havia sido brilhante, sim tinha que admitir.

-Brilhante - Ramsay informou à noite.

Atrás de Ramsay, Grimm piscou, tentando afastar a neblina rubra de seu desejo de matar. Uma parte de sua mente que pareceu perdida sob um corredor interminável de fúria lhe recordou que queria atacar o homem que estava perto da mulher encurralada em forma de bola, e não a mulher em si. A mulher era seu mundo. Quando lutasse devia ser precavido, muito cuidadoso, pois se a tocasse com a força do *Berserker* poderia matá-la. Um ligeiro roçar de sua mão poderia fazer em pedaços sua mandíbula, a mera carícia de seu peito poderia quebrar suas costelas.

Para aqueles montados nos cavalos no vale abaixo, escutando o grito de vitória de Ramsay Logan, a criatura pareceu surgir num rompante na noite, com tal velocidade, que foi impossível identificá-lo. Um borrão de movimento surgiu através do ar, agarrou Ramsay Logan pelo cabelo, e ferozmente cortou sua cabeça antes que alguém sequer pudesse pensar em dar um grito de advertência.

Porque estavam na terra, os clãs congregados abaixo não podiam ver Jillian dar a volta, nem podiam se sobressaltar pelo silvo leve que a espada fez enquanto se movia rapidamente através do ar pela garganta de Ramsay. Mas a criatura nos acantilados a viu mover-se, e esperou seu julgamento, resignado pela condenação.

Era o pior dele que Jillian nunca deveria ver, a fera feita real. Na completa culminação do *Berserker*, ele se levantou sobre ela, seus olhos azuis resplandecendo incandescentemente. Estava machucado e ensanguentado de uma queda que se dera abruptamente sobre um pontiagudo afloramento, e sustentava a cabeça cortada de Ramsay Logan em uma mão. Ele cravou os olhos nela, bombeando grande quantidade de ar para seu pulmão, esperando. Ela gritaria? O desprezaria, sibilando e renunciando a ele? Jillian St. Clair era tudo o que ele alguma vez havia querido em sua vida inteira, e enquanto ele esperava seu grito de horror, sentiu algo dentro dele tentando morrer.

Mas o *Berserker* não cedia tão facilmente. A ferocidade nele o elevou a sua altura completa e no entanto a observava com seus olhos vulneráveis de azul gelo, implorando seu amor sem palavras.

Jillian levantou sua cabeça lentamente e o contemplou por um longo e silencioso momento. Ela levantou-se para se ajeitar em uma posição sentada e inclinou sua cabeça para trás, seus olhos enormes.

Berserker.

A verdade que ele havia tentando tanto esconder pendeu entre eles, completamente exposta.

Ainda que Jillian soubesse o que Grimm era antes desse momento, esteve brevemente paralizada pela visão dele. Uma coisa era saber que o homem que ela amava era um *Berserker*, e outra coisa inteiramente distinta era contemplá-lo. Ele a examinava com algo semelhante a uma expressão inumana, e se ela não tivesse olhado com atenção profunda em seus olhos, não teria visto nada de Grimm. Mas ali, profundo nas chamas oscilantes de azul, ela vislumbrou tanto amor que aqueceu sua alma. Lhe sorriu, com o rosto voltado para cima através das lágrimas.

Um som ferido de incredulidade escapou dele.

Jillian lhe deu o sorriso mais deslumbrante que jamais lhe dera e pôs o punho sobre seu próprio coração.

-E a filha se casou com o rei leão - disse claramente.

Uma expressão de incredulidade cruzou o rosto do guerreiro. Seus olhos azuis se ampliaram e ele cravou os olhos nela em um silêncio surpreendido.

-Te amo, Gavrael McIlloch.

Quando ele sorriu, seu rosto resplandeceu com amor. Lançou a cabeça para trás e gritou sua alegria para o céu.

O último dos McKane morreu no Vale de Tuluth, em 14 de dezembro de 1515.

CAPÍTULO 34

-Vienen, Hawk! - Adrienne correu a toda pressa pelo Gran Hall onde Hawk, Lydia e Tavis estavam ocupados decorando tudo para a boda. Como a cerimônia se celebraria no dia de Natal haviam combinado as decorações com os costumeiros verdes, alegremente coloridos e os vermelhos da estação. As corôas de flores lindamente modeladas com pinhas e bagas dissecadas estavam decorando os arcos brilhantes com veludos e fitas trêmulos. As tapeçarias mais finas adornavam as paredes, incluindo uma que Adrienne havia ajudado a tecer no ano anterior, que apresentava uma cena do Nascimento com a Madonna radiante pondo o menino Jesus na manjedoura enquanto o orgulhoso Joseph e os Magos os contemplavam.

Nesse dia a galeria estava livre de juncos, as pedras foram lavadas até que brilhassem num cinza imaculado. As ramas de plantas aromáticas caíam de cada viga e Adrienne vislumbrou a folhagem, olhando com atenção para cima, para Hawk, que estava de pé sobre uma escada, prendendo uma corôa de flores na parede.

-Quais são essas ramas preciosas que você está pendurando, Hawk? - perguntou Adrienne, o quadro da inocência.

Hawk deu uma olhada para baixo, para ela.

-Muérdago. É uma tradição de Natal.

-Como ela está associado com o Natal?

-As lendas dizem que o deus escandinavo da paz, Balder, foi assassinado por uma flecha feita de muérdago. Os outros deuses e deusas amavam Balder, tanto, que imploraram que sua vida fosse recuperada e o muérdago fosse investido com um sentido especial.

-Que tipo de sentido especial? - Adrienne perguntou impacientemente para ele.

Hawk desceu velozmente a escada, feliz de demonstrar sua habilidade. A beijou tão apaixonadamente que as brasas do desejo, sempre acesas ao redor de seu marido, rugiram estalando em chamas.

-Alguém que passar sob o muérdago deve ser beijado até a inconsciência.

-Mmm, creio que gosto desta tradição. Mas o que aconteceu ao pobre Balder?

Hawk sorriu abertamente e plantou outro beijo em seus lábios.

-Balder foi devolvido à vida e o cuidado do muérdago lhe foi deixado de herança pela deusa do amor. Cada vez que um beijo acontece sob o muérdago, o amor e a paz ganham um apoio mais firme no mundo dos mortais.

-Que lindo - exclamou Adrienne. Seus olhos cintilaram travessamente - Então, essencialmente, quanto mais te beijo sob esta rama - ela assinalou para cima - mais bem estarei fazendo ao mundo. Alguém poderia dizer que estou ajudando a todo o gênero humano, cumprindo com meu dever.

-Teu dever? - Hawk arqueou uma sobrancelha negra.

Lydia riu e atraiu Tavis também para debaixo da rama.

-Soa como uma boa idéia para mim, Adrienne. Pode que ser que se nos beijarmos muito, todos os tolos que lutam nesta terra agora podem descansar.

Os seguintes poucos minutos pertenceram aos amantes, até que a porta abriu-se de um golpe e um guarda anunciou a chegada de seus convidados.

O olhar de Adrienne passou como uma flecha em torno do Gran Hall enquanto se punha nervosa pensando em qualquer coisa que podia estar ainda sem terminar. Queria que tudo estivesse perfeito para a noiva de Grimm.

-Como eu falo mesmo? - perguntou a Lydia freneticamente. Estivera tentando aperfeiçoar seu gaélico, de maneira que pudesse dar-lhes as boas vindas com um correto "*Feliz Natal*".

-Nollaig Chridheil - repetiu Lydia lentamente.

Adrienne o repetiu várias vezes, logo entrelaçou seu braço no de Hawk e sorriu beatificamente.

-Meu desejo se fez realidade, Hawk - disse com ar satisfeito.

-Qual foi esse malfadado desejo, de qualquer maneira? - perguntou Hawk, mal humorado.

-Que Grimm Roderick encontrasse a mulher que cicatrizaria seu coração como você cicatrizou o meu, meu amor - Adrienne nunca chamava um homem de "*radiante*"; lhe parecia uma palavra feminina. Mas quando seu marido a contemplou com seus olhos radiantes tão carinhosos, ela murmurou um fervoroso "*obrigada*", em direção a cena de Natal. Logo continuou elevando uma bênção silenciosa para os oturos seres responsáveis pelos acontecimentos que a haviam levado através de quinhentos anos para encontrá-lo. Escócia era um lugar mágico, rico em lendas, e Adrienne as aceitava porque os temas fundamentais eram universais: O amor resistia sempre, e poderia cicatrizar tudo.

Foi um casamento tradicional, se algo semelhante podia acontecer entre uma mulher e um homem de lenda, um *Berserker* nada menos, com mais dois desse guerreiros épicos entre a assistência. As mulheres os olhavam continuamente e os homens compartilhavam brindes. No último momento, Gibraltar e Elizabeth St. Clair chegaram. Havia cavalgado acelerado desde o momento em que haviam recebido a mensagem de que Jillian se casaria em Dalkeith-Upon-The-Sea.

Jillian estava eufórica por ver seus pais. Elizabeth e Adrienne a ajudaram a se vestir enquanto resolviam que ambos os "*pais*" deveriam escoltar a noiva até o noivo no altar. Ronin já havia sido convidado para ter a honra, mas Elizabeth resolvera chamar também a Gibraltar, pois ele nunca se recuperaria se não lhe permitissem escoltá-la também. Sim, sabia que Jillian não havia esperado que desse tempo de fazer isso, mas o fizeram e esse era o fim do assunto.

A noiva e o noivo não se encontraram até o momento em que Gibraltar e Ronin escoltaram Jillian, pela escada elaborada do Gran Hall, depois de uma pausa longa na parte superior para que permitissem a todos ver a noiva radiante.

O coração de Jillian retumbava enquanto seus dois "*pais*" levantavam suas mãos de seus próprios antebraços e as depositavam no do homem que seria seu marido. Grimm estava esplêndido, usando o tartán cerimonial, seu cabelo negro atado atrás. Jillian não perdeu nada disso quando o olhar de Ronin oscilou sobre o *plaid*. Ele pareceu momentaneamente surpreso, depois eufórico, pois Grimm havia vestido o uniforme de gala dos McIlloch para seu dia de bodas.

Ela não havia pensado que o dia pudesse ser mais perfeito até que o sacerdote começou a cerimônia. Depois de que pareceu anos de orações e bençãos tradicionais, ele começou a falar dos votos:

-Agora, Grimm Roderick, promete...?

A voz profunda de Grimm o interrompeu. O orgulho transparecia em cada palavra.

-Meu nome é Gavrael - fez uma respiração profunda, logo continuou, enunciando seu nome claramente - Gavrael Roderick Icarus McIlloch.

Os calafrios varreram sua coluna vertebral. As lágrimas encheram os olhos de Ronin e a galeria ficou calada por um instante. Hawk sorriu abertamente a Adrienne, e longe, na parte traseira da galeria, onde poucos ainda o tinham visto, Quinn de Moncreiffe inclinou a cabeça, satisfeito. Por fim, Grimm Roderick estava em paz com quem e com o que ele era.

-Promete você, Gavrael Roderick...

-Eu prometo.

Jillian lhe deu um beliscão.

Ele arqueou uma sobrancelha e franziu o cenho.

-Bem, eu prometo. Devemos passar outra vez por tudo isso? Eu já disse que prometo. Juro que um homem nunca o prometerá mais fervorosamente que eu. Simplesmente quero estar casado contigo, querida.

Ronin e Balder trocaram olhares divertidos. Mantê-los afastados certamente havia aumentado o entusiasmo de Gavrael pelos laços matrimoniais.

Os convidados riram dissimuladamente, e Jillian sorriu.

-Deixa o sacerdote completar o ritual, porque eu gostaria de ouvi-lo dizer tudo. Especialmente a parte de "*amar-me e cuidar-me*".

-Oh, te amarei e encantarei, querida - Gavrael disse perto de sua orelha.

-Cuidar! e comporte-se - ela brincou e lhe deu um tapinha no braço e ele assentiu com a cabeça em direção ao sacerdote - Continue.

E assim foi, estavam casados.

Kaley Twillow deu empurrões pelo recinto, levantando-se sobre os dedos dos pés e olhando com atenção por sobre as cabeças, ansiosamente. Sua preciosa Jillian estava casando-se e ela não podia ver nada. Apenas podia respirar se se esforçasse.

-Olhe onde enfia seu cutuvelo - um convidado reclamou quando ela estrategicamente o empurrava em pontos sensíveis para poder deslizar para frente.

-Aguarda tua vez para saudar a noiva! - outro se queixou quando ela lhe pisou os dedos dos pés.

-Praticamente criei a noiva desde pequena, e que me condenem se vou sentar sobre meu traseiro sem poder ver nada, agradeçam por esta movendo só meu cotovelo! - respondeu encolerizadamente.

Um caminho pequeno apareceu para permitir-lhe passar.

Empurrando com suas cadeiras e seu peito amplo um grupo de guardas, criou um pequeno tumulto enquanto dezenas de homens observavam a mulher bem proporcionada com interesse. Finalmente abriu caminho, passou pela última onda de convidados, e se viu ao lado de um homem cuja altura e contornos incríveis lhe tirou a respiração. Seu cabelo negro e grosso estava salpicado de prata, revelando sua maturidade.

Ela olhou faceira e fixamente o homem moreno pelo canto do olho, logo voltou sus cabeça para saboreá-lo completamente.

-Caramba, caramba... E afinal quem será você? - ela agitou suas pestanas longas admirando-o.

Os olhos azuis gelo de Balder se apertaram com prazer enquanto contemplava a mulher voluptuosa que estava obviamente encantada em vê-lo.

-O homem que tem estado esperando você por toda a vida, querida - disse com voz rouca.

A celebração matrimonial começou no momento que os votos haviam sido trocados. Jillian desejou escapulir com seu marido no mesmo instante que a cerimônia acabou. Com Balder e Ronin rigorosamente monitorando os momentos com Gavrael durante as duas semanas pasadas, não tinham podido estar muito tempo a sós. Mas não tinha o desejo de ferir os sentimentos de Adrienne quando ela obviamente havia cuidado de tudo para ter certeza de que o dia do casamento de Jillian fosse de sonho, assim ela comportadamente se demorou e disse obrigada, oi e sorriu. No momento que ela e Gavrael haviam selado sua união com um beijo, havia sido arrebatada por seus lábios, depois empurrada em uma outra direção pelo povo gentil e jovial, incapaz de fazer nada exceto observar impotentemente como seu marido era arrastado para o outro lado.

Estavam casados, os mais velhos e os mais sábios os aconselharam, e teriam muito tempo para desfrutar um ao outro. Jillian havia revirado seus olhos e emplacou um sorriso em seu rosto, aceitando as felicitações.

Finalmente, o *flatbread* foi quebrado e o festejo começou, chamando a atenção para outra coisa além dos recém casados. Adrienne ajudou a Jillian a sair as escondidas da galeria, mas em lugar de acompanhá-la a seu quarto como havia esperado, a belíssima e insólita mulher a conduziu até o estúdio de Dalkeith. A luz dos globos de azeite e de dezenas de candeias se

uniam em um fogo alegre, fazendo do lugar um refúgio acolhedor e quente apesar da grande quantidade de branca neve caindo a deriva do lado de fora das janelas.

-Parece que podemos alcançar uma real doozy⁵. - Adrienne observou a nevasca, enquanto ia apressadamente atizar o fogo. Jillian pestanejou.

-Um o quê?

-Doozy. Oh... - Adrienne fez uma pausa, logo riu - Uma tormenta grande. Você sabe, poderemos ficar cobertos de neve em um instante.

-Você não é desta parte do país, não é verdade? - Jillian franziu o cenho, tentando identificar seu acento estranho.

Outra vez sua anfitriã riu.

-Não completamente - Ela sinalizou para Jillian unir-se a ela diante do fogo - Só diga-me, não são esse dois os homens mais *hunkiest*⁶ que já viu alguma vez? - Adrienne apontou para um quadro que estava em cima de um manto na lareira e suspirou sonhadora.

Jillian seguiu o olhar de sua anfitriã para cima, até um retrato belamente iluminado de Gavrael e Hawk.

-Oh, caramba. Não sei o que significa '*hunkiest*', mas certamente são os homens mais bonitos que alguma vez já vi.

-Exato - Adrienne concordou - Sabe que se queixaram o tempo inteiro enquanto estavam sendo pintados? Homens - Ela revirou os olhos e gesticulou para a pintura - Como podem culpar a uma mulher por querer imortalizar tal esplendor masculino?

As mulheres conversavam baixinho, ignorando que Hawk e Gavrael haviam entrado no estúdio por trás delas. Os olhos de Gavrael permaneceram muito tempo em sua esposa e começou a avançar, decidido a reclamá-la antes que alguém mais a afastasse dele de novo.

-Relaxe - Hawk colocou uma mão inibidora em sua manga. Suficiente distância separava os homens de suas esposas, de tal maneira que as mulheres não os tinham ouvido ainda, mas a voz de Adrienne se entendia claramente:

-Foi toda culpa desse Fado. Ele me trouxe arrastada através do tempo, mas não me queixo nem um pouco disso, entende? Amo este lugar e adoro meu marido, mas sou originalmente do século vinte.

Ambos homens sorriram abertamente quando Jillian ouviu a história assombrada

-Quinhentos anos a partir de agora? - exclamou.

Adrienne assintiu com a cabeça, seus olhos bailando. Jillian a estudou fixamente, logo se reclinou para mais perto.

-Meu marido é um *Berserker* - confiou.

-Eu sei. Ele nos disse diretamente antes de ir para Caithness, mas não tive a oportunidade de lhe fazer nenhuma pergunta. Ele pode mudar de forma? - Adrienne a olhou como se estivesse a ponto de alcançar papel e tinta e iniciar as notas que desejava - No século vinte há uma grande quantidade de discussões justamente sobre o que eram e o que eram capazes de fazer - Adrienne fez uma pausa enquanto percebia a presença dos homens no portal. Seus olhos cintilaram, e guiou seu olhar para o marido - No entanto, há um consenso geral em uma coisa, Jillian - sorriu travessamente - Era de acordo geral que os *Berserkers* eram conhecidos por sua energia legendária, em combate e na cam...

-Já entendemos, Adrienne - Hawk a interrompeu completamente, seus olhos negros cintilando com diversão - Agora, quem sabe deveríamos deixar Gavrael demonstrar-lhe o resto por si mesmo?

O quarto de Jillian e Gavrael era no terceiro andar de Dalkeith. Adrienne e Hawk os escoltaram, dando indiretas não muito sutis, dizendo que os recém casados poderiam fazer tanto ruído como desejassem; com o som dos festejos abaixo não se ouvia nada.

Quando a porta se fechou atrás deles e ficaram finalmente a sós, Gavrael e Jillian se contemplaram mutuamente através do espaço brando de uma cama ampla. Um fogo brincava na lareira enquanto os flocos de neve caíam além da janela.

Grimm a contemplou ternamente e seus olhos baixaram em silêncio, como freqüentemente haviam feito ultimamente, para o abaulamento apenas perceptível de seu abdomen. Jillian percebeu o olhar possessivo e lhe deu um sorriso deslumbrante. Desde o momento, da noite do ataque, em que ela lhe havia dito que iam ter um filho, o vira sorrindo nos momentos mais estranhos, com pouca ou nenhuma provocação. Isso a enchia de prazer, seu deleite intenso pelo bebê crescendo dentro dela. Quando ela o havia dito, depois que voltaram das cavernas, em Maldebann, ele se sentara gaguejando e negando com a cabeça, como se não pudesse crer naquilo. Quando havia aconchegado seu rosto nas mãos e girado sua cabeça para aproximá-lo e poder beijá-lo, ela havia ficado aturdida pelo vislumbre de humidade em seus olhos. Seu marido era o melhor dos homens: forte mas sensível, capaz mas vulnerável... e ela o amava de todas as maneiras!

Enquanto o observava agora, seus olhos ficaram mais escuros de desejo, e a antecipação percorreu através dela.

-Adrienne disse que podíamos ficar coberto de neve num instante - disse Jillian exitante, sentindo-se repentinamente tímida. Ser tão vigiada nas semanas passadas quase a deixara louca; para compensar, havia tentado meter seus revoltosos pensamentos úmidos e ardentes à força em um canto de sua mente. Agora se rebelavam de seu confinamento, se libertavam e pediam atenção. Ela queria seu marido *agora*.

-Bem. Espero que tudo se cubra de neve com uma dezena de pés.

Gavrael caminhou ao redor da cama. Tudo o que ele queria fazer era sepultar-se dentro dela, ter certeza que ela era finalmente sua. Esse dia havia sido a culminação de todos seus sonhos: estava casado com Jillian St. Clair. Contemplando-a,

⁵ Doozy: nome familiar das grandes nevascas de janeiro (N. de la T.)

⁶ Hunkiest: superlativo de "hunk", nome dado aos modelos masculinos de calendários, geralmente musculosos e bem proporcionais.

se maravilhou em quanto havia mudado sua vida: tinha uma casa, um clã e um pai, a esposa que sempre havia sonhado, um filho precioso a caminho, e um futuro brilhante. Ele, que sempre se sentira como um pária, agora tinha um lugar. E devia tudo isso a Jillian. Se deteve a poucos centímetros dela e lhe dirigiu um sorriso prazeroso, sensual.

-Não sei quais ruídos você gostaria de fazer enquanto estamos bloqueados pela neve. Me entristeceria decepcionar nossos anfitriões.

A 1erdeza de Jillian se desvaneceu em um instante. Esquecendo todas as delicadezas, deslizou sua mão para cima, por sua virilha e afastou o *plaid* de seu corpo. Seus dedos voaram para os botões de sua camisa, e em um prazo de apenas um segundo, ele se levantava diante dela como a natureza o havia modelado: um guerreiro poderoso com ângulos duros e planos musculosos.

Seu olhar caiu mais para baixo e se fixou no que seguramente devia ser o prêmio mais poderoso que a natureza lhe dera. Ela molhou os lábios com a língua, em um gesto mudo de desejo, ignorante do efeito que fazia nele.

Gavrael gemeu e tratou de alcançá-la. Jillian meteu calada em seus braços, envolvendo com a palma de sua mão a coluna grossa, e quase ronronou de deleite.

Seus olhos se dilataram, e logo se estreitaram enquanto ele se movia com a graça e poder de um puma, arrastando-a para baixo, por cima da cama. Um suspiro rouco escapou da boca dele.

-Ah, que saudade, querida. Pensei que me veria louco de desejo por você. Balder inclusive não me deixava te beijar! - Gavrael trabalhou velozmente nos botões diminutos de seu traje nupcial. Quando ela apertou seus dedos ao redor dele, Grimm rapidamente segurou suas mãos, prendendo-as nas suas - Não posso pensar quando você faz isso, meu amor.

-No te pedi que pense, meu enorme guerreiro musculoso - ela ronronou - Tenho outros planos para você.

Ele lhe lançou um olhar arrogante que claramente lhe advertia que era ele quem agiria naquele momento. Com suas mãos travessas agora restringidas, ele se demorou sobre seus botões, traçando beijos sobre cada centímetro de pele à medida que era revelada.

Quando seus lábios voltaram para os dela, a beijou com uma intensidade selvagem. Suas línguas se encontraram, se retiraram, e logo se uniram outra vez. Ele tinha sabor de brandy e canela; Jillian seguiu sua língua, a acariciou com a dela, e o atraiu para sua boca. Quando ele se estirou completamente em cima dela, o corpo musculoso contra a pele sedosa, sua brandura acomodando sua dureza em simetria perfeita, ela suspirou de prazer.

-Por favor - implorou, mudando seu corpo de posição tentadoramente sob ele.

-Por favor o que, Jillian? Que gostaria que eu fizesse? Diga-me exatamente, querida - Seus olhos pesados de prazer brilharam intensamente, com interesse.

-Quero que você... - ela gesticulou.

Ele mordeu seu lábio inferior, se inclinou para trás, e piscou inocentemente.

-Temo que não esteja entendo. O que quer dizer isso?

-Aqui - ela gesticulou outra vez.

-Diga, Jillian - ele murmurou com voz ronca - Diga-me. Sou teu para ordenar, mas obedeço somente instruções muito explícitas - O sorriso perverso com que ele a brindou afastou a última de suas restrições, deixando-a livre para permitir-se o gosto de um pouco de perversidade própria.

Assim, ela disse ao homem que era sua lenda privada o que queria, e ele satisfez plenamente cada desejo secreto, saboreando e tocando e preenchendo-a. Ele adorou seu corpo com sua paixão, celebrou seu filho no ventre com beijos ternos, os beijos que perderam sua gentileza e se tornaram quentes e famintos contra suas cadeiras e se incendiaram, provocando o calor entre suas pernas.

Passando as mãos em seu cabelo escuro e grosso, ela se levantou por cima dele, soluçando seu nome repetidas vezes.

Gavrael.

E depois que ela não tinha mais pedidos para fazer por simplesmente ter sido saciada além de qualquer pensamento coerente, ele se deitou de costas na cama, a colocou de pernas abertas sobre ele, e envolveu suas pernas longas ao redor de sua cintura. Suas unhas marcaram pontos em seu peito à medida que ele a movia para abaixo, em cima de seu duro pênis, uma fígada de desejo mais deliciosa que a outra.

-Você não machucará o bebê, Gavrael - lhe assegurou ela, ofegando suavemente enquanto ele a mantinha um pouco afastada, cedendo-lhe apenas um gozo diminuto, sendo que o queria desesperadamente.

-Não estou preocupado com isso - lhe assegurou.

-Então, por que ... está ... você ... indo tão lentamente?

-Para observar teu rosto - disse com um sorriso perezoso - Eu gosto de observar teus olhos quando fazemos amor. Vejo cada pontada de prazer, cada grama de desejo refletido neles.

-Você verá melhor se simplesmente terminar de fazê-lo - ela empurrou contra ele suas cadeiras e, rindo, ele a manteve afastada com suas mãos firmes na sua cintura.

Jillian quase gemeu.

-Por favor!

Mas ele usou o tempo docemente, e foi tão doce que ela pensou que já não poderia suportar. Logo, abruptamente, ele se sepultou profundamente dentro dela.

-Te amo, Jillian McIlloch - o sorriso que acompanhava essas palavras era desinibido, seus dentes brancos brilhando contra seu rosto moreno.

Ela colocou um dedo sobre seus lábios.

-Eu sei - lhe assegurou.
-Mas eu precisava dizer as palavras – Ele prendeu seu dedo entre seus lábios e o beijou.
-Já vi como vai ser - brincou ela – Você falará todas as palavras de amor enquanto que eu tenho que dizer todas as obscenas.

Ele fez um ruído surdo no fundo de sua garganta.

-Eu gosto muito quando me diz o que quer que te faça.

-Então faça isso... - suas palavras se dissolveram em um grito satisfeito à medida que ele fazia tudo o que lhe fora pedido.

Horas mais tarde, seu último pensamento consciente foi que ela não devia esquecer-se de mencionar a Adrienne que o *consenso geral* sobre os *Berserkers* ainda não podia retratar, nem chegar perto da realidade.

EPÍLOGO

-Não entendo - disse Ronin, observando os meninos. Ele negou com a cabeça - Isso nunca aconteceu antes.

-Não é por nada, pai. Mas há algo diferente em mim de qualquer um dos varões McIlloch antes. Talvez seja isso, ou há algo diferente em Jillian. Quem sabe seja os dois.

-Como você lida com eles?

Gavrael riu, um som rico.

-Entre Jillian e eu há concordância.

-Mas com eles sendo... você sabe... são tão jovens, não estão constantemente metendo-se em diabruras?

-Sem mencionar lugares impossivelmente altos. Sempre conseguem com astúcia feitos incríveis, e se me perguntar, são também muito rápidos, de qualquer maneira. Isto é mais do que qualquer *Berserker* esperou conseguir. Mas penso que seria útil ter seu avô por aqui também - disse Gavrael intencionalmente.

O rubor de prazer nas bochechas de Ronin foi inconfundível.

-Quer dizer que quer que eu more aqui com você e Jillian?

-Maldebann é nossa casa, pai. Sei que sentiu que Jillian e eu necessitávamos da privacidade dos recém casados, mas desejamos que volte para casa para sempre. Ambos: você e Balder. Os meninos precisam de seu tio avô também. Lembra?, nós os McIlloch temos muitas lendas, e como compreenderão essas lendas sem o melhor de nossos *Berserkers* para ensiná-lhes? Pare de visitar todas essas pessoas que tem visitado de improviso e venha para casa - Gavrael o estudou pelo canto dos olhos e supôs que Ronin não deixaria Maldebann outra vez. O pensamento lhe deu uma grande satisfação. Seus filhos deveriam conhecer o avô. Não somente como uma visita intermitente, mas como uma influência estável.

Em um silêncio satisfeito que ficou entre eles, Gavrael e Ronin observaram os três juvenzinhos brincando no jardim. Quando Jillian deu um passo apagando o brilho do sol, seus filhos olharam para cima como se fossem um, como se pudessem sentir sua presença. Deixaram a brincadeira de lado e se alinharam ao redor de sua mãe, competindo por sua atenção.

-Agora, há uma bela vista - Ronin disse reverentemente.

-Sim - Gavrael estava de acordo.

Jillian riu enquanto desgrenhava as cabeças de seus três pequenos filhos e sorriu olhando dentro de três pares de olhos de um azul gelo.

Fim

UMA LENDA ESCANDINAVA (EL CREPÚSCULO DE LOS DIOSES)

La leyenda dice

Que en Ragnarok la batalla final de los dioses

Presagia el fin de mundo.

La destrucción se enraizará en el reino de los dioses.

En la última batalla, Odin será devorado por un lobo.

La tierra firme se destruirá por fuego, y el

El universo se hundirá en el mar.

La leyenda asevera que esta destrucción final será

Seguida por el renacimiento. La tierra firme resurgirá del

Agua, exuberante y abundante con vida nueva. Está

Profetizado que los hijos del Aesir muerto regresarán

A Asgard, la casa de los dioses, y reinará otra vez.

*En las montañas de Escocia, el Circle Elders dice
Que Odin no cree en tomar cualquier oportunidad, que él
Intriga para desafiar al destino, reproduciendo su sangre guerrera
De Berserkers en los linajes escoceses, profundamente
Escondidos. Allí aguardan el crepúsculo de los dioses
El momento en que los convocará para luchar por él
Otra vez.*

*La leyenda cuenta que hay Berserkers caminando
Entre nosotros, aun todavíaç*